

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E  
TERRITORIALIDADES

SHEILA FERREIRA PINTO

COMO SE CANTAM AS MULHERES “ARRUMANDO LETRAS”: narrativas,  
produções de sentidos e tecnofeminismo em torno das letras musicais

NITERÓI

2020



SHEILA FERREIRA PINTO

COMO SE CANTAM AS MULHERES “ARRUMANDO LETRAS”: narrativas,  
produções de sentido e tecnofeminismo em torno das letras musicais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Linha de pesquisa: Fronteiras e produções de sentido.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Flávia Lages de Castro

NITERÓI

2020

SHEILA FERREIRA PINTO

COMO SE CANTAM AS MULHERES “ARRUMANDO LETRAS”: narrativas,  
produções de sentido e tecnofeminismo em torno das letras musicais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Linha de pesquisa: Fronteiras e produções de sentido.

Aprovada em 23 de dezembro de 2020

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flávia Lages de Castro (Orientadora)

Universidade Federal Fluminense

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Ana Lucia Silva Enne

Universidade Federal Fluminense

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Ohana Boy Oliveira

Universidade Federal Fluminense

---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Priscilla Oliveira Xavier

Centro Universitário Unicarioca

*Dedico essa dissertação à Ivone Bezerra Pinto,  
Maria Ferreira Lima, Neuza, Alice e Lídia.  
(in memory).*

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Professora Dr<sup>a</sup>. Flávia Lages de Castro por toda atenção, auxílio, sugestões, confiança na minha capacidade e pela compreensão, e ainda, para além, inspirando minha trajetória acadêmica.

Ao grupo de pesquisa GRECOS e aos integrantes, em especial, à Dr<sup>a</sup>. Ana Lúcia Silva Enne, pelas muitas contribuições conceituais, estimulando reflexões no exercício de trabalhar meu senso crítico, pela generosidade e estímulo.

Ao grupo de pesquisa MUSILAB e aos integrantes, em especial, ao Dr. Felipe Trotta, pelas muitas contribuições conceituais.

À Coordenação e aos funcionários do PPCULT-UFF, pelo incentivo para participação em congressos acadêmicos para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos professores do PPCULT-UFF pelas muitas contribuições ao longo do curso, pela atenção e acolhimento.

À banca examinadora pela aceitação e contribuição.

Aos meus antigos professores Aristides Ledesma Alonso, Potiguara Mendes da Silveira Jr., Patricia Goncalves Saldanha, José Eudes Araújo Alencar, Luciano Wilser da Costa Zarur e Francisco Duque, pelos encaminhamentos e inspiração acadêmica e profissional.

Aos colegas de mestrado, pelas contribuições intelectuais, pelo acolhimento no grupo e pelas contribuições ao material de pesquisa, pelas diversas trocas e sugestões, e, em especial, pelo afeto.

Aos meus amigos de mestrado de outros cursos de comunicação, sobre matérias externas e participação em congressos e seminários acadêmicos, que viabilizaram trocas e apontamentos fundamentais, em especial à Carol Fontenelle, Conceição Souza, Catarina Goncalves, Evandro L. da Conceição, Evelyn Torres, Fabiana Cimiére, Felipe Santos, Patrícia Pamplona, Vanessa Lauria e Wellington Silva, por caminharem ao meu lado, com as mãos sempre estendidas.

Aos amigos Christiane Souza, Cristiana Abrantes, Claudia Alho, Lilian Oliveira, Liliane Balonecker, Luciana Nascimento, Márcia Sousa, Patrícia Fittipaldi, Silvilene Gomes e Thiago Vasques.

Aos meus pais e meu irmão, sempre interessados em acompanhar meu caminhar de perto. Ao Leandro Carvalho pelo companheirismo e paciência. Ao meu filho, Erik, por me ensinar...

A todos e todas que me presenteiam com a generosidade de suas presenças, virtuais, físicas ou espirituais neste momento de extrema importância para meu desenvolvimento acadêmico, e sim, pessoal.

*(...) Sou fera, sou bicho, sou anjo e sou mulher  
Minha mãe e minha filha  
Minha irmã, minha menina  
Mas sou minha, só minha e não de quem quiser  
Sou Deus, tua Deusa, meu amor*

*Alguma coisa aconteceu  
Do ventre nasce um novo coração (...)*

*(Música 1º de Julho, letra de Renato Russo para Cássia Eller, 1994)*

## RESUMO

A pesquisa se propõe a analisar como as mulheres eram descritas nas narrativas musicais dos anos 50, 60, 70, 80, 90 e no século XXI nas músicas populares brasileiras, considerando o cenário à época, para verificar a participação das mulheres nos processos de discussão e visibilidade social do cotidiano, no contexto reflexivo e no processo de protagonismo, através do tecnofeminismo no fórum do facebook “Arrumando Letras”. Através da metodologia Netnografia e análise do discurso, de maneira específica a) estudar a interação social no fórum feminista “Arrumando letras”, como possível território do lugar de fala e expressão, como um “dispositivo” possível de desconstrução (denúncia) e ressignificação da obra de arte, neste caso, a música; b) questionar o lugar em que as mulheres vêm sendo colocadas nas descrições musicais, c) entender como as mulheres contemporâneas se posicionam em relação a sua própria subjetividade nas músicas, tomando o protagonismo de “se narrarem”; d) analisar se pode a música, como movimento artístico, influenciar aspectos identitários ideológicos; e) mapear entrevistas e depoimentos retirados de sites, portais eletrônicos de jornais e revistas e de outras mulheres que fazem parte da cena neste movimento musical que é dominado pela lógica masculina, cantando letras de empoderamento feminino que visam questionar a naturalização de construções sociais patriarcais, com o objetivo de entendê-las como importante ferramenta de combate ao estigma da mulher, à discriminação e preconceito de gênero no movimento como um todo; e) investigar se houve deslocamento no comportamento do consumidor no hábito de consumir música; f) compreender a partir dos conceitos sobre consumo e mediatização a reconfiguração dos objetos, materiais e imateriais, como a música, através do consumo como experiência e sentimento de pertencimento. A análise tem como referencial teórico estudos e pesquisas sobre relações entre movimentos sociais, divisão sexual, gênero, interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais refletidas nas letras musicais, assim como tecnofeminismo no processo de desconstrução e ressignificação.

**Palavras-Chave:** “arrumando letras”, interseccionalidade, mulheres, música, produções de sentido, tecnofeminismo.

## ABSTRACT

The research aims to analyze how women were described in the musical narratives of the 50s, 60s, 70s, 80s, 90s and in the 21st century in Brazilian popular music, considering the scenario at the time, to verify the participation of women in the processes of discussion and visibility everyday life, in the reflective context and in the protagonism process, through technofeminism in the facebook forum “Arrumando Letras”. Through the Netnography methodology and discourse analysis, in a specific way a) study the social interaction in the feminist forum “Arrumando Letras”, as a possible territory of the place of speech and expression, as a possible “device” for deconstruction (denunciation) and re-signification of the work of art, in this case, music; b) questioning the place where women have been placed in musical descriptions, c) understanding how contemporary women position themselves in relation to their own subjectivity in music, taking the lead in “narrating themselves”; d) analyze whether music, as an artistic movement, can influence ideological identity aspects; d) map interviews and testimonies taken from websites, electronic portals for newspapers and magazines and other women who are part of the scene in this musical movement that is dominated by male logic, singing lyrics of female empowerment that aim to question the naturalization of patriarchal social constructions, with the aim of understanding them as an important tool to combat stigma of women, discrimination and gender prejudice in the movement as a whole; e) investigate whether there has been a shift in consumer behavior in the habit of consuming music; f) understand from the concepts of consumption and mediatization the reconfiguration of objects, materials and immaterials, such as music, through consumption as an experience and feeling of belonging. The analysis has as theoretical framework studies and research on relationships between social movements, sexual division, gender, intersectionality and consubstantiality of social relationships reflected in musical lyrics, as well as technofeminism in the process of deconstruction and reframing.

**Keywords:** “arrumando letras”, intersectionality, music, sense productions, technofeminism, women

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	11
-------------------	----

### **CAPÍTULO 1 - Movimentos sociais, interseccionalidade, gênero e sociedade: revisão de literatura**

1.1. Movimentos sociais	18
1.2. Redes de mobilização civil e movimentos sociais no Brasil	22
1.3. A comunicação nos movimentos sociais	30
1.4. Marcadores sociais	35
1.5. A violência mais que simbólica da violência masculina	37
1.6. Consubstancialidade das relações sociais	44
1.7. Interseccionalidade	46
1.8. Gênero, classe social e maternidade	48
1.9. Epistemologias feministas	56
1.10. Reconfigurações das relações (no digital)	59
1.11. Quem são as mulheres no contexto social do Brasil? – Alguns dados	61

### **CAPÍTULO 2 - Música e mulheres**

2.1. Nas civilizações primitivas e pré-históricas	79
2.2. Na antiguidade	80
2.3. A música e a retórica	84
2.4. Na idade média	89
2.5. No renascimento e pós-renascimento	91
2.6. No Brasil da contemporaneidade	93

### **CAPÍTULO 3 - Mulheres descritas em narrativas musicais nos 50, 60, 70, 80, 90 e no Século XXI: como se cantam as mulheres?**

3.1. “Conceição, eu me lembro muito bem”: a representação das mulheres descritas nas músicas dos anos 50 e 60	96
3.1.1. “As levianas”: o diabo de saias!	99
3.1.2. As do “bom casamento”: as musas inspiradoras	100
3.1.3. Como se cantam as mulheres na análise do discurso musical: Emília, Amélia, Laura e Conceição	102

3.1.4. Contextualizando: elas se narrando _____	104
3.2. “Você não passa de uma mulher”: a representação das mulheres descritas nas músicas dos anos 70	
3.2.1. Análise do discurso: reflexões necessárias _____	110
3.2.2. As mulheres nas narrativas musicais dos anos 70 _____	112
3.2.3. “Fulano, Beltrano e Sicrano: ela disse!” _____	118
3.3. “Sexo frágil”: a representação das mulheres descritas nas músicas dos anos 80	
3.3.1. “Sexo frágil x Panela Velha”: vulnerabilidade e experiência _____	121
3.3.2. “Vá com Deus”: leve seu chapéu e suas botas! _____	129
3.4. “Da faixa amarela para a vermelha”: a representação das mulheres descritas nas músicas dos anos 90 _____	131
3.4.1. “Cabocla Tereza”: o retorno _____	132
3.5. “Maria da Vida Matilde”: a representação das mulheres descritas nas músicas do século XXI _____	139

#### **CAPÍTULO 4 – “Arrumando Letras”: ciberfeminismo e tecnofeminismo nas narrativas musicais sobre mulheres no século XXI**

4.1. Ciberativismo, movimentos identitários e as novas tecnologias _____	148
4.1.1. Ciberfeminismo: revisitado e reconfigurado _____	152
4.1.2. Objetividades feministas nas novas tecnologias digitais _____	155
4.2. “Arrumando Letras” _____	161
4.2.1. Questão de Ética _____	163
4.2.2. Questão da Competência Crítica da Informação _____	166
4.2.3. Questão da Desconstrução _____	167
4.2.4. Questão da Ressignificação _____	169
4.2.5. As Novas “Amélias” _____	177
4.2.6. Nova Ordem de Consumo: ressignificação, ideologia e experiência de troca _____	180

#### **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS \_\_\_\_\_ 186**

#### **6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS \_\_\_\_\_ 189**

#### **7. ANEXOS \_\_\_\_\_ 205**

*Quando teu coração suplicar / Ou quando  
teu capricho exigir / Largo mulher e filhos /  
E de joelhos / Vou te seguir*

*(Música “Tua Cantiga”, Chico Buarque,  
2017)*

## INTRODUÇÃO

Arrumando Letras é uma página do Facebook que examina letras de músicas e “conserta” as partes que considera ter lógica do patriarcado e misoginia, analisando como material as narrativas presentes nas letras da música popular brasileira – MPB, sendo a cronista de costumes desde que teve uma identidade própria a partir do fim do século XVIII com as modinhas e lundus de Domingos Caldas Barbosa, sendo reflexo direto do tempo em que cada canção foi composta. Recentemente, existem ondas feministas na Internet que interrogam se a MPB (Música Popular Brasileira) é ou foi machista. A polêmica atual envolve Chico Buarque de Hollanda e sua música, “tua cantiga”, pois este mesmo compositor, conhecido por escrever canções valorizando a mulher, hoje é acusado de misoginia<sup>1</sup>, já que a referida canção retrata a história de dois possíveis amantes sendo que o homem exerce opressão sobre a mulher. Cabe ressaltar que Chico Buarque produziu letras para mulheres, é como se elas nas letras estivessem falando, pelo menos, foi este o imaginário vigente por décadas quanto a este compositor.

A MPB veio ganhando contornos atrelados aos termos sociológicos e ideológicos e menos estéticos (NAPOLITANO, 1999), como termo musical associado à “alta cultura”, passou a ser um produto da indústria cultural e de massa desde a década de 60, já que a marca MPB passou a servir não só como classificação de um tipo musical pronta para o consumo, mas abarcou vários gêneros como o samba e a bossa nova.

Conforme reivindica o movimento feminista contemporâneo, que tem diversas diretrizes, as diferenças precisam ser analisadas e consideradas, entretanto, no presente trabalho o que se pretende avaliar é como a MPB foi desenhando os aspectos socioculturais, políticos e econômicos, e colocando a mulher para ocupar um determinado papel (de submissão) e como a MPB reforça

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/misogino/> / Acesso: 02/07/18

a lógica do patriarcado, paralelamente. É possível a nova onda feminista desconstruir as letras das músicas com caráter de misoginia presentes na MPB e nas sonoridades midiáticas, utilizando o *facebook*, enquanto um “dispositivo” de libertação, como um “megafone” das suas causas? Pode a música, como movimento artístico, influenciar aspectos identitários ideológicos? Houve um deslocamento no comportamento do consumidor de música? Quais deslocamentos a partir dos conceitos sobre consumo e midiaticização pode reconfigurar os objetos, matérias e imateriais, como a música, através do consumo como experiência e sentimento de pertencimento?

### **O lugar que colocaram a Amélia e o lugar que Amélia deseja ocupar**

A historicidade da música foi marcando o papel da mulher no tempo e o seu lugar. Nas cantigas de amor no sistema hierárquico na época do feudalismo, os trovadores colocavam a mulher como namorada, amada ou abandonada, na posição de submissão, logo é possível afirmar que a constituição da composição é refletida pelo momento de sua criação e seu cenário em volta. Na falta de instituições políticas, o patriarca, nesse caso o homem, é soberano em suas decisões com autoridade sobre os comandados (família e escravos) e a discussão sobre os feminismos retornou o conceito de patriarcado para identificar e especificar como o poder tem sido exercido por homens com relação às mulheres. Análises mais recentes demonstram que sistemas políticos liberais que se mostraram particularmente críticos da analogia entre o poder monárquico e as relações familiares (PATEMAN, 1988), pararam suas transformações no meio do caminho quando deixaram de fora da análise as relações homens e mulheres no que diz respeito ao uso da sexualidade (FREYRE, 1933).

A mulher vem sendo descrita pelas narrativas das letras de música de forma histórica, por exemplo, em 1942, a música “Ai! Que saudade da Amélia!” composta por Mário Lago e Atila Alves retratava uma mulher passiva e dependente (Às vezes passava fome ao meu lado/Às vezes passava fome ao meu lado/E quando me via contrariado/Dizia “Meu Filho, que se há de fazer ?”/Amélia não tinha a menor vaidade/Amélia que era mulher de verdade). Em 2018 a letra da música foi ressignificada pela cantora Gaby Amarantos, que reescreve o mesmo trecho da música de 1942, dando a possibilidade da Amélia se

colocar no lugar que ela deseja ocupar (Amélia não tinha a menor vaidade/Ela também era Mulher de verdade/Mas eu nasci com a ideia de ter igualdade/Pra Amélia experimentar liberdade).

### **O caso “Dói! Um tapinha não dói!”**

A presença do patriarcado é flagrante na violência de gênero, como descrito na música “Dói! Um tapinha não dói!”<sup>2</sup> Tal situação foi objeto de mobilização pelo movimento de mulheres dando origem a instrumentos de políticas públicas como abrigos e delegacias de mulheres, bem como leis de combate à violência doméstica (Lei Maria da Penha). O estabelecimento de políticas públicas de combate às desigualdades passa pela inclusão de mulheres no aparato estatal e por uma mudança cultural na relação entre homens e mulheres no espaço doméstico e no espaço público, pois a misoginia é um fenômeno sociológico e político. Segundo Phumzile Mlambo-Ngcuka (chefe da agência das Nações Unidas - ONU) mulheres enfrentam desigualdades no acesso aos empregos e à educação:

Queremos construir para as mulheres um mundo do trabalho diferente. Conforme as meninas cresçam, elas devem ser expostas a um vasto leque de carreiras e encorajadas a fazer escolhas que as levem além dos serviços tradicionais e de cuidado, para profissões na indústria, na arte, no serviço público, na agricultura moderna e na ciência.

De acordo com pesquisa<sup>3</sup> realizada pelo IBGE, que analisou trabalhadores em ocupações por tempo parcial (até 30 horas semanais), o período trabalhado é maior entre as mulheres (28,2%) do que entre os homens (14,1%). Um possível entendimento é que esse dado apurado possa estar relacionado à predominância feminina nos cuidados de pessoas e afazeres domésticos, aos quais as mulheres trabalhadoras dedicavam 73% a mais das horas em relação aos homens. O que torna a jornada dupla para as mulheres. A pesquisa também apurou que as mulheres são mais escolarizadas que eles. Porém, o salário delas equivale acerca de  $\frac{3}{4}$  dos homens. E, para arrebatarmos o diagnóstico que a pesquisa se propôs a

---

<sup>2</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Um\\_Tapinha\\_n%C3%A3o\\_D%C3%B3i/Acesso em: 25/08/17](https://pt.wikipedia.org/wiki/Um_Tapinha_n%C3%A3o_D%C3%B3i/Acesso_em:25/08/17)

<sup>3</sup> Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20232-estatisticas-de-genero-responsabilidade-por-afazeres-afeta-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho.html> Acesso: 10/06/18.

mapear, os homens ocupam 60,9% dos cargos gerenciais (públicos ou privados), contra 39,1% pelas mulheres, em 2016. A Universidade Federal do Ceará, em parceria com o Instituto Maria da Penha, mostrou os impactos da violência doméstica na vida profissional das mulheres<sup>4</sup>, que chegaram a faltar dezoito dias por ano por incapacidade física e psicológica, ou para realizar tratamentos.

Sobre a letra da música “Dói! Um tapinha não dói!”, em meio à polêmica, debate-se sobre a falta de compreensão histórica e das subjetividades que constituem as narrativas musicais. Talvez uma crítica possível seja exatamente relativa ao fato de que quando se tem uma visão reducionista sobre a obra, corre-se o risco de não se entender que outros extratos da sociedade vivenciam essa realidade, já que nem todas as mulheres são empoderadas e tem relacionamento com parceiros feministas.

### **Data de validade**

Ao longo do tempo, as letras da MPB, através da indústria cultural (MORIN, 2018) fonográfica, reforçando a lógica do patriarcado, foram posicionando a mulher social e politicamente, por consequência, delineando sua subjetividade entorno do corpo e da sexualidade, da liberdade, da submissão, de objetificação e estereótipos. A partir de 1902, quando a indústria fonográfica foi implementada, praticamente não havia compositoras/letristas. Era difícil a mulher conquistar o lugar de fala. A mulher tramitava entre “a musa idealizada e o diabo de saias”, exercendo um misto de fascínio e repúdio dos compositores. “O sentido depende da relação entre as coisas no mundo – pessoas, objetos e eventos, reais ou ficcionais – e do sistema conceitual, que pode funcionar como representação mental delas”. (HALL, 2016, p. 36).

Para as novas ondas feministas, são muitos os atravessamentos: - a classe social, racial-étnica, educacional e de faixa etária, como a questão de “envelhecer”, pois existe um imaginário em que a mulher possui data de validade. Estigma este, talvez pela associação da pressão da idade reprodutiva e questões ligadas ao corpo, e muitos outros desdobramentos e deslocamentos. No que tange o percurso do imaginário sobre a mulher até a sua materialização na obra musical,

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/08/pesquisa-mostra-que-violencia-domestica-impacta-vida-profissional.html> Acesso: 30/08/17.

o caminho é longo e subjetivo, como narrado musicalmente pelo Mc Denny<sup>5</sup> na música “Eu vi essa mina crescer”, onde destaca a preferência pela “novinha” (Eu vi essa mina crescer/Vi papai criar também vi mamãe bater/Agora ela tá pedindo pra eu comer/Agora ela tá pedindo pra eu comer, a novinha), mas os trovadores já vinham descrevendo uma mulher “submissa”, como na música “panela velha” versos conhecidos através da interpretação de Sergio Reis<sup>6</sup> nos anos 1980, foi composta por Celmar de Moraes, o Moraezinho, retratando uma mulher “madura” como aquela com mais de trinta anos e capacidade de perdoar (Não me interessa se ela e coroa/panela velha é que faz comida boa.../..Menina nova é muito bom mas mete medo/Não tem segredo e vive falando à toa/Eu só confio em mulher com mais de trinta/Sendo distinta a gente erra ela perdoa/Para o capricho pode ser de qualquer raça/Ser africana, italiana ou alemã/Não interessa se ela é coroa/Panela velha é que faz comida boa). Enquanto licença poética, não se questionava a letra, talvez pela imagem associada ao artista? Interessa investigar mais adiante, o que mudou no hábito de consumir música.

### **“Arrumando letras”: denúncia e ressignificação das narrativas musicais**

Para compreender como as letras das músicas com caráter de misoginia e lógica patriarcal são ressignificadas, através do fórum “Arrumando letras”<sup>7</sup> no facebook (com 252.361 seguidores, que “arruma” letras de canções machistas e viralizou na web), pretende-se analisar o facebook é uma organização social que funciona como um “dispositivo” tecnológico que se caracteriza pela superprodução e consumo. É composto por linhas de naturezas diferentes e seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras (DELEUZE, 1990); Pode-se ainda considerar um “dispositivo” que nomeia aquilo em que e por meio do qual se realiza uma pura atividade de governo (controle) sem nenhum fundamento no ser. Por isso, os dispositivos devem implicar um processo de subjetivação, isto é, devem produzir o seu sujeito. Este dispositivo é capaz de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mc-denny/eu-vi-essa-mina-crescer/> Acesso: 27/06/18.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/sergio-reis/103195/> Acesso: 10/04/18.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/paginaarrumandolettras/> Acesso em: 25/08/17

gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. (AGAMBEN, 2009).

Com a “viralização” da informação, a opinião é consumida vorazmente com infinitos desdobramentos subjetivos, já que não pode ser controlada e não deriva de nada fundamentado e torna-se parte do discurso de outros indivíduos, ficando a mercê de uma aprovação ou desaprovação. O indivíduo não é apenas receptor de conteúdo, ele tem papel de agente, que constrói o próprio conteúdo e obtêm audiência, temos aí o surgimento de um novo capital – a opinião. O meio passa a ser mais que um transmissor de ideologia, é um instrumento de direcionamento ou “fábrica” de produção de subjetividades no humano, fato que a mídia faz parte constituinte de uma nova forma de vida, que culmina no surgimento de novos “moldes”, dependentes de informação e tecnologia (SODRÉ, 2014).

Talvez a relativização sobre tais questões compareçam por ser uma reflexão de outra ordem social, caminho necessário para entender os motivos que vem reprimindo a mulher, através das músicas produzidas pela uma indústria cultural com a emergência das Redes Sociais, que ganham uma profusão muito maior com a internet, que faz com que o próprio meio de debates de opiniões diversas, que é o facebook (muito mais popular porque não tem uma indústria), seja um dos lugares em que as mulheres vêm reagindo através de fóruns, já que as novas ondas feministas vêm questionar esses atravessamentos, analisando a composição das letras musicais.

Mas, o quê colocou em voga o fenômeno que fez surgir a análise crítica dessas narrativas cantadas? Talvez as novas práticas sociais e os domínios do saber, ou até mesmo as novas tecnologias (CRARY, 2012). Essas perguntas percorreram os objetivos a) estudar a interação social no fórum feminista “Arrumando letras”, como possível território do lugar de fala e expressão, como um “dispositivo” possível de desconstrução (denúncia) e ressignificação da obra de arte, neste caso, a música; b) questionar o lugar em que as mulheres vêm sendo colocadas nas descrições musicais, c) entender como as mulheres contemporâneas se posicionam em relação a sua própria subjetividade nas músicas, tomando o protagonismo de “se narrarem”; d) analisar se pode a música, como movimento artístico, influenciar aspectos identitários ideológicos; d) mapear entrevistas e depoimentos retirados de sites, portais eletrônicos de jornais e revistas e de outras

mulheres que fazem parte da cena neste movimento musical que é dominado pela lógica masculina, cantando letras de empoderamento feminino que visam questionar a naturalização de construções sociais patriarcais, com o objetivo de entendê-las como importante ferramenta de combate ao estigma da mulher, à discriminação e preconceito de gênero no movimento como um todo; e) investigar se houve deslocamento no comportamento do consumidor no hábito de consumir música; f) compreender a partir dos conceitos sobre consumo e mediação a reconfiguração dos objetos, materiais e imateriais, como a música, através do consumo como experiência e sentimento de pertencimento.

A fim de entender e ampliar, compreender e colaborar nos campos dos estudos em narrativas musicais e produções de sentidos, essa pesquisa está dividida em cinco partes. No primeiro capítulo, através de revisão bibliográfica, realiza-se uma incursão sobre os estudos e análises no campo dos movimentos e marcadores sociais, interseccionalidade, logo depois, reconfiguração e consubstancialidade das relações sociais, com alguns dados de pesquisas sobre quem são as brasileiras no contexto político, social e econômico. Ainda no decorrer exploro o conceito de interseccionalidade para entender questões entre raça, classe e gênero, como um possível encaminhamento sobre a dominação masculina. No segundo capítulo, levanto, de forma histórica e sociológica, como teoria que outorga entender as diferenças marcadas no caminho entre a história da música, a retórica e a mulher, de forma contemporânea. No capítulo três, amplio os conceitos para mapear análise do discurso, em narrativas musicais, nos anos 50, 60, 70, 80, 90 e no século XXI (gênero MPB), letras consideradas machistas e misóginas, com apontamentos nas redes sociais, (como por exemplo, o site MMPB (Música Machista Popular Brasileira, entre outros, através da Netnografia), e mulheres cantoras protagonistas. No Quarto capítulo, imbrico a análise para a interação das denúncias e ressignificações das narrativas músicas, através do fórum do facebook “Arrumando Letras” e a interação através do tecnofeminismo e ciberfeminismo sobre as músicas “respostas” no protagonismo dos feminismos de cantoras atuantes. Também, estudo a questão do consumo pelo pacote “ideológico” e, por fim, tem-se as considerações finais.

## **CAPÍTULO 1 – MOVIMENTOS SOCIAIS, INTERSECCIONALIDADE, GÊNERO E SOCIEDADE: REVISÃO DE LITERATURA**

### **1.1. Movimentos sociais**

São muitas as possíveis definições para o entendimento sobre movimentos sociais nas áreas de ciências sociais, sociologia e psicologia social. Temos conhecimento que lutas sociais ocorrem nos mais variados momentos da humanidade. Os estudos de Marx (2013), sociólogo, analisava lutas trabalhistas e/ou a luta de classes), antes mesmo, obras anteriores, como a de Espinoza (2009), discutem e descrevem assuntos como organização social, conceito de democracia e levantes populares.

Com efeito, alguns levantes populares foram constatados, investigados e amplamente discutidos, como por exemplo, na Revolução Francesa. Entretanto, a categoria “movimentos sociais” é bem mais recente.

Os recentes pesquisadores deste campo de saber, sustentam diferentes definições para explicar os movimentos sociais. Para Castells, movimentos sociais são as ações coletivas que “transformam valores e instituições” (CASTELLS, 2001, p. 20). Já Scherer-Warren, os define como “uma ação grupal para transformação (a práxis) voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a ideologia) e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (a organização e sua direção)” (SCHERER-WARREN, 1989, p. 19). Citando Melluci, Machado informa que este autor define movimentos sociais como ações coletivas “nas quais as dimensões da solidariedade, do conflito e da ruptura com a lógica do sistema social se inter-relacionam” (MELUCCI, 1996 em MACHADO, 2007, p. 252).

Sobre movimentos sociais, Machado define que são “formas de organização e articulação baseadas em um conjunto de interesses e valores comuns, com o objetivo de definir e orientar as formas de atuação social” (MACHADO, 2007, p. 252). Ele defende que o objetivo de tais ações coletivas é provocar a mudança na “ordem social existente”, ou seja, no âmbito de políticas públicas ou em questões que envolvem “valores ou comportamentos sociais”.

Em alinhamento com outro importante autor na Sociologia, os movimentos sociais como uma “elaboração coletiva de reivindicações que, alcançando sucesso, conflitariam com os interesses de outrem”, teve como origem a América do Norte e a Europa Ocidental no fim do século XVIII, subsequentemente ampliando-se pelo mundo ocidental (TILLY, 2010, p. 136).

Os movimentos sociais são uma forma específica de política contenciosa, pois, majoritariamente, têm como objetivo a luta (ou contenda) a ser travada com autoridades no cenário político de cada local; e essas autoridades podem ser particulares, como grandes corporações, ou governamentais, tornaram-se pontos focais como alvo dos movimentos sociais como nocivos ou alheios aos interesses dos representantes desses movimentos.

Os eventos coletivos, tais como, “campanhas eleitorais, celebrações patrióticas, demonstrações de força militar, investiduras de autoridades públicas e luto coletivo” (TILLY, 2010, p. 142) são diferentes dos movimentos sociais, que chama de campanha continuada de reivindicações direcionadas, através de práticas e ações como “reuniões públicas, declarações à imprensa e demonstrações”, (TILLY, 2010, p. 142) chanceladas por representações publicas tais como: valor (comportamento e valores sociais), unidade (acessórios como emblemas, faixas, roupas e canções, hinos ou slogan), números (quantidade de pessoas dedicadas ao movimentos) e comprometimento (comparecimento, participação visível e resistência à repressão) referentes à causa; Ademais, mapeou que os movimentos sociais são resultados de uma associação de reivindicações referentes ao programa, sendo ele de apoio ou oposição; identidade, no coletivo que reuni as pessoas entorno de uma causa em comum, e, à posição, como, por exemplo, os grupo minoritários, uma similaridade que liga os atores sociais.

Os movimentos sociais tem especificações históricas e social, pois diversos saberes culturais lidam de particular de acordo ao ambiente sócio-histórico em que as pessoas estão inseridas, compreendendo diversas circunstâncias de levantes sociais, o autor define que as particularidades que integram um movimento social podem ser observadas de forma mais homogêneas a partir de 1750, quando aumentaram os governos democráticos e a produção industrial no Ocidente.

Em conformidade com a reflexão semelhante à de Tilly, Machado (2007) conjectura que até 1960 a construção de movimentos sociais dominante era a de que a energia destes movimentos estava essencialmente agrupada “às rápidas mudanças da sociedade industrial” (MACHADO, 2007, p. 251). Desse modo o maior número das análises sociológicas dos movimentos sociais até 1960 os assentava como “um produto da ação histórica da sociedade, ante as contradições do sistema capitalista” (MACHADO, 2007, p. 253), perpetuando a ideia de luta de classes e embate nas relações de produção da sociedade industrial identificadas por Marx anteriormente.

Os movimentos sociais até portanto eclodiam do modo que uma atitude a um modelo político e de produção que acentuava a desigualdade sócio-econômica na relação produtor – produção – operário. “Associava-se esse tipo de ação a anomia social e a tensões estruturais existentes” (MACHADO, 2007, p. 251). Contudo, houve o crescimento de coletividades empenhando-se por causas variadas como a paz, igualdade de direitos e preservação ambiental, entre outros, o que provocou uma reavaliação do conhecimento clássico (marxista-estruturalista) e fez emergir a denominação “novos movimentos sociais” para representar esses coletivos.

Considerando Machado, depois de o término da guerra fria entre a União Soviética e os Estados Unidos da América e a declive de regimes socialistas, a “simbiose” da democracia ocidental e capitalismo ocasionou que os movimentos sociais fossem admitidos enquanto parte do sistema democrático e, até mesmo sistematizassem e aperassem ações agregado às autoridades governamentais, sendo compreendidos então como “atores sociais importantes para a promoção dos direitos civis e da cidadania” (MACHADO, 2007, p. 254).

É, exatamente a partir de 1960 que a pesquisa dos movimentos sociais conquista força e um campo de estudos individual nos Estados Unidos (com o movimento pelos direitos civis dos negros nas décadas de 1950 e 1960) e na Europa (com o levante estudantil de 1968 na França), conforme assinala Bringel (2011). Em consonância com ele, a sociologia dos movimentos sociais, determinada a analisar e apresentar conhecimento acerca desta linha de representação baseava-se prioritariamente em perspectivas e teorias focadas nas vivências ocidentais.

Este sistema, ao qual o autor se declara como colonialista, conserva-se como fundamental referência até a década de 1990, em que então ocorrem as indagações para sua função em distintas culturas. Após a década de 1990, é progressivo a reconstrução e desenvolvimento deste campo de saber tanto na Europa e Estados Unidos quanto em outras partes do mundo. Bringel dedica ênfase ao crescimento dos movimentos sociais surgidos na América Latina.

Nessa perspectiva ele frisa os recortes sociais derivados de estudos feministas e pan-africanos como fundamentais colaborações para questionar a aplicação exclusiva dos modelos de construção de conhecimento dos movimentos sociais até então presentes. De acordo com o autor, os modelos utilizados até a década de 1990, em sua maioria, são vigorosamente motivados pela visão colonialista na Ásia, África e América do Sul, isto é a perspectiva impregnada neste modelo de estudo apaga subjetividades e vivências características desses territórios.

Enquanto opção aos modelos coloniais, Bringel menciona a relevância de pesquisas como o de Stavenhagen (1971), no qual “propôs a passagem de um observador participante” para um “observador ativista”, reforçando a grande valia do saber para a mudança social (BRINGEL, 2011, p. 192). Adiante disso, para entendimento quanto aos movimentos sociais mais recentes, Bringel salienta que é fundamental revisar a epistemologia desse campo da sociologia, reforçando a conversa com os próprios movimentos sociais para engendrar conhecimentos que englobem a identidade, a construção e a diversidade, no sentido de pluralidade.

Para intensificar a pesquisa, a percepção e o debate dos movimentos sociais, Bringel ratifica que é primordial avaliar o local e a construção social onde estes decorrem, evidencia, inclusive, a importância do que nomeia “trabalho de tradução”, isto é, “quem são os tradutores de práticas sociais e saberes e como funciona esse processo em diferentes casos” (Bringel, 2011, p. 187). além das formas como as linguagens, as informações e as mensagens são transmitidas por estes intérpretes. Para ele, é de grande relevância observar essas condições particulares de cada movimento social para desenvolver e disseminar saberes em Sociologia a respeito dos mesmos.

Para Jesus (2012), o debate deve considerar o conjunto de problemas das pesquisas sobre os movimentos sociais na Psicologia Social, em que estes são compreendidos “como resultantes dos esforços de determinadas pessoas em

resolver coletivamente problemas que elas têm em comum, em relação a um estado mental de insatisfação” (Jesus, 2012, p. 171); Ela sublinha que ações coletivas originadas em coletividades organizados apartidários são habilitados de motivar a reflexão de novas ideologia e perspectivas de mundo, subvertendo as esferas de poder ao fazerem emergir e serem problematizadas reivindicações de minorias na sociedade.

Pegando como modelo as marchas e movimentos organizados em prol de direitos específicos, como o Movimento LGBT, a Marcha das Vadias e o Movimento Negro, Jesus diz que os grupos excluídos e frequentemente apagados pelo Estado, captam visibilidade e poder de transformação social a partir de sua organização e ação coletiva por mais direitos e reconhecimentos.

Considerando Jesus, posteriormente a queda do regime militar e amplitude política na década de 1980, emergiram “novas formas de lidar com os problemas sociais” e os movimentos sociais se estabeleceram “como espaços alternativos de reivindicação popular”, que incluem cidadãos “de diferentes estratos socioeconômicos, origens geográficas, cores, etnias, gêneros, idades, orientações sexuais, habilidades físicas, religiões, entre outras dimensões da diversidade, têm reconhecido e demandado efetivamente o seu direito a se expressar e a participar politicamente em prol da garantia de seus direitos fundamentais” (JESUS, 2012, p. 171).

Porém, em consonância com Jesus, na Psicologia Social a inclinação é buscar o individual no coletivo e as críticas de que os pesquisadores têm uma posição mais ativista do que empírica acabam dificultando o processo de interpretar a dinâmica, o interesse e as contribuições dos movimentos sociais para uma sociedade mais justa e igualitária. De fato, o que podemos analisar atualmente é um aumento exponencial de lutas em prol de variadas causas. Muitas delas vêm acarretando mudanças em diversos países, incluindo o Brasil. No entanto, poderiam ser todas classificadas como movimentos sociais? Passemos a uma discussão mais detalhada a este respeito.

## **1.2. Redes de mobilização civil e movimentos sociais no Brasil**

No desenvolvimento de suas pesquisas, a socióloga Gohn (2003, 2010, 2012), aponta e discute as ações coletivas e o desenvolvimento das mesmas no

Brasil, com especial atenção às categorias movimentos sociais e redes de mobilizações civis. Estas atividades concretizam-se, sobretudo a partir de parcerias entre associações e movimentos, ONGs e instituições governamentais. Os movimentos sociais se representam por “ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas” (GOHN, 2003, p. 13). De acordo a socióloga, esses movimentos usam estratégias como denúncias, manifestações e ocupações, entre outras, e exercem por meio de redes sociais, isto é, o agrupamento das relações e interações entre os atores sociais, que podem ser “locais, regionais, nacionais e internacionais” (GOHN, 2003, p. 13).

Considera a relevância de uma outra forma de atuação da sociedade civil: as redes de mobilização, que são uma categoria mais ativa de difundir sugestões e reivindicar mudanças sociais com recortes mais segmentados de causas específicas, como as lutas minoritárias de gênero, por exemplo. Nesta esfera encontram-se maioritariamente, associações comunitárias, coletivos, ONGs, assembleias e fóruns. A parceria entre as outras redes é frequente, formando o que a autora se refere como redes de mobilização civil. Ademais, identifica que os movimentos sociais recentes, assim como as redes de mobilização civil, fazem uso frequente das novas tecnologias de informação e comunicação como a internet. Adiante, passemos a uma ampliação mais detalhada sobre as formas de ação coletiva.

No fim da década de 1970 e durante a década de 1980, os movimentos sociais tinham a característica de reivindicar direitos universais, direitos sociais e expressar oposição à classe política dominante: o regime militar no Brasil. Tais movimentos tiveram várias conquistas no campo dos direitos sociais que se tornaram leis presentes na Constituição de 1988. No entanto, posteriormente a queda do regime militar, observou-se uma desaceleração desses movimentos, como por exemplo, com o encolhimento das manifestações e dos protestos, porém, vale ressaltar que na cidade do Rio de Janeiro, o projeto Pela Vidda RJ<sup>8</sup> que desde de sua fundação em 1989, exerce um papel fundamental no combate à epidemia de AIDS, desconstruindo os estigmas relacionados à doença e reintegrando socialmente as pessoas atingidas. Em uma análise sobre os

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.pelavidda.org.br/site/index.php/quem-somos/> Acesso: 18/01/2020

movimentos sociais no Brasil entre os anos de 1978 – 1989, Gohn (1997) se empenha em pesquisar os movimentos das mulheres, os rurais, os ecológicos, os negros e os índios, e, sobretudo, o movimento operário, entre outros.

No Brasil, os primeiros estudos que surgiram sobre os movimentos sociais urbanos abordaram conceitos inspirados em Jordi Borja (1975) e Manuel Castells (1974), através dos pioneiros locais José Álvaro Moisés (1978) com foco nos movimentos emancipatórios de Osasco e Pirituba na década de 50, em São Paulo, com olhar político-administrativo, emancipação de bairros para municípios e Gohn (1979) sobre classes populares, periferia e movimentos sociais urbanos, com recorte, o movimento das sociedades amigos de bairros em São Paulo.

A realidade brasileira foi amplamente analisada pelas pesquisas de base, realizadas, à época, através de pesquisadores como Fernando H. Cardoso (1972) e seus trabalhos sobre o Estado e o modelo de desenvolvimento dependente e associado; Francisco de Oliveira (1972) e a crítica às interpretações dualistas do modelo de desenvolvimento; Paul Singer (1975) e o estudo do milagre brasileiro; F. Weffort (1978) e O. Ianni (1975) sobre o populismo na política brasileira; Lúcio Kowarick (1987) e a crítica à teoria da marginalidade e Marialicci Foracchi sobre processos de participação social (1982) e o processo de acumulação no Brasil.

No entanto, com a realização de novos estudos, novas abordagens agregavam conceitos do campo da antropologia, como por exemplo, sobre identidade. Na educação popular, a referência apontava para o esquema gramsciano.

Uma nova abordagem teórica e prática sobre os movimentos sociais nos anos 80. Gohn destaca, a Lei Lehmann<sup>9</sup>, que previa a punição e proibição sobre os loteamentos clandestinos na capital de São Paulo, com função de inibir o surgimento de novos loteamentos populares de forma irregular. Na prática, o acesso e a posse da terra para moradia, surgem como novas lutas, através de invasões e ocupações de casas e prédios abandonados, e, em paralelo, emergiram novos movimentos, como os de desempregados, pela saúde, de favelados e o surgimento de organizações entre as associações de moradores, além de articulação do movimento dos transportes, por exemplo; E, ainda que, alguns

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109566/lei-lehmann-lei-6766-79>  
/ Acesso: 02/11/2019.

movimentos perderam força, como a Luta por Creches, quando a prefeitura construiu creches e contratou militantes para trabalhar nas creches, e o Movimento Contra os Loteamentos Clandestinos, em São Paulo, atribuídos à descentralização da luta das mulheres depois da Anistia e o enfraquecimento do Movimento da Carestia, devido a disputas políticas.

Os novos movimentos serviam a novas demandas em relação aos modernos direitos sociais, em apelo para a liberdade, a igualdade, em referência as relações de gênero, raça e sexo. Esses movimentos emergiram de conflitos sociais em um novo cenário, conforme Melluci (1989), surgindo uma nova reconfiguração da ação social, em referência ao sociólogo Offe (1988).

Um fator liga as análises dos novos movimentos sociais no Brasil, a abordagem culturalista, em oposição à marxista com maior representatividade nos movimentos populares, sobre a questão da construção da identidade coletiva, no meio de um debate entre a Europa e os Estados Unidos para conceituar os novos movimentos sociais, como a visão europeia de uma construção de identidade, ou, como estratégia política na obtenção de bens (custo x benefícios, modelo norte-americano), que, segundo Gohn este último não foi adotado pelos pesquisadores brasileiros ou da América Latina. A preocupação era destacar as características das mudanças socioculturais e os reflexos das transformações políticas, que, funcionava como uma estratégia não-mercadológica, e sim de ocupação de poder, com interesse maior em captar recursos junto aos poderes públicos, conforme viés norte-americano. Para exemplificar, o que se aproxima do modelo europeu aqui no Brasil, é a nova Constituição, com recorte especial no capítulo sobre os novos direitos sociais; já em referência ao modelo norte-americano, destaca a questão do cotidiano (HELLER, 1981), a relação problematizada entre democracia direta e a representativa de Norberto Bobbio (1992); e a questão entre a esfera pública e privada como lugar de participação social para a construção da democracia, conforme Hanna Arendt (1981).

Aponta Gohn, em termos conceituais, que a cidadania coletiva e a exclusão social tiveram mais destaques como categorias básicas, na década de 90. Muito embora, na década anterior, já se pensava em cidadania coletiva como o exercício da função na aplicação da cidadania no que tange o coletivo, ao exemplo dos grupos e instituições que se tornaram legais a partir de 1988. Houve uma mudança, que foi do reivindicar e para sugerir, de requerer representação, para

participação. Com relação a exclusão social, as condições socioeconômicas determinam as restrições e situações, conforme o conceito de anomia social de Durkheim, que aponta a descentralização da autoridade estatal, o surgimento de poderes paralelos e a generalização da violência, entre outros, como efeitos do sistema desagregador social sobre as estruturas organizativas da população.

Surgiram novas referências como atores sociais: mulheres, índios, jovens, negros, entre outros. A nova estruturação do mercado de trabalho mantém os pobres e os excluídos separados socialmente, parece que os esforços não são suficientes para integra-los, condenando-os à exclusão (BUARQUE, 1992). Gohn denuncia que existem poucos estudos sobre a participação das mulheres nos movimentos populares, tanto urbanos como rurais.

Certos aspectos da cultura popular - que estabelece "lugares e contribuições" para homens e mulheres - sempre estiveram presentes no interior dos movimentos populares. Fazer comida e cuidar das crianças eram "atribuições" das mulheres nos canteiros de mutirões (...) Entre as lideranças o número de homens é proporcionalmente maior que o de mulheres, e esta relação se inverte quando olhamos sua participação no conjunto do movimento. (GOHN, 2010, p. 14)

Em referência ao início da década de 1990, a autora evidencia três grandes movimentos sociais no Brasil: o movimento dos indígenas (que resultou na demarcação de terras para os índios), o movimento dos funcionários públicos (que idealizava melhores condições de trabalho e remuneração) e o movimento dos ecologistas (a partir do qual se produziram diversas ONGs preocupadas com o tema ambiental). Ainda durante essa mesma década, Gohn menciona a aparição de formas de organização popular, melhor institucionalizadas, por intermédio da geração de fóruns de debate sobre os problemas sociais atuais, como o Fórum Nacional de Luta pela Moradia. Na ocasião, surgem cooperações entre a sociedade civil organizada e o poder público, que pretendem uma maior "participação dos cidadãos na gestão dos negócios públicos" (GOHN, 2003, p. 20) e, como exemplo, resultam em programas como o "bolsa-escola".

O movimento Ética na Política foi instaurado ainda nesse mesmo período, que resulta no impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello, assim como ocorre a consolidação e organização de diversas coletividades que lutam por causas específicas, como o combate à discriminação de gênero, orientação sexual,

etnia, a favor da paz e contra a violência nos grandes Centros, e também, coletivos pelas causas classistas, como as lutas de categorias profissionais, como a dos profissionais de transporte alternativo. É importante ressaltar que a proliferação das ONGs durante a década de 90, não era limitada ao recorte somente na luta ambiental, nessa ocasião, as lutas eram norteadas também em outras questões socio, político e social, como a atenção as necessidades das crianças carentes, dos idosos, dos moradores de bairros periféricos, entre outros, além da luta pela educação e pela moradia, por exemplo. Essas organizações, além de assinalar os problemas ambientais ou sociais, passam a trabalhar para a “execução de políticas públicas de parceria entre o poder público e a sociedade, atuando em áreas onde a prestação de serviços sociais é carente ou até mesmo ausente” (GOHN, 2010, p. 22). Comparecem aqui alguns exemplos para melhor ilustrar, quando ocorre a famosa chacina da Candelária, surgem as ONGs que atuam em defesa das crianças de rua, como a “Se essa Rua Fosse Minha”, que utiliza a arte e a educação para mudar a realidade de muitas crianças de rua. Nessa mesma década, surgem projetos conhecidos mundialmente, como o Afro Reggae<sup>10</sup> e a Cufa<sup>11</sup>, que vão para dentro das favelas cariocas tirarem os jovens da influência do narcotráfico e contrariam os estereótipos negativos mostrando uma outra imagem da população de favela.

Sendo assim, emerge forma nova de atuação dos movimentos sociais, que ampliam para além dos protestos contra as injustiças, mas participam de forma ativa na busca de maior visibilidade através de debates e elaboração de propostas para a resolução dos problemas sociais.

[...] o perfil dos movimentos sociais se alterou na virada do novo milênio porque a conjuntura política mudou [...] ao longo dos anos 90 os movimentos sociais [...] tiveram que abandonar algumas posturas e adotaram posições mais ativas/propositivas. Passaram a atuar em rede e em parceria com outros atores sociais, dentro dos marcos da institucionalidade existente e não mais à margem, de costas para o Estado, dentro da sociedade [como no período] do regime militar. A nova fase gerou praticas novas, exigiu qualificação dos militantes. ONGs e movimentos redefiniram seus laços e relações (GOHN, 2003, p. 30).

Os movimentos sociais passam a se locucionar em redes e estabelecem parcerias com outros movimentos, entidades ONGs e demais atores sociais.

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.afroreggae.org/> / Acesso: 19/05/2019.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.cufa.org.br/> / Acesso: 19/05/2019.

Considerando Gohn, tais redes são um tipo de relação social característico da sociedade contemporânea, informatizada e globalizada. Diferentes formas podem constituir as redes, por exemplo, as redes de sociabilidades (familiares e de amizade), redes locais (um bairro ou comunidade, no sentido territorialista), redes virtuais (como o movimento antiglobalização), redes específicas (como os movimentos feministas), redes de entidades como ONGs, entre outras.

Dessa maneira justamente durante a década de 90, começaram a se articular redes de associação para mobilização civil, com lutas mais direcionadas a conquistar direitos para causas específicas, mas que não substituem os grandes movimentos sociais. As mobilizações sociais sempre fizeram parte dos movimentos sociais de maior expressão, mas ressalta que surgiram como uma categoria de análise social com “vida, significado e dinâmica própria” (GOHN, 2010, p. 22) a partir do século XXI.

Na terminologia clássica, a categoria movimento social coabitava no passado das ações sociais, com a difusão dos sindicatos e entidades associativas, como luta de classes das categorias trabalhistas, ao passo que, entende-se como mobilização civil o modelo de operação da atualidade, quando os próprios sujeitos se empenham em participar das políticas públicas. À medida que o ambiente político e cultural mudou na década de 1990, os movimentos sociais reinventaram e reformularam suas próprias práticas, tornando-se mais ativos e propositados. Desde 2000, grupos ou redes com foco na mobilização civil começaram a se destacar com frequência.

A sociedade fragmentada e polimorfa que se configurou a partir dos anos de 1990, o modelo de associativismo que está se consolidando ao longo dos anos 2000, caracteriza-se pela tendência dos grupos e movimentos sociais organizados de se articularem em redes e criarem fóruns a partir dessas redes (ibid, p. 09).

As associações civis organizadas na rede são divididas em três eixos principais: 1) Movimento e comportamento de grupos identitários (raciais, minorias de gênero etc.) na luta por direitos sociais e econômicos; cultura; 2) Movimentos e lutas por melhorias e direitos em áreas urbanas e rurais; e 3) movimentos sócio-políticos e culturais globais que atuam por meio de fóruns e conselhos. Além da potente atuação a partir da nova tecnologia digital, a rede de mobilização cidadã também possui as características de estabelecer identidade por

meio da prática e do discurso, proporcionando aos atores e grupos sociais um sentimento de pertencimento. Muitos movimentos em voga atual buscam a igualdade e equidade de direitos e o respeito à diversidade, assim como os movimentos LGBTQ+, busca reconhecer e acolher os diversos modelos de família existentes hoje, além de lutar pela igualdade de direitos de casais heterossexuais e gays.

As ações coletivas hoje enfocam o “direito à propriedade dos direitos” (ibid, p. 14) como o tema mais comum que existia nos movimentos das décadas de 1970 e 1980. O movimento social anterior não era dirigido a grupos específicos, mas sim a uma gama mais ampla da população. Os movimentos sociais atuais se baseiam em “laços sociais comunitários organizados de acordo com os padrões de cor da pele, raça, idade, gênero, habilidades e habilidades humanas” (ibid, p. 09), com ênfase no protagonismo. Desta forma, sob a orientação de interesses específicos como faixa etária, raça, questões ambientais, etc., forma-se uma rede de associações ou um tema. Essas redes operam principalmente por meio de comunicações mediadas por computador (internet).

A sociedade civil finalmente conseguiu várias mudanças nas políticas públicas por meio de lutas contemporâneas por motivos específicos, o que levou a mudanças políticas em maior escala. Embora as antigas políticas públicas fossem formuladas e sancionadas no sentido "de cima para baixo", do Estado para os cidadãos, um movimento reverso está ocorrendo. Nessa tendência, gradualmente as minorias étnicas fazem reivindicações. Elaboraram leis para proteger seus direitos. Um exemplo dessa mudança pode ser encontrado em movimentos como os movimentos negros, que luta contra o preconceito racial e que conseguiu aprovar uma lei nacional criminalizando o racismo.

Ao fazer uso adequado do potencial de interatividade e troca de informações na Internet como complemento às suas raízes, a rede de mobilização civil cobre uma grande população. Além de publicar matérias, fornecer informações e organizar manifestações, essas redes também mantêm canais abertos de diálogo com seguidores e apoiadores, promovem o debate e a discussão e estimulam o ativismo e a participação política. Como veremos a seguir, diversos autores apontaram que, após o advento da Internet, a participação política aumentou. Vale ressaltar a importância do advento da internet na sociedade, que viabiliza que coletivos e cidadãos, independente de filiações partidárias tenham

protagonismo em coro, se unindo em prol de ideias comuns, livre do controle do Estado. Atualmente ambos os modelos de ação coletiva são praticados, os movimentos sociais perfizeram seus modos de atuação e passaram a acolher nas suas relações as redes de mobilização civil, juntando-se a coletivos já instituídos ou mesmo transformando-se em ONGs e coletivos ou redes reflexivas, como o fórum no facebook “Arrumando Letras”, onde letras de musicas consideradas machistas são analisadas e resinificadas, ganhará maior destaque mais adiante, como recorte.

### **1.3. A comunicação nos movimentos sociais**

Os movimentos sociais de massa são atividades da sociedade civil, composta por pessoas que reconheceram seus direitos, mas ainda não os implementaram na prática. Esses movimentos se organizam na dinâmica da ação e, muitas vezes, são institucionalizados como formas de consolidação e legitimação social. Normalmente existem vários tipos de movimentos sociais, que se estabelecem a partir da origem das instituições que os apoiam ou abrigam (igrejas, partidos políticos, sindicatos, escolas, etc.) e a partir das características da natureza humana (sexo, idade, raça e cor). Por exemplo, o movimento de mulheres, índios, negros, homossexuais, crianças, etc., bem como certas questões sociais (transporte, moradia, saúde e esportes recreativos, ecologia e pacifistas, incluindo defesa animal) e outros). De acordo com a situação política do país (como levantes políticos, revoltas, motins, revoluções, etc.), também existem alguns movimentos que ocorrem frequentemente. Esses movimentos são causados pela ideologia, como acontece com o anarquismo e o marxismo, terá fluxo dependendo da situação (GOHN, 2012), Já David Aberle (apud, ibid, p. 08) enfatizou outras classificações de movimentos sociais e se concentrou na iniciativa transformadora, reformadora, redentora e substituta, como Castells (2000) enfatizou que o significado organizacional de identidade (necessário ao expressar movimentos sociais) pode ser classificado como: (a) legitimação (introduzida pela agência governante para manter uma posição dominante); (b) Resistência (causada por atores ameaçados pela estrutura dominante, como gangues); (c) Identidade do projeto (forjada pelos atores para estabelecer uma

nova identidade que pode redefinir seu status na sociedade e mudar a estrutura social).

Ampliando os movimentos sociais de subcategorias como base, e essas subcategorias são caracterizadas por formadores e construtores de identidades de projeto, no período histórico de restabelecimento das regras democráticas, por meio de redefinições políticas adequadas, a prática esportiva foi aprimorada, novas modalidades foram criadas e as organizações não governamentais (ONGs) cresceram e, na maioria das vezes, essas organizações não governamentais assumiram funções de Estado, exercido por movimentos sociais e seu poder político continua se desdobrando em frentes militantes politicamente competitivas. Diante de violações de direitos civis e / ou participação em negociações padronizadas, o Brasil dá mais atenção ao encaminhamento de soluções, como secretarias Conselho. Portanto, existem vários movimentos, incluindo o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra<sup>12</sup> (MST), que goza de grande visibilidade junto ao público, e movimentos como o Movimento Nacional de Direitos Humanos<sup>13</sup> (MNDH) e o Movimento das Mulheres Brasileiras (AMB).<sup>14</sup> E dezenas de organizações de mulheres. Nesse contexto, inclui também o Movimento Nacional pelo Direito à Moradia<sup>15</sup> (MNDM) e sua influência nos estados brasileiros, as diversas articulações do movimento ecológico e centenas de outros grupos de base social e organizações não governamentais, que se relacionam ao enfrentamento do desrespeito as consequências dos direitos fundamentais como objetivos de questões específicas das classes sociais.

Conforme destacou Peruzzo (2005) a mobilização internacional em torno do Fórum Social Mundial (FSM), o significado dessas manifestações na sociedade civil pode ser percebido em todo o mundo. O lema do Fórum Social Mundial é “Outro mundo é possível” e propõe o desenvolvimento da humanidade. Desde 2001, a quantidade de pessoas que se reúnem no fórum a cada ano para discutir e fazer outras sugestões sobre a vida social mostra a importância do fórum como participante político. Nos últimos anos, este é o quadro de participação do evento: Em 2005, o Fórum Social Mundial atraiu 155.000 participantes e 6.588

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://mst.org.br/quem-somos/> / Acesso: 29/09/2019.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://mndhbrasil.org/> / Acesso: 29/09/2019.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/amb.feminista/> / Acesso: 29/09/2019.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.mdm.org.br/> / Acesso: 29/09/2019.

organizações de 156 países e regiões de 156 países e Porto Alegre (Brasil)<sup>16</sup> em 2006, o FSM foi um multicêntrico de Gala. Realizado em Caracas (Venezuela), Karachi (Paquistão) e Bamako (Mali), com um total de aproximadamente 98 mil pessoas, em 2007 foi realizado o 7º Fórum Social Mundial em Nairóbi, capital do Quênia. 70 milhões de pessoas representam milhares de organizações sociais. Em 2008, o FSM descentralizou o poder e promoveu uma mobilização e ação global de uma semana, com visibilidade global, em 26 de janeiro de 2008, participaram organizações, redes, sociedades e movimentos coletivos de todo o mundo para planejar ações, reuniões, assembleias, desfiles e outras atividades em nível local, regional e nacional (Processo FSM, 2008)<sup>17</sup> O Fórum Social Mundial causou o surgimento de fóruns relacionados ao redor do mundo, como o Fórum Social Americano, o Fórum Social Brasileiro, o FS alemão, o FS Los Angeles, o FS Catalonia, o FS Mercosul, o FSM de Fronteira de Três Países, o Fórum Social Mundial da Migração e o Fórum São Paulo, Região Sul e muitas outras regiões. Em termos de inovação FSM, destaca-se uma expressão social em rede, sendo um espaço de diálogo e troca de saberes.

A comunicação faz parte da mobilização dos movimentos sociais ao longo da história e é realizada de acordo com os recursos disponíveis em cada época. Por exemplo, o Fórum Social Mundial ocupa uma grande proporção porque sabe usar a Internet como canal de comunicação. Algumas atividades sociais também se adaptam a determinadas condições para poder se comunicar. No Brasil, tal movimento sempre utilizou seus próprios meios de comunicação e até restringiu sua liberdade de expressão por meio da grande mídia. De brochuras a jornais, blogs, sites na Internet, as transmissões comunitárias aconteceram, de slides a vídeos, e aos canais comunitários de TV e a cabo, o exercício do direito à comunicação se impôs como um mecanismo de promoção da luta pela cidadania. Nessa dinâmica, a autorização do processo autônomo de comunicação tem sido vista como uma necessidade de canais de expressão nas dinâmicas de mobilização e organização de massa. Mesmo quando o regime militar estava sob o controle e

---

<sup>16</sup> Disponível em: [www.forumsocialmundial.org.br](http://www.forumsocialmundial.org.br) (Fórum Social Mundial, 2007) / Acesso: 03/11/2019.

<sup>17</sup> Mais de 1.600 organizações e indivíduos de todo o mundo assinaram o compromisso de organizar atividades na semana de mobilização, tendo como origem diversos países do mundo (Boletim FSM, 2007).

coerção da fase de declínio (1964 a 1985) e assumia todos os riscos trazidos pela conjuntura política da época (ibid, 2005), o estado de exceção e sua supressão, os movimentos sociais e outras organizações progressistas ousaram criar alternativas formas de comunicação. Na verdade, eles exerceram e continuam a exercer o direito de se comunicar, não apenas usando meios alternativos para escapar do controle e da repressão policial, mas também enfrentando regulamentações legais contraditórias e obstrutivas, como a radiodifusão comunitária. Mesmo que não haja nenhuma lei sobre a transmissão comunitária, os alto-falantes serão usados e depois transmitidos como uma transmissão gratuita. Diante do fechamento de um grande número de emissoras comunitárias, alguns tribunais garantiram o direito à liberdade de expressão pela Constituição e obtiveram liminares favoráveis.

No plano teórico e político, nas décadas de 1970 e 1980 na América Latina<sup>18</sup> e em outros países do chamado "Terceiro Mundo", a questão das políticas públicas de comunicação democrática foi muito discutida como, por exemplo, pela UNESCO<sup>19</sup> (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e cultura) na década de 1960. A razão para isso é que uma vez controlado o fluxo internacional de informações, uma vez que ela está inserida na ordem econômica internacional que beneficia o país central. Por meio da exportação de veículos de comunicação e produtos da indústria cultural<sup>20</sup>, além do investimento direto em recursos de mídia

latino-americanos, a visão de mundo e o estilo de vida dos Estados Unidos e dos países europeus também são representativos. Uma espécie de dominação cultural, ao mesmo tempo em que impede a disseminação global de informações entre fontes latinas, africanas e asiáticas, e mesmo entre os países dessas regiões. Nessas discussões, foi apresentada uma proposta de comunicação horizontal, ou seja, a comunicação comunitária, participativa e democrática, que se realiza por meio da participação ativa das pessoas emissoras e receptoras de informações, com o objetivo de considerar o direito à comunicação e outras visualizações, não apenas o acesso à informação. No plano internacional, foi anunciado o

---

<sup>18</sup> Primeira Conferência Intergovernamental sobre Políticas de Comunicação na América Latina, realizada na Costa Rica, em julho de 1976.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil> / Acesso: 03/08/2019.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/cultura/industria-cultural.htm> / Acesso: 23/03/2020.

estabelecimento de uma nova ordem mundial de informação e comunicação<sup>21</sup> (NOMIC). A UNESCO chegou a estabelecer o Comitê Internacional de Pesquisa em Comunicação, sob a coordenação de Sean MacBride. Os resultados do trabalho do comitê foram publicados no relatório Um Mundo, Muitas Vozes<sup>22</sup> em fevereiro de 1980 (ibid, 1987, apud De Melo (2008).

Nos últimos anos, a questão do direito à comunicação reapareceu, reafirmando os preceitos legais que se concretizaram na história, que garantem o direito das pessoas à informação e à liberdade de opinião, criação e expressão, ao mesmo tempo em que enfatizam novos olhares. Dentre eles, podemos destacar o desrespeito da mídia<sup>23</sup> às minorias étnicas e aos direitos humanos, aos direitos culturais e à defesa do direito das pessoas ao uso de mídia de tecnologia avançada. Do nosso ponto de vista de Peruzzo (2005), os cidadãos e as suas organizações representativas das massas têm um claro direito de divulgação, ou seja, como distribuidores dos seus próprios conteúdos, podem também aceder a canais electrónicos de divulgação de grande escala e gestores de comunicação autónomos na comunidade e serviços de esportes de massa, por exemplo. No passado, os movimentos sociais foram alcançados por meios manuais e ao seu alcance (pequenos jornais, brochuras, e alto-falantes). Hoje, o que as pessoas desejam é garantir o acesso a canais mais modernos e eficazes, que possam simultaneamente atingir um público mais amplo. A necessidade é agregar as possibilidades de comunicação proporcionadas pelas Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC), sem deixar de lado as formas mais tradicionais que ainda são utilizadas de norte a sul do país, e pode ser um processo indicativo de movimento relacionado à determinação da transição da cidadania de um estágio para o superior. Em outras palavras, o direito de se comunicar (ibid, 2005) foi colocado no direito de terceira geração porque mudou do conceito de direitos individuais para direitos coletivos. Respeitar os direitos dos grupos humanos de interesse público, movimentos coletivos e diversas formas de

---

<sup>21</sup> Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Nova\\_Ordem\\_Mundial\\_da\\_Informa%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_Comunica%C3%A7%C3%A3o#:~:text=Nas%20d%C3%A9cadas%20seguintes%2C%20a%20Unesco,da%20informa%C3%A7%C3%A3o%20e%20inclus%C3%A3o%20digital.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Ordem_Mundial_da_Informa%C3%A7%C3%A3o_e_Comunica%C3%A7%C3%A3o#:~:text=Nas%20d%C3%A9cadas%20seguintes%2C%20a%20Unesco,da%20informa%C3%A7%C3%A3o%20e%20inclus%C3%A3o%20digital.) / Acesso: 05/10/2020.

<sup>22</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Relat%C3%B3rio\\_MacBride.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Relat%C3%B3rio_MacBride.) / Acesso: 03/08/2019.

<sup>23</sup> Disponível em: <http://www.intervozes.org.br/> destaque-4 (Intervozes, 2007) / Acesso: 11/05/2018.

organizações sociais, e respeitar as diferenças de gênero, raça, idade, crenças e cultura. Ao mesmo tempo, não ignora o direito de obter informações e compartilhar canais de expressão como um direito de cidadania, refere-se aos aspectos civis (percepções, crenças, etc.), incluindo os direitos sociais sobre a aquisição de patrimônio histórico e cultura.

Conforme mencionado acima, o uso da comunicação como um direito humano, representa um avanço no conceito de cidadania, pois a comunicação é perceptível no sentido clássico de cidadania. Isso significa ir além dos conceitos tradicionais de direitos civis, políticos e sociais e fazer uma distinção. É sobre o direito de difusão ou a dimensão de difusão dos direitos civis, que inclui direitos inseridos no universo cultural dos direitos civis, políticos e sociais, mas, considerando o papel central dos meios de comunicação baseados na sociedade, se receberem um tratamento diferenciado, eles (os meios) podem se fortalecer. Diante o direito à comunicação está inspirando uma nova geração de direitos. Portanto, direitos sido atribuídos ao campo da bioética, que inclui também o aspecto de direitos humanos da comunicação.

#### **1.4. Marcadores sociais**

Faz-se necessário, primeiramente, uma breve abordagem teórica no que tange aos marcadores sociais da diferença. Para Zamboni (2014), os Marcadores Sociais da Diferença são sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais. Uma observância quanto às diversas formas de diferenças e desigualdades que marcam a sociedade contemporânea. Inseridos na experiência dos indivíduos, no discurso e na política, ou seja, não se apresentam de forma singular.

Desenvolvidas socialmente, circunstanciadas no que tange ao tempo e ao espaço, tais diferenças e desigualdades não se apresentam de forma natural ou individualizada, gerando um sistema de classificação através das relações de poder, responsáveis pelos conflitos das relações pessoais à política internacional. Diretamente ligadas às relações de poder e sistemas amplos de dominação, são responsáveis pela produção e reprodução de desigualdades; elas se fundem.

Tornar-se-ia totalmente descabido abordar o racismo, por exemplo, sem pesquisar as condições de trabalho a que são submetidas às mulheres e os homens negros, identificando, portanto, as classes sociais a que pertencem. Também não

seria possível, por exemplo, discutir a homofobia (discriminação de homossexuais) sem tratarmos das relações de gênero.

No que tange às articulações, faz-se necessário citar os debates que acompanharam, há época, a aprovação do Projeto de Lei, que, no ano de 2013, regulamentou o trabalho doméstico no Brasil. Regulamentação esta que tratou de uma questão de classe; conferiu direitos a uma determinada categoria de trabalhadores. O “PEC das domésticas”<sup>24</sup>, ressalta-se que 90% do trabalho doméstico é realizado por mulheres e, ainda, classificado como “uma atividade de negros”, torna-se, também, uma questão racial. É de suma relevância explicitar, também, o separatismo classificatório em outras profissões, onde, podemos usar como exemplo um infeliz discurso proferido por uma jornalista em redes sociais, afirmando que “as médicas cubanas têm cara de empregada doméstica e que médico, geralmente, tem postura e cara de médico; que se impõe à partir da aparência.” Discurso gerador de um ambiente desqualificador dos profissionais em questão. Deixando-se claro, nesse caso, que a profissão da medicina (assim como o trabalho doméstico) também possui gênero (masculino), classe (social) e raça (aparência).

Trazendo para o campo das disputas políticas, o pensamento marxista, desde o século XIX, bem como a força dos movimentos socialista e comunista, fizeram como que as desigualdades econômicas – leia-se diferenças de classe – ocupassem uma posição centralizada nos movimentos sociais (ibid, 2014). Não podemos esquecer, também, que outras formas de desigualdade, como por exemplo, diferenças de raça e gênero foram abordadas de forma secundária, com a promessa de dissolução com o sucesso de uma revolução socialista. A partir de 1968, com o denominado “Movimento Maio de 1968<sup>25</sup>”, com maior expressão na França, mas que ecoou em todo mundo, os Novos Movimentos Sociais culminaram numa abertura da linguagem da luta de classes, que anteriormente ocupavam espaços ínfimos no pensar. Por exemplo, não havia uma discussão acerca das formas de discriminação em desfavor às mulheres, negros ou homossexuais.

---

<sup>24</sup> Disponível: <https://www.domesticalegal.com.br/pec-das-domesticas-5-anos-de-uma-conquista/>  
Acesso: 03/02/2019.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/maio-1968.htm/> Acesso: 24/08/2020.

Ao longo do século XX, as organizações com finalidades de luta pela igualdade de direitos, ganhou ainda mais força. Mulheres, negros e homossexuais – que antes não se ordenavam -, passaram, de uma certa forma, a ter mais voz no que tangia o combate à discriminação. O centro da vida política passou a ser múltiplo. Em um universo de trocas, as pesquisas de campo ganharam força no que se referiam às relações raciais, gênero e sexualidade. A produção intelectual e os movimentos sociais se fundiram. À frente iremos aprofundar sobre a ressignificação das relações sociais

### **1.5. A violência mais que simbólica da dominação masculina**

No verbete “dominação”, no Dicionário Crítico do Feminismo, e, pois, voltado à análise da dominação de gênero, se pode ler que ela introduz uma dissimetria estrutural, que é seu alicerce e efeito, em que:

No "Dicionário da Crítica Feminista" do termo "dominância", portanto, centra-se na análise da dominação de gênero. Pode-se ler que introduz a assimetria estrutural, que é seu fundamento e função. Entre eles:

(...) Um se apresenta como representante da totalidade e o único depositário de valores e normas sociais impostas como universais porque os do outro são explicitamente designados como particulares. Em nome da particularidade do outro, o grupo dominante exerce sobre ele um controle constante, reivindica seus direitos fixando os limites dos direitos do outro e o mantém num estatuto que retira todo o seu poder contratual (HIRATA, et al., 2009, p. 76).

Acrescentou que esta assimetria que constitui uma relação dominante pode ser observada na prática social e "no domínio da consciência e até nas estratégias de identidade" (HIRATA, et al., 2009, p. 76).

Especialmente a partir da década de 1970, com o movimento feminista e suas reclamações sobre as condições e condições da dominação de gênero, as pesquisas sobre a dominação de gênero têm se desenvolvido. Análises subsequentes e convergentes esclareceram as faces complexas entre os gêneros e suas assimetrias naturais, o que levantou questionamentos sobre as ferramentas teóricas e epistemológicas disponíveis e construídas pelas ciências sociais (ibid, 2009). Já foi dito aqui, e isso também se expressa nas obras de Bourdieu, que a dominação masculina é violência simbólica. É uma descoberta importante para

esclarecer a forma de resistir à dominação masculina. Não só isso, mas expor a dominação de gênero como violência simbólica é em si uma estrada de ruptura. Mas o que Bourdieu entende por violência simbólica? No contexto da atuação dessa socióloga, essa é uma questão importante e complicada, ela própria também é objeto de vários estudos, e será resolvido em conexão com o tema da dominação masculina.

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2005, p. 07-08).

O universo simbólico ou simbólico - mito, linguagem, arte, ciência -

[...] os instrumentos por excelência da “integração social”: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (cf. a análise durkheimiana da festa), eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração “lógica” é a condição da integração “moral” (BOURDIEU, 1998, p. 10)

Essas produções simbólicas são instrumentos de dominação:

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados” (ibid, 1998, p. 11)

Portanto, a violência simbólica atua em um nível de poder que se impõe por meio de significados no campo da expressão, e implica na revisão de outras formas de expressão do mundo, garantindo assim o status social da classe. Domínio. outro. Como violência simbólica, a ordem social masculina encontrou sua própria força na neutralidade e na legitimidade que confere. Estabelecer essa

ordem é como se a divisão de gênero fizesse parte da ordem natural e inevitável das coisas. Isso é revelado por Bourdieu de uma forma eficaz e poderosa.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservada aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior da desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo da vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (BOURDIEU, 2005, p. 18).

Os sociólogos formularam planos gerais para grupos de oposição relacionados ao gênero e os incorporaram à construção social do corpo como uma realidade sexual baseada nos princípios da visão e da divisão de gênero. Essa divisão de coisas, atividades, espaço e tempo por gênero é normalizada e apresentada em um estado objetivado nas coisas e em todo o mundo social, e é incorporada ao corpo e aos hábitos do agente, "[...] Sistema de percepção, pensamento e plano de ação" (ibid, 2005, p. 17).

O hábitus é o conceito central da sociologia proposto. Em suma, é uma palavra latina, a tradição escolástica é restaurada a partir do conceito grego de hexis, e é utilizada na filosofia aristotélica para apontar as características do corpo e da alma adquiridas no processo de aprendizagem (SETTON, 2002). No trabalho de Bourdieu (2005), esse conceito é derivado das necessidades de pesquisas realizadas na Argélia e na região de Béarn, na França. Portanto, empiricamente falando, o comportamento do agente e sua estrutura e condições sociais precisam ser considerados. A relação estabelecida entre é entre subjetividade e objetividade (sinônimo).

Pode-se observar no plano de clima que os homens são classificados como alto, quente, verão, direito, público, oficial, externo, seco, dominante, feminino, baixo, natural, fechado, cheio, inferior, fechado, frio, selvagem, dominante. Portanto.

As divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente, em duas classes de habitus diferentes, sob a forma de hexis corporais opostos e complementares e de

princípios de visão e de divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino (ibid, 2005, p. 41).

Embora seja um adjetivo denominado "dominação masculina", é uma condição relacional que atinge tanto homens quanto mulheres. Sob o domínio masculino, a natureza do relacionamento da violência simbólica é óbvia.

A análise estrutural de Bourdieu da dominação masculina é um caso especial de violência simbólica, uma forma, uma estratégia para resistir a essa forma de dominação social.

A destruição deste poder de imposição simbólico radicado no desconhecimento supõe a tomada de consciência do arbitrário, quer dizer, a revelação da verdade objetiva e o aniquilamento da crença: é na medida em que o discurso heterodoxo destrói as falsas evidências da ortodoxia, restauração fictícia da doxa, e lhe neutraliza o poder de desmobilização, que ele encerra um poder simbólico de mobilização e de subversão, poder de tornar actual o poder potencial das classes dominadas (BOURDIEU, 1998, p. 15).

A consideração sobre a forma de auto-doação e doação corporal de amor, considerando o propósito da outra parte, a quebra da circulação de negócios e o tratamento do outro lado como uma ferramenta, é a forma de doação ao amor, e a contribuição para a compreensão da forma é inestimável e inesgotável. Resista à dominação masculina. Do ponto de vista antropológico, este "halo misterioso" de "amor puro" é compreensível:

baseado na suspensão da luta por um poder simbólico que a busca de reconhecimento e a tentação correlativa de dominar suscitam, o reconhecimento mútuo pelo qual cada um se reconhece no outro e o reconhece também como tal pode levar, em sua perfeita reflexividade, para além da alternativa do egoísmo e do altruísmo ou até da distinção do sujeito e do objeto, a um estado de fusão e de comunhão, muitas vezes evocado em metáforas próximas às do místico, em que dois seres podem 'perder-se um no outro' sem se perder (BOURDIEU, 2005, p. 132).

No avanço da página dedicada ao amor e à estrutura assimétrica da violência simbólica (na qual os homens dominam) é que consta em análise. O amor faz com que o sujeito tenha uma nova atitude em relação a outro sujeito,

tornando-se um sujeito amoroso, “só pode ser reconhecido pelo outro sujeito, mas como ele, desistiu da intenção de governar” (op. Cit, p. 132).

Reconhecimento mútuo, troca de justificações de existência e de razões de ser, testemunhos recíprocos de confiança, signos, todos, a total reciprocidade que confere ao círculo em que se encerra a díade amorosa, unidade social elementar, indivisível e dotada de uma potência autárquica simbólica, o poder de rivalizar vitoriosamente com todas as consagrações que ordinariamente se pedem às instituições e aos ritos da “Sociedade”, este substituto mundano de Deus (BOURDIEU, 2005, p. 132-133).

Sem adjetivos, o amor é a excelência do não-poder e, por meio do relacionamento, chama dois sujeitos amorosos um ao outro como uma nova forma de existência. Como violência simbólica, a dominação masculina se estabelece na história, e sua essência é uma forma de classificação baseada no princípio da visão e da divisão. O objetivo da classificação é construir uma ordem governante, enquanto a dominação sexual tem um paradigma masculino. A inércia mostra de forma relacionada a estrutura da hexis do corpo humano sob a matriz de cosmovisão bissexual masculina. Nesta relação, homens e mulheres, bem como gays e lésbicas, consciente e inconscientemente se constroem na ordem da dominação. corpo de. Essa poderosa estrutura teórica já está resistindo à ordem dominante.

Partindo do caráter relacional da dominação simbólica, pode-se concluir que toda ação transformadora deve mudar também a pessoa que a carrega, ou seja, deve incluí-la no questionamento. Toda crítica básica significa autocrítica e vai contra a posição da vítima. Não apenas isso, também deve considerar todos os espaços sociais fora de casa, escola, igreja, esportes e jornalismo.

Na condução de um movimento utópico crítico, é possível prever que a sociedade em que essa luta se erguerá lentamente não copiará nenhum modelo, seja uma sociedade primitiva ou igualitária, ou uma sociedade que terão mulheres, homens, negros, gays e lésbicas. Maior força do que o outro.

A reflexão de Bourdieu partiu de uma discussão sobre os princípios e valores por trás do bom senso. O indutor classificou a excelência do preconceito e a naturalidade da vida social. O autor pergunta: Por que a ordem mundial e sua relação dominante continuam a tornar as condições de vida aceitáveis tão facilmente? Essa questão perpassa parte importante de seus trabalhos acadêmicos,

com o objetivo de compreender a objetividade do mundo social, não apenas a partir da estrutura, mas também a partir da infusão de valores e modos de pensar historicamente construídos. Nesse sentido, o governo masculino é considerado parte do contexto mais amplo da ordem social, e a ordem social é onde outras formas de governo se originam.

A dominação dos homens está no poder simbólico, que se baseia no plano simbólico, mas concentrado em diferentes instituições como o país, família, sociedade e cultura, e exercido por meio da linguagem, gestos e expressões rituais, e é uma estratégia de reprodução do mundo social . Escola, etc. Portanto, parece que a divisão de gênero de acordo com a ordem das coisas está na verdade integrada ao mundo social através dos hábitos dos agentes, como um sistema de percepção, pensamento e ação. A naturalidade da dominação masculina é realmente provada pela defesa, é imposto.

A proibição masculina está gravada no corpo por meio de proibições e rituais que proíbem as mulheres. Os rituais das instituições masculinas são realizados por meio de operações diferenciadas: separação do mundo materno. Masculinidade é a negação da parte feminina masculina e a circuncisão é a coroa da masculinidade. A proibição masculina está gravada no corpo por meio de proibições e rituais que proíbem as mulheres. Os rituais das instituições masculinas são realizados por meio de operações diferenciadas: separação do mundo materno. Masculinidade é a negação da parte feminina masculina e a circuncisão é a coroa da masculinidade.

Portanto, há um trabalho de defeminização que é o oposto do trabalho para mulheres, em que a doutrina dos bons modos envolve moralidade, política e cosmologia. Encontramos em Bourdieu a afirmação que Simone de Beauvoir (1980) havia explicado: uma mulher não é uma mulher nascida, mas uma mulher. Portanto, a construção das diferenças entre homens e mulheres se limita à classificação, separação e, o mais importante, ao mecanismo básico de diferenciação oculta.

Bourdieu (1998) percebeu que tanto homens quanto mulheres estavam gravados nos objetos a serem presos, o que levou os pesquisadores a incluírem a estrutura histórica da ordem masculina ou obediência feminina. Portanto, o autor enfatiza a necessidade de uma estratégia prática para alcançar a objetivação da pesquisa científica: a partir de Durkheim, explorando o estabelecimento de uma

forma de classificação do mundo. Bourdieu utiliza recursos criativos que combinam etnografia e escrita literária. Nesse sentido, Virgínia Wolf ([1929] 2004, apud Bourdieu 1998) aponta para a dominação masculina no espaço da consagração ritual, diante desse prisma, Bourdieu (2004) olha o mundo social a partir de uma perspectiva masculina sobre o paradigma da dedicação e do comportamento no mundo social.

Na visão do autor, a dominação masculina não se limita à relação de poder de um gênero para outro. Enraizada no contexto mais amplo da ordem social, torna os próprios homens vítimas da vitalidade afirmativa da tensão. Relacionado a essa erudição está que as situações de medo e sofrimento são causadas pela ameaça de exclusão do mundo humano. Nessa perspectiva, “Os fatos comprovam que o sexo é um conceito importante de relacionamento, por uma espécie de medo da mulher, esse conceito se constrói na frente de outros homens, contra outros homens e contra as mulheres. , E principalmente construído dentro de si mesmo” (ibid, 2004, p. 67).

A influência da dominação simbólica não é a pura lógica da consciência, mas um plano para adaptar o projeto à probabilidade por meio da ação, avaliação, percepção e inconsciência. A escolha de uma carreira que "geralmente é feminina" ou de um campo pela qual desistir fará parte do cálculo implícito entre desejo e realidade. Bourdieu perguntou por que ele escolheu ocupações femininas ou restringiu as mulheres de ocupar cargos políticos.

A discussão de Lévi Strauss (1970) sobre os tabus do incesto é o comportamento fundador da sociedade e pode ser usada como uma referência. No entanto, isso adiciona um aviso importante de que, no contexto das trocas de casamento, as mulheres são recusa em ser o sujeito, esta transação tem significado político.

O diálogo do autor com a psicanálise se dá por meio do reconhecimento do papel do inconsciente na prática social. Aqui, o conceito de inconsciência é diferente da psicanálise e não se limita a características pessoais ou psicológicas que se conformam à estrutura geral. A base da cosmovisão centrada no homem não é fálica e carente, mas uma cosmovisão organizada por gênero (masculino e feminino), estabelecendo o fálico como símbolo de masculinidade.

Se por um lado aprofunda a interpretação de uma sociedade centrada no homem, por outro se refere ao risco de um ciclo permanente de reprodução de

valores, então a posição dominante pode ser entendida como um campo mais amplo de ordem social objetiva e subjetiva.

Olhando para a prática da relação entre os sexos, pode-se apontar que existe um conflito ou paradoxo entre a submissão e a ruptura. Portanto, como hipótese teórica a priori, enfatiza a necessidade de observar a dominação masculina, ao invés de uma hipótese que repensa no plano específico das diferentes situações. A forte concepção etnográfica de Bourdieu certamente coincidirá com o conceito contraditório e variável de dominação. Portanto, a ideia básica é mostrar a importância de refletir sobre o processo histórico das várias formas de governança.

### **1.6. Consustancialidade das relações sociais**

Os conceitos de consustancialidade e coextensividade são de suma importância à compreensão às práticas sociais de homens e mulheres, frente à divisão social do trabalho segundo classe, gênero e origem. Pensando nas relações sociais, Danièle Kergoat (2010), em seu trabalho “Dinâmica e Consustancialidade das Relações Sociais, expôs que: “conflitos de classe, de gênero e raciais tendem a ser concebidos, interpretados e enfrentados isoladamente.” Nesse mesmo trabalho, Kergoat (2010, p. 93) analisou o desenvolvimento no campo dos estudos feministas e da sociologia do trabalho, que apontaram para a interdependência dessas categorias sociais, tanto no plano teórico, como na prática de movimentos sociais de mulheres e trabalhadoras. Procurou esclarecer os fenômenos sociais a partir de uma perspectiva materialista, histórica e dinâmica, relembrando às definições de consustancialidade das relações sociais e sua propriedade essencial: a coextensividade. Ao indagar o que é uma relação social e quais são suas propriedades, convoca Colette Guillaumin (apud Kergoat, 2010,) também socióloga francesa, ativista anti-racista e feminista, referência em pesquisas sobre os mecanismos do racismo, sexismo e relações de dominação, Guillaumin (1972) e o conceito de que a “racialização” é a construção ideológica e discursiva da natureza dos dominados, a “face mental” e cognitiva dos vínculos materiais de poder. Toda relação social é, assim, uma relação conflituosa.

A situação da mulher no mercado de trabalho é um verdadeiro paradoxo, uma vez que, conforme Kergoat sustenta que ocorre a persistência, às vezes mesmo a intensificação, da divisão sexual do trabalho, “tudo muda, mas tudo permanece igual” (ibid, 2010, p. 94) e esse paradoxo ocorre quando deixamos de fora da análise as relações do ponto de vista social.

(...) as relações sociais são consubstanciais; elas formam um nó que não pode ser desatado no nível das práticas sociais, mas apenas na perspectiva da análise sociológica; e as relações sociais são coextensivas: ao se desenvolverem, as relações sociais de classe, gênero e “raça” se reproduzem e se coproduzem mutuamente. O termo, emprestado da teologia, não deve gerar confusão: ele é utilizado aqui em sua acepção mais trivial, de “unidade de substância”. Falar em consubstancialidade sugere que a diferenciação dos tipos de relações sociais é uma operação por vezes necessária à sociologia, mas que é analítica e não pode ser aplicada inadvertidamente à análise das práticas sociais concretas (ibid, 2010, p. 94).

É de se perceber o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, porém o paradoxo enraizado demonstra o estabelecimento das diferenças discriminatórias no que tange as segmentações horizontais e verticais: empregos masculinos x femininos. As desigualdades salariais ainda imperam e a mulher ainda é a figura do trabalho doméstico.

(...) não representa nenhuma aporia ou contradição interna às relações sociais de sexo, mas aponta para o fato de que o capitalismo tem necessidade de uma mão de obra flexível, que empenhe cada vez mais sua subjetividade: o trabalho doméstico assumido pelas mulheres libera os homens e, para as mulheres de alta renda, há a possibilidade de externalização do trabalho doméstico para outras mulheres. Assim, não se pode argumentar no âmbito de uma única relação social. O suposto paradoxo aponta para a imbricação, na própria gênese da divisão sexual do trabalho produtivo e reprodutivo, de diferentes relações sociais, e de relações sociais que não podem ser abordadas da mesma maneira (ibid, 2010, p. 96).

Jean Kellerhals (1981), afirmou que na consciência coletiva, a igualdade não é mais uma utopia mobilizadora, mas um estereótipo, um cliché. E isso não é recente. Ao analisar os aspectos das relações sociais, verifica-se que o sentimento de muitas mulheres, em sua maior parte, jovens, no que tange a uma igualdade na qual o sucesso profissional é alcançável e a negociação para a divisão das tarefas

entre os casais, por exemplo, é uma questão de solicitude, não corresponde à realidade na qual conhecemos. A norma igualitária é utópica. Duas realidades não se fundem: o das relações intersubjetivas e o das relações sociais.

O sociólogo Xavier Dunezat (2004), ao abordar a exploração, dominação e opressão, conclui que, se de um lado há um deslocamento das linhas de tensão, de outro, as relações sociais de sexo permanecem intactas. Porém, a vulnerabilidade e diferenças salariais persistem. O que pode ser deslocado para outro campo, como em um outro exemplo, citando a participação das mulheres nos campos de futebol profissional feminino, Christine Mennersson (2005), socióloga de esportes, demonstrou que as práticas inovadoras que não ultrapassam o nível das relações sociais podem questionar as relações sociais de sexo, mas não as colocam realmente em perigo. Aponta a que é preciso distinguir intersubjetividade e sociabilidade nas relações entre os sexos.

E sobre as questões que atravessam as relações sociais Kergoat (2010) acredita na importância de observar as práticas coletivas para questionar as relações sociais de sexo, como, por exemplo, de fato tivermos maior protagonismo das mulheres formadoras de opinião e tomadoras de decisões, como, por exemplo, ocupando a presidência de entidades e empresas, em que pese o senso coletivo. Kergoat, em contrapartida, lembra que não significa que as enfermeiras, por serem mulheres, estejam subversivas à relação social de sexo. Ilustra que o sujeito das lutas não se justapõe ao sujeito da dominação, e vai além, questiona a linguística empregada em referência ao termo “trabalhadoras”, como não abarcando incluir a categoria mulher, deixando de naturalizar o termo “mulheres trabalhadoras”. Quanto à ideia de consubstancialidade, expõe que não implica que tudo está vinculado em um ciclo fechado, implica apenas em uma forma de leitura da realidade social. É o entrecruzamento dinâmico e complexo do conjunto de relações sociais, cada uma imprimindo sua marca nas outras, ajustando-se às outras e construindo-se de maneira recíproca, como uma retroalimentação, sistêmica e aberta, sendo estrutural, mas é na interseccionalidade que as relações são melhores analisadas, como veremos adiante.

## **1.7. Interseccionalidade**

Sobre relações sociais a categorização é uma problematização que independe da atividade exercida, em detrimento das relações sociais e seu entrecruzamento, são pontos focais como universalidade e a intersecção das relações, necessários para confrontar os estudos pós-coloniais e o feminismo negro (*black feminism*) (HILL, 1990), pontos norteadores considerados por algumas militâncias e trabalhos acadêmicos, sobre as divisões entre classe, sexo e pertencimento étnico. Conforme assinalou a socióloga Colette Guillaumin (1972, apud Kergoat, 2010) ao levantar questionamentos acerca dos processos ideológicos oriundos da naturalização do sexo e da “raça”; já para a acadêmica e socióloga feminista francesa, "a classe era dotada de gênero" e de que "o gênero era dotado de classe" (KERGOAT, 2010, p. 102); sobre os estudos da divisão sexual do trabalho que insistiram na necessidade de cruzar as relações de gênero com as relações de classe e com a relação Norte/Sul, reforçando que existem configurações diferentes “para uma mulher de “minorias raciais” e para uma mulher “branca”, ela afirma que o impasse e a tensão entre classes sociais não desapareceu, e o que torna o debate amplo graças aos estudos mais recente sobre “raça”. Geralmente, a fusão entre gênero, “raça” e classe é objeto de estudo feminista, porém como mais foco entre “raça” e “gênero” (op. cit, p. 102). A classe social, no caso, se torna apenas uma menção exigida. Na França, por exemplo, pequenos grupos compostos por mulheres e homens – grupo estes subjugados – têm voz ativa, no que tange a cena militante e política.

Importantes pesquisas sobre o feminismo foram realizadas por mulheres negras e de origem popular, como bell hooks (1981), que cunhou o com conceito de “dupla consciência” onde procura compreender o caso de trabalhadoras domésticas negras e seu duplo posicionamento, de proximidade e distância, em relação ao “poder branco” e, traçando um paralelo, Kegoat (2010) traz com Patricia Hills Collins (1990) com a noção de “*interlocking systems*” ampliando, para compreender o entrelaçamento entre os sistemas de classe, raça e sexo. Conforme Angela Davis (1983 [1981]) atribui que a origem de classe, seja sexual, social ou étnica funciona como ponto central e determinante na compreensão da gênese e do desenvolvimento de conflitos, e, como decorrência, Davis considera a possibilidade da percepção de “raça” como modalidade de experiência de classe, quando o sujeito e suas experiências configuram como objetos centrais das análises, sendo deslocado o problema da dominação pura provocando assim,

resistências, revolta e evidenciando ainda mais, a emergência dos movimentos sociais.

Segundo Crenshaw (2004), a interseccionalidade é uma visão ampliada e comparativa, enxergando as diferenças sociais, políticas e culturais entre as mulheres em seus muitos pluralismos, considera a maneira como o posicionamento das mulheres negras, na intersecção de raça e gênero, como fundamental mapeamento das margens, favorecendo a experiência realizada das mais diversas formas de violência, como a sexual e a conjugal, o que leva a crer na marca divisória sobre experiências entre as mulheres negras e as brancas vivenciam na sociedade. Pensa em termos de cartografia nos leva a naturalizar as categorias analíticas, com uma visão reducionista e míope sobre as diferenças, já que as mulheres enfrentam mais do que uma discriminação, considerando interseccionalidade uma ferramenta de análise que posiciona as relações em polaridades fixas, dividindo as mobilizações por setores e categorias em combate sobre como o discurso dominante naturaliza e engessa as identidades como previamente definidas, ocultadas pela diversidade.

De acordo com Kergoat (2010), as categorias das relações sociais são desassociáveis dentro das quais foram construídas. Dessa forma, incorre a possibilidade de que mesmo considerando as categorias reformuladas em termos de intersecções, alguns pontos evidenciados possam reforçar as dominações ou servir de aparato de resistência, em conformidade ao pensamento de Audre Lorde (1980, apud Kergoat, 2010, p. 98), que reforçou a necessidade de ampliar o conceito sobre as “diferenças” como “catalisadores” para uma mudança social, levantando a crítica sobre o impasse comum entre a “necessidade de união e a necessidade de homogeneidade”. Já bell hooks (1981) levanta questões sobre as diferenças que levam a uma experiência feminina compartilhada e lança a indagação reflexiva se a luta contra o sexismo é suficiente para unificar a classe das mulheres.

As questões de raça, classe e gênero atravessam as reflexões como um exercício de ampliação necessário para além do mapeamento das diferenças, mas será que é suficiente falar sobre essas diferenças e os antagonismos das mulheres ou será o próprio gênero construído em multiplicidades de acordo a classe e raça, questiona Juteau (1999, apud Kergoat, 2010, p. 99). Considera Kergoat (2010) que tais reflexões são fundamentais, mas, se polarizadas as questões de classe,

raça e gênero torna-se um impasse pois uma não sobrepõe a outra, elas se complementam, e vai além, inclui outras ampliações, como questões de idade e de geração, veem a se somar ao tripé sobre o cruzamento das relações de classe, raça e gênero nas relações sociais, onde entrecruzam-se exploração, dominação e opressão, como veremos à diante.

### **1.8. Gênero, classe social e maternidade**

Para Hobbesbang (1996) e Elias (1998), entre as mudanças significativas neste século, em especial sobre as relações de gênero é particularmente proeminente. Heilborn (1999), essas mudanças se devem à entrada mais expressiva da mulher no mercado de trabalho, proporcionada pelos avanços da medicina, ensino superior, direito ao voto feminino, sexo e reprodução. A separação entre eles, e parte do motivo, a transformação do campo sexual (principalmente das mulheres). A sexualidade é considerada da ordem do privado, porém, nos debates públicos, o sexo tem estado cada vez menos escondido e em evidencia nas tensões e disputas no campo das relações de poder. Ainda é obra do movimento feminista sobre o campo de construção da identidade dos feminismos. Essas tendências claras definem um tom altamente moderno para o tema (Giddens, 1992). Porém, ao se considerar os prismas de classe social, gênero e geração, e as múltiplas combinações entre eles, o panorama não é o mesmo, Segundo Sonia Giacomini (1985), a maternidade é entendida como um conjunto de deveres maternos executadas pelas mulheres.

O a maternidade redefine uma série de relações e forma o eixo do estabelecimento de uma nova família, aponta para o estabelecimento cultural de um modelo de família. Isso mostra que embora o modelo vise proporcionar um tratamento universal e eficaz para todas as mulheres, na verdade, essa é uma prerrogativa da classe dominante de mulheres, e, portanto, tornou-se um sinal de diferenças sociais e culturais, mas afinal, O que define e identifica as mulheres? Giacomini (1985) buscou elencar quatro possíveis diretrizes, a primeira parte “O nascimento de uma criança e de uma mãe”, nesse tema, apontou em falas analisadas a óbvia centralidade da criança que é ativada para permitir que apareça a categoria mãe. No segundo ponto "Deveres de mãe", assinala alguns elementos que parecem constituir a maternidade, na terceira parte: “A Mãe da Família”,

abordou o mecanismo de redefinir uma série de relações (principalmente a relação conjugal) por meio da identidade de mãe e filho, lançando os alicerces de uma nova família (“família saudável”). Por fim, resume algumas reflexões sobre a oposição que sustentava a identidade feminina nos discursos analisados, onde imbricou maior ênfase à eficácia desse discurso em uma sociedade marcada pela escravidão, a mulher apareceu ali, destacada como figura, responsável pela saúde natural de seu filho.

(...)se a criança é apenas aparentemente o centro do discurso, se é o adulto o verdadeiro objeto, não é, no entanto, o (...) adulto em geral o responsável pelo “abandono da infância” e suas funestas consequências. A mulher aparece exatamente aí, destacada como figura de proa, encarregada natural dos cuidados com os filhos. É o que fica claro em outra passagem, onde está dito por que a criança encontra-se entregue aos “caprichos da natureza”. (GIACOMINI, 1985, p. 74-75).

Observou que podemos perceber como a centralidade ocupada pela criança desempenha o papel de "démarche" e faz com que as mulheres apareçam em cena. Não apenas mulheres, mas como mulheres-mães.

O recurso – argumento de autoridade – à ciência, mais além do curioso apelo à “prática e experimentação” dos “homens de ciência”, apenas vêm engradecer a tarefa: saber o que é ser mãe é praticamente um dever de ensinar a ser mãe. Como, num verdadeiro contraponto, o ser mãe é também, intrinsecamente, o dever ser mãe. Emerge um modelo de mulher e de família. E se o ser mãe é o dever ser mãe, o modelo será construído a partir da identificação de um conjunto de deveres de mãe. Ser mãe é, simplesmente, cumprir os “sagrados deveres de mãe”. (ibid, 1985, p, 75-76).

Ser mãe não está estabelecido entre procriar *versus* não se reproduzir, há filhos e não há filhos. Ao contrário, ser mãe parece se opor a ser apenas pai, negando esses fatos, e vai além, pela caracterização do exercício da maternidade no cotidiano do trabalho de *care*, recaindo culturalmente a execução das mulheres. O vínculo com a criança na família também mostra outra figura, outra "personagem", a chefe da família, é a mãe. Além de ser descrita como mãe, também foi identificada como a “esposa-mãe de família”. O suposto poder supremo do marido confia à esposa os deveres da esposa e a apreciação do amor maternal. Portanto, podemos entender temporariamente “maternidade” *versus* “esposa” como opostos, mas por apresentarem espíritos de dedicação diferentes, quando “mãe de família” se funde com “mãe e esposa”, essa oposição torna-se

dissipado. Pensando sobre a mãe pobre operária ter que deixar seus filhos para conseguir recursos para a manutenção desses filhos, comparecem duas indagações: Os homens não dão conta ou estão ausentes? e, em decorrência, as mulheres nessa condição, de equilibrar o trabalho interno (casa) e o externo (em empresas, por exemplo), encontram-se impossibilitadas de exercer os deveres de mãe? Giacomini provoca para reflexão.

Resgatando Kergoat (2009), as condições de vida de homens e mulheres não são produto do destino biológico, mas da construção social mais importante. Homens e mulheres não são uma coleção (ou duas coleções) de indivíduos biologicamente diferentes. Eles constituem dois grupos sociais que participam de relações sociais específicas: relações sociais sexuais. Como todas as relações sociais, estas têm uma base material, neste caso o trabalho, expressa através da divisão social do trabalho entre os sexos, denominada divisão sexual (gênero). Porém, foram as antropólogas feministas que ampliaram dando um conteúdo atual, sobre a relação de poder dos homens sobre as mulheres (MATHIEU, 1991; TABET, 1998) de forma analítica, sob olhar de outras disciplinas, como história e sociologia adaptando a divisão sexual de cada sociedade, de forma interseccional, na construção social de que os homens ficam ao encargo da produção e as mulheres à reprodução, além do cotidiano em que os homens, quantitativamente, ocupam lugares de grande valor social agregado, como nas políticas, nas religiões, no militarismo e nas corporações.

A reboque, Kergoat amplia a análise no processo da divisão sexual do trabalho, levando em consideração dois pontos norteadores, ao qual chamou de princípio de separação, no que tange ao entendimento sobre trabalhos específicos para homens e para mulheres e outro, que chamou de princípio de hierarquização, sobre a super valorização do trabalho dos homens frente ao das mulheres. Esses princípios são comumente válidos no tempo e no espaço das sociedades, conforme sustentado por Françoise Héritier (1991) sobre a diferencial dos sexos não ser um fato da natureza, e ao contrário, naturalizado por Evelyne Peyre e Joelle Wiels (1991) sobre considerar gênero ao sexo biológico e por reduzir as práticas a “papeis sociais”, o que vai em direção oposta sobre os estudos da divisão sexual do trabalho, que afirmam que as práticas sexuais são construções sociais, em decorrência a dinâmica das relações sociais, não sendo uma determinação imutável.

Em alguns países (Madeleine Guilbert (1966), Andrée Michel (1964), Viviane Isambert-Jamati (1962), apud Kergoat, 2009), o tema das obras sucessivas é a divisão sexual do trabalho. No entanto, foi somente no início dos anos 1970 que, sob o impulso do movimento feminista francês, ocorreu um boom do trabalho, que logo produziu a base teórica para esse conceito. Alguns fatos: O movimento feminista não resolve o problema do aborto como se costuma dizer. É precisamente pela consciência de um tipo especial de opressão: o coletivo "obviamente" mostra que as mulheres fazem muito trabalho de graça, esse trabalho é invisível, em nome das obrigações da natureza, do amor e da maternidade. Essa condenação se desdobra de forma bidimensional: basta para o chamado "trabalho", parece que sua pertença às mulheres (somente às mulheres) é automática, que não é descoberta nem reconhecida.

O primeiro setor a imbricar sobre a divisão sexual do trabalho foram as ciências sociais e suas ampliações. Basta citar duas instituições teóricas o do "modo de produção doméstica" (DELPHY, 1998) e "trabalho doméstico" (CHABAUD-RYCHTER, 1985, apud Kergoat, 2010). Porém, crescentemente as pesquisas se afastam de referências que visam a naturalização do biológico como determinismo original sobre a divisão sexual do trabalho, e analisam o trabalho doméstico como uma atividade tão importante quanto o trabalho profissional. Isso permite considerar as atividades domésticas como profissão. Após a dissolução da "família" como entidade natural e biológica, o seio familiar é reconhecido principalmente como local de trabalho. Em paralelo é no campo do trabalho assalariado fora da esfera familiar que o trabalho "produtivo" tem como figura principal homens brancos (DELPHY; KERGOAT, 1984).

O trabalho doméstico é objeto de muitos estudos e poucas análises são feitas. Para ser mais preciso, não utilizam esse conceito do "trabalho doméstico" para reexaminar a sociedade salarial (FOUGEROLLAS-SCHWEBEL, 1998), mas para expressá-la em termos de "dupla jornada", "acumulação" ou "conciliação de tarefas", como uma espécie de rotina complementar ao emprego externo, um apêndice do trabalho das mulheres modernas. Como resultado, o movimento de deslocamento centrou-se nestes últimos sobre as desigualdades trabalhistas, salariais, empregos em tempo parcial, por exemplo, e no acesso político, ampliando os debates sobre cidadania, requisitos recíprocos e equidade. Por sua vez, o debate sobre as relações sociais (de gênero) tem sido amplamente ignorado.

A relação social de gênero e a divisão sexual do trabalho são expressões indissociáveis que formam um sistema epistemológico, Kergoat (2009) aponta algumas possíveis características: a primeira é sobre como a relação entre os grupos assim definidos é oposta; segundo ressalta as diferenças entre as atividades masculinas e femininas é a construção social, não por causalidade biológica; em terceiro, ressalta que a construção social tem uma base material, não só ideológica. Em outras palavras, se você romper com a divisão específica do trabalho, "mudanças ideológicas" nunca acontecerão espontaneamente, e em última elucidação, sobre as relações sociais serem primeiramente baseadas na relação hierárquica entre os sexos; isso é dominação através das relações de poder.

Denuncia que é um verdadeiro desafio político estabelecer indicadores confiáveis para medir a igualdade/desigualdade ocupacional (profissional) entre homens e mulheres, que possa expressar uma descrição da realidade e refletir sobre o processo usado pela sociedade para distinguir entre essas atividades hierarquizadas de forma interseccional, logo, tornam-se fundamentais os esforços para compreender historicamente como se constituem as relações sociais nas instituições e na legislação, como por exemplo na família, no trabalho, no código civil e nas práticas das grandes instituições corporativas, e essas dinâmicas tem como função concretizar e legitimar o estado das relações de poder entre os grupos em um determinado momento (SCOTT, 1990).

Essa materialidade/consubstancialidade das relações sociais nos permite compreender a tensões na divisão do trabalho por gênero que afetam a divisão do trabalho de forma contemporânea. Kergoat (1998) contribui com duas reflexões, uma sobre ter em vista a instabilidade e flexibilidade do emprego, o surgimento e desenvolvimento do "nomadismo sexual", mulheres nômades no tempo (o grande aumento no trabalho a tempo parcial está geralmente relacionado à concentração das horas de trabalho interno (casa) e externo (corporativo, por exemplo), e outra, sobre as atividades nômades dos homens no espaço (trabalhadores temporários, canteiros de obras e instalações nucleares para trabalhadores, reprodução de gerentes seniores na Europa e no mundo, entre outros). Dessa forma, podemos ver a divisão de gênero do trabalho e como a flexibilidade correspondente pode fortalecer as formas mais estereotipadas de relações de gênero.

A dualização do emprego feminino ilustra a interseção das relações sociais. Desde o início dos anos 1980, vimos que o aumento do capital

econômico, cultural e social fez com que algumas mulheres ativas não fossem ignoradas. Portanto, pela primeira vez na história do capitalismo, vimos uma camada de mulheres cujos interesses diretos (em vez de serem mediados pelos homens como antes: pais, esposos, etc.) estão diretamente relacionados àqueles cobertos pelo sistema de tempo parcial. Os interesses das pessoas se opõem. Portanto, é impossível isolar os empregos ou ocupações das mulheres. Ao contrário, ela serve como o elemento explicativo central do gênero e funciona simultaneamente com a evolução do gênero, da classe e das relações, assim como o crescimento da família, das formas sociais e de suas reconfigurações, sobretudo de gênero, o enquadramento legal, ou a forma de personagem, a evolução da forma pai-filho / mãe-filho se envereda pelo interseccional.

Para Danièle Kergoat e Helena Hirata (2007), o conceito de divisão sexual do trabalho tem uma longa história. Primeiro, é necessário resolver a origem deste conceito no contexto francês e citar a pesquisa afirmando isso. Ter sua própria definição conceitual é essencial para analisar a evolução atual da divisão do trabalho por gênero. Através de pesquisa mais precisa, pode ser provado que o modelo organiza a relação entre a família e campo profissional. Portanto, um novo modelo, o modelo de "delegação", surgiu para tirar conclusões através da análise crítica da "reconciliação" de tarefas.

Ao repensar a "opressão", como explicou Kergoat (2009), o movimento feminista coletivamente "provou" que as mulheres fizeram muito trabalho sem compensação e que esse trabalho é intangível e não foi feito para elas. Mesmo, mas para os outros, sempre em nome da natureza, do amor e da maternidade.

Gradualmente, o trabalho doméstico passou a ser classificado como "atividades laborais" e ao mesmo tempo como "trabalho profissional", combinando assim as atividades profissionais desenvolvidas nos dois ambientes. Desta forma, a "divisão do trabalho por gênero" é analisada novamente. Essa nova forma de pensar sobre o trabalho tem muitas consequências. Por um certo efeito bumerangue, depois que a "família" se desintegrou e ressurgiu na forma de entidades naturais, biológicas, ela apareceu principalmente como local de trabalho, foi a vez desse período destruir o campo do trabalho remunerado. Até então girava em torno do trabalho produtivo e da figura dos homens brancos e qualificados. Os movimentos reivindicando equidade tem promovido uma divisão de gênero do trabalho para repensar as obras e suas categorias, formas históricas e

geográficas. Essas reflexões levam a dúvidas fundamentais sobre a sociologia da família e o paradigma funcionalista como fundamento.

Para Hirata e Kergoat (2005), na sociologia do trabalho, permitiram a restauração de conceitos e práticas, como qualificações, produtividade, autonomia e mobilidade social nas novas relações de serviços, trabalho de *care*, o acesso das mulheres a executivos seniores, comportamento sexual, a relação entre as políticas de emprego e as políticas familiares, etc. Ainda em Kergoat (2009), a ideia de complementaridade de gênero está inserida na tradição funcionalista de complementaridade de papéis. Refere-se à conceituação de “vínculos sociais” por meio do conteúdo dos conceitos (solidariedade orgânica, reconciliação, coordenação, parceria, especialização e divisão do trabalho). O método da “complementaridade” é consistente com a ideia de dividir o trabalho profissional e o trabalho doméstico entre homens e mulheres e dividir os tipos e métodos de trabalho no trabalho profissional (para reproduzir os papéis de gênero) e aparece de maneiras diferentes. Kergoat (2010) cita o “modelo de reconciliação” de Jacqueline Laufer (1995) que acredita que as mulheres, são responsáveis pela coordenação da vida familiar e profissional.

(...) ele visa articular as atividades familiares e domésticas com a vida profissional. É uma condição necessária da igualdade de oportunidades entre mulheres e homens, em particular no âmbito profissional [...]. Uma eventual recomposição e uma nova divisão de papéis se realizariam, assim, não mais em detrimento das mulheres, mas em benefício comum de homens e mulheres. (LAUFER, 1995, p. 164, apud Kergoat 2010)

Portanto, a reconciliação depende inteiramente das mulheres. Alguns pesquisadores sugerem o uso de "reconciliação" ou mesmo "expressão verbal" em vez de "conflito", "tensão" e "contradição" para enfatizar a natureza contraditória fundamental de atribuir simultaneamente responsabilidades profissionais e familiares às mulheres. Surgiu um novo modelo: o "modelo de agente", protagonista. Este modelo é mais importante e até se sobrepõe ao "modelo de reconciliação" e à "vida familiar / profissional". Kergoat (2009) acredita que o surgimento desse modelo se deve à polarização do emprego feminino (HAKIM, 1996) e ao crescimento das ocupações seniores e das categorias da alta administração. Eles têm a necessidade e os meios para delegar tarefas familiares e familiares a outras mulheres. É nos países capitalistas ocidentais, sejam eles

desenvolvidos, semi-industrializados e em desenvolvimento, como o Brasil (SORJ, 2004), que a expansão dos empregos no setor de serviços dá uma nova dimensão à oposição entre responsabilidades familiares e responsabilidades profissionais. Entre os principais obstáculos estão a falta de equipamentos coletivos, a falta de políticas públicas que estimulem o trabalho das mulheres em tempo integral, a existência, ao contrário, de políticas que estimulam a inatividade das esposas e sua volta ao trabalho em tempo parcial (HIRATA, 2009).

Desses pontos de vista, o conceito adequado à perspectiva da experiência individual da posição que as mulheres são colocadas, socio-político e culturalmente, dá lugar ao conceito de perspectiva adequada às relações de experiência da tríade, gênero, raça e classe, o que torna o conceito de "conhecimento situado" mais complicado porque, por exemplo, a posição de poder nas relações de classe e gênero, raça e relações de gênero dependem de cada uma dessas marcações, pois é estrutural, conforme à seguir.

### **1.9. Epistemologias feministas**

Segundo Zanolli (2017) a epistemologia feminista tem estudado a terminologia da composição de gênero, e deve propor nosso conceito de conhecimento, sujeito de conhecimento e métodos de investigação e defesa. Eles determinaram a atribuição do conceito, aprenderam e provaram os conceitos dominantes e formas de aplicar as opiniões das mulheres e outros círculos subordinados de forma sistemática e trabalharam duro para reformar esses entendimentos e práticas para servir aos interesses desses grupos. A *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* <sup>26</sup> descreve as maneiras pelas quais essas desvantagens surgem:

(1) excluindo-as da investigação, (2) negando-lhes a autoridade epistêmica, (3) deteriorando seus estilos cognitivos e modos de conhecimento "femininos", (4) produzindo teorias de mulheres que as representam como inferiores, desviantes ou significativas apenas enquanto servem a interesses masculinos, (5) produzindo teorias de fenômenos sociais que tornam invisíveis as atividades e interesses das mulheres ou relações de poder de gênero e (6) produzindo conhecimento (C&T) que não é útil para pessoas em posições subordinadas, ou que reforcem

---

<sup>26</sup> Disponível em: <https://plato.stanford.edu/> / Acesso: 27/06/2019.

hierarquias de gênero e sociais.(tradução própria, Stanford Encyclopedia of Philosophy)

A epistemologia feminista, como descrita acima é uma adaptação das orientações filosóficas existentes, levando em consideração que os indivíduos envolvidos na geração de discernimento devem expressar opiniões sobre o conhecimento para investigar se e como pensam que suas práticas feministas são diferentes das práticas convencionais. Pessoas que refletem sobre sua própria prática para esse fim têm uma visão sobre os aspectos morais da prática de pesquisa, sobre o desenvolvimento do respeito mútuo entre pesquisadores, sobre a cooperação mútua em detrimento da competição entre acadêmicos e sobre o respeito e os laços afetivos. Algo para dizer para fins de pesquisa, sobre a questão da responsabilidade acadêmica (LONGUINO; LENNON, 1997).

A origem da teoria ponto de vista ou teoria do horizonte pode ser rastreada até os anos 1970 e 1980. É uma crítica feminista da relação entre a geração de entendimento e a prática do poder. Devido às características políticas do movimento feminista e à prática de não integrar a política ao conhecimento científico, a teoria da perspectiva parece ser uma forma de explicar o surgimento desses estudos feministas. Eles desafiaram a intuição tradicional de ciência e tecnologia e se prometeram não apenas como uma teoria explicativa, mas também como um método ou teoria do método como uma teoria prescritiva (HARDING, 2004).

As histórias das ciências podem ser eficazmente contadas como histórias das tecnologias. Essas tecnologias são modos de vida, ordens sociais, práticas de visualização. Tecnologias são práticas habilidosas: Como ver? De onde ver? Quais os limites da visão? Ver para quê? Ver com quem? Quem deve ter mais de um ponto de vista? Nos olhos de quem se joga areia? Qual outro poder sensorial desejamos cultivar, além da visão? (HARAWAY, 1995, p. 28)

Este discurso apresenta as suposições de opiniões que evoluíram a partir de afirmações que onde vemos e falamos, isto é, opiniões que estabelecem nossa visão do mundo e nossa fala, opiniões são relevantes e tem motivos quando no campo da análise científica / técnica e não pode ser separado de sua história e visão de mundo. Mesmo que esses fatores não sejam conhecidos, eles se tornam invisíveis e ainda aparecem no uso e no desenvolvimento tecnológico e científico.

Aos olhos de Spivak, questionar o status dos pesquisadores “ainda não tem sentido para muitas críticas recentes às questões de soberania” (2010, apud Zanolli, 2017), e o ocidente continua a usar isso como referência. O ponto aqui é sobre o pensamento decolonial x pensamento dos eurocentristas e colonos sobre a ciência. Zanolli (2017) traz reflexão sobre a tecnologia e o porque a eliminação das motivações subjetivas e emocionais relacionadas à construção do conhecimento teórico também se estabelece na estrutura técnica. Em “*Can Sideline Speak?*” Spivak (2010) acredita que os subordinados são sempre representados por outros sujeitos não subordinados e, mesmo que tente falar, não será compreendido porque não usa a linguagem e não estará na mesma posição do interlocutor.

No caso acima, a subordinada é uma índia que, apesar de oprimida, sua voz não foi reconhecida. Spivak (2010) apontou que a construção do indivíduo soberano não inclui outras mudanças de discurso. Ela ressaltou que os intelectuais devem “tentar revelar e compreender o discurso dos outros na sociedade”. Posteriormente, retornaremos a essa questão por meio de bell hook<sup>27</sup> (1989) e Haraway (2000). Além disso, a teoria do ponto de vista, aqui chamada de “epistemologia feminina”, permite que os sulbateros, conforme Spivak (2010), expliquem a natureza e as relações sociais, caso contrário, não poderão obter recursos valiosos dos movimentos de justiça social (HARDING, 2004).

Haraway (2000) e Harding (2004) discutem como a teoria da epistemologia feminina e o cotidiano podem desencadear debates políticos, filosóficos e científicos. Mas como essas diferentes formas de opressão se tornam recursos políticos e científicos? Harding (2004) tentou resolver esse problema afirmando o seguinte:

Cada grupo oprimido pode aprender a identificar suas oportunidades distintas para transformar uma característica opressiva das condições do grupo em uma fonte de insight crítico sobre como a sociedade dominante pensa e está estruturada. Assim, as teorias de pontos de posição mostram como uma desvantagem social e política pode ser transformada em uma vantagem epistemológica, científica e política. (tradução própria, HARDING, 2004, p. 03)

---

<sup>27</sup> O nome bell hooks, por se tratar de um codinome, referencia-se em letras minúsculas. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Bell\\_hooks](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bell_hooks) / Acesso: 02/11/2019.

Então, "porque grupos diferentes são oprimidos de maneiras diferentes, é possível (ao invés de deterministicamente) para todos desenvolverem conhecimentos diferentes sobre o sistema geral de relações sociais caracterizado por sua opressão" (ibid, 2004, p. 03) e amplia enfatizando a história do feminismo de associação no movimento de liberdade burguesa, projetos de discriminação racial e étnica, compreensão das normas heterossexuais e outros "luxos" teóricos disponíveis em mulheres dominantes. Aponta o conservadorismo de que movimentos, grupos ou coletivos feministas podem existir e apareceram na história, mas também aponta que não é realista definir feminismo sem utilizar-se do plural.

A diversidade é a sua marca e a riqueza em primeiro lugar. O que se cruza com o feminismo diversificado é a questão do trabalho de *care*, que será ampliado adiante. De uma perspectiva histórica, as mulheres são consideradas cuidadoras naturais, como se o comportamento de cuidar ao se tornar uma mulher fosse interior e natural, diante do exposto, Zanolli (2017) provoca sobre ignorar a construção social que as mulheres tendem a cuidar e incentivar os homens a se envolverem em trabalhos socialmente mais valiosos, convocando reflexões sobre a "ética de care" e sua execução. Assunto que ganhará maior explanação ao desenvolver do próximo capítulo.

### **1.10. Reconfigurações das relações (no digital)**

Em um ensaio publicado por Braga (2011), pôde-se demonstrar a apresentação de elementos com o escopo de discutir a reconfiguração das relações sociais a partir da emergência das chamadas "novas mídias", em particular as "redes sociais", como por exemplo, *Orkut, Facebook e Twitter*, onde foram explorados elementos de representação, com fulcro na "noção simmeliana", como *self*, tensão entre sociabilidade e conflito, dos processos de legitimação simbólica e dos sentidos da amizade nestes contextos.

Seguindo o raciocínio, Braga (2011, p. 2) cita Thamus, rei de uma grande cidade do alto Egito, que argumentou que "o descobridor de uma arte não é o melhor juiz para avaliar o bem ou dano que ela causará naqueles que a pratiquem". Em se tratando da escrita, por exemplo, Thamus expusera que

produziria o oposto, pois aqueles que escrevessem iriam parar de exercitar a memória e tornar-se-iam esquecidos. A tecnologia de comunicação promove mudanças na vida das pessoas que interagem com ela. Segundo Postman (1994), o universo da televisão tem ênfase na fantasia, na narrativa, na presença, na simultaneidade, na intimidade, na satisfação imediata e na resposta emocional. Faz-se necessário uma negociação e compreensão entre cultura e tecnologia. Um simples apertar de botão, um jogo de videogame ou, até mesmo, uma conferência em *chat* em várias janelas, consideradas irrelevantes nos tempos atuais, poderão ser fundamentais para uma vida em sociedade num futuro próximo. A invenção do computador com acesso à *Internet*, por exemplo, gerou efeitos que podem ser examinados na sociedade contemporânea.

Conforme Braga (2011), a mídia, ao promover a interatividade entre participantes, de uma forma global, ampliou a participação do público nos meios de comunicação. Tornaram-se obsoletas, por exemplo, as funções do telefone, do fax, da máquina de escrever, do pincel, do papel, do *compact disc*, dentre outros. O *e-mail*, por exemplo, substituiu, em muitas vezes, a carta escrita. Revitalizou o telefone celular com o desenvolvimento do WAP – Wireless Application Protocol (HORROCKS, 2001 apud Braga, 2011. p. 03). É, de certa forma, responsável pela mudança da concepção de realidade; relacionamento entre ricos e pobres; a idealização da “verdade”, “felicidade”, “organização política” e “cidadania”.

(...)Desde a criação de interfaces simplificadas para veiculação de conteúdos on-line, os ambientes de Internet passaram a ser largamente utilizados por usuários/as não especializados/as como meio de expressão individual e coletiva, operando como um espaço social para apresentações do *self*, onde são veiculadas representações de identidade e de individualidade, em uma dinâmica análoga ao que Goffman (1998) denomina “gerenciamento da impressão” (*impression management*). (BRAGA, 2011, p. 03).

Os indivíduos se associam a compartilhar de interesses e necessidades que indicam aspectos particulares, o que vai além do que se reivindica, pois o fato de pertencimento ao coletivo, como sociados, promove satisfação nos integrantes, como valor simbólico em si. O modo pelo qual ocorre o processo de sociação é contemplado pelo valor estético social; desta forma, a sociabilidade (SIMMEL, 1983, apud Braga, 20010, p. 03) tem um papel de intermediação para evitar atritos na realidade, sendo indiferente os argumentos da sociação na vida prática.

Goffman (1998) desenvolve ponto similar, ao considerar que a interação social cotidiana, em sua maior parte, ocorre pelo interesse em comum e voluntário dos membros participantes, o que é denominada de “consenso operacional”, funcionando como um modo de acordo, em que os integrantes abdicam das posições pessoais, em função de uma solução que corresponda o coletivo e que possa ser compartilhada entre os participantes.

De acordo com a pesquisadora Braga (2005), os espaços virtuais, os quais, ela chama de “ambientes digitais” também possuem interações caracterizadas diferenciadas daquelas que aparecem na sociabilidade convencional, observando a possibilidade da insurgência do conflito como outra forma de socialização, trazendo a importância da ampliação de Simmel (1983) sobre o olhar sociológico do conflito:

O significado sociológico do conflito (*Kampf*), em princípio, nunca foi contestado. Conflito é admitido por causar ou modificar grupos de interesse, unificações, organizações. Por outro lado, pode parecer paradoxal na visão comum se alguém pergunta se independentemente de quaisquer fenômenos que resultam de condenar ou que a acompanham, o conflito é uma forma de socialização (SIMMEL, 1964, apud Braga, 2005, p. 02).

Para Adriana Braga (2011), por meio dos pontos referentes, no que tange a sociabilidade, Simmel (1983) sinaliza também a condição democrática, como um modo de troca de valores sociais entre os participantes, deslocando o caráter pessoal de satisfação através do coletivo, onde se cria um mundo sociológico ideal (SIMMEL, 1983), e esse modo de interação tem um campo finito de significação (SCHUTZ, 1962), surge através da mediação dos computadores, como uma espécie de ferramenta comunicacional, se distanciando de proposições sérias e focais.

Pensando sobre os coletivos, que sofreram alterações e atualizações por conta da emergência das novas tecnologias, Braga (2011, p. 04) cita o filósofo alemão Fichte (1973), trazendo à luz que “uma comunidade é “um grupo territorial de indivíduos com relações recíprocas, que se servem de meios comuns para lograr fins comuns”, com a possibilidade de criar associações interacionais entre pessoas de várias partes do mundo com comuns interesses, a internet, como ambiente desterritorializado, com características específicas, sendo essas “comunidades virtuais” um espaço de acolhimento pela equivalência dos interesses, respeitando o controle social dos integrantes e dos administradores. A

Internet complementa os demais meios de comunicação antecessores, ao passo que pessoas as utilizam se articulando através da convergência, como o telefone celular com câmera fotográfica e imagem face a face, além de troca de mensagens instantâneas, como o whatsapp, por exemplo. E essas mídias redefinem e ressignificam o modo social do cotidiano inserido dentro das práticas da sociedade, propiciando um universo de trocas e pesquisas que passaram a ganhar força dentro das relações sociais, conforme iremos ampliar à diante.

### **1.11. Quem são as mulheres do Brasil contemporâneo? – Alguns dados**

A grande presença de meninas e mulheres jovens em escolas e universidades, nos lembram que as mulheres podem receber educação e se envolver em qualquer atividade, como por exemplo, medicas, taxistas, prefeitas, senadoras e ministras, entre outras. Além disso, no Brasil parece haver uma lacuna enorme da desigualdade entre homens e mulheres.

No entanto, uma rápida olhada em alguns indicadores no Brasil mostra que a desigualdade entre homens e mulheres está longe de ser alcançada. Em média, as mulheres têm mais tempo de estudo do que os homens. De acordo com o censo escolar de 2005<sup>28</sup>, as meninas representavam mais da metade dos concluintes do ensino fundamental e médio. No nível superior, a diferença é ainda maior. No entanto, o aumento da escolaridade feminina ainda não se refletiu em remuneração igual no trabalho, e a situação das mulheres negras é ainda pior. Em média, as mulheres brancas ganham 40% menos com o mesmo trabalho do que os homens. E as mulheres negras são 60% menos.

Quando consideramos o tempo necessário para cuidar da casa e dos filhos, percebemos que, no Brasil, as mulheres que trabalham fora não só ganham menos que os homens, mas também trabalham mais horas do que eles. Isso ocorre porque geralmente não há uma distribuição justa do trabalho doméstico. Em 2001, a Fundação Perseu Abramo<sup>29</sup> realizou a pesquisa "Mulheres Brasileiras no Espaço Público e Privado", que realizou 2.502 entrevistas em todo o Brasil. Os resultados deste estudo mostram que mesmo que também trabalhem em casa, 96% das

---

<sup>28</sup> Disponível em: [http://inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-amplia-consulta-aos-dados-do-censo-escolar-2005/21206/](http://inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-amplia-consulta-aos-dados-do-censo-escolar-2005/21206/) Acesso: 07/12/2019.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://fpabramo.org.br/> Acesso: 12/06/2016.

entrevistas também cuidam do trabalho doméstico e dos filhos. No caso de compartilhar o trabalho doméstico com outras pessoas, em quase metade dos casos, eles compartilhavam o trabalho doméstico com outra mulher (geralmente uma mãe ou filha). Se além de considerar as diferenças de salários e jornadas de trabalho, se levarmos em conta também a violência sofrida pelas mulheres brasileiras, a desigualdade se tornará ainda mais crítica.

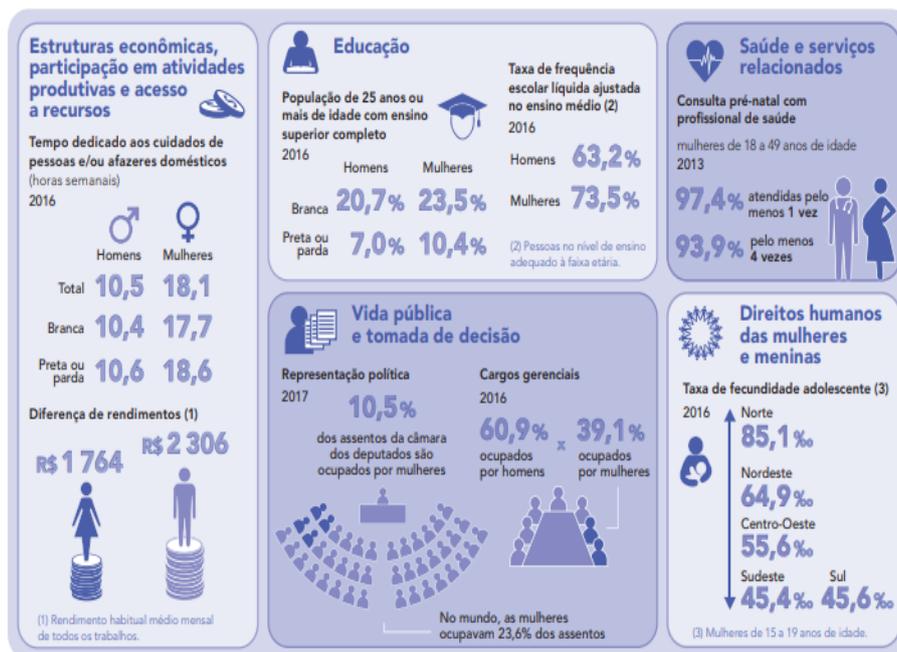
São muitos os atravessamentos, como podemos constatar através das análises sobre os gráficos baseados nos dados de pesquisas realizadas pelo IBGE, no ano de 2016 e atualizada em 2018<sup>30</sup>, esses indicadores fornecem informações sobre o número médio de horas semanais gastas em cuidados e / ou trabalho doméstico, discriminado por gênero, idade e localização geográfica, e também fornece informações sobre o monitoramento sobre a igualdade/equidade de gênero sobre a visibilidade também do trabalho não remunerado (principalmente realizado por mulheres, os chamados “trabalhos domésticos”). No Brasil, as mulheres investiram 73% a mais em cuidados e / ou trabalhos domésticos do que os homens em 2016 (18,1 horas: 10,5 horas). Quando discriminado por região, parece que a maior desigualdade no tempo alocado a essas atividades está no Nordeste, onde as mulheres gastam 80% mais tempo do que os homens, chegando a 19 horas semanais. A análise por cor da pele ou etnia indica que as mulheres negras ou pardas são as que mais se dedicam ao cuidado das pessoas e / ou ao trabalho doméstico. O recorde de 2016 foi de 18,6 horas semanais, conforme gráficos figuras 1 e 2:

Figura 1. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

(\*) No tópico Cargos gerenciais, o percentual desses cargos ocupados por homens estava contabilizado em 62,2%, enquanto as mulheres ocupavam 37,8%. Com a alteração no indicador, os valores passaram a 60,9% e 39,1%, respectivamente.

---

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> / Acesso: 03/08/2019.

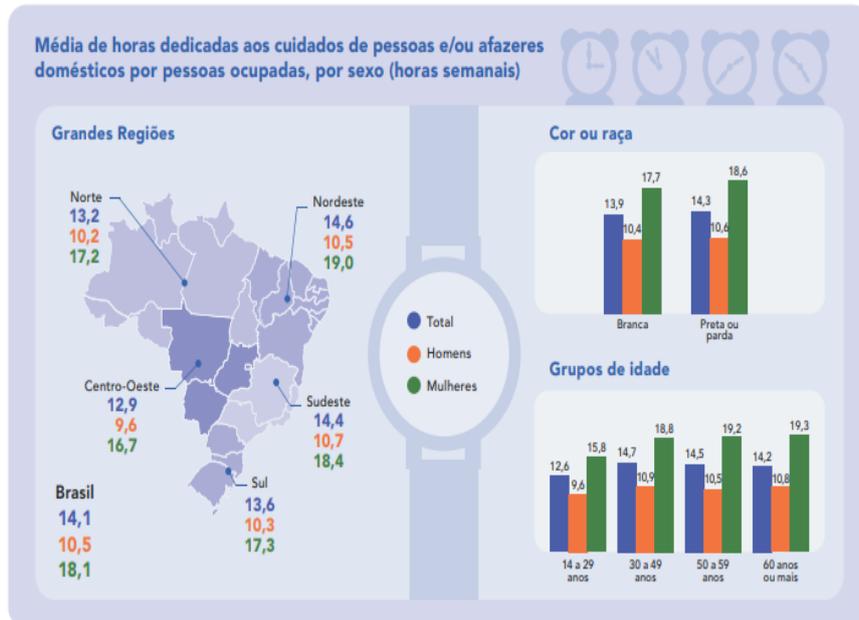


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais.

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Figura 2. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

(\* ) Tempo gasto em afazeres domésticos



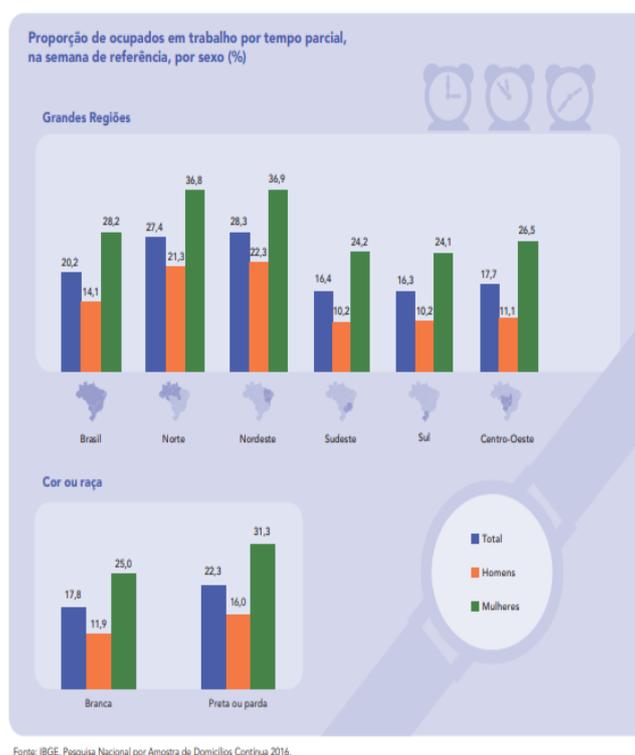
Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Observa-se que o indicador tem pouca alteração para os homens quando se considera a cor da pele, raça ou área residencial. Embora tenha havido tantas mudanças sociais de uma perspectiva de gênero no último século (participação das mulheres no mercado de trabalho, aumento da educação, diminuição da taxa

de fertilidade, disseminação de métodos anticoncepcionais e disseminação de informações), as mulheres continuam se atreladas as tarefas domésticas. No entanto, o problema da carga de trabalho parece ser o fator fundamental da diferença na inserção ocupacional entre homens e mulheres determinada pela divisão sexual do trabalho. As mulheres que precisam conciliar o trabalho remunerado com o doméstico e os cuidados para com filhos (as) e idosos (as), em muitos casos, acabam em empregos com jornada reduzida. O indicador de trabalhadores em tempo parcial por sexo mostra que, em comparação com os homens, a proporção de mulheres que trabalham em tempo parcial é a mais elevada, atingindo 30 horas. Na decomposição espacial, conclui-se novamente que a desigualdade regional é evidente, e mais mulheres em tempo parcial estão concentradas nas regiões Norte e Nordeste, dados trabalhados no gráfico figura 3:

Figura 3. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018  
(\* ) Trabalho em tempo parcial



Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

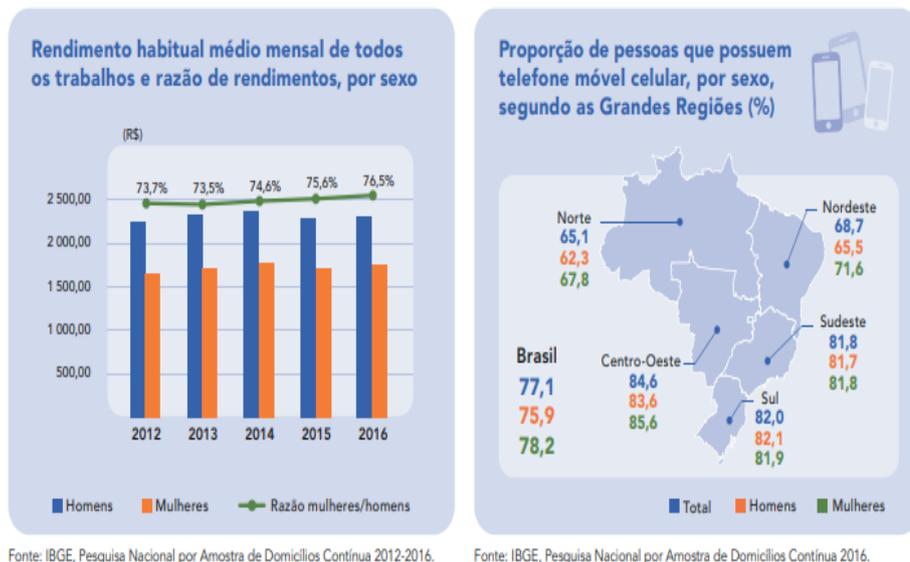
O aumento da desigualdade de gênero é evidente porque o indicador é dividido por cor da pele ou raça. Nesta seção, os dados de 2016 mostram que as mulheres negras ou pardas exercem empregos de meio período, respondendo por

31,3% do total, enquanto em 2016, 25,0% das mulheres brancas são autossuficientes. Entre os homens, apenas 11,9% dos brancos trabalham meio período, enquanto a proporção de negros ou pardos é de 16,0%. Em relação à renda média do trabalho, as mulheres continuam recebendo  $\frac{3}{4}$  da renda dos homens. A razão para este resultado é a natureza do trabalho que as mulheres realizam, com a maior proporção de empregos de meio período. A proporção de controlar a diferença horária tornou-se 86,7% em 2016. De acordo com um grande número de documentos e indicadores sobre a desigualdade na inserção ocupacional das mulheres, a existência de longo prazo dessa desigualdade, mesmo em um nível baixo, pode estar relacionada à segregação ocupacional das mulheres e à discriminação no mercado de trabalho. Nessa comparação, os resultados por nível de escolaridade mostram que a disparidade de renda na categoria de ensino superior é maior, sendo que em 2016 a disparidade de renda das mulheres era 63,4% maior do que a dos homens, conforme Nações Unidas baseando-se sobre as metas de desenvolvimento sustentável, definida pelo Ministério das Relações Exteriores de Brasília, traduzido pelo Centro de Informação das Nações Unidas no Brasil-Rio Press Center, e revisado pela Coordenação Geral de Desenvolvimento Sustentável, Ministério das Relações Exteriores (MARUANI, M; HIRATA, H, 2003).

Ao analisar o grau de autonomia das mulheres, a desigualdade de gênero pode ser determinada medindo a aquisição e o uso de novas tecnologias por homens e mulheres com base na proporção da população que usa telefones celulares (por gênero), de acordo ao gráfico figura 4:

Figura 4. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

(\*) Renda habitacional x Proporções de pessoas que possuem celular, por região e sexo.



Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Em relação à igualdade de gênero, este indicador usa o mesmo método de cálculo da meta de monitoramento: “Aumentar o uso de tecnologias básicas, especialmente o uso de tecnologias de informação e comunicação, para potencializar o empoderamento das mulheres”. Vários indicadores confirmam a tendência geral de aumento da escolaridade das mulheres na educação, embora a estrutura ocupacional de homens e mulheres ainda seja muito desigual. De acordo com os dados contínuos da PNAD 2016, não há diferença entre homens e mulheres no recebimento da educação básica, pois a taxa de matrícula na faixa etária de 6 a 14 anos é universal. Nesse sentido, a posse de telefones celulares está intimamente relacionada ao crescimento da autorização e da produtividade. Os resultados da lista de 2016 mostram que a proporção de homens e mulheres que usam dispositivos móveis celulares no Brasil é próxima, e as mulheres um pouco mais. Divididos por regiões, a maior proporção de celulares está nas regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste, com mais de 80%. A proporção no Nordeste e no Norte é menor. Exceto no Sul, há mais mulheres do que homens nesse aspecto.

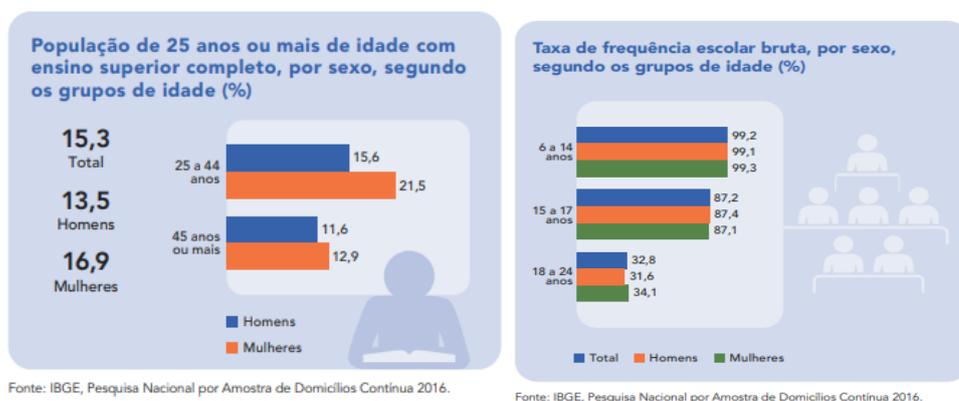
O lento processo de mudança do padrão cultural de gênero é uma barreira tradicional para as mulheres entrarem no mercado de trabalho, diminuiu a taxa de fertilidade e melhorou continuamente os níveis de educação das mulheres nas últimas três décadas. Vários indicadores confirmam a tendência geral de aumento da escolaridade das mulheres, embora a estrutura ocupacional de homens

e mulheres ainda seja muito desigual. Esse dispositivo (educação) proporciona às mulheres certo grau de independência e autonomia.

Ao analisar os indicadores que medem o atraso escolar e o nível de educação da população adulta, fica claro que as vantagens educacionais das mulheres podem ser percebidas. Uma forma de medir o atraso escolar é baseada na taxa líquida ajustada de matrícula. Este indicador mede o número de matrículas da população total da mesma faixa etária adequada ao nível de escolaridade dessa faixa etária, incluindo o número de pessoas que concluíram esse nível. Portanto, o indicador mostra o percentual da população que atrasou a frequência escolar por evasão. Segundo dados contínuos da PNAD, em 2016, a taxa líquida ajustada de escolarização dos homens de 15 a 17 anos era de 63,2%, 10,3 pontos percentuais menor que a das mulheres (73,5%). Este indicador pode ser complementado (ou seja, alunos que estão fora do nível de educação adequado) para medir o atraso na admissão, facilmente observável no gráfico figura 5:

Figura 5. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

(\*) Pessoas com ensino superior e frequência escolar



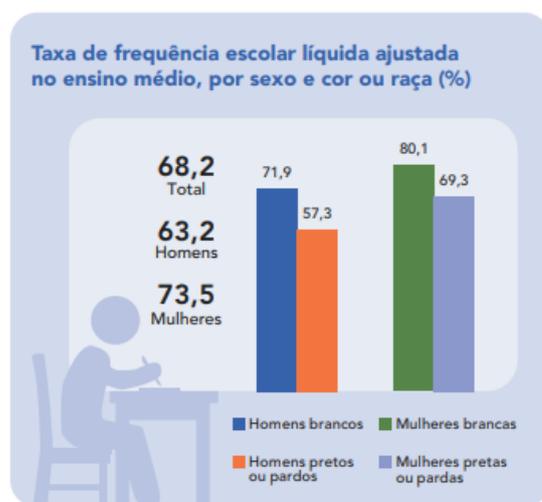
Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Do ponto de vista da cor da pele ou raça, há considerável desigualdade entre as mulheres, fazendo com que mulheres negras ou pardas entre 15 e 17 anos se atrasem para a escola em 30,7% dos casos, enquanto 19,9% das brancas nessa faixa etária na mesma situação. Porém, a maior diferença encontrada complementar a esse indicador foi a diferença entre mulheres brancas e homens negros ou pardos, pois o atraso (42,7%) foi mais do que o dobro do atraso (19,9%) nesse período. Por causa dessa trajetória escolar desigual, que está relacionada aos papéis de gênero e à entrada precoce dos homens no mercado de trabalho, o nível

médio de educação das mulheres é superior ao dos homens. A maior diferença de gênero é o nível de “ensino superior completo”, principalmente entre os jovens de 25 a 44 anos, a proporção de homens que concluíram a graduação é de 15,6%, e a proporção de mulheres é de 21,5%, sendo 37,9% superior aos homens. %, conforme demonstrado no gráfico figura 6:

Figura 6. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

(\*) Taxa de frequência escolar no ensino médio



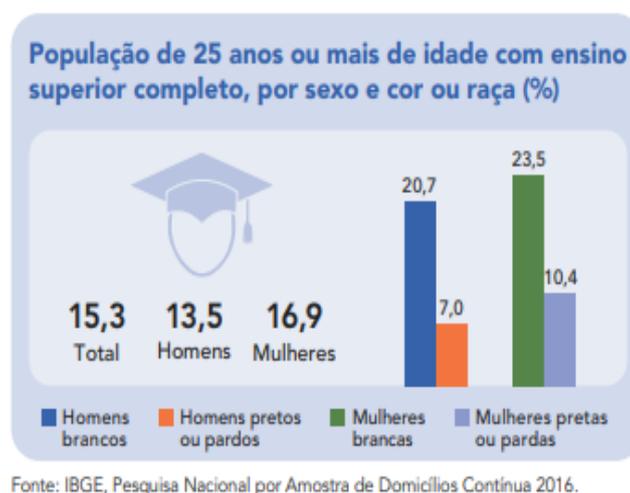
Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Da mesma forma, as mulheres têm desigualdades na cor da pele ou raça. A proporção de mulheres brancas com ensino superior é mais do que o dobro de mulheres negras ou pardas, ou 2,3 vezes maior. A comparação com os homens pretos ou pardos mostra uma situação mais injusta: a proporção de mulheres brancas com nível superior é mais de três vezes maior que a de homens pretos ou pardos. Os homens menos educados aumentam a desigualdade em termos de cor ou raça, tornando os homens negros ou pardos o grupo menos educado. Em suma, os resultados mostram que há em média mais mulheres do que homens nos indicadores educacionais analisados. No entanto, existe considerável desigualdade entre mulheres brancas e pretas ou pardas, indicando que a cor da pele ou raça é o principal fator de desvantagem educacional, mesmo entre as mulheres que mais se beneficiam com o aumento da escolaridade: brancas e negras ou pardas. A diferença entre tentar concluir o ensino superior ainda é superior a 10 pontos percentuais. Independentemente de as mulheres obterem em média os melhores

resultados educacionais, ainda não alcançaram resultados proporcionais às suas qualificações no mercado de trabalho (ver o tópico Estrutura Econômica, Participação em Atividades Produtivas e Acesso a Recursos), de acordo ao gráfico figura 7:

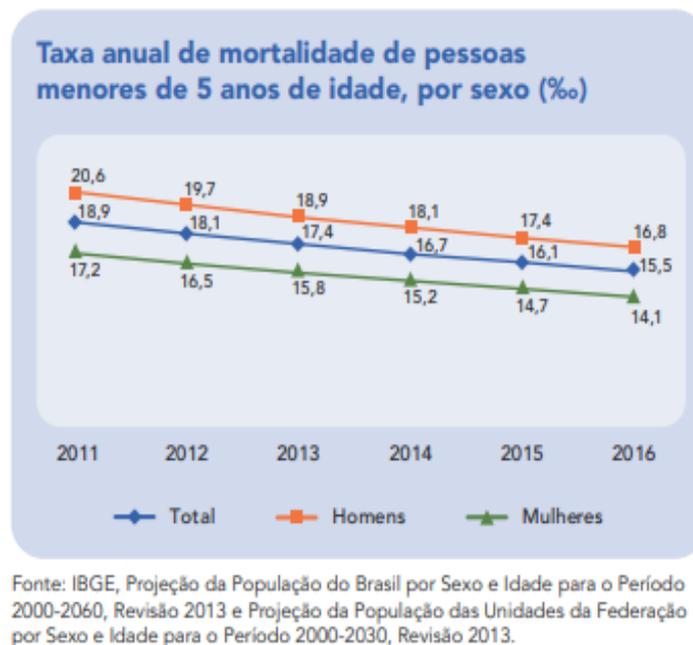
Figura 7. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018  
(\* ) Formação superior



Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Os indicadores de saúde e serviços relacionados do CMIG são elaborados para ajudar a reduzir a desigualdade de gênero, o impacto das normas e expectativas sobre a saúde de homens e mulheres e garantir uma vida saudável e bem-estar para todos. São indicadores que consideram a vida da mulher desde o nascimento até a velhice, com atenção especial às mulheres em idade reprodutiva. Entre 2011 e 2016, a taxa de mortalidade anual do Brasil para crianças menores de 5 anos diminuiu, indicando uma melhoria na saúde das crianças pequenas. Essa redução foi observada tanto em meninos quanto em meninas e, entre as meninas, a taxa caiu de 17,2 para 14,1 por 1.000 nascidos vivos. A taxa de mortalidade de menores de 5 anos também é um dos indicadores da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, uma das metas da agenda é eliminar as mortes evitáveis de crianças nessa faixa etária. Vale ressaltar que o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) determinou em 2015 que 45% das mortes mundiais de crianças menores de 5 anos ocorreram no período neonatal, que é o 27º dia de vida, vejamos no gráfico figura 8:

Figura 8. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018  
(\* ) Taxa de mortalidade

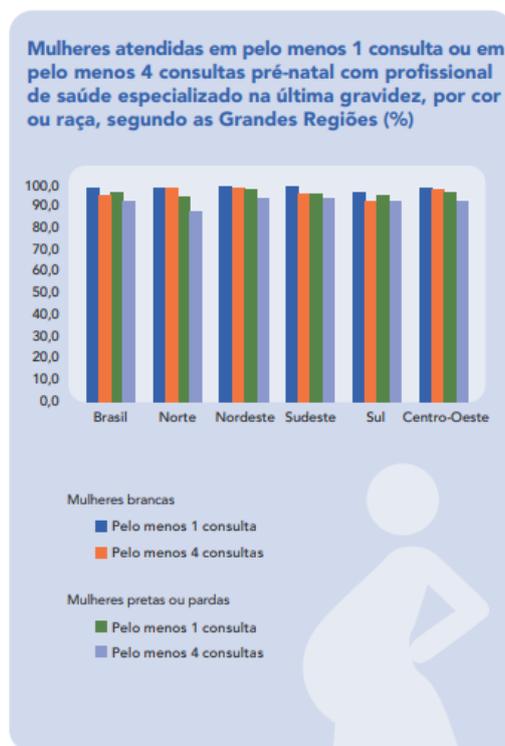


Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Portanto, a “Pesquisa Nacional de Saúde-PNS 2013” constatou que 99% dos partos de mulheres de 18 a 49 anos no Brasil ocorreram entre 28 de julho de 2011 e 27 de julho de 2013, por meio de assistência médica especializada cuidados de saúde. Este indicador também faz parte da Agenda 2030 no âmbito do monitoramento da meta de redução da mortalidade materna global. Para as mulheres em idade fértil, o estudo se soma ao parto, à gravidez e ao uso de métodos anticoncepcionais. A PNS 2013 revelou que 97,4% das mulheres entre 18 e 49 anos receberam pelo menos uma consulta de pré-natal com profissional de saúde especializado na última gestação, que resultou no parto em 28 de julho de 2011. No entanto, as mulheres nessa faixa etária participaram de pelo menos quatro consultas, correspondendo a 93,9%. Nesse sentido, cabe destacar que, recentemente, a Organização Mundial da Saúde - OMS aumentou de quatro para oito o número de consultas preconizadas em seu modelo de atenção pré-natal, com o objetivo de reduzir mortalidade materna e melhoria da experiência de serviço da mulher. Dados apontados no gráfico figura 9:

Figura 9. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

(\*) Tratamento à saúde da gestante



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional de Saúde 2013.

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Com relação ao uso de métodos anticoncepcionais, a Divisão de Estatísticas das Nações Unidas (Divisão de Estatísticas das Nações Unidas - Divisão de Estatísticas das Nações Unidas) apontou que a falta de acesso à informação, o casamento precoce e o poder de decisão insuficiente das mulheres casadas ou em coabitação fizeram com que as mulheres fossem vítimas, como por exemplo, o risco de doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e aborto.

Outro dado diz que o Brasil figurava entre 190 países no percentual de cadeiras ocupadas por mulheres na câmara baixa (câmara representativa) ou parlamento. Esse é o pior resultado entre os países sul-americanos. Em todo o mundo, as mulheres detêm 23,6% dos assentos na Câmara dos Comuns ou no parlamento. Dados apontados no gráfico figura 10:

Figura 10. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

(\*) Mulheres parlamentares



Nota: Em 20 de dezembro de 2017.



Fonte: Women in national parliaments: situation as of 1st December 2017. Geneva: Inter-Parliamentary Union - IPU, 2017. Disponível em: <<http://archive.ipu.org/wmn-e/arc/classif011217.htm>>. Acesso em: fev. 2018.

Nota: Foram selecionados, além do Brasil, os três países com maior percentual de mulheres ocupando assentos nas câmaras baixas ou parlamentos unicamerais de cada continente, sendo que para o continente americano foram selecionados três países para cada região (América do Norte, América Central e Caribe, América do Sul).

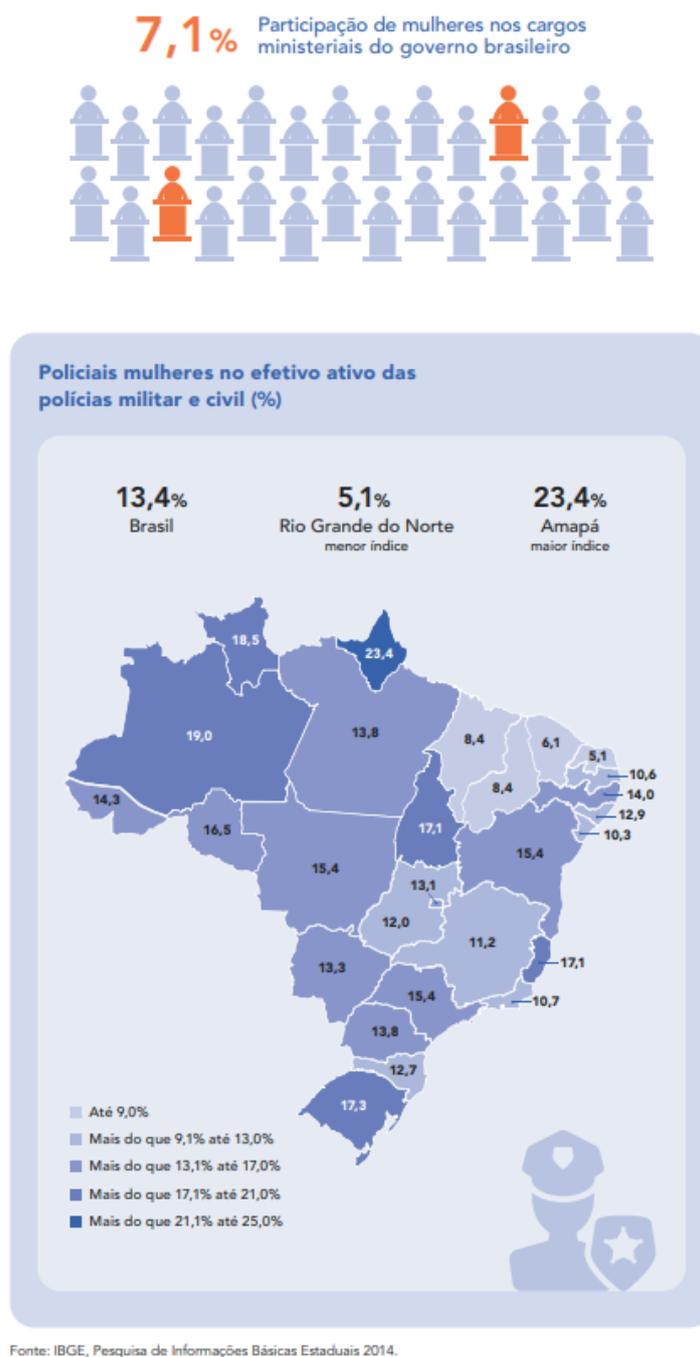
Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Outro indicador para monitorar a participação das mulheres na vida política do país é a participação das mulheres em cargos ministeriais de governo, em 13 de dezembro de 2017, dos 28 ministros de estado, apenas duas eram mulheres, representando 7,1%. Entre os dois ministérios ocupados por mulheres, um é na verdade o Ministério dos Direitos Humanos - o outro é um cargo ministerial - a União de Propaganda. A pesquisa ainda é no campo da vida pública e da tomada de decisões. De acordo com os dados do Estadiv 2014, em 31 de

dezembro de 2013, as mulheres representavam 13,4% das polícias militar e civil em atividade nas Forças Federais. Vide gráfico figura 11:

Figura 11. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

(\*) Participação das mulheres em cargos ministeriais



Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Ressalta-se o objetivo de integração das mulheres na vida pública. No exemplo a seguir, sobre o atendimento adequado para as mulheres em situação de

violência doméstica conforme o Artigo 10-A da Lei (Maria da Penha)<sup>31</sup> n° 10. O artigo 11.340 de 8 de agosto de 2006 estipula que no caso de violência doméstica, as mulheres têm o direito de receber a assistência de policiais e peritas femininas especialmente treinadas. Por ser esse serviço realizado no âmbito da Polícia Civil, cabe destacar que, em 31 de dezembro de 2013, a proporção de mulheres nas unidades da Polícia Civil do Departamento Federal era de 26,4%.

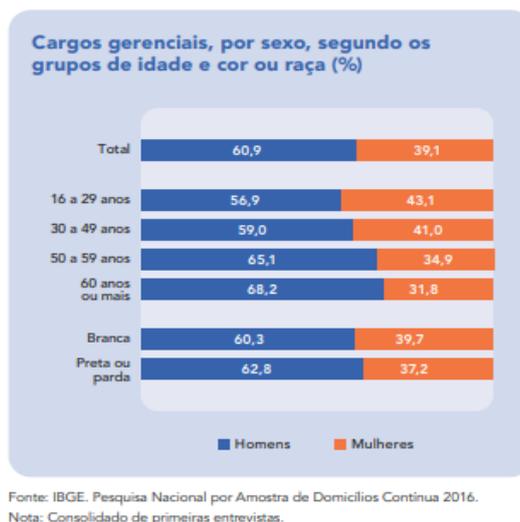
Por último, mas não menos importante, o indicador de participação das mulheres em cargos de gestão refere-se aos cargos de liderança das mulheres no setor público (como chefes de agências governamentais) e no setor privado (em cargos de gestão). No setor público, vale lembrar que muitos cargos de gestão não são selecionados por meio de licitação ou seleção interna, mas são determinados pela administração pública a seu critério. Este indicador mostra que, além de abordar a participação das mulheres na vida pública e questões de tomada de decisão, faz parte da Agenda 2030, ele também coopera com a compreensão de certas características do mercado de trabalho (como a desigualdade de renda entre homens e mulheres). No Brasil, em 2016, os homens ocupavam 60,9% dos cargos de gestão e as mulheres 39,1%. Em todas as faixas etárias, a proporção de homens em cargos de chefia é maior e a situação piora nas faixas etárias mais velhas. Além disso, a desigualdade entre mulheres negras ou pardas e homens negros ou pardos é maior. Portanto, embora as mulheres representem mais da metade da população brasileira, sua proporção na vida pública brasileira é insuficiente, fato que aumenta a necessidade de políticas voltadas para a redução das desigualdades de gênero. Dados trabalhados no gráfico figura 12:

Figura 12. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

(\*) Cargos gerenciais

---

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/172637956/artigo-10a-da-lei-n-11340-de-07-de-agosto-de-2006> / Acesso: 14/03/2020.



Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

O tema final da pesquisa analisada é a eliminação de práticas prejudiciais, como casamento forçado, casamento precoce e infantil, mutilação genital feminina e todas as formas de violência contra mulheres e meninas. Conforme a Agenda 2030 do Consenso de Montevidéu<sup>32</sup>, embora existam informações oficiais sobre a violência contra as mulheres, essas informações não são suficientes para a construção dos indicadores quantitativos propostos pela pesquisa analisada. Os indicadores de mutilação genital feminina não se aplicam aos casos brasileiros. No que diz respeito à violência contra a mulher, cabe destacar que a existência de leis sobre violência doméstica faz parte do quadro de indicadores qualitativos sobre os direitos humanos de mulheres e meninas. Conforme mencionado anteriormente, o Brasil possui uma lei sobre violência doméstica e doméstica contra a mulher. 11.340, de 7 de agosto de 2006, denomina-se "Maria da Penha". Entre as medidas de atendimento às mulheres pela polícia em situação de violência, a lei prevê a instalação de delegacias especiais e equipes capacitadas para a investigação e atendimento da violência no âmbito da polícia civil. A Pesquisa Básica de Informações Municipais 2014<sup>33</sup> e o Relatório Estático 2014 forneceram informações sobre essas medidas e apontaram que 7,9% dos municípios brasileiros possuíam delegacias dedicadas ao atendimento à mulher em 2014. Continuando com o tema do casamento precoce, de acordo com a

<sup>32</sup> Disponível em: [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2017/12/estrategia\\_montevideu\\_pt.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2017/12/estrategia_montevideu_pt.pdf) / Acesso: 22/12/2019

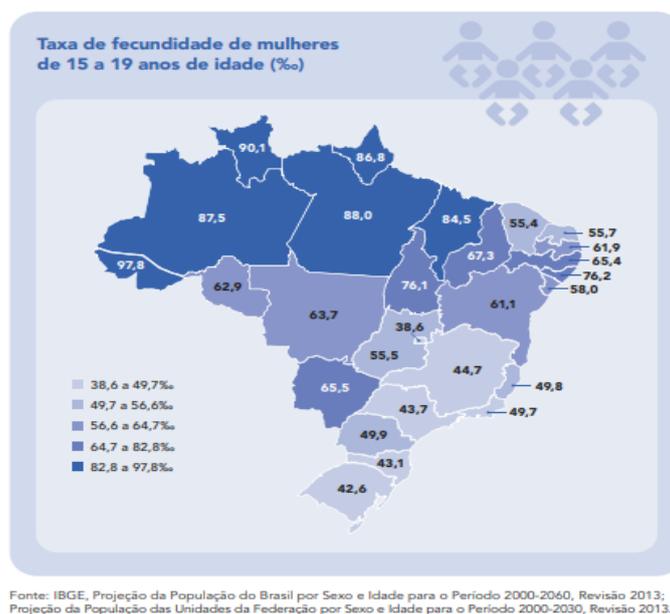
<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/protECAo-social/10586-pesquisa-de-informacoes-basicas-municipais.html?=&t=o-que-e> / Acesso: 23/07/2019.

legislação brasileira, apenas maiores de 16 anos podem ter casamento autenticado, e os jovens não liberados de 16 e 17 anos precisam da aprovação de ambas as partes, além dos pais ou representante legal.

Porém, de acordo com a Pesquisa Nacional de População Infantil e Feminina e Situação de Saúde da Mulher (PNDS 2006), do Ministério da Saúde, 35,6% das mulheres de 20 a 24 anos responderam que eram casadas ou moravam juntas antes dos 18 anos. A idade mínima legal para o casamento é um indicador qualitativo da pesquisa. Outro indicador que pode monitorar e proteger a infância, adolescência e puberdade das mulheres é a taxa de fertilidade específica de mulheres de 15 a 19 anos, também conhecida como taxa de fertilidade na adolescência. A pesquisa também informa que entre os anos 2000 e 2006, houve 56% nascimentos de mulheres. Na região Norte, a taxa de natalidade por 1.000 mulheres de 15 a 19 anos é de 85%, conforme gráfico figura 13:

Figura 13. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

(\*) Taxa de fecundidade



Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Diante do exposto, é possível constatar que além da desigualdade de gênero, a desigualdade racial e geográfica que atinge as mulheres é também um desafio para o alcance dos objetivos esperados da pesquisa Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Homens e mulheres não são grupos homogêneos, para melhor compreender sua dinâmica é fundamental a interação com outras

dimensões, grupos e categorias. Idade, nível de educação, raça / etnia, religião, deficiência, orientação sexual, *status* de imigração e cidadania e morar em áreas urbanas e rurais são fatores importantes que afetam a análise de gênero e devem ser considerados.

Por fim, é importante lembrar que no Brasil a violência contra a mulher não se limita às relações com o parceiro. Vale lembrar que em 2007, uma menina pobre de 15 anos foi presa no estado do Pará por furto, essa menina e outros 20 homens foram detidos em uma cela da delegacia por 26 dias. Esta situação é duplamente ilegal porque é proibido misturar homens e mulheres na cela por se tratar da prisão de uma menor.

Este fato foi ignorado por várias autoridades. De acordo com a divulgação das mídias, a jovem disse que foi abusada sexualmente por cerca de vinte presidiários da cela, teve que fazer sexo com eles em troca de comida e foi espancada com hematomas e queimaduras de cigarro. Depois que esta terrível notícia saiu, outros casos de mulheres detidas em celas "mistas" foram transmitidos em diferentes partes do país.

Esse conjunto de indicadores e observações são importantes para entender quem são as mulheres que transitam na sociedade brasileira e para compreender a situação diferente e desigual das mulheres em diferentes áreas, entre si e, principalmente, se comparando com os homens, de forma interseccional, conforme desenvolvido à seguir.

## CAPÍTULO 2 – MÚSICA E MULHERES

### 2.1. Nas civilizações primitivas e pré-história

A música existe em todas as sociedades desde os tempos antigos e nos dá a possibilidade de compreender e explicar a história. Portanto, revelou-se um recurso muito rico para a compreensão de todas as culturas sociais. Por exemplo, Matos (2017) disse que a música nos permite compreender áreas importantes da sociedade.

Por muitos anos, era comum que os homens tentassem censurar as mulheres, as colocando no papel de esposas e no espaço doméstico. Na sociedade, assim como na música, as mulheres gradualmente conquistaram espaço.

No entanto, apesar de reconhecer a importância das mulheres para a música, observou que o homem escreveu a maior parte do conteúdo da história. “Por ser descritas pelos homens, as mulheres se tornavam ausentes, invisíveis e ignoradas” (LESSA, 2004, p. 15).

Para ampliar a pesquisa, segue uma breve contextualização da participação feminina na música, pois existem poucos registros históricos sobre o assunto. O que limita à análise de vestígios arqueológicos encontrados nos tempos pré-históricos. Por exemplo, as figuras de rochas desenhadas encontradas nas cavernas nos mostram que mulheres participavam de uma cerimônia envolvendo música e dança. Elas eram proibidas por homens de participar de certas cerimônias para não prejudicial à sua alma frágil (ANDRADE, 1980).

Por não contar relatos históricos sobre a participação das mulheres na pré-história não foram eliminados a possibilidade de o mesmo ter ocorrido. Considerando isso, sua importância na história das tribos era fundamental, tanto que “elas participavam, assim como os homens das guerras”. (ALEMBERT, 1997, p. 23), existem vestígios de alguns saberes das mulheres em épocas remotas, como, por exemplo, ser atribuídos às mulheres a invenção de utensílios de barro e descoberta das propriedades medicinais das ervas oriundas das florestas (ibid, 1997). Portanto, se as mulheres criaram, ou, participaram da criação de ferramentas iniciais, podemos dizer que foi graças a elas também que as técnicas ferramentas descobriram a música através dos instrumentos primitivos. Mais tarde, não só foram criadas técnicas musicais, mas também veio melhorando a

tecnologia criada pelos primeiros homens e mulheres aqui existentes. Então, negar a influência delas na música primária, e também negar a participação das mulheres e contradiz sua própria história.

## **2.2. Na antiguidade**

Para entender o papel das mulheres na música, precisamos primeiro analisar os papéis sociais atribuídos a elas, principalmente na sociedade grega. Segundo Lessa (2004, p. 45) “a sociedade ateniense se caracterizava pela existência de uma representação binária construída a partir da oposição interno x externo.” Desta forma, as pessoas ganham espaço em eventos públicos, enquanto as mulheres deveriam permanecer no espaço interno, em domínios privados, sendo as mulheres responsáveis pelo funcionamento dos afazeres domésticos.

Era responsabilidade do pai educar os filhos, mas não “cuidar”, a exceção é que as mães ficavam responsáveis pela educação da filha. Música era restritivo somente aos homens. A educação de meninas “era iniciada na infância, pela mãe e amas, visando à formação de uma esposa ideal, e continuada pelo esposo, após o matrimônio”. (ibid, 2004, p. 35). Portanto, a forma de educação das meninas deu-lhes todas as condições para desempenhar o papel de esposa e mãe, sem a chance de escolha e protagonismo. Apenas os meninos podiam tocar instrumentos musicais. O destino das meninas era transferido da vida de uma pessoa para outra, primeiro o pai, depois o marido, no caso de viuvez, filhos ou parentes, no caso, o homem mais próximo.

O conceito de dependência das mulheres em relação aos homens é de baixa autoestima, os grandes pensadores da época (como Platão e Aristóteles) o fortaleceram. Os conceitos têm afetado profundamente a construção das identidades femininas, seja na Grécia Antiga e períodos posteriores. Tomando Platão (1986) como exemplo, não era possível pensar na Polis porque eram pessoas covardes e não saibam como viver sua vida moralmente ou produtivamente através do conhecimento, acreditava-se à época que as almas das mulheres e dos homens eram diferenciadas, Aristóteles se baseou no corpo para conceituar. Para este filósofo, os corpos das mulheres eram mais fracos, portanto, a alma também. Aristóteles colocou as mulheres em um status de dependência natural em relação ao homem, que era superior às mulheres em inteligência e

força física. Mas Aristóteles não criou o novo conceito apenas fortaleceu o conceito. (LESSA, 2004).

Uma vez que alguém diz que as mulheres são inferiores aos homens, intelectualmente falando, filósofos como Platão e Aristóteles não surpreendente que as mulheres não tenham sido mencionadas sobre participar das músicas da época, seguindo a linha de raciocínio dos filósofos em epigrafe, assim como elas não têm capacidade física para realizar certas atividades, elas também não têm inteligência para escrever. (LESSA, *ibid.*)

No entanto, nem todos os filósofos antigos subestimaram habilidades femininas. Por exemplo, Sócrates nos deixou o ensinamento que Platão passou, embora ele não tenha escrito, seu maior discípulo, Sócrates, fez a propagação da descrição de Platão, conforme dialogava com Glauco:

Sócrates – Consequentemente, meu amigo, não há nenhuma atividade no que concerne à administração da cidade que seja própria da mulher enquanto mulher ou do homem enquanto homem; ao contrário, as aptidões naturais estão igualmente distribuídas pelos dois sexos e é próprio da natureza que a mulher, assim como o homem, participe em todas as atividades, ainda que em todas seja mais fraca que o homem.

Glauco – Perfeitamente.

Sócrates – Concederemos, então, todas as atividades aos homens e nenhuma às mulheres?

Glauco – Como fazer isso?

Sócrates – Mas existem mulheres que têm uma disposição inata para a medicina ou para a música e outras que não têm.

Glauco – Com certeza.

Sócrates – E não existem as que possuem uma disposição inata para a ginástica e para a guerra e outras que não apreciam nem a guerra e nem a ginástica?

Glauco – Creio que sim.

Sócrates – Muito bem! Não existem mulheres que amam e outras que odeiam a sabedoria? Não existem algumas que são ardorosas e outras sem ardor?

Glauco – Sim, existem.

Sócrates – Logo, existem mulheres que são aptas para a guerra e outras que não são. Ora, não escolhemos homens dessa natureza para torná-los nossos guerreiros?

Glauco – Sim, escolhemos.

Sócrates – Portanto, a mulher e o homem possuem a mesma natureza no que concerne à sua aptidão para proteger a cidade, sem esquecer que a mulher é mais fraca e o homem mais forte. (PLATÃO, 2000, p. 157)

Sócrates acreditava que as mulheres deveriam ter a oportunidade de receber educação igual aos homens, porque de acordo com suas pesquisas, não há diferença na inteligibilidade entre homem e mulher. A única restrição às mulheres foram as relacionadas à força física. Portanto, podemos dizer que Sócrates é um dos poucos filósofos que acreditam que as mulheres podiam fazer as suas próprias escolhas em suas próprias vidas. (Gomes, 2015).

Uma das poucas mulheres gregas reconhecidas por suas habilidades artísticas, tanto na literatura quanto na música foi Aspásia de Mileto admirada por Sócrates, por suas habilidades na arte da oratória. Sua condição de estrangeira lhe permitia direitos não permitidos à maioria das 57 mulheres atenienses, podendo frequentar qualquer ambiente que assim desejasse. De certa forma, essa liberdade de que usufruía contribuiu para a sua produção artística, uma vez que teve contato direto com os artistas e filósofos da época.

Aspásia era excepcional: altamente literata, mulher de muitas leituras, que se tornara membro do círculo de Péricles e, cinco anos depois, quando ele se divorciou da mulher, tornou-se consorte e permaneceu assim até a morte dele. Conhecia bem Sócrates, tendo o acompanhado em suas peregrinações por toda Atenas e, suponho eu, tendo sido ‘examinada’ por ele. Sócrates tinha em alto conceito o intelecto dela e suas conquistas literárias; quando recebeu o pedido dos pais de um rapaz para que recomendasse um mestre para ensiná-lo retórica, ele mencionou Aspásia. Isso causou surpresa, mas o conselho foi aceito e provou-se verdadeiro. (GOMES, 2015, p. 98)

No entanto, embora fosse reconhecido e admirado por Sócrates, o filósofo mais respeitado de seu tempo, “Aspásia é ainda recordada apenas como cortesã, por mais qualidade que tivesse, esquecendo-se de que era versada em retórica e filosofia”. (GOMES, *ibid.* p. 98).

Por muito tempo, o que se viu foi o silêncio devido a falta de documentação, sobre a participação das mulheres. Conforme observado os filósofos eliminaram as vozes femininas, inclusive, este fato da condição humana já se refletiu nos livros de história atuais, assunto esse em voga.

A outra mulher descrita é a poetisa Safo da Ilha de Lesbos “tornou-se uma das mais célebres representantes do sexo feminino, no mundo antigo, a integrar o universo masculino com sua poesia lírica, no período arcaico” (GOMES, 2015, p. 54). No entanto, a influência de Safo não se limita ao domínio da poesia lírica, como é contado "na maioria dos livros de história (...) a poetisa nos deixou composições de caráter homoerótico, dirigidas a jovens donzelas em idade de se casar". (ibid, 2015, loc. cit.). Assim, de acordo com Jack Winkler (2010) apud Gomes (ibid., P. 55), Safo redefine que a expressão cultural do universo social masculino ao criar seu próprio mundo a partir do mundo universo feminino.

O fato de uma mulher escrever e escrever para outras mulheres foi considerado um insulto aos costumes. Elas violaram as normas estabelecidas, os fatos provam que elas são tão competentes quanto aos homens na escrita e oratória. No entanto, não foi explorado a propagação de que Aspásia e Safo deveriam ser reconhecidas, além das criações artísticas e da escrita, o fato de cantarem para verbalizarem suas escritas.

Os compositores existiam nos tempos antigos, porém, eram considerados vulgares, mesmo para os homens. Segundo Cerqueira (2007, p.65) Aristóteles “não hesitava em chamar os músicos profissionais de vulgares e em definir a execução musical como imprópria a um homem livre”. Para ele cidadão deveria se dedicar apenas à performance musical na juventude e desistir deste hábito quando adulto, Cerqueira (2007) ainda acrescentou que no parágrafo de Plutarco, a comparação entre a música e a própria composição, na qual ele foi estabelecido “um paralelismo na distinção entre o valor do produto e do produtor: enquanto o produto era valorizado, o trabalho do produtor era desprezado”.

Em outros campos, podemos muito bem admirar o que se fez sem, necessariamente, querer fazer o mesmo. Ao contrário, não é raro suceder que gozemos a obra ao mesmo tempo em que desprezamos o autor. Tal é o caso dos perfumes e dos tecidos de púrpura: agradam-nos sim, mas consideramos os ofícios do tintureiro e do perfumista como servis e indignos de um homem livre. Bastante razão Antístenes quando respondeu a alguém que lhe afirmava ser Ismênias um excelente flautista: ‘Sim, mas como homem é uma nulidade, do contrário não tocara tão bem’. Da mesma forma Filipe, dirigindo-se ao filho que, com muita graça e talento acabara de tocar cítara num banquete, perguntou-lhe: ‘Não tens vergonha de tocar com tanta habilidade?’. (PLUTARCO, apud. CERQUEIRA, 2007, p. 66)

Portanto, no passado, o papel das mulheres na música não se limita a aprender alguns instrumentos musicais. Embora não se tenha “registro” em pinturas da época, mulheres cantando ou tocando instrumentos musicais (LESSA, 2004). Se existem inúmeros compositores entre essas mulheres, ao contrário do que todos pensavam, contavam suas histórias com uma melodia esquecida com o passar do tempo, conforme Safo e Aspásia.

### **2.3. A Música e a retórica**

O nascimento da retórica é tradicionalmente atribuído aos corais sicilianos e sua história no século 5 a.C. À medida que a demanda por defender seus ideais cresce entre as pessoas comuns, a discípula Tísias, por volta de 465 aC, publicou então a "Arte da Fala" (tekhné rhetoriké), um conjunto de mandamentos práticos com alguns exemplos de uso de alguns argumentos para aqueles que precisavam ir ao tribunal. De acordo com o tratado, a retórica, conhecida como arte da persuasão, começou a ganhar prestígio. (REBOUL, 2004)

Na época, as pessoas acreditavam que aqueles que dominavam essas tecnologias, como por exemplo, a retórica, poderia persuadir qualquer pessoa a concordar com sua tese. A retórica provavelmente se baseia em crédito pela tentativa. Devido à importância da tecnologia da fala em sua construção, a Retórica assumiu o controle da sociedade. Desde então, a Retórica tem sido estudada como Fala. Portanto, “a retórica parece ser capaz de dizer argumentos sobre um determinado problema, na tentativa do convencimento (ARISTÓTELES, 2012, p. 25). A partir daquele momento a Retórica, entendida como a arte da persuasão, passa a fazer parte da vida das pessoas.

Entendamos por retórica a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir. Esta não é seguramente a função de outra arte; pois cada uma das outras é apenas instrutiva e persuasiva nas áreas da sua competência; como, por exemplo, a medicina sobre a saúde e a doença, a geometria sobre as variações que afetam as grandezas, e a aritmética sobre os números; o mesmo se passando com todas as outras artes e ciências. Mas a retórica parece ter, por assim dizer, a faculdade de descobrir os meios de persuasão sobre qualquer questão dada. E por isso afirmamos que, como arte, as regras se não aplicam a qualquer gênero específico de coisas. (ibid, 2012, p.25)

Portanto, a retórica é a arte de estudar métodos persuasivos. Contudo, Isso não significa que seu objetivo seja apenas teórico. “Aquele que os conhece é também aquele que está em melhores condições para aplicá-los e, por consequência, para ser persuasivo” (NUNES, 1987, p. 22) Portanto, a Retórica não é apenas uma arte destinada a compreender o discurso persuasivo, trata-se de técnicas.

Aristóteles dividiu a retórica em quatro partes, representando as quatro partes respectivamente do discurso. Eles são divididos em: invenção, onde o orador suporta todos os argumentos e outras formas de persuasão relacionado ao tópico do enunciado; disposição na estratégia do encadeamento teórico; alocação, aquilo que funciona como o estilo, a personalidade da escrita, e, a ação, sobre a utilização das palavras emocionais e os efeitos da fala, enfatizando e utilizando-se do gestual também. (REBOUL, 2004)

Portanto, para ser persuasivo, o orador deve compreender o assunto e reunir todos os argumentos que possam ser úteis (*inventio*), descrevendo em ordem (*dispositivo*), escrevendo o discurso com afino e clareza (*elocutio*), e realizando a argumentação na prática (*actio*). Essas são as quatro tarefas que os palestrantes devem realizar para tornar suas apresentações relevantes e eficazes.

A *inventio* começa o processo de elaboração textual com a criação da estrutura do conjunto referencial. A *dispositio*, por sua vez, constrói a macroestrutura textual e a *elocutio* culmina o processo ao revelar a superfície textual que, como significação global ao ato retórico, chega ao auditório. (FERREIRA, 2010, p. 116)

A criação de música é parte do discurso, ou seja, a escrita de um discurso. De acordo com Ferreira (Cit.):

Em sentido técnico, a elocução é a redação do discurso retórico. Mais do que uma questão estilística, envolve o tratamento da língua em sentido amplo, abrange o plano da expressão e a relação forma e conteúdo: a correção, clareza, a adequação, a concisão, a elegância, a vivacidade, o bom uso das figuras com valor de argumento. Como componente teórico operacional, mantém relação de sucessividade com a *dispositio*. (FERREIRA, op. cit.)

O orador, figura central da retórica, escolhe o estilo que convém ao seu assunto: mover, comover, entre outras técnicas, e “é o lado emotivo do discurso, aquele que movimentava as paixões humanas”; *docere*, “ensinar e transmitir noções intelectuais e convencer. É o lado argumentativo do discurso”; *delectare*,

“agradar, manter viva a atenção do auditório é o lado estimulante do discurso, aquele que movimenta o gosto” (FERREIRA, op. cit.). Para nossos propósitos de pesquisa, todos esses elementos estão presentes nas letras das canções populares e, por isso, articulam-se teoricamente com nosso intento de ressaltar o *ethos* pelo poder da música, vista como discurso e ato retórico.

Nesse sentido, a Retórica de Aristóteles trata da arte da comunicação, um discurso público com propósito persuasivo e para este fim, eram utilizados testes não técnicos e testes técnicos. Nos testes não técnicos são testes que já existem, onde os oradores só precisam usar Sua declaração. Por exemplo, em um ambiente judicial, a evidência não técnica são os testemunhos, contratos, confissões e juramentos, já os testes técnicos, aos exemplos utilizados, ficavam ao encargo das leis. As técnicas levaram ao desenvolvimento de outras, como por exemplo, à aquelas derivadas do caráter (*ethos*) do orador; aquelas derivadas da emoção que o orador desperta na plateia (*pathos*); e aquelas derivadas da discussão da ordem do real (*logos*).

O *ethos* é o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório, pois, sejam quais forem seus argumentos lógicos, eles nada obtêm sem essa confiança. O *pathos* é o conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o orador deve suscitar no auditório com seu discurso. O *logos* diz respeito à argumentação propriamente dita do discurso (REBOUL, 2004, p. 48-49)

O palestrante convence através do *ethos* na frente do público, como uma pessoa que inspira confiança. No entanto, de acordo com Aristóteles, é por isso que do *ethos* é considerado uma prova tecnológica. Para ter uma imagem positiva, o orador pode usar três qualidades básicas: *phronesis*, tom ou prudência, *aretè*, bravura ou virtude e a *eunoia*, como gentileza. (a prudência, a virtude e a benevolência).

Outro tipo de testemunho nos leva ao *pathos*, que é a raiz de tudo problema. Nesse sentido, a imagem, a fala e o estilo do palestrante vão provocar paixão, raiva, ciúme ou medo, por exemplo. No entanto, o orador deve saber conhecer a plateia para poder optar por recursos diferentes, já que a plateia se difere com argumentos diferentes.

Conforme Meyer o “orador deve levar em consideração as paixões do auditório, pois, se elas exprimem o aspecto subjetivo de um problema, respondem

a ele, também, em função dos valores da subjetividade implicada”. (MEYER, 2007, p. 39)

O pathos é o conjunto de valores implícitos das respostas fora de questão, que alimentam as indagações que um indivíduo considera como pertinentes. Quanto mais esses valores são postos em causa, mais a paixão vem obscurecer e sufocar a problematização que eles apresentam. Quanto mais o orador, ao contrario os louva, menos eles se exprimem violentamente. Assim a emoção é a colocação subjetiva de valores que podem ser compartilhados. Eles geram os lugares-comuns, as ideias convencionais, as opiniões em vigor na sociedade. (ibid, 2007, p. 39)

O *logos* é a própria palavra, escrita ou falada, utilizando-se de evidências e experiências para validar os argumentos. (FERREIRA, 2010: 78).

Está relacionado à argumentação propriamente dita e à apresentação da tese. É por meio dessa instância que a argumentação se mostra verdadeira de acordo com o que se conhece sobre o assunto, por isso leva-se em consideração a clareza do discurso, o uso de técnicas, a escolha da ordem dos argumentos, etc. A construção desses argumentos acontece de modo objetivo, pelo uso da razão e do raciocínio, quer seja de modo indutivo ou dedutivo. Por esse motivo, abrem-se precedentes para o uso das estatísticas, da matemática e da lógica. Os raciocínios indutivos buscam exemplos para chegar a determinadas conclusões, enquanto os raciocínios dedutivos partem de premissas aceitas para extrair conclusões específicas. (CARDOSO, 2015, p. 29)

De um modo geral, todo discurso gira em torno de um tema, que vai enveredar pelo fato de contar um argumento e “em conclusão, o logos é tudo aquilo que está em questão, sendo o objetivo real principal”. (MEYER, 2007, p. 45)

Segundo Mosca (2004), a Retórica faz com que a performance não se limite mais às palavras e apresentação oral, mas também na forma de declarações escritas e de outros discursos mais diversos. Portanto, ao longo dos anos, o campo de pesquisa continuou a se expandir sobre a reflexão das técnicas de argumentação postas em análise. De acordo com os dados da Retórica tradicional, a Retórica de origem perelmaniana aceita os seguintes fatos: projetado para persuadir todos os tipos de público considerados universais, enquanto outros estão tentando persuadir certos grupos, o público afetado vem se tornando cada vez mais diversificado. A ideia de uma plateia “virtual”, construído pelo

argumentador e definido em três tipos: especial, geral e pessoal. Quanto mais você sabe sobre o auditório, mais preparado para convence-los através do argumento. (PERELMAN, 2014.).

Outro aspecto importante, segundo Ferreira (2010, p. 46), sobre a Retórica contemporânea, “não mais pretende, especificamente, ensinar a produzir textos” Portanto, de uma perspectiva moderna, o novo papel da retórica está vinculado não só a produção, mas também a interpretação e o reconhecimento das técnicas de organização de argumentos e discursos que promovem a análise do raciocínio textual.

A retórica afeta diretamente a pesquisa musical. Vários tratados foram escritos entre 1535 e 1792, envolvendo música e retórica. Por exemplo, Aristóteles atribuiu a música o impacto na alma da humanidade. (apud CANO, 2000)

A relação entre retórica e música sempre existiu desde os tempos antigos. O compositor é influenciado pela retórica. O conteúdo relacionado à retórica vem da extensa literatura sobre discurso público e retórica, escritores gregos e romanos antigos, enfatizaram semelhanças entre música e fala. O propósito buscava entender como o orador pode controlar e direcionar a resposta esperada (BUELOW, 2001, p. 260)

Os estudos musicais, especialmente os estudos musicais de Aristóteles (2012) enfatizam as técnicas:

A execução musical deve ser comparada à fala de um orador. O orador e o músico têm como objetivo comum preparar e apresentar sua produção para se tornarem mestres dos corações de seus ouvintes, incitando ou acalmando suas paixões e transportando-os a um sentimento ou a outro. Assim, é vantajoso para ambos, se cada um possuir algum conhecimento sobre a tarefa do outro. (QUANTZ, 1752, p.100, apud. LUCAS, 2007, p. 225)

Para muitos estudiosos, a música é tão poderosa quanto a arte da fala. Normalmente, na música, há uma mensagem (TATIT, 1994). Podemos pensar que na música como o produto de encontros entre o som e linguagem, uma narrativa é produzida por meio do diálogo, utilizando as letras como guia. (BASTOS, 1996)

Essa semelhança de finalidade entre a música e o discurso verbal, reiterada pela própria presença da palavra nos discursos cantados, possibilitou que se procurasse realizar aproximações

sistemáticas entre música e oratória. Nesse sentido, a música relaciona-se ao gênero de artes ligadas à palavra, o trivium, que, segundo Boécio, reúne a dialética, a gramática e a retórica. A ideia de música como discurso de paixões ganhou impulso com o aparecimento da Poética de Aristóteles. (LUCAS, 2007, p. 225)

Mathewson (apud Lucas, 2007, p. 224) diz que a música é uma ciência e uma arte, que pode produzir conveniência. (LUCAS, 2007)

São comuns afirmações como a do flautista e compositor Johann Joachim Quantz (1752), para quem “a execução musical deve ser comparada com a fala de um orador”, ou como a do compositor e teórico Johann Mattheson (1739), segundo o qual a música é “linguagem dos sons” ou “discurso musical”. Esses autores aproximam música e oratória em termos da função persuasiva, comum às duas artes. Na primeira, elementos rítmicos e melódicos — que Mattheson organiza em “intervalos, divisão das frases, desenvolvimento musical, etc.” — agem sobre a alma, “movendo-a para uma determinada direção”. (LUCAS, 2007, p. 225)

Portanto, no mundo da Retórica, o (a) orador (a) cria sua música para levar o público a ouvir uma determinada mensagem e variadas sensações. Dessa forma, a música desperta dor, estimula o desejo e promove a satisfação das pessoas. Para chamar a atenção, é preciso saber capturá-la, como ferramenta de linguagem necessárias para persuasão.

## 2.4. Na idade média

A filosofia grega determina o não compartilhamento de espaço filosófico entre homens e mulheres e, portanto, o destino biológico das mulheres estava atrelado à formação de pilares cristãos no mundo romano, e esse determinismo biológico marca a tradição judaico-cristã que e os pensamentos e práticas daquele tempo.

Em relação a São Tomás de Aquino, as opiniões de Aristóteles são semelhantes as da Bíblia, que diz que a mulher foi feita da costela de um homem. Mas para Santo Tomás de Aquino, a alma da mulher pertence ao homem. No céu, os direitos entre os sexos são completamente iguais, pois as marcações biológicas são deixadas de lado no que se refere ao corpo santo, não há diferença entre gênero. Nunes (1987) assinala que na Idade Média, o mito da criação serviu como argumento para sustentar que a mulher seria inferior ao homem e dele dependente.

Os relatos bíblicos da criação, delegando à mulher a culpa pela tentação e, conseqüentemente pelo pecado, em relação a Deus, terá efeitos terríveis e duradouros na história sobre a dignidade e a imagem do feminino. (Nunes, 1987).

Os textos relativos ao pecado original permitiram, de várias formas, a justificação da subordinação feminina. Em primeiro lugar, foi Deus quem submeteu Eva à obediência ao marido, devido à queda original. Assim, a autoridade e o papel de dominação apenas podem ser exercidos pelo homem, sendo inacessíveis à mulher, que Deus tornou subserviente ao homem como castigo pela sua desobediência, por ter sido ela a abandonar a lei divina: 'Procurarás com paixão a quem serás sujeita, o teu marido' (BÍBLIA SAGRADA, 1980, Gênesis 2: 16).

Em certo sentido, a bíblia "impôs" como as mulheres deveriam agir, como elas devem pensar e falar. Eva é considerada um tipo de representante de todas as mulheres, então as mulheres são geralmente consideradas uma criatura pecaminosa como Eva.

Em relação à educação nos tempos antigos, é proibida a mulher. No entanto, esse fato não parece surpreendente, pois mesmo entre os homens, a educação formal parece um privilégio. Poucas pessoas sabiam ler e escrever, e, desses poucos, menos ainda escrever canção.

Em se tratando de educação, a sociedade medieval era quase toda iletrada. Logo, o acesso ao saber formal e às letras era praticamente impossível às mulheres. Contudo ainda que em pequena quantidade, existiram mulheres letradas na idade média com discurso próprio. Mas ainda não podemos considerar esse discurso uma expressão dos anseios das mulheres em geral, já que foi privilégio de pouquíssimas – quase todas religiosas ou damas da alta sociedade. Versavam, amiúde, sobre a devoção religiosa, o universo feminino (na poesia lírica) e sobre o amor e sensualidade. (MACEDO, 2002, p. 85-89, apud, RIBEIRO, 2017, P. 50)

No entanto, mesmo além das expectativas, algumas mulheres se destacaram na música. Hildegard é um dos nomes mais famosos, com cerca de setenta obras de música religiosa. (NABAIS, 2008)

Surge na Idade Média, uma mulher notável que se destaca do panorama musical, sendo considerada uma das mais importantes compositoras de todos os tempos, o seu nome Hildegarda, natural de Bingen, uma monja beneditina alemã, mística, filósofa, visionária, escritora (escreve também sobre

medicina natural, tratamentos de diversas doenças, alimentação, pedras preciosas, etc.) e compositora conhecida como a Sibila do Reno. (NABAIS, 2008, p.03)

Troch (2013) apresenta um fato interessante que fortalece a música escrita medieval, na época as mulheres liam mais do que os homens. Segundo a autora “leitura e escrita foram quase que exclusivamente realizadas por mulheres. Como agora se sabe, a maioria dos homens era analfabeta”. (TROCH, op. cit., p. 3).

Esse fato justifica pelo fato do trovadorismo ser predominantemente oral dos “homens que cantam sobre o eu lírico das mulheres, por exemplo, o homem casado fala em nome das mulheres, sobre paixão, amor, desejo, traição, abandono, não tendo a mulher protagonismo para se narrar devido à pressão social estabelecida à época” (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 24).

Então, suponha que a repressão das mulheres pela igreja no período medieval. Neste período poucas Mulheres que conseguem se destacar no campo da música, sejam elas compositoras ou cantoras. Exceto para Hildegard.

## **2.5. No renascimento e pós-renascimento**

Com o Renascimento, a humanidade começou a se livrar das doutrinas cristãs impostas pela igreja que esteve no comando durante a Idade Média. Existe uma aproximação entre a música sacra e a profanidade, assuntos duais muito explorados pelas criações artísticas dos compositores da época, por exemplo, na Europa foi “uma longa caminhada para a secularização, ou laicização, que vai levar ao afastamento da Igreja dos caminhos do poder e do controle do saber”. (NABAIS, 2008, p. 04)

Mas grandes obras são feitas para e pela igreja, como por exemplo, a utilização de um grupo de cantores, chamados de coral ou coro (colocados num espaço próprio, reservado nas laterais da Igreja, onde se cantava em grupo à capela, ou seja, sem acompanhamento instrumental). Na época, as mulheres não desempenhavam papel de protagonismo como compositoras pois a elas não era conferido o desvio sobre ocupar as funções de mulher e mãe.

Portanto, sua participação se limita ao papel de musa inspiradora. A Renascença foi uma reinterpretação da cultura e arte clássicas greco-romanas, que buscavam harmonia, equilíbrio e beleza no corpo humano, tendo o corpo feminino como modelo contemplativo, desta forma, a mulher se torna musa inspirada de

poetas, músicos e artistas, bem como da poesia e canção. No final do Renascimento surgiu a cantora Maddalena Casulana<sup>34</sup>, ela foi a primeira compositora a ter a obra impressa e publicada. (NABAIS, 2008)

Um dos principais eventos do período barroco foram as orquestras e óperas, através da ênfase em instrumentos musicais pensando em inovar a musicalidade na busca da superação, ou para complementar o instrumento orgânico voz. As mulheres gradualmente começaram a desempenhar um papel mais importante na música em um período de maior liberdade de expressão, de paixão e afeto. No entanto, seus próprios ingredientes têm a dificuldade de chegar à sala de concertos e a obra quase nunca é publicada. (NABAIS, 2008)

Alguns nomes importantes surgiram na época, como Clara Schumann<sup>35</sup>, a intérprete mais famosa de seu tempo, lutou contra o *ethos* dominante da época. Os compositores acreditavam que as mulheres que além da educação, tinham também o compromisso de cuidar da casa, aprendendo bordado e cuidados para com as crianças. Atualmente, os panoramas musicais não são os mesmos, mas ainda há vestígios desse tempo. As mulheres são mais participativas, mas ainda sofrem preconceito em sua capacidade de produção. Ainda hoje, existem muito menos compositoras femininas. De acordo com a União Brasileira de Compositores<sup>36</sup> (UBC), mais de 23.000 92% são homens, mesmo que haja grandes compositoras, quantitativamente as compositoras são poucas frente aos compositores no Brasil.

O produtor musical Rick Bonadio em comunicado a Andréa Menezes (2017) do site UBC apontou:

Estamos passando por um momento de amadurecimento em nossa sociedade. O empoderamento feminino, o respeito às minorias e a quebra de preconceitos estão na ordem do dia. Vejo e torço por mais mulheres produzindo. A visão da mulher é importantíssima na formação da nossa cultura, e com mais mulheres produtoras teremos mais riqueza de temas e perspectivas. (RICK BONADIO em entrevista para o site UBC; In: MENEZES, 2017 – acesso ao site <http://www.ubc.org.br/publicacoes/noticias/8523>)

E sobre compositoras de grande expressão, podemos citar aqui criação musical de Chiquinha e outras, repleto de trabalhos ainda pouco conhecidos, como as músicas de Dora Lopez (300 estilos diferentes de canções gravadas em

<sup>34</sup> Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Maddalena\\_Casulana/](https://en.wikipedia.org/wiki/Maddalena_Casulana/) Acesso: 08/01/2020.

<sup>35</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Clara\\_Schumann/](https://pt.wikipedia.org/wiki/Clara_Schumann/) Acesso: 27/08/2019.

<sup>36</sup> Disponível em: <http://www.ubc.org.br/> Acesso: 03/09/2019.

disco) e Carmen Miranda, com sua obra mais famosa “Os Hôme Implica Comigo” em parceria com Pixinguinha, “é uma peça de fina ironia, metalinguística mesmo, sobre a dificuldade de prosperar num meio eminentemente masculino. De um modo geral, o espaço merecido das mulheres ainda não foi totalmente conquistado”. (MENEZES, 2017, entrevista disponível em: Aplausos para elas - União Brasileira de Compositores (ubc.org.br), acesso: 28/03/2020)).

## **2.6. No Brasil da contemporaneidade**

As mulheres modernas diferem em vários aspectos da mulher idealizada na Grécia antiga (percebe-se a utilização do plural “Mulheres”, ao se referenciar à atualidade), que estava sobrecarregada por deficiências físicas e intelectuais em comparação com os homens. No entanto, ainda podemos ver traços do conceito grego de inferioridade feminina. Ainda hoje, as mulheres são percebidas como frágeis, vulneráveis e, portanto, por sua natureza, seriam dedicadas à maternidade e às atividades domésticas. Historicamente, esses conceitos derivam do fato de as mulheres viverem em sociedades geralmente dominadas por homens. Como divisões foram estabelecidas de forma estrutural, as mulheres foram atribuídas principalmente à função materna, distanciando-se assim do trabalho físico externo (fora do lar) e mental realizado pelo homem (segundo conceitos dos antepassados, já mencionados). O sistema social e as relações de poder colocam as mulheres em um lugar subordinado, como simples assistente do chefe da família. Essa situação vem mudando por muitas razões, em muitas famílias, ela assumiu um papel previamente atribuído apenas aos homens, a de provedora (por vários motivos). No entanto, o conceito de inferioridade das mulheres continua em muitas esferas sociais, ou seja, o papel social mudou, mas a fala permanece a mesma.

Essas mudanças nos hábitos e comportamento influenciaram o denominado feminismo, que se destacou no Brasil em dois momentos distintos: entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Os Feminismos (percebe-se a utilização do plural “Os Feminismos”, ao se referenciar à atualidade), possuem uma proposta emancipatória e libertadora porque prega a igualdade/equidade dos direitos e autonomia das mulheres. Por esta razão, as primeiras mulheres compositoras podem ser consideradas precursoras dos

feminismos, tal como Chiquinha Gonzaga, por exemplo, lutou por direitos feministas emancipatórios.

Portanto, a influência do feminismo em diversas áreas da vida social é inegável. O efeito é perceptível não só na vida das mulheres, em diferentes lugares mundo, mas também na criação de conhecimento, incluindo o conhecimento artístico. Então as mulheres começaram a ter maior visibilidade de suas lutas contra a opressão dos homens agindo de forma gradual e crescente na música e se com muitos méritos, como Dona Ivone Lara, Dolores Duran, Maysa, Rita Lee, Joyce Moreno, Adriana Calcanhoto, entre outras compositoras notáveis.

Porém, mesmo após décadas de lutas e conquistas, o número de compositoras ainda são muito mais baixas do que os homens. Os nomes femininos que aparecem são sempre as poucas referências e limitam-se àquelas que ganharam importância entre os anos 1940 e o século XX (1990). As que surgiram daí são pouco lembradas e pouco citadas, principalmente em estudos sobre compositores brasileiros.

Desta forma, percebemos que mesmo após as revoluções feministas e como consequência, a conquista de direitos no novo campo social e artístico, as compositoras brasileiras ainda lutam para entrar no mercado e ainda mais para obter reconhecimento e sucesso. Embora muitos talentosos na arte da composição, elas não podem projetar grandes público. Um bom exemplo disso é a cantora e compositora Karina Buhr, que começou uma carreira, ainda nos anos 90, embora tenha reconhecido talento por muitos estudiosos, ainda não alcançaram a projeção nacional.

Este fato pode indicar que não existem poucas compositoras. Existem muitas compositoras talentosas esperando por apenas uma oportunidade de mostrar seu trabalho e mostrar sua visão mundo, sendo protagonista de suas histórias. Hoje existe uma nova geração que inclui, além da citada Karina Buhr, Tiê, Céu, Tulipa Ruiz na MPB, Karol Conka e muitas outras, nos mais diversos gêneros musicais, elas merecem respeito por estarem em uma área dominada por homens por muito tempo.

Agora que temos mais compositoras ativas, a visão feminina também vai para o mundo nas letras das canções. É natural que escrevamos sobre nossas vidas, como enxergamos o outro, que falemos das relações afetivas, de política. Sempre se fez isso na música brasileira. Durante a ditadura os compositores foram

perseguidos e exilados porque estavam expondo a ferida da época. Estamos fazendo o mesmo, agora com outros assuntos. (CAROL NAINÉ, 2016 – entrevista dada ao site G1)

Depois de um longo período de submissão e inferioridade, as mulheres começam a buscar maior visibilidade aos papéis importantes desempenhados por elas na sociedade. Daí sua participação em diferentes setores da vida social estão se tornando essenciais para a história moderna. (COULANGES, 1996). As mulheres, ainda que de forma crescente, toma para si o feito de se narrar e narrar seu cotidiano e sua história em composições, mostrando mulheres cada vez mais independentes e conscientes de seus direitos e importância.

Hoje, analisando a história das mulheres na música, podemos constatar a expressiva contribuição deixada por aquelas mulheres que quebraram as barreiras impostas na sociedade sexista e preconceituosa. Assim, elas não só comprovaram suas imensas competências como cantoras, intérpretes, instrumentistas e compositoras, mulheres com desejos e sonhos, com prós e contras como qualquer outro. Então, como veremos no próximo capítulo, as brasileiras, embora ainda sofram resistências da ala masculina no universo da música, gradualmente elas passam ter maior visibilidade em resposta ao fato de serem narradas e passam elas o protagonismo de narrar as suas histórias e cotidiano, como veremos adiante.

### **CAPÍTULO 3 – MULHERES DESCRITAS EM NARRATIVAS MUSICAIS NO BRASIL DOS ANOS 50, 60, 70, 80, 90 E NO SÉCULO XXI: COMO SE CANTAM AS MULHERES**

#### **3.1. “Conceição, eu lembro muito bem”: a representação das mulheres descritas nas músicas dos anos 50 e 60**

Na década de 1950, a população urbana cresceu e 24% da população rural migrou para as cidades, processo que ocorreu devido ao intenso desenvolvimento industrial do Brasil, iniciado em 1956, que fazia parte da então "política de desenvolvimento" do presidente Juscelino Kubitschek. Na economia, as matérias-primas domésticas têm sido amplamente apreciadas, o que tem promovido o acúmulo de grandes reservas cambiais no país. Ainda nos anos 1950<sup>37</sup> cerca de 50% dos brasileiros eram analfabetos, mesmo assim, começou a aumentar a escolarização, nos dez anos seguintes, a taxa de analfabetismo caiu para 39%.

Um dos principais eventos históricos do Brasil é a arquitetura de Brasília, um grande número de edifícios no Brasil na primeira metade do século XX. Nos dez anos seguintes, foi inaugurado em 21 de abril de 1960 Brasília.

No campo da arte, assistimos a um movimento mais rico e diversificado, que não é apenas fruto da urbanização, mas também do aumento dos métodos de educação e comunicação. As indústrias da música e do cinema tornaram-se extremamente poderosas e influentes. No campo da música, começou o festival de música brasileira, que apresentou compositores como Roberto e Erasmo Carlos. Surge também o aparecimento dos Novos Baianos e o Tropicalismo, outra importante atuação na música é a Bossa Nova. Gêneros musicais que fornecem importantes referências culturais e históricas.

No Brasil, o evento marcante foi a Petrobras, empresa estatal que ainda era fundada na era Vargas, em 1953. Esta é também a era da busca pelo capital estrangeiro, e as multinacionais vão expandir suas cadeias produtivas globalmente

---

<sup>37</sup> Disponível em:

<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/biologia/historia-do-brasil-anos-1950/48618> / Acesso: 20/01/2020.

e no Brasil.<sup>38</sup> Ocorreram duas eleições diretas: a de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, este que assume o governo com o compromisso de grandes melhorias, com o slogan “50 anos em 5”. Foram quase 10 anos sem golpes de Estado.

Alguns acontecimentos históricos no Brasil dos anos 50: a inaugurada a TV Tupi (primeiro canal de televisão da América Latina), a realização da Copa do Mundo de Futebol (O Uruguai foi o vencedor, por 2 à 1 contra o Brasil), a primeira Bienal Internacional de Arte de São Paulo, a criação da empresa estatal Petrobras, João Gilberto, Tom Jobim e Vinícius de Moraes levam a Bossa Nova para representar internacional o mais novo estilo musical do Brasil, o suicídio do então presidente Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek é eleito presidente do Brasil.

O Brasil na década de 1950 foi chamado de “anos dourados”. Um período marcado pelo desenvolvimento industrial e pela inovação. Este período também destaca o papel que as mulheres desempenham em uma sociedade tradicionalista que busca e valoriza a persistência de costumes e tradições. Nessas práticas, dar prioridade ao casamento é o principal objetivo na vida das meninas. Portanto, deve-se ter um comportamento impecável para resistir a tentações e situações que possam prejudicar sua honra ou mesmo embaraçar a reputação de sua família na sociedade. Acredita-se que boas maneiras são essenciais para desenvolver uma boa esposa.

Embora o país tenha vivido um período de inovação e progresso, teve características, valores e padrões próprios da época. Certos setores da sociedade precisam de mais tempo para aceitar as mudanças trazidas pela evolução do tempo, especialmente aqueles que são mais tradicionais e defendem a continuidade de costumes e tradições. Nos últimos dez anos, uma das maiores preocupações das meninas é que elas podem não ter um casamento feliz. Afinal, elas são educadas e preparadas para desempenhar papéis importantes e reconhecidos como esposas e mães. Segundo Chortaszko; Moreira (2013, p.07)

---

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/anos-50/#:~:text=Nos%20anos%2050%2C%20o%20acontecimento,1953%2C%20ainda%20no%20período%20Vargas> / Acesso: 24/01/2020.

este era o “destino natural das mulheres”, assim, deveriam estar preparadas para ocupar esse “lugar”.

Esperava-se que as meninas se casassem ainda jovens. Guimarães (2012, p.3) destacou que a idade de dezoito anos é a idade ideal para o casamento. Segundo Bassanezi (2004, p.619), as meninas solteiras nessa idade correm o risco de serem apontadas pela sociedade como “mulheres acorrentadas” e podem ser “tias”. Quando ela completou 25 anos, “considerando que era uma esposa mais velha, já estava envergonhada”. Essa cobrança é cobrada por famílias, moças e famílias que valorizam tradições e costumes e condenam e rebaixam qualquer pessoa que vive ou age de maneira diferente.

Os homens costumavam se casar com idades entre 26 e 27 anos. Nas áreas urbanas, os casamentos são feitos com jovens mais velhos. Ao contrário do campo, os jovens lá são jovens. Acredita-se que, por meio do casamento precoce, o casal terá mais tempo para viver junto, aprender a conviver com os costumes e mania do cônjuge e ter muito tempo para se adaptar a eles.

Nessa perspectiva, Bassanezi (ibid, p. 610) descreve os conservadores brasileiros que questionam a possibilidade de influência negativa do cinema americano, que pode se tornar um modelo negativo para as jovens brasileiras. Apontando os comportamentos das garotas norte-americanas que devem ser evitados, como desrespeitar os pais e desrespeito em lugares, como o carro, inadequados para namorar.

O comportamento correto deve ser usado em ambientes públicos, o que indica que as mulheres jovens são bem educadas, evitando assim que as meninas sejam rotuladas e mal faladas.

Durante os chamados Anos Dourados, aquelas que permitissem liberdades “que jamais deveriam ser consentidas por alguém que se preze em sua dignidade” acabam sendo dispensadas e esquecidas, pois “o rapaz não se lembrará da moça a não ser pelas liberdades concedidas” (PRIORE, 2011, p.163- 164).

Da mesma forma, as mulheres jovens devem impor restrições: mesmo que o noivo tente, o noivo não pode ter liberdade. “Cabia especialmente à jovem refrear as tentativas desesperadas do rapaz, conservando-se virgem para entrar de branco na igreja” (ibid, 2011, p.164). Não é importante suprimir seus desejos, porque acima deles estão as regras e padrões que devem ser seguidos. Obviamente, essas sugestões e advertências estão por toda parte, sempre visando e

buscando defender os jornais, os princípios da igreja e as meninas e suas virtudes impressas no ambiente familiar.

Ressalta-se que nesse período, ignorar essas tradições não será aceito como desculpa para se defender de suas atitudes erradas, pois essas regras são claras, amplamente divulgadas e muitas vezes lembradas. Espere que essas meninas se comportem como um anjo da família e “uma força inabalável, emoldurada por uma graça irresistível” (SANT’ANNA, 2012, p. 110). Espera-se que alcancem com firmeza o objetivo da virgindade e pureza do casamento, evitem a todo custo dizer coisas ruins, e é apontado pela sociedade que se isso não acontecer, a jovem e toda sua família não pouparão esforços.

### **3.1.1. As “levianas”: o diabo de saias!**

Nem todas as meninas seguem as regras. Algumas pessoas ousam morrer. As meninas que são chamadas de mal faladas são aquelas que namoram meninos, mas não têm o propósito de estabelecer um relacionamento mais sério, pois podem correr riscos antes do casamento, portanto, não são selecionadas ou consideradas não dignas de um casamento feliz. “Deveriam, inclusive, ser evitadas pelas boas moças para que estas não fossem atingidas por sua má fama e seus maus exemplos” (BASSANEZI, 2004, p.612). Portanto, não é recomendável estabelecer qualquer contato ou amizade entre eles.

Algumas atitudes e comportamentos são características que ajudam a distingui-los das meninas da família. A marca registrada dessas jovens é o uso de roupas altamente inspiradoras e sensuais para exibir seus corpos. Estas jovens saem com outros meninos para reuniões em lugares escuros. Atitudes que sugerem intimidade com os homens também têm despertado oposição social, pois nesses gestos mostram desrespeito e desprezo pelas tradições e costumes ainda existentes.

Eles são um exemplo de não fazer as coisas e acabarão por levar à responsabilidade por essas atitudes ignorantes no futuro. Mesmo que a sociedade e a família imponham todas essas regras, ainda existem algumas jovens que estão dispostas a mudar seus hábitos e seguir as práticas estabelecidas. “Estas transgrediam fumando, lendo coisas proibidas, explorando sua sexualidade nos bancos dos carros, discordando dos pais e abrindo mão da virgindade, e por vezes

do casamento, para viver um grande amor” (PRIORE, 2011, p. 165), eles vivem no presente sem se preocupar com o futuro. Mesmo que ela a admire por sua coragem de viver, não importa o que ela faça, é improvável que essa garota se case porque apenas um pequeno número de homens admite e está disposto a se casar com uma garota “deflorada por outro” (BASSANEZI, 2004, p. 613). Mesmo que tenham as próprias namoradas, essa pessoa não aceita e tolera uma atitude mais liberal, sendo até incentivada por elas, pois temem que essa liberdade também seja dada ao ex-namorado.

Portanto, as meninas que desejam fazer sexo com elas mesmas e ter um casamento feliz devem considerar essa "fuga" como o segredo absoluto. Se ela descobrir sua atitude, a jovem pode cancelar o casamento porque a esposa e a mãe menor não devem ter defeitos.

### ***3.1.2. As do “bom casamento”: as musas inspiradoras***

Ainda na década de 1950, o casamento era considerado o principal objetivo de vida da maioria das mulheres, pois não há dúvida de que “as mulheres eram, por natureza, destinadas ao casamento e à maternidade” (PINSKY, 2012, p. 470). Esta é uma missão inspirada por Deus e defendida pela Igreja, que considera o matrimônio um ato indivisível e sagrado. Nesse momento, é possível casar por amor, pois nos últimos anos, o romantismo e a sensibilidade começaram a se resolver na literatura, despertando nas meninas o desejo de viver e sentir amor. No entanto, existem certas restrições para interromper esse amor, mas essas restrições devem ser impostas e respeitadas. “Nada de paixões que violem as leis da moral e da ordem. O amor só é aceitável se não rompesse com os moldes convencionais de felicidade ligada ao casamento legal e à prole legítima. A abnegação poderia fazer parte do amor feminino, o deslize passional nunca”. Bassanezi (2004, p. 618)

Portanto, uma vez que o casamento deve ocorrer no contexto do amor, mas com julgamento e razão, o amor naturalizado é uma espécie de amor controlado e passivo, não um amor problemático, que pode ser exagerado e irrefletido. Os casamentos na década de 1950 foram uma época em que os sonhos se tornaram realidade. Diante do aparecimento da família, amigos e sociedade, a menina afirmava ter se protegido de várias atitudes e comportamentos inadequados.

Portanto, ela merece vivenciar e comemorar o término de seu vínculo matrimonial, e agora está pronta para os novos desafios que se avizinham, como cuidar da casa com o marido e futuros filhos. Nessa nova família, algumas coisas já estão claras. Atividades familiares, como cozinhar, lavar roupa, limpar o quarto e cuidar dos filhos, são atividades dedicadas à esposa. “Uma vez que o homem é considerado o responsável pela casa, ele pretende realizar pequenos reparos e reparos, e é o responsável pelo poder e governo de sua esposa e filhos (CHORTASZKO; MOREIRA, 2013, p.7)”, suas palavras são organizadas e, somente depois dele, a esposa exerce certa autoridade, e um casamento feliz e harmonioso pode durar para sempre. Este é realmente o desejo de todas as mulheres, que estão muito preocupadas em considerar a possibilidade de separação.

Essa mulher acredita que a vida sem marido é impossível, e o marido busca proteção econômica dela e da sociedade. Mulheres separadas não são favorecidas, geralmente os casamentos infelizes são melhores, mas elas têm de tudo, ao invés de enfrentar o preconceito, sendo escolhidas pelos outros como quem não pode manter o casamento. Normalmente a esposa é considerada a principal responsável pela traição do marido. Às vezes, a esposa é aconselhada a *perdoar* e aceitar seus erros para evitar uma possível separação, o que acabará por condená-la, mas certamente o salvará de entrar.

Afinal, as regras que a sociedade impõe aos homens são mais flexíveis do que suas aventuras extraconjugais. Bassanezi (2004, p. 632) enfatizou: "Os homens têm necessidades sexuais diferentes, muito maiores do que as mulheres - essa é uma característica masculina natural", o que supostamente minimiza sua traição. Os erros dos homens são amplamente defendidos, e as esposas devem ignorá-los porque essas atitudes são parte dos homens, porque eles não têm controle absoluto sobre suas atitudes. Nesse caso, é recomendável que as mulheres se comportem com tranquilidade e o tratem muito bem, afinal, como diz o ditado, o marido sempre volta.

Se uma esposa infiel se atreve a buscar um relacionamento extraconjugal, uma vez descoberta, ela sofrerá grande preconceito e críticas e poderá ser punida por essa atitude e comportamento. No caso de crime passional, o marido que é humilhado pela culpa de sua esposa infiel será perdoado pela lei. “Para os homens, ser chamado de corno manso – marido traído que não reage com

violência – era considerada uma grande humilhação” (ibid, 2004, p.632). Nesse caso, a separação é uma atitude inevitável.

Uma mulher infiel pode não ser a mãe ideal. Ela carregará o fardo da indiferença e do desprezo na sociedade e na família. Algumas tradições e aspectos culturais foram abandonados ou mesmo desapareceram com o passar do tempo. No entanto, algumas dessas tradições e costumes ainda existem hoje. Por exemplo, algumas mulheres que ainda esperam se casar com “bons homens” por meio de belas cerimônias e vestidos brancos e que desejam construir uma família, e esse casamento durará muitos anos, como os sonhos dourados das meninas, inabaláveis.

### ***3.1.3. Como se cantam as mulheres na análise do discurso musical: Emília, Amélia, Laura e Conceição***

Para traçar uma linha do tempo, na sequência, a análise do discurso narrativos em quatro músicas<sup>39</sup>:

#### **Emília (1941) (Haroldo Lobo e Wilson Batista)**

*Quero uma mulher que saiba lavar e cozinhar  
Que de manhã cedo me acorde Na hora de trabalhar.  
Só existe uma  
E sem ela eu não vivo em paz  
Emília, Emília, Emília Eu não posso mais.  
Ninguém sabe igual a ela preparar o meu café  
Não desfazendo das outras  
Emília é mulher Papai do céu é quem sabe a falta que ela me  
faz Emília, Emília, Emília, Eu não posso mais.*

Além disso, podemos perceber que a mulher considerada ideal é aquela que serve ao companheiro, uma serva dominada por um homem. Emília é uma “dona de casa perfeita”, cuja função familiar se confunde com a figura ideal domesticada do discurso masculino.

---

<sup>39</sup> Outras músicas: “*Na Subida do Morro*”, cantor: Moreira da Silva (1952), autor: Moreira da Silva e Ribeiro Cunha; “*Deusa do Asfalto*”, cantor: Nelson Rodrigues (1958), autor: Adelino Moreira; “*Esposa Modelo*”, cantora: Marlene (1954), autores: José Maria de Abreu e Carlos Rêgo Barros de Souza e “*A Mulher Que é Mulher*”, cantora: Dirinha Batista (1954), autores: Klecius Caldas e Armando Cavalcanti.

Vamos verificar o que diz a composição de Mário Lago e Ataulfo Alves. Para entender o que Amélia representa a letra dessa música, em primeiro lugar, mostra, naquela concepção, que as mulheres “modernas” e seus defeitos: cobrar, não passar privações em detrimento do cuidado para com o outro e só pensar no luxo e na riqueza. E nesse contrato entre a mulher do “passado” e a mulher do “presente”, como exemplo a “Amélia” e a “censura” a vaidade, como um processo de “coisificação” claramente expresso pelo pronome demonstrativo: “Aquilo sim é que era mulher”.

**Ai que saudades da Amélia (1942)**  
(Mário Lago e Ataulfo Alves)

*Nunca vi fazer tanta exigência  
Nem fazer o que você me faz  
Você não sabe o que é consciência  
Não vê que eu sou um pobre rapaz.  
Você só pensa em luxo e riqueza  
Tudo o que você vê você quer,  
Ai, meu Deus, que saudades da Amélia  
Aquilo sim é que era mulher.  
Às vezes passava fome ao meu lado  
E achava bonito não ter o que comer...  
Quando me via contrariado  
Dizia: meu filho, o que se há de fazer?  
Amélia não tinha a menor vaidade  
Amélia que era mulher de verdade*

Em seguida, em Laura, vimos o contraste entre pureza e pecado. Aqui, as mulheres abandonam a aura sagrada e se tornam parte do mundo profano. Um homem que professa o mundo vive na cidade e uma vida profana no campo.

Há uma conexão entre as duas partes desta letra de música. A representação “estrada” representa a troca entre o passado e o presente, a ligação entre o rio interior e o mar que banha a cidade. No “asfalto” aberto ao mundo da cidade grande, os símbolos da despedida são o adeus e o lenço. O que se vê no discurso masculino é a Laura impura e inocente, e essa oposição está relacionada à tradicional oposição natural / cultural. Em Laura, essa oposição está relacionada à distorção da natureza pela cultura (asfalto).

**Laura (anos 50)**  
(João de Barro e Alcyrr Pires Vermelho)

*O vale em flor, a ponte, o rio cantando*

*O sol banhando a estrada, frases de amor Laura, um sorriso de  
criança, Laura, nos cabelos uma flor,  
Laura, como é linda a vida,  
Laura, como é grande o amor.  
Depois, o adeus, o lenço, a estrada, a distância,  
O asfalto, a noite, o mar, as taças de flor.  
Laura, que é da rosa dos cabelos,  
Laura, que é do vale sempre em flor?  
Laura, que é do teu sorriso?  
Laura que é do nosso amor?*

A dicotomia passado / presente em Conceição (próxima letra de música analisada) também é clara. Em Laura, inocência e engano, virtude e maldade são opostos, pois sair do morro representa o caminho do crime e da prostituição. A sugestão do elemento pecado se aplica à descida da montanha à cidade, onde se busca a melhoria de vida, "tentativa de subir, descer", ou seja, tentando "subir", o nível do "comportamento" "desceu".

**Conceição (anos 50)**  
**(Jair Amorim e Dunga)**

*Conceição Eu me lembro muito bem  
Vivia no morro a sonhar  
Com coisas que o morro não tem.  
Foi então  
Que lá em cima apareceu  
Alguém que lhe disse a sorrir  
Que descendo à cidade ela iria subir.  
Se subiu  
Ninguém sabe, ninguém viu,  
Pois hoje seu o nome mudou  
E estranhos caminhos pisou.  
Só eu sei  
Que tentando a subida desceu  
E hoje daria um milhão  
Para ser outra vez  
Conceição.*

Pode-se concluir que, apesar do grande desenvolvimento industrial do país nos anos 1950, as pessoas não tiveram o mesmo progresso em seu pensamento e ainda prezam certos costumes e atitudes. Existem dificuldades de compreensão e aceitação, diferentes estilos de vida ou de fazer escolhas. Tanto a família como a sociedade exigem determinados comportamentos, não aceitando atitudes contrárias às que foram transmitidas de geração em geração e que existem há

anos. Esteja ciente das dificuldades que a sociedade enfrenta em aceitar e respeitar as pessoas que desejam fazer escolhas e levar vidas diferentes.

### ***3.1.4. Contextualizando: elas se narrando***

Nas décadas de 1950 e 1960, a relação entre as mulheres brasileiras e a música focalizou e levantou questões relacionadas ao cotidiano de cantoras que desempenhavam um papel importante em uma sociedade que determina o comportamento sexual das mulheres, levando em consideração suas relações de gênero, sociedade, família e demais relações cotidianas, onde expressam suas experiências por meio da música.

Simone de Beauvoir (1980) Maria Izilda Santos de Matos (2017); Fernando A. Faria (1999); Carla Rodriguez (2009) Michelle Perrot (1988); Margaret Rago (1985); são referenciais sobre pesquisas de gênero, nesse caso, sobre a mulher e a música, comparecem aqui, cantoras como Dalva de Oliveira; Ângela Maria; Emilinha Borba; Maysa; Darcy Silva; Aparecida Amorim entre outras, que entre 1950 e 1960, fizeram importantes contribuições para a indústria musical brasileira, artistas que romperam com os moldes de um período que as expressões de manifestações femininas ainda eram “perseguidas” por expressividades de uma sociedade que nesta linha de tempo constituíam determinados radicalismos, resultando em exclusões ao universo feminino brasileiro, o que torna importante refletir sobre o conceito do termo “mulher”, as questões da dualidade, do binarismo, e, a argumentação das diferenças entre homens e mulheres.

De acordo com Simone de Beauvoir (1980, p.07), “todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade”. A construção deste sujeito “mulheres”, O surgimento desse nominalismo é fruto de uma construção social construída em torno dessa palavra, e essa construção está condicionada à imagem gentil, delicada, casada e moral da mulher, modelo reforçado historicamente.

Buscar entender o termo "mulheres" como um poderoso elemento de contribuição é fundamental para o estudo da história das mulheres, ampliando o problema dinâmico e conservador da exclusão das mulheres em toda a história

social humana. A história deixou espaço para as pessoas, isto é, a história das minorias étnicas, excluídos, mulheres, raças, prostituição, homossexualidades e outras origens sociais.

As mulheres são rebaixadas para o segundo nível, o "segundo sexo", ou seja, a conexão entre a imagem da mulher e o segundo nível da história, que historicamente afeta o universo feminino como fator participativo e interativo nas relações sociais e culturais. A mulher tem que carregar uma cruz ou uma espada. A imagem de um santo ou blasfêmia vem das costelas de um homem e de uma serpente malvada.

A música é uma ferramenta de comunicação usada pelas cantoras acima mencionadas e a música é o viés potencial da descentralização e transformação das mulheres.

A música pode expressar a própria identidade, frágil ou forte, amada ou desprezada, fiel ou traída, ignorada ou sobre novas experiências. A música não conhece fronteiras, seu poder é dinâmico, sua comunicação é baseada em sentimentos expressos através da fala, ela tem múltiplas funções, seus campos de pesquisa são tão amplos, porque ocorre de diferentes maneiras ao redor do mundo.

Fernandes (2008), doutora em etnomusicologia<sup>40</sup> acredita que a definição de música se tornou um tema de controvérsia e continuamente revisou e repensou o assunto. Historicamente, o que hoje pode ser definido como música não tem que ser necessariamente considerado no século XXI. A disciplina de musicologia, combinando métodos antropológicos e estéticos, explora o contexto histórico, social e cultural da música.

Portanto, conceituar música é um problema múltiplo, funcionando como uma inferência de “ponto de vista” diversificado.

Segundo ele, para os Pitagóricos (Séc. V a.C) “a música é a ciência da ordem das coisas”; para o bispo teólogo e filósofo Santo Agostinho (Séc. IV-V) “ a música é a arte dos movimentos bem executados”; para De Garlande (1270-1320), teórico musical francês do século. XIII “música é a ciência do número em ralação com os sons”.; para Rousseau (1712-1778), que além de filósofo, foi músico e compositor do século XVIII, que é a mais difundida e conhecida até hoje, “Música é a arte de combinar os sons numa forma agradável aos ouvidos”; para Nietzsche (1844-1900) “música é a imagem adequada da

---

<sup>40</sup> Disciplina da musicologia que aborda a música em seu contexto histórico, social e cultural, combinando abordagens e estéticas antropológicas.

própria vontade” e, finalmente para o reconhecido músico e compositor, Beethoven (1770-1827) “música é uma revelação mais alta do que a ciência e a filosofia”. Cande (1983, apud Fernandes, 2008. P. 83)

No entanto, conceituar o termo música não é uma tarefa fácil. Existem outras definições que associam música a questões de estética, informação, performance e interpretação. No entanto, a definição de música definitivamente não é o objetivo desta pesquisa. Aqui, seu papel é fazer parte do eixo estrutural que desencadeia a história composta por mulheres e música. Porém, segue uma definição entra em muitas de Seeger (2004, apud Fernandes, 2008, p.84).

Música é uma intenção de fazer alguma coisa chamada música... É uma habilidade de formular linhas sonoras aceitadas pelos membros de uma dada sociedade como música (ou o que for o que eles as chamam). Música é a construção e uso de instrumentos produtores de som. É o uso do corpo para produzir e acompanhar sons.

Para ampliar ainda mais, segue algumas letras músicas cantadas pelas cantoras nas décadas de 1950 e 1960 que traziam limitações, dualismo, fraqueza e toda uma história de comportamento. Essas experiências a classificavam como uma mulher contida que se permitia uma condição de obediência, como por exemplo, o triste papel de "dor de cotovelo".

**A flor que tu me deste**  
**Darcy Silva (1959)**  
**(Marcus Borges)**

*A flor que tu me deste*  
*Eu guardo ainda*  
*Como lembrança do nosso amor*  
*Do nosso grande amor*  
*O nosso último beijo*  
*Não posso esquecer*  
*Suplico que tu volte querido*  
*Por que és a razão da minha vida*  
**Volta**  
*Quero outra vez o teu carinho o meu amor*  
*Quero outra vez teu calor juntinho a mim*  
*Não posso mais viver assim*  
**Volta...**

A cantora Darcy Silva interpretou a música intitulada "A flor que tu me deste", do compositor Marcus Silva. Essa canção é a primeira e última rainha do

rádio do Brasil nos anos 1960, Darcy Silva. Essa canção popular de “cidade grande”, relata as dores da ausência do amado. Essa história também se baseia na compreensão das diferenças, que podem ser utilizadas como uma análise histórica da narrativa por meio da experiência da cantora Darcy Silva, ela fez a seguinte denuncia “infelizmente, não só as cantoras, mas artistas de modo geral, não eram bem vistos pela sociedade... creio que cantando em rádio e TV, enfrentando o preconceito, a mulher dava início a igualdade entre os sexos”<sup>41</sup>.

Nossas cantoras usam suas interpretações para levar as pessoas a cantar por decepção, dor, medo, dor, saudade e saudade, sinceras e ciumentas, é sobre sentimentos, se aprofundam no oceano sensível, na maioria das vezes usam suas próprias explicações para desabafar e representar um personagem como refém de seus sentimentos.

**Por causa de você**  
**Dolores Duran Silva (1957)**  
**(Dolores Duran e Tom Jobim)**

*Ai, você está vendo só  
 Do jeito que fiquei, e tudo ficou  
 Uma tristeza tão grande  
 Nas coisas mais simples  
 Que você deixou  
 A nossa casa querido já estava acostumada  
 Aguardando você  
 As flores na janela sorriam, cantavam  
 Por causa de você.*

A música interpretada por Darcy Silva não foi composta por mulher, mas ao contrário da música interpretada por Dolores Duran, que compôs juntamente com Tom Jobim, importante ressaltar que a linha descritiva é a mesma. Revela que após o rompimento do relacionamento, ela não reconheceu o cotidiano na casa, Diante da ausência dele, mesmo nas coisas mais naturais que decoram a casa, a casa dela é cheia de tristezas. Nesse sentido, na perspectiva de uma mulher, a imagem dessa mulher se configura como "sem ele, o universo familiar não faz mais sentido”.

Dolores Duran é cantora e compositora, proficiente em boemia carioca e samba-canção. A ambiguidade pelas diferenças de gênero, sentido das letras e

---

<sup>41</sup> Entrevista com Darcy Silva para dissertação de mestrado intitulada As Cantoras do Rádio em Goiânia na década de 1950 e 1960, (Goiânia, fevereiro de 2012).

cotidiano profissional marcaram os anos 50. Esses dois aspectos nos fornece uma série de reflexões sobre a relação dessa mulher com a música, e ao mesmo tempo traz uma interpretação da vida. Ela respira a experiência da Boêmia no cotidiano da noite para descrever a pessoa que ama. De acordo com os padrões desta década, essas experiências têm sido marcadas e condenadas por grande parte da sociedade.

Conforme a historiadora Matos (1997, p.26), “a questão experiência ao estar nas perspectivas analíticas dos historiadores, deve ser analisada mais criticamente”, Por ser diferente de buscar fatos relacionados às relações sociais nos níveis político e econômico, ou seja, quando tratamos de questões culturais, devemos adotar uma definição consistente no método de análise a fim de fornecer subsídios para os conteúdos apresentados, para que a história possa ser enxergada por outros prismas, como, por exemplo, o universo feminista.

Maysa foi outra cantora dos anos 50 e 60, e uma cantora contemporânea de Dolores Duran. Maysa escreveu mais de 30 canções. Na época, sua voz não era natural entre as mulheres. Sua voz era suave e ela era considerada musa da “fossa”<sup>42</sup>. A cantora violou os padrões da época, se casou diversas vezes. Maysa dizia “só digo o que penso / só faço o que gosto / e aquilo que creio”, trecho da canção resposta.

O Brasil dos anos 1950 não admitia que houvesse uma mulher que ousasse assumir o controle de sua vida. Segundo Neto (2007), a cantora Maysa foi duramente criticada pela mídia brasileira, pelas roupas que vestia, e, até pelo repertório, foi considerada viver uma vida livre, chamada à época de “vedetismo”.

*Ouçá/vá viver a sua vida com outro alguém/hoje eu já cansei de você/não ser ninguém...* (Maysa (compositora e interprete), gravação de 1956).

Ao refletir sobre a história da relação entre cantoras e música nas décadas de 1950 e 1960, o desafio é compreender a teoria e a prática do feminismo, que são as características relacionadas à construção das histórias representadas pelas mulheres e pela música, e aspectos para entender as feminilidades à época.

---

<sup>42</sup> Termo popular utilizado para descrever o estado emocional depressivo relativo as relações amorosas, muito usual nas décadas de 1950 1960.

E para explicar os mais diversos pensamentos feministas as ideias do construtivismo, como uma crítica ao conceito de feminismo e a compreensão do termo feminismo no singular (e não no plural), alguns pensadores estudaram o tratamento irracional dado às mulheres, e foi apenas no século 19 e no início do século 20 que pensadoras feministas criticaram a receptividade feminina como algo “reducionista”, como Freud (Freud, 1973, p. 76) a psicanalista Carla Rodrigues (2009, p.26) pretende explicar as diferenças de gênero por meio da anatomia e aponta que “as células sexuais masculinas são ativas e procuram as femininas, enquanto os óvulos se fixam” e aguardam passivamente ” Freud usou essas características biológicas como modelo para explicar as diferenças entre homens e mulheres.

Existem várias hipóteses para que você possa raciocinar ou explicar a questão da feminilidade. Algumas pensadoras feministas criticaram a passividade sexual das mulheres considerada por Freud.

Neste movimento de descentralização, a palavra cantada, a música, é conectada com a subjetividade ou sensibilidade ao universo musical, a condição feminina relativa à sua identidade vai além de todos os riscos, quebra os dogmas e a liberta para sua expressão. A música é um dos poucos ou quase que único elemento que tem um potencial de descentralizar o lugar da mulher por ela mesma cantada, permitindo a apresentação de sua identidade, frágil ou forte, amada ou desprezada, fiel ou traída, ignorada ou desejada, ou seja, na musical, as mulheres são admiradas em quaisquer condições sentimentais que esteja sendo interpretada, permitindo-lhes a descobertas de novas experiências.

### **3.2. “Você na passa de uma mulher”: a representação das mulheres descritas nas músicas dos anos 70**

#### ***3.2.1. Análise do discurso: reflexões necessárias***

Uma das questões mais importantes a fazer ao discutir o discurso é qual definição de discurso estamos nos referindo. Segundo Villarta (2016), essa linguagem pode ser construída de três maneiras diferentes: A primeira, onde a linguagem baseada na relação com o mundo (O primeiro pensamento é que a linguagem ainda não está pronta, será baseada na relação dela com o mundo. Tudo

o que você vir ou acontecer novamente fará com que o sentido mude); a segunda, em que a linguagem constrói o mundo em nossa percepção (Nossa percepção do mundo também se dá por meio da linguagem e ao nós representamos, isso estabelecerá o conceito de mundo e a maneira como entendemos o mundo e como interagimos com ele) e a terceira, sobre construir o tema estabelecendo a relação entre a linguagem e o mundo (Quem somos será o resultado direto dessa interação entre a linguagem e o mundo. A linguagem está sendo reconstruída e o mundo está sendo reconstruído, então estamos reconstruindo a nós mesmos como sujeitos e ressignificando os conceitos, levando em consideração o deslocamento espaço-tempo e cenário da época).

Nessa perspectiva, a linguagem é uma prática ideológica. Em relação ao mundo, ele define quem somos e como nos comunicamos e interagimos. Como o discurso está relacionado à história e à sociedade, o discurso gerado em um determinado momento contará a história do tema naquele momento, não podendo ser recriado da mesma forma hoje, ou mesmo interpretado como era quando foi gerado, porque a linguagem ainda não está pronta, Baseia-se na relação com outras linguagens. Isso significa que quem interpreta um texto também realiza operações sobre o mesmo, contribuindo para a construção do texto.

É impossível saber exatamente o que o(a) autor(a) quer dizer quando escreve o texto, porque o sujeito vive nesse contexto histórico e tem uma certa visão das mulheres, por exemplo. Outra questão importante a considerar é se a obra é aceita para produzir significado. O que se produziu em 1930 será mais ou menos aceito, mas não equivale à aceitação daquela época, que também interferirá na produção de sentido. Até as palavras usadas têm outra conotação naquela época, então eles têm uma visão diferente das coisas.

A partir do momento em que o texto se torna de domínio público, os (as) leitores (as) se tornam coautores (as) no processo de compreensão do significado do (a) autor (a). O texto está sempre ativo e entende as propostas e as sugestões feitas também são tarefa dos (as) leitores (as) envolvidos na interação com o texto. O mundo, os sentidos e os sujeitos estão constantemente se reconstruindo, e a relação entre eles (as) finalmente produz a linguagem. E essa linguagem possui linguagem com múltiplos significados elevados, Segundo Proença (1992), o texto literário tem conexões internas, por meio dessa conexão interna, além de ser

marcado pela própria organização, revela também a realidade que não existe na poesia, além de suas potencialidades.

Também podemos dizer o seguinte o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional (Bakhtin, 2002).

O sujeito não se limita ao conteúdo, mas ao conteúdo que o autor lhe dá, partindo da apreciação do valor, e inferindo da avaliação com o pano de fundo da avaliação. Um texto não tem uma interpretação única e “correta”, pois abrange dimensões universais, individuais, sociais e históricas, que o reconhecerão como texto e terão na mensagem veiculada significado importante (Bakhtin 2006).

O texto literário possui uma forma de comunicação própria, que utiliza outro discurso a serviço da criação artística, ou seja, a conotação, não busca o sentido dessa forma de comunicação, mas o sentido buscado em outros fatores (como fonética, associação com outras palavras ou conceitos, sentimentos e impressões emocionais), ou seja, todos os sentidos obtidos quando o texto está em contato com a linguagem e a interação do leitor(a) / ouvinte, conforme Proença (1992, p.34): “A literatura se vale da língua e revela dimensões culturais. Cultura, língua e literatura estão, portanto, estreitamente veiculados”.

A linguagem literária se abre para o mundo e coloca “uma questão que não pode ser respondida pela ciência, pela moralidade ou pela sociologia” Proença (ibid, 1992, p.34). A linguagem literária é criação, tem múltiplos significados e, por causa dessa função única, torna-se diferente em cada nova forma de interpretação e em cada nova forma de criação.

Outra questão a ser avaliada é a liberdade criativa da poesia, pois ela pode não seguir as regras gramaticais ou a estrutura do texto, por isso é fácil declarar que viola as regras e só pode obedecer à criatividade do poeta. “Seu único espaço de criação é o da liberdade”. (ibid,1992, p.41).

### ***3.2.2. As mulheres nas narrativas musicais dos anos 70***

A década de 1970<sup>43</sup> marcou o abalo da ideologia que existia na década de 1960, levando a manifestações mais indisciplinadas, como festivais de rock ao ar livre que pregavam o amor, as drogas e vidas alternativas. Ao longo de toda a década de 1970, de forma dicotômica, o Brasil praticou uma ditadura militar, período de censura de todos os meios de comunicação submetidos à tortura e ao exílio. Foi nesse período que, devido ao "milagre econômico", o regime brasileiro atingiu seu auge, o que colocou o Brasil em 9º lugar entre os países com melhor economia. O Brasil não sentiu tanto o reflexo da crise do petróleo, mas para isso usou as reservas cambiais e depois equilibrou sua balança comercial deficitária com empréstimos internacionais, mas o resultado refletiu em inflação elevada e preços em alta.

No campo político, o General Ernesto Geisel assumiu a presidência do Brasil em 1974. Em 1975, Brasil e Alemanha assinaram um acordo nuclear para a construção de uma usina nuclear em Angra dos Reis (Rio de Janeiro). Em 1976, o Brasil promulgou a "Lei Falcão", que instituiu um sistema de propaganda eleitoral na televisão, baseado exclusivamente na divulgação de fotos, nomes, números partidos dos candidatos.

Em referência aos esportes, foi em 1970 que o Brasil tricampeão da Copa do Mundo de Futebol, realizada no México. Já nos anos de 1972 e 1973 o piloto brasileiro de automobilismo, Emerson Fittipaldi, foi campeão mundial de Fórmula 1.

A década de 1970<sup>44</sup> foi considerada uma "era individualista", mas o número de organizações não governamentais (ONGs) em todo o mundo estava aumentando. A televisão começou a expor escândalos e abrir processos envolvendo celebridades. Ao nível da música, a discoteca e a *dance music* acompanharam o desenvolvimento das experiências.

No campo da tecnologia, os computadores começaram a passar pelo processo de popularização e cada vez mais famílias começaram a usar computadores. Em 15 de novembro de 1971, a Intel lançou o primeiro microprocessador Intel 4004 do mundo. Na década de 1970, a França lançou o Concorde, primeiro avião supersônico comercial, além da missão

---

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/anos-70/> / Acesso: 23/08/2019.

<sup>44</sup> Disponível em: [https://www.suapesquisa.com/musicacultura/anos\\_70.htm/](https://www.suapesquisa.com/musicacultura/anos_70.htm/) / Acesso: 03/11/2019.

espacial Viking I, que enviou uma sonda para Marte em 1975. No Brasil foi nos anos 70 que a televisão colorida começou e se popularizar, os programas que fizeram sucesso: Nacionais (Chico City, Vila Sésamo, Sítio do Pica-Pau-Amarelo, Malu Mulher, A Grande Família) e internacionais (Hulk, Cyborg, As Panteras, Havaí 5.0), já no cinema, em 1976, estreou nos cinemas um filme brasileiro de grande sucesso: Dona Flor e seus dois maridos, do diretor Bruno Barreto.

A moda dos anos 1970 foi marcada por vários movimentos e estilos, e foi profundamente influenciada pela moda dos anos 1960. Durante essa década, o movimento hippie foi muito popular por causa do Festival de Woodstock em 1969. Jovens que espalham paz e amor. Logo, calças largas, estampas, vestidos, cabelos longos e barbas compridas passaram a fazer parte da população dos anos 1970, mas os hippies não foram o único estilo que ganhou força nos anos 1970. Também se espalharam calças rasgadas, rebites, alfinetes, jaquetas de couro e cabelos com cortes e cores diferentes. O conceito do grife nasceu na década de 70 para distinguir roupas de alta qualidade feitas por designers que iniciaram a produção em massa.

Depois que os instrumentos musicais começaram a se integrar ao estilo do rock, o chamado rock progressivo começou, bandas internacionais como *Pink Floyd*, *Led Zeppelin* e *Black Sabbath* apareceram, e o movimento punk também mereceu destaque na música. que pregava a anarquia e teve grupos musicais como *Sex Pistols*, *The Clash* e *Ramones*. No Brasil, uma nova geração de músicos apareceu, incluindo Novos Baianos, Belchior, Gonzaguinha, Djavan, Ivan Lins, Gilberto Gil, Roberto Carlos, Caetano Veloso, Elis Regina, João Gilberto, Gal Costa, Tom Jobim, Erasmo Carlos, Rita Lee, Chico Buarque, Clara Nunes, Jair Rodrigues, Jorge Ben Jor, Raul Seixas, Tim Maia, Beto Guedes e Vinicius de Moraes.

Como o elemento feminino é visto socialmente nos anos 70 nas letras de canções brasileiras consagradas? Ao longo desse caminho, é possível perceber muitas mudanças. Bakhtin acreditava que tudo está sempre em movimento, “tudo oscila com as alterações do quadro histórico em que as ações humanas se desenrolam”. É por isso que a teoria de Bakhtin (2006, p. 18) não pode ficar de fora da análise do discurso.

No caso a música é uma espécie de discurso, porque ao analisarmos as letras de uma determinada época, vamos analisar o pano de fundo histórico, o

momento em que o poeta criou a obra, a situação das mulheres naquele período e outras influências. É impossível discutir ou tentar analisar o pensamento de alguém ao criar uma obra. Quando o autor escreve a obra, devemos estar em sua mente para entender exatamente o que ela significava na época. Portanto, quando explicamos uma afirmação, acabamos fazendo algumas contribuições para a estrutura dessa afirmação, inculcando em nós nossos pontos de vista para entender o que estamos dizendo. Acabamos assim, criando um subtexto, que é o que pensamos que o autor quer dizer. Além disso, é claro, se você escrever a mesma música agora, a declaração provavelmente terá outro valor importante para o(a) autor(a), porque ele(a) não será mais a mesma pessoa e não falará mais exatamente a mesma coisa em outro contexto histórico e social.

A ideia que é deixar claro que não haverá interpretação textual para encontrar uma resposta, porque a linguagem não é um objeto sem identidade, mas tomamos sua realização concreta, vívida e variável como objeto de análise. De acordo com a situação atual, o (a) locutor (a) e o receptor(a) do texto serão implementados neste caso.

Ou seja, o objetivo é considerar toda a situação da história da música e o cenário da época de sua criação. Para entender como as mulheres são retratadas neste depoimento específico, é necessário integrar-se também à cultura e à sociedade da época.

Para traçar uma linha do tempo, na sequência, a análise dos discursos narrativos no gênero musical samba, essas músicas estiveram em voga<sup>45</sup>, conforme ranking<sup>46</sup> das mais tocadas da década de 70, a composição e interpretação de Martinho da Vila para entender o que a frase que se repete ao longo da obra “Você não passa de uma mulher” representa entre as descrições da narrativa:

**Você não passa de uma mulher (1975)**  
**Martinho da Vila (Interprete e compositor)**

*Mulher preguiçosa, mulher tão dengosa, mulher*  
*Você não passa de uma mulher (ah, mulher)*  
*Mulher tão bacana e cheia de grana, mulher*

<sup>45</sup> Outras músicas: “*Minha nega na janela*”, cantor: Gilberto Gil (1979), autores: Gilberto Gil e Germano Mathias”; “*Mulher que não dá samba*”, cantores: Carmem Costa e Paulo Marques (1974), autor: Paulo Vanzolini; “*Dinheiro não há*”, cantora: Beth Carvalho (1977), autores: Alvarenga e Bendito Lacerda.

<sup>46</sup> Disponível em: <https://maistocadas.mus.br/musicas-mais-tocadas/> / Acesso: 23/11/2018.

*Você não passa de uma mulher (ah, mulher)*  
*Você não passa de uma mulher (ah, mulher)*  
*Você não passa de uma mulher*  
*Olha que moça bonita*  
*Olhando pra moça mimosa e faceira*  
*Olhar dispersivo, anquinhas maneiras*  
*Um prato feitinho pra garfo e colher*  
*Eu lhe entendo, menina*  
*Buscando o carinho de um modo qualquer*  
*Porém lhe afirmo, que apesar de tudo*  
*Você não passa de uma mulher (ah, mulher)*  
*Você não passa de uma mulher*  
*Olha a moça inteligente*  
*Que tem no batente o trabalho mental*  
*QI elevado e pós-graduada*  
*Psicanalizada, intelectual*  
*Vive à procura de um mito*  
*Pois não se adapta a um tipo qualquer*  
*Já fiz seu retrato, apesar do estudo*  
*Você não passa de uma mulher (viu, mulher?)*  
*Você não passa de uma mulher (ah, mulher)*  
*Você não passa de uma mulher*  
*Mulher preguiçosa, mulher tão dengosa, mulher*  
*Você não passa de uma mulher (ah, mulher)*  
*Mulher tão bacana e cheia de grana, mulher*  
*Você não passa de uma mulher (ah, mulher)*  
*Você não passa de uma mulher (ah, mulher)*  
*Você não passa de uma mulher (ah, mulher)*  
*Menina-moça também é mulher (ah, mulher)*  
*Pra ficar comigo tem que ser mulher (tem, mulher)*  
*Fazer meu almoço e também meu café (só mulher)*  
*Não há nada melhor do que uma mulher (tem, mulher?)*  
*Você não passa de uma mulher (ah, mulher)*

A letra da música, em primeiro lugar, mostra, naquela concepção, que as mulheres descritas como “a preguiçosa, a letrada e psicanalitizada, a cheia de grana, a moça bonita e a menina-moça” estão todas “limitadas” ao estereotipo “mulher”, que, apesar de sua diversidade, não passa da condição mulher de servir, reforçado no trecho “*Pra ficar comigo tem que ser mulher / fazer meu almoço e também meu café*” sendo essa condição o fato que “liga” todas as mulheres no lugar que elas vêm sendo colocadas: aos cuidados do outro.

Passaram-se 42 da música lançada, aos 79 anos, Martinho da Vila, em sua apresentação no festival *Rock in Rio*, edição de 2017, mudou a letra em trechos que foram considerados machistas e explicou a censura durante a ditadura, Martinho explicou que "a música, de modo geral, tem essa conotação machista", e

concluiu que "a maioria dos compositores, se você vir a história do Brasil, são homens. Poucas mulheres compuseram. Então, a música tem uma tendência masculina, entendeu?"<sup>47</sup>. Martinho acredita que as músicas antigas passaram a ser criticadas atualmente, pois na época não foram consideradas machistas para o cenário daquele tempo, sendo assim, Martinho em sua apresentação no citado festival realizado no Rio de Janeiro, ele adaptou o trecho "Você não passa de uma mulher" para "Você é uma mulher".

**Gol anulado**  
**João Bosco (1976)**  
**(João Bosco e Aldir Blanc)**

*Quando você gritou mengo  
 No segundo gol do Zico  
 Tirei sem pensar o cinto  
 E bati até cansar  
 Três anos vivendo juntos  
 E eu sempre disse contente  
 Minha preta é uma rainha  
 Porque não teme o batente  
 Se garante na cozinha  
 E ainda é Vasco doente  
 Daquele gol até hoje o meu rádio está desligado  
 Como se irradiasse o silêncio do amor terminado  
 Eu aprendi que a alegria  
 De quem está apaixonado  
 É como a falsa euforia  
 De um gol anulado  
 Eu aprendi que a alegria  
 De quem está apaixonado  
 É como a falsa euforia  
 De um gol anulado*

Em seguida, o samba Gol anulado, interpretado por João Bosco, composição conjunta com Aldir Blanc, de 1976, vimos que a letra compara o gol anulado com a mesma sensação de decepção ao perceber que a companheira torcia para o time de futebol rival, assim, o homem “pune” a mulher, conforme trecho “Quando você gritou mengo / No segundo gol do Zico / Tirei sem pensar o cinto / E bati até cansar”, fazendo alusão à violência contra a mulher, além de esvaziar a possibilidade da livre expressão, é como se a mulher não pudesse se

---

<sup>47</sup> Disponível: <https://g1.globo.com/musica/rock-in-rio/2017/noticia/martinho-da-vila-fala-de-rock-in-rio-diz-que-mudou-letras-machistas-e-comenta-censura-na-ditadura.ghtml>  
 / Acesso: 08/03/2018.

expressar, senão para repetir do discurso do homem, sendo a mulher subjugada à condição de mantenedora do lar, aos cuidados do servir.

A visão estereotipada do homem sobre a mulher ao longo das décadas é determinante para que músicas com conteúdo machista fossem e continuem sendo produzidas. De acordo a opinião da doutoranda e pesquisadora pela UFMG Bárbara Caldeira<sup>48</sup>, 2019, em entrevista para a repórter Laura Maria, do portal “O Tempo”: “Desde os primórdios, existe uma representação construída de estereótipo que corresponde àquela mulher valorizada, que arranca suspiros quando passa na rua. Quando as mulheres saem desse grupo, são cantadas de forma pejorativa e objetificadas. Ao universalizar, perde-se o específico do que é o ser mulher”.

### 3.2.3. “*Fulano, beltrano, sicrano*”: *ela disse!*

Na música seguinte, Fátima Guedes compôs e cantou um "eu poético" feminino, descrevendo-se como uma mulher "dividida", mas livre, com três opções para escolher. Apesar da possibilidade do relacionamento, nenhum deles a deixara totalmente satisfeita. O progresso não é grande, mas já é um registro da expressão feminista.

#### **Fulano, Beltrano e Sicrano (1979) (Fátima Guedes)**

*Taí, uma mulher com pecados  
Habilmente dividida  
Três homens no meu caminho  
Três caminhos sem saída  
O fulano é meu amigo  
O beltrano é meu marido  
O sicrano é meu amor  
E a briga cá é comigo  
Eu é que sei  
Teve de ser com fulano,  
De quem eu sou a pele fraca  
A amante mais devassa,  
Seu estopim de desgraça  
De encontros em pleno dia  
E o medo que ele me passa  
E a pressa que ele me passa  
Eu sei que se ele me aperta*

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/passam-se-os-anos-permanece-o-machismo-na-musica-brasileira-1.1600153>. / Acesso: 11/10/2019.

*Sente em meu seio a fogaça  
 Eu sou mil vezes melhor  
 Embora ele adore a outra  
 Fulano me deixa louca  
 Beltrano me quis primeiro  
 Arrebatou-me princesa,  
 Viril, forte e cavalheiro,  
 Elogiou minha beleza  
 Beltrano me escolheu  
 Pra ser o que é de mais seu  
 A mãe dos seus garotinhos  
 Todos de olhos tranquilos  
 Seus filhinhos, meus filhinhos  
 Beltrano é o que há de mais puro  
 Mas Sicrano ainda me olha  
 Com tanto apego.  
 Gosta e não gosta de estar comigo  
 Sente no meu respirar  
 Uma nota de perigo  
 Me tira e me põe nos seus planos  
 Sicrano vai nisso há anos.  
 Ele sabe que minha vontade é ele  
 E me deixa pensar por de repente,  
 Sicrano me põe doente*

A personagem vive entre três amores, e dela não consegue sair desse quadrado amoroso, pois tem expectativas e desejos diferentes em cada personagem. No primeiro caso, o que acontece é um amigo "fulano" cujo relacionamento prioriza a atração sexual. Relacionado ao desejo sexual está o medo e a pressa. Corre o perigo de ser descoberta e todas as consequências desta relação secreta, na qual ela é a "outra".

Em segundo lugar, seu marido, Beltrano, não conseguia despertar seus desejos sexuais. A atmosfera lembra os contos de fadas. Os contos de fadas são expressos pelo príncipe característico do marido "gentil, forte, cavalheiro", fortalece esse ambiente afetoso, destacando a maternidade "garotinhos e filhinhos".

É interessante notar a forte oposição na primeira e segunda seções, pois essas duas situações nos remetem a tendência de como o comportamento feminino se manifesta no imaginário masculino: as mulheres são transitam entre ser santa ou a profana.

Na última experiência dos personagens, "Sicrano" apareceu ao mesmo tempo que os dois primeiros personagens, o amante, trata-se de uma pessoa

irresponsável e confusa, insegura quanto à relação. Ao perceber que as mulheres se sentem atraídas pelas brincadeiras infantis, ele promove o jogo de sedução dos sentimentos com as mulheres apaixonadas, que a confunde e a deixa em um esgotamento emocional extremo, e por fim declara que se sente mal. Paradoxalmente, segundo ela, mesmo sofrimento, o amor pertence a um terceiro.

Nessa armadilha amorosa, os três relacionamentos são incompletos, não há saída e não há como construir um relacionamento mais completo e saudável. Porém, a personagem percebe que o conflito deve ser resolvido internamente, ou seja, deve ser resolvido por ela, pois percebe que possui um desejo inerente de sofrer por meio da cultura da masculinidade.

Se um homem tem vários relacionamentos, então ele pode ser considerado muito inteligente, o que é consistente com seu papel como homem, mas se uma mulher passou por tal experiência, a sociedade não pode entender. É por isso que mesmo tendo tentado quebrar as barreiras da censura e manter essa experiência no início, ele se enganou e trouxe para si toda a culpa trazida pelos pensamentos que existiam na cultura patriarcal.

Diante disso, acreditamos ser necessário observar essas formas de comportamento a partir de certos pressupostos da psicanálise. Freud acredita que os seres humanos são agressivos no domínio sexual. Uma hora torna-se tempo passivo e ativo. Os estados chamados masoquista e sadismo existem na mesma pessoa. No entanto, um sempre se sobrepõe.

Em linguagem comum, a conotação de sadismo oscila entre, por um lado, casos meramente caracterizados por uma atitude ativa ou violenta para com o objeto sexual e, por outro, casos em que a satisfação é inteiramente condicionada à humilhação e aos maus tratos do objeto. Estritamente falando, somente este último caso merece ser descrito como uma perversão (FREUD, 1973, p. 50)

Desse modo, vemos que o elemento sádico é descrito como pervertido e, portanto, em certa medida, também para o elemento masoquista.

Da mesma forma o termo masoquismo compreende qualquer atitude passiva em relação à vida sexual e ao objeto sexual, parecendo ser seu caso extremo aquele em que a satisfação se condiciona ao sofrimento de dor física ou psíquica em mãos do objeto sexual (ibid, 1973, p.50).

Então, vemos que, a princípio, todos os humanos têm duas tendências, e esses dois elementos fazem parte das características universais do sexo. Sobre essa tendência, Freud acrescentou:

É, além do mais, um fato sugestivo que a existência do par de opostos formado pelo sadismo e pelo masoquismo não possa ser atribuída meramente ao elemento de agressividade. Devíamos antes inclinar-nos a ligar a presença simultânea destes opostos à oposição masculinidade e feminilidade que se combinam na bissexualidade – contraste que muitas vezes tem de ser substituído em psicanálise pelo de atividade e passividade (ibid, 1973, p. 52).

Em relação à positividade e negatividade descritas por Freud, na cultura ocidental, as tendências negativas das mulheres quase sempre são fortalecidas, enquanto os homens tendem a ser ativos. Vejamos alguns exemplos da cadeia semântica entre palavras de ideias relacionadas à associação das ideias relacionadas: passividade, feminilidade, maternidade, compreensão, resignação, paciência, humildade, aceitação, inércia, renúncia, abnegação, anulação, suavidade, sensibilidade, meiguice, amor e inferioridade. E em oposição, pelo masculino, temos a seguinte cadeia: atividade, masculinidade, censura (aos outros), revolta, impaciência, orgulho, inconformismo, movimentação, apego, egoísmo, manutenção, firmeza, insensibilidade, grosseria, sexo e superioridade. Portanto, todas as palavras relacionadas negativamente padronizaram uma personalidade relacionada às mulheres.

Podemos observar que as palavras (componentes) são impregnadas pelos pensamentos que carregam, transmitindo modelos culturais de comportamento e vice-versa. Portanto, da perspectiva do domínio masculino sobre as mulheres, as questões de gênero têm a explicação mais forte na cultura das masculinidades.

### **3.3. “Sexo frágil”: a representação das mulheres descritas nas músicas dos anos 80**

#### **3.3.1. “Sexo frágil” x “Panela velha”: vulnerabilidade x experiência**

A década de 1980 no Brasil foi um período de grandes mudanças na estrutura social e política. Após um longo período de ditadura militar, o início do processo de abertura política permitiu o surgimento de novas sociedades civis e

organizações sociais políticas. No entanto, apesar de maior participação da população, o país ainda se encontra em nítido contraste com a sociedade e a economia, fruto de um modelo social extremamente excludente em que a maioria da população não consegue obter bases bens social, incluindo: educação, saneamento básico e habitação, entre outras necessidades consideradas básicas.

Nessas circunstâncias, na década de 1980, por meio de organizações sindicais, associações científicas e comunitárias, novos partidos políticos e organizações não governamentais, assim também, surgiram novos participantes no cenário político e social, e essas organizações passaram a realizar ações que o Estado não havia realizado. Ao mesmo tempo, foi retomado o movimento por eleições diretas em todos os cargos eleitos, o que permitiu que grupos que buscavam formular políticas públicas voltadas ao atendimento das necessidades e interesses da maioria da população chegassem a determinados estados e municípios. Nesse cenário<sup>49</sup>, surge em 1980 o Partido dos Trabalhadores, em 1981 Rondônia passa a ser um estado, em 1982 temos a usina hidrelétrica de Itaipu, em 1984° movimento Diretas Já (movimento que pedia a volta das eleições diretas para presidente), em 1985 Tancredo Neves é eleito, mas morre antes de assumir, dessa forma, o vice José Sarney vira presidente, ainda em 1985, foi decretado o fim da Ditadura Militar no Brasil, em 1986 foi criado o Plano Cruzado e em 1988 foi promulgada a Constituição Brasileira. Nos esportes, em 1983 Nelson Piquet se trona bicampeão mundial de Formula 1 e na ciência, destaca-se que em 1984 nasceu o primeiro bebê de proveta do Brasil. Na década de 80 a Rede Tupi de Televisão encerra suas atividades e surge o SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), que exibiu os primeiros episódios da serie Chaves e a Rede Globo tem a 1ª edição do programa Criança Esperança. No cinema estreou o filme Idade da Terra, do cineasta Glauber Rocha. O destaque em cultura fica por conta da fundação do Museu Afro-brasileiro na Bahia. No Brasil dos anos 80, se destacaram na música, artistas como Ney Matogrosso, Blitz, Paralamas do Sucesso, Titãs, Roberto Carlos, RPM, Cazuza, Engenheiros do Havaí, Biquíni Cavado, Ultraje a Rigor, Kid Vinil, Ira!, Barão Vermelho, Camisa de Vênus, Leo Jaime, Legião Urbana, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, entre outras, mas..., e as “outras”?

---

<sup>49</sup> Disponível em: [https://www.suapesquisa.com/musicacultura/anos\\_80.htm](https://www.suapesquisa.com/musicacultura/anos_80.htm) / Acesso em: 13/01/2019.

Para analisar como as mulheres estavam retratadas nas narrativas musicais dos anos 80, dois referenciais de músicas que compareceram no ranking das mais tocadas dos anos 80<sup>50</sup> de forma generalista no que diz respeito à MPB (Música Popular Brasileira), a música “Sexo frágil”, de composição do interprete Erasmo Carlos (1981) e a outra música, já no sertanejo, é “Panela velha”, de 1982, cantada por Sérgio Reis, de autoria de Moraezinho.

**Sexo frágil (1981)**  
**(Erasmo Carlos)**

*Dizem que a mulher é o sexo frágil  
Mas que mentira absurda  
Eu que faço parte da rotina de uma delas  
Sei que a força está com elas  
Vejam como é forte a que eu conheço  
Sua sapiência não tem preço  
Satisfaz meu ego se fingindo submissa  
Mas no fundo me enfeitiça  
Quando eu chego em casa à noitinha  
Quero uma mulher só minha  
Mas pra quem deu luz não tem mais jeito  
Porque um filho quer seu peito  
O outro já reclama a sua mão  
E o outro quer o amor que ela tiver  
Quatro homens dependentes e carentes  
Da força da mulher  
Mulher, mulher  
Do barro de que você foi gerada  
Me veio inspiração  
Pra decantar você nessa canção  
Mulher, mulher  
Na escola em que você foi ensinada  
Jamais tirei um dez  
Sou forte, mas não chego aos seus pés*

A primeira música a ser analisada é "Sexo frágil", uma obra clássica da MPB dos anos 1980. Essa música é a resposta do compositor ao argumento de que as mulheres são "fortes", pois, além das atribuições, cuida do “outro”, por sua “fragilidade”, ela precisará da ajuda de outro "sexo forte" para se tornar uma mulher. A noção de vulnerabilidade apresenta outra noção ainda: existe um sexo forte, que forma um sexo vulnerável que deve ser protegida pelos “fortes”, ou seja, pela figura do pai, do marido, do irmão, por exemplo.

---

<sup>50</sup> Disponível em: <https://maistocadas.mus.br/1986/> / Acesso: 07/10/2019.

No preconceito simbólico, constrói-se o conceito de papéis sociais e as características dos homens são colocadas como superiores às das mulheres, sendo a primeira construída como forte, dominante, onipotente, racional e inteligente, prejudicial às mulheres que se opõem aos homens. As “sexo frágil” configurando como dependentes, dominadas e sem protagonismo. Mas essa música foi um registro sobre a noção de vulnerabilidade que ainda era muito comum na época (anos 1980).

O Brasil foi marcado pela abertura democrática na década de 1980. Nesse período, o regime militar chegou ao fim e o declínio dos ideais democráticos foi confirmado. As pessoas defendem a liberdade de expressão, a liberdade de luta e o direito de organizar movimentos sociais, e o regime autocrático do golpe até negou esses direitos. Um desses elementos é justamente a luta do movimento feminista brasileiro para incluir o espaço feminino nas instituições públicas. Portanto, durante este período, por exemplo, 78, foram estabelecidas a primeira delegacia de polícia da mulher e o Comitê Nacional dos Direitos da Mulher. O conceito de feminismo tornou-se mais difundido e comentários críticos surgiram nas canções. Foi o que aconteceu na música que se seguiu, que criticava a noção de que a mulher é sexo frágil.

Na letra da música “Sexo frágil”, há vários marcadores que mostram a mudança do sujeito da crítica para a ideologia dominante que vê as mulheres como um gênero mais fraco. Na linguagem da crítica, explícito na afirmação: dizem que a mulher é sexo frágil, mas que mentira absurda, eu que faço parte da rotina de uma delas, sei que a força está com elas. “Vejam como é forte a que eu conheço sua sapiência não tem preço”. Nesse processo, a composição do sujeito foi questionada e criticada os elementos que faziam as mulheres parecerem vulneráveis e impotentes. Na descrição, as mulheres ganhavam vida e sabedoria fortes, o que contradizia o conhecimento da sociedade patriarcal à época.

Ao questionar a imagem da vulnerabilidade das mulheres, o trecho “dizem que mulher é o sexo frágil”, mostra que há um conflito entre as formas de discurso: uma trata a mulher como vulnerabilidade, enquanto a outra questiona essa vulnerabilidade. O sujeito que o compôs atribuiu esta afirmação a outra voz: Algumas pessoas dizem que as mulheres são frágeis e ao mesmo tempo mostram que essa afirmação existe e é utilizada para caracterizar as mulheres na sociedade. Portanto, se a é colocada na posição mais forte, é possível perceber no primeiro

parágrafo que a temática do autor parece quebrar a percepção da mulher como frágil, incapaz de desempenhar várias funções e colocá-la mais Ideologia de alto nível. , O autor é uma pessoa que valoriza o poder dos parceiros. Nessa música, a campanha de contra identificação da identidade do dominante x dominado.

O assunto virou crítica, questionando dos saberes atribuídos patriarcalmente às mulheres, mas não o rompeu completamente. Embora esta situação pareça existir, esta interrupção não aconteceu de forma eficaz, pois durante a narrativa musical, a mulher ainda foi colocada onde o seu patriarcado era legal: mãe, esposa, família. Há ainda a ideia de submissão feminina (ela finge ser submissa para satisfazer o ego masculino): Satisfazer meu ego fingindo ser submissa, ou seja, ela precisa fingir ser submissa e não pode se mostrar independentemente. Seguindo a descrição narrativa, a mulher expressa sua sabedoria, e o adjetivo é sabedoria, indicando que a mulher usa seu conhecimento para realizar suas tarefas diárias, incluindo cuidar do marido, é como se as mulheres estivessem fadadas ao casamento e a maternidade, logo, o assunto não se rompe da lógica do patriarcado.

As mulheres casadas são dependentes e donas de casa, podendo usar o poder que lhe foram negados (PERROT, 2007, p. 47). Quando esta mulher fingiu ceder ao marido, ela mostrou a esperada “sutileza feminina”, pois as mulheres que expressavam seu poder aos seus parceiros eram comparadas com outros homens, então precisavam ser submissas. Deve-se notar que quando o termo "fingir" é usado, a mulher é deslocada momentaneamente do lugar em que foi colocada por “eles”. “A necessidade biológica — desejo sexual e desejo de posteridade — que coloca o macho sob a dependência da fêmea não libertou socialmente a mulher” (BEAUVOIR, 2007, p.14). Isso significa que embora essa mulher seja sexo forte constituído pelo autor, ela ainda não tem liberdade para se livrar do sexo oposto, pois sua força e conhecimento centram-se no trabalho doméstico e na satisfação sexual.

Apesar de todo o desenvolvimento social ocorrido, no que se refere ao espaço ocupado pelas mulheres na sociedade, ainda encontramos algumas falas que mencionam que a posição da mulher ainda é o ambiente familiar.

O trabalho doméstico resiste às evoluções igualitárias. Praticamente, nesse trabalho, as tarefas não são compartilhadas

entre homens e mulheres. Ele é invisível, fluido, elástico. É um trabalho físico, que depende do corpo, pouco qualificado e pouco mecanizado apesar das mudanças contemporâneas. O pano, a pá, a vassoura, o esfregão continua a ser os seus instrumentos mais constantes. É um trabalho que parece continuar o mesmo desde a origem dos tempos, da noite das cavernas à alvorada dos conjuntos. (PERROT, 2007, p. 115)

Desse modo, esse fenômeno pode ser observado na letra da música, sobre a resistência da qual Perrot se refere, pois mesmo que esse discurso questione a vulnerabilidade das mulheres, ela não deixa de cumprir o papel social imposto, e que, pela causa “maior” ela prioriza os “deveres do lar”. Dando sequência na descrição narrativa, quando o autor diz “Quando eu chego em casa à noitinha. Quero uma mulher só minha. Mas pra quem deu luz não tem mais jeito. Porque um filho quer seu peito” ou seja, além de cumprir todas as suas tarefas diárias, o desejo do homem é que as mulheres em questão “só possam” obtê-lo. Portanto, como afirmou Perrot, a dependência das mulheres do casamento e da maternidade (2007, p. 47):

dependente sexualmente, está reduzida ao “dever conjugal” prescrito pelos confessores. E ao dever de maternidade, que completa sua feminilidade. Temida, vergonhosa, a esterilidade é sempre atribuída à mulher, esse vaso que recebe um sêmen que se supõe sempre fecundo. (ibid, 2007, p. 47-48).

Portanto, cabe à mulher assumir a responsabilidade pela própria gravidez, pois se acredita que o homem não tem problemas como criador.

No refrão há um retorno do discurso bíblico sobre a origem do homem de barro, quando ele dizia: “do barro em que você foi gerada, me veio a inspiração pra decantar você nessa canção”. De acordo com a Bíblia, as mulheres são produzidas das costelas dos homens, e os homens são feitos de pó ou argila. Nesta sequência de palavras destacadas na música, a mulher é colocada como vinda do barro em vez das costelas do homem, indicando que o sujeito constituinte mudou em relação a constituição da mulher.

No trecho: “na escola em que você foi ensinada, jamais tirei um dez, sou forte, mas não chego aos seus pés”, a imagem de uma mulher é mais poderosa, porém, poderoso ele também é. No movimento de crítica, existem várias vozes:

vozes que expressam a vulnerabilidade e a força dessa mulher. Neste caso, é necessário também a criticar sobre a ideologia dominante, que torna as mulheres inferiores aos homens em inteligência.

É uma obra em comemoração ao Dia da Mulher na década de 1980. Nesse período, o país tem mais espaços abertos para a participação das mulheres nos movimentos e discussões populares, principalmente sobre questões sexuais e discussões conflitantes sobre seu papel na família. Ainda existe resistência social à participação das mulheres no mercado de trabalho.

A maioria dos empregos que elas ocupam são marcados pela persistência de um caráter doméstico e feminino: importância do corpo e das aparências; função das qualidades ditas femininas, dentre as quais as mais importantes são o devotamento, a prestimosidade, o sorriso etc. pelo menos era o que ocorria até os anos 1980 -1990. (ibid, 2007, p.123)

Portanto, mesmo que a mulher tenha uma vaga no mercado de trabalho, essas funções ainda se referem aos afazeres domésticos ou à forma como ela deve se comportar, sempre com boa aparência e sorrindo, o que também é uma condição para a espera pela esposa, como uma herança do lugar onde as mulheres foram colocadas na lógica patriarcal. Para aferir sobre a presença de tal lógica, podemos analisar a segunda música, “Panela velha” no gênero Sertanejo:

**Panela Velha (1982)**  
**(Sérgio Reis)**

*Tô de namoro com uma moça solteirona,  
A bonitona quer ser a minha patroa,  
Os meus parentes já estão me criticando  
Estão falando que ela é muito coroa,  
Ela é madura, já tem mais de trinta anos  
Mas para mim o que importa é a pessoa,  
Não interessa se ela é coroa  
Panela velha é que faz comida boa*

*Menina nova é muito bom, mas mete medo  
Não tem segredo e vive falando à toa  
Eu só confio em mulher com mais de trinta  
Sendo distinta a gente erra ela perdoa,  
Para o capricho pode ser de qualquer raça  
Ser africana, italiana ou alemoa,  
Não interessa se ela é coroa  
Panela velha é que faz comida boa*

*A nossa vida começa aos quarenta anos,  
Nascem os planos do futuro da pessoa,  
Quem casa cedo logo fica separado,  
Porque a vida de casado às vezes enjoa,  
Dona de casa tem que ser mulher madura,  
Porque ao contrário o problema se amontoa,  
Não interessa se ela é coroa  
Panela velha é que faz comida boa*

*Vou me casar pra ganhar o seu carinho,  
Viver sozinho a gente desacossa  
E o gaúcho sem mulher não vale nada  
É que nem peixe viver fora da lagoa,  
Tô resolvido, vou contrariar meus parentes  
Aquela gente que vive falando à toa,  
Não interessa se ela é coroa  
Panela velha é que faz comida boa*

Em 1978, a canção “Panela Velha”, de autoria de Moraezinho, foi gravada por Sérgio Reis em 1983. Esta metáfora do nome da música “panela velha” ao ligar a “mulher”, remete a questão da idade, ao que pese a questão da experiência, é como que as mulheres tivessem um “período de validade”, quando pensamos na questão da maternidade ou mesmo da sua estrutura física. A questão da idade para mulher, socialmente é diferente que para os homens.

No imaginário masculino tradicional, a mulher ideal é uma mulher "pura" - deve ser virgem. Por muito tempo, a castidade foi considerada uma condição básica para que as mulheres se "casassem". Perder a virgindade antes do casamento é o mesmo que "perder-se" porque nenhum menino quer se casar com uma noiva que "conheceu um homem". Se depois do casamento o noivo descobrir que sua esposa não é virgem antes do casamento, ele pode devolvê-la aos pais e pedir a própria união como inválida.

Claro, o sucesso desse pedido depende do status social das partes: se um menino de classe baixa nasce em uma família rica, ele nunca poderá devolver a noiva. Ele não faria isso porque estava preocupado com a influência de seus pais ou queria um dote.

Em geral, os casamentos neste arranjo são infelizes porque o marido pode ficar frustrado por não aceitar a virgindade de sua esposa e esperar mais dela sexualmente. Conforme destacado no trecho:

*Tô de namoro com uma moça solteirona  
a Bonitona quer ser minha Patroa,  
Os meus parentes já estão me criticando  
Estão falando que ela é muito coroa,  
ela é madura já tem mais de trinta anos  
mais para mim o que importa é a pessoa  
Não interessa se ela é coroa  
Panela velha é que faz comida boa*

Segundo a tradição popular, mulheres solteiras não são aceitas. No decorrer da narrativa musical, parentes o criticam por suspeitarem que uma mulher adulta teve vários homens em sua vida e deve ter perdido a virgindade com um deles).

No entanto, o narrador desta canção não se interessa por isso, porque "panela velha é que faz comida boa", o que é uma metáfora para a sua experiência sexual. Em outras palavras, o cantor disse que não está procurando uma virgem, mas alguém que tenha uma experiência sexual e que possa lhe trazer prazer.

Posteriormente, disse que “dona de casa tem que ser mulher madura, porque ao contrário o problema se amontoa”. O que ele quer dizer é que prefere uma mulher com experiência sexual, a ter de ficar com uma jovem imatura e inexperiente e que pode querer viver experiências antes não passadas, acarretando possíveis problemas ao casamento.

Contuso, não podemos deixar de atribuir à narrativa musical "Panela Velha" uma manifestação sobre algumas mudanças nos costumes sociais e sexuais. Entre 1950 e 1980, o Brasil operou no período de abandono do conceito tradicional de casamento, embora a virgindade ainda seja muito valorizada, ela não é mais o "verdadeiro véu" das noivas e dos homens.

Estereótipos em torno dos papéis de gênero são construídos na sociedade, mostrando que as imagens femininas são passivas e os masculinos ativos. O mecanismo de exclusão definido na trajetória histórica das mulheres tem um impacto negativo na representação das mulheres na sociedade e na violação dos direitos humanos. Desse modo, emergiram comentários sexistas, que confirmaram o status de subordinação das mulheres e fortaleceram os estereótipos de gênero, como mulheres doces e fracas e homens inteligentes e fortes (SILVA, 2016).

### **3.3.2. “Vá com Deus”: leve seu chapéu e suas botas!**

No Brasil, o sertanejo é um dos gêneros musicais mais populares dos últimos anos e a temática da obra é repleta de sentimentos centrados no amor (RODRIGUES, 2008). Visando atender às necessidades do grande público em relação ao tema do amor, muitas vezes eles adotam o tema do amor e da traição envolvendo a relação afetiva entre homens e mulheres (ANTUNES, 2012). Exponente no gênero sertanejo, a cantora Roberta Miranda esteve no ranking das músicas mais tocadas dos anos 80<sup>51</sup>, com a música “Vá com Deus”:

**Vá com Deus (1987)**  
**(Roberta Miranda)**  
**(Maria Albuquerque Miranda)**

*A cada dia que se passa  
 Mais distante  
 Um rosto tão bonito se perdeu  
 Na indiferença  
 É pena que este amor  
 Não teve consciência  
 Dos sonhos que sonhamos em segredo  
 Vá com deus  
 Se o amor ainda está aqui  
 Vá com deus  
 E tente sorrir por mim  
 Amor meu  
 Se o destino está traçado  
 Pra vivermos lado a lado  
 Vá com deus  
 Despi minh'alma ao deitar  
 Nos braços de nós dois  
 Pra ser um só  
 Você nada entendia  
 Que tudo te esperava  
 Nas horas mais sublimes  
 Do meu eu  
 Vá com deus  
 Se o amor ainda está aqui  
 Vá com deus  
 E tente sorrir por mim  
 Amor meu  
 Se o destino está traçado  
 Pra vivermos lado a lado  
 Vá com deus*

Roberta Miranda é considerada a precursora do movimento atual, batizado de *Feminejo* (Música sertaneja produzida por mulheres e dirigida ao público

---

<sup>51</sup> Disponível em: <https://maistocadas.mus.br/1987/> // Acesso: 30/05/2019.

feminino), de Marília Mendonça, Maiara e Maraisa Lauana Prado, entre outras. Roberta considerou: “Eu tive que ser muito determinada e ter muita garra. Caso contrário, já teria desistido. Os pés sempre estavam ali para eu cair...Era um mundo comandado por botas e chapéus” (AUN, Helena, entrevista para o portal Catraca Livre, em 06/04/2018, atualizado em 05/06/2020). A diferença do sertanejo tradicional é que elas se tornaram protagonistas.

A sertaneja disse que uma das suas principais conquistas no mercado discográfico foi a música “Vá Com Deus”, de sua autoria, que iniciou em 1980 como resultado de uma desilusão romântica: “Nasceu por causa de um belo par de chifres. A minha cabeça era um jardim, e eu tive que fazer a música.”<sup>52</sup> A narrativa musical em epigrafe conferiu uma mulher a ser protagonista do relacionamento, subvertendo a posição de vulnerabilidade e dependência da figura masculina.

#### **3.4. “Da faixa amarela para a vermelha”: a representação das mulheres descritas nas músicas dos anos 90**

Já perto da passagem do milênio, a década de 9053 tinha um ar meio “tecnológico” a internet continuava evoluindo e os computadores começaram a se popularizar. No início da década no Brasil ficou marcado com o movimento dos “caras-pintadas”, composto majoritariamente por jovens que saíram às ruas com os rostos pintados para protestar as denúncias de corrupção do governo de Fernando Collor de Mello, que tinha sido eleito de forma direta depois de 29 anos de eleições indiretas, em 1992 o Congresso nacional aprova o impeachment do presidente Fernando Collor, assume o cargo o vice-presidente Itamar Franco. Tivemos em 1992 a realização da Eco-92 no Rio de Janeiro, em 1994 a implantação do Plano Real e em 1996 o massacre em Eldorado dos Carajás, Pará. Em 1997 é leiloada a maior empresa de minério do Brasil, a Vale do Rio Doce.

Nos esportes, em 1991 Ayrton Senna conquista o tricampeonato mundial de Fórmula 1, em 1994 ocorre a Copa do Mundo de Futebol nos Estados

---

<sup>52</sup> Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/musica/roberta-miranda-sobre-inspiracao-de-va-com-deus-um-belo-par-de-chifres/> / Acesso: 03/06/2019.

<sup>53</sup> Disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/museu-anterior/fatos-historicos-decada-de-1990/> / Acesso: 24/11/2019.

Unidos e o Brasil torna-se tetracampeão e em 1994 faleceu o piloto de formula 1 brasileiro Ayrton Senna, durante uma prova em Imola (Itália). Na TV, Programas como: Os Trapalhões, Carga Pesada, Show da Xuxa, TV Colosso, Domingão do Faustão, Rockgol, Casseta e Planeta, Sai de Baixo, Aqui e Agora, Programa do Ratinho, Castelo Rá-tim-bum.

No cenário musical nos anos 90 no Brasil tiveram destaques bandas de Rock Nacional: Raimundos, Titãs, Ira!, Capital Inicial, Paralamas do Sucesso, Kid Abelha, Legião Urbana, Sepultura, Plebe Rude, Skank, Engenheiros do Hawaii, Nação Zumbi, Pato Fu, Planet Hemp, Charlie Brown Jr. Em 1991 começa a segunda edição do festival musical Rock in Rio e em 1995 morrem, num acidente aéreo, todos os integrantes do grupo musical Mamonas Assassinas. Cantores brasileiros que fizeram sucesso na década de 90: Jorge Ben Jor, Zeca Pagodinho, Roberto Carlos, Tim Maia, Gabriel, o Pensador, Leandro e Leonardo, Marisa Monte, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Cesar.

O que chama atenção nas narrativas músicas dos anos 90 é a “naturalização” da violência, resgatando e propagando a lógica patriarcal, como podemos ampliar a seguir.

#### **3.4.1. “Cabocla Tereza”: o retorno**

Geralmente, a maioria das letras de canções populares é baseada no tema do amor, seja platônico, correspondente, traição, oculto, começo, fim, altura, dor, prazer, etc. Os desentendimentos nos relacionamentos amorosos ocupam um lugar especial no tema da música popular brasileira, mas o resultado pode ser reconciliação, separação, frustração e até assassinato.

Há uma música que trata da violência contra a mulher que não condiz com o modelo descrito por se tratar de uma crônica que descreve a vingança de um malandro cuja esposa foi espancada por outro. Na música "Na Subida do Morro", samba de 1952 (aqui apenas como um resgate de contraponto) do autor Moreira da Silva, o samba mais conhecido do autor. Nele, o "malandro" narrador da trama (cuja esposa foi espancada) desafiou a outra parte: *“Na subida do morro me contaram/ Que você bateu na minha nêga/ Isso não é direito/ Bater numa mulher/ Que não é sua/ Deixou a nêga quase nua/ No meio da rua/ A nêga quase que*

*virou presunto/ Eu não gostei daquele assunto/ Hoje venho resolvido/ Vou lhe mandar para a cidade/ De pé junto/ Vou lhe tornar em um defunto... ”.*

Do ponto de vista da masculinidade, o motivo da luta não seria pior, porque era uma violação da honra e da propriedade do homem (ou seja, de sua esposa). Portanto, antes de ser uma agressão contra as mulheres, é um insulto ao homem, no caso, ao marido. A luta não é uma agressão contra a mulher, mas uma agressão contra uma mulher que "não é dele", porque significa que se ele bater na mulher não terá problema, desde que ela seja a sua esposa. Pode-se perceber desde o início da música que o castigo por esse insulto é a pena de morte.

Na música Sertaneja, é “comum” tratar as mulheres como objetos. Existem alguns exemplos em que a honra dos homens deve ser purificada no sangue, mas vamos guardá-los para depois. No momento, vale a pena analisar um caso de violência moral cometido por um vaqueiro chamado “de palavra” que humilhou sua esposa após ser questionado e acabou a abandonando. A canção é “Boiadeiro de Palavra”, de 1956, cantada por Tião Carreiro e Pardinho, que é uma das duplas sertanejas de maior sucesso, sendo referência no gênero musical.

A música conta a história da filha de um fazendeiro que se apaixonou por um trabalhador rural. Para o peão, o cabelo comprido que ele ama será sua maior riqueza, e ela não poderá cortá-lo depois do casamento. Porém, após o casamento, a mulher cortou os cabelos, despertando a ira do boiadeiro: *“Um mês depois de casado/ O cabelo ela cortou/ Boiadeiro de palavra/ Nessa hora confirmou/ No salão que a esposa foi/ Com ela ele voltou/ Mandou sentar na cadeira/ E desse jeito falou/ Passe a navalha no resto/ Do cabelo que sobrou/ O barbeiro não queria/ A lei do trinta mandou/ Com o dedo no gatilho/ Pronto pra fazer fumaça/ Ele virou um leão/ Querendo pular na caça/ Quem mexeu nesse cabelo/ Vai cortar o resto de graça/ A navalha fez limpeza/ Na cabeça da ricaça/ Boiadeiro caprichoso/ Caprichou mais na pirraça/ Fez a morena careca/ Dar uma volta na praça... ”.*

Dois aspectos da narrativa musical merecem destaque: Para o boiadeiro, o casamento com a filha do fazendeiro não é mais importante do que sua honra. A segunda questão diz respeito à publicidade de seu comportamento, pois ele não se limitou ao uso de arma de fogo para obrigar o barbeiro a raspar a cabeça de sua esposa (a tal lei do trinta), mas também a deixou mais humilhada ao ter de se

expor publicamente com os cabelos raspados. No horizonte da masculinidade, o “boiadeiro” torna-se um herói.

Existem muitas canções sobre luta e reconciliação. A música sertaneja “Entre Tapas e Beijos”, de 1989, de Nilton Lamas e Antônio Bueno, da dupla Leandro e Leonardo aborda o tema: *“Hoje estamos juntinhos/ Amanhã nem te vejo/ Separando e voltando/ A gente segue andando/ Entre tapas e beijos...”*. Outro exemplo é o samba “Casal Sem Vergonha”, de 1986, de Acyr Marques e Arlindo Cruz, cantado por Zeca Pagodinho: *“Nós brigamos por ciúme/ Costume, queixume/ Ou coisas banais/ Não quero que ela fume/ Ela quer que o perfume/ Que eu use não cheire demais/ Brigamos quando sou bravo/ Brigamos até quando banco o pamonha/ Eu já disse porque meu bem/ Sem vergonha/ Somos um casal sem vergonha...”*.

Em geral, essas canções muito populares descrevem a vida de pessoas comuns, mesmo quando o desentendimento no relacionamento está no limite da discussão e ainda não caiu na violência “aberta”, ou seja, “pública”. Isso significa, no contexto, que brigar é normal e eles “apimentam” os relacionamentos mais interessantes. A próxima etapa desse comportamento é a violência “aberta”, a seguir:

### **Faixa Amarela**

**Zeca Pagodinho (1997)**

**(Zeca Pagodinho, Jessé Pai, Luiz Carlos e Beto Gago)**

*Eu quero presentear  
A minha linda donzela  
Não é prata nem é ouro  
É uma coisa bem singela  
Vou comprar uma faixa amarela  
Bordada com o nome dela  
E vou mandar pendurar  
Na entrada da favela (2x)*

*Vou dar-lhe um gato angorá  
Um cão e uma cadela  
Uma cortina grená para enfeitar a janela  
Sem falar na tal faixa amarela  
Bordada com o nome dela  
Que eu vou mandar pendurar  
Na entrada da favela*

*Sem falar na tal faixa amarela  
Bordada com o nome dela  
Que eu vou mandar pendurar*

*Na entrada da favela*

*E para o nosso papá vai ter bife da panela  
Salada de petit-pois, jiló, chuchu e "bringela"  
Sem falar na tal faixa amarela  
Bordada com o nome dela  
Que eu vou mandar pendurar  
Na entrada da favela*

*Sem falar na tal faixa amarela  
Bordada com o nome dela  
Que eu vou mandar pendurar  
Na entrada da favela*

*Vou fazer dela rainha do desfile da portela  
Eu vou ser filho do rei, e ela minha cinderela  
Sem falar na tal faixa amarela  
Bordada com o nome dela  
Que eu vou mandar pendurar  
Na entrada da favela*

*Sem falar na tal faixa amarela  
Bordada com o nome dela  
Que eu vou mandar pendurar  
Na entrada da favela*

*Eu quero presentear  
A minha linda donzela  
Não é prata nem é ouro  
É uma coisa bem singela  
Vou comprar uma faixa amarela  
Bordada com o nome dela  
Que eu vou mandar pendurar  
Na entrada da favela*

*E para gente se casar vou construir a capela  
Dentro dum lindo jardim com flores, lago e pinguela  
Sem falar na tal faixa amarela  
Bordada com o nome dela  
Que eu vou mandar pendurar  
Na entrada da favela*

*Sem falar na tal faixa amarela  
Bordada com o nome dela  
Que eu vou mandar pendurar  
Na entrada da favela*

*Mas se ela vacilar, vou dar um castigo nela  
Vou lhe dar uma banda de frente  
Quebrar cinco dentes e quatro costelas  
Vou pegar a tal faixa amarela  
Gravada com o nome dela  
E mandar incendiar  
Na entrada da favela*

*Vou pegar a tal faixa amarela  
Gravada com o nome dela  
E mandar incendiar  
Na entrada da favela*

*Vou comprar uma cana bem forte  
Para esquentar sua goela  
E fazer uma tira-gosto  
Com galinha à cabidela  
Sem falar na tal faixa amarela  
Bordada com o nome dela  
Que eu vou mandar pendurar  
Na entrada da favela*

*Sem falar na tal faixa amarela  
Bordada com o nome dela  
Que eu vou mandar pendurar  
Na entrada da favela*

*Eu quero presentear  
A minha linda donzela  
Não é prata nem é ouro  
É uma coisa bem singela  
Vou comprar uma faixa amarela  
Bordada com o nome dela  
E vou mandar pendurar  
Na entrada da favela (3x)*

A música faixa amarela do samba interpretada por Zeca Pagodinho é principalmente uma clara demonstração de amor, que se revela através da faixa amarela que se estende na entrada da favela. No entanto, se o amor for traído, terá um nível de violência explícita, conforme trecho:

*“Mas se ela vacilar, vou dar um castigo nela/ Vou lhe dar uma banda de frente/ Quebrar cinco dentes e quatro costelas/ Vou pegar a tal faixa amarela/ Gravada com o nome dela/ E mandar incendiar/ Na entrada da favela...”*

Em 2014, o cantor Martinho da Vila quando participou do álbum “*Sambabook – Zeca Pagodinho*” alterou a letra da polêmica música “Faixa Amarela”, alterando a parte original: “*Mas se ela vacilar, vou dar um castigo nela/ Vou lhe dar uma banda de frente/ Quebrar cinco dentes e duas costelas*”, para: “*mas se ela vacilar/vou dar um castigo nela/SEM lhe dar uma banda de frente/quebrar cinco dentes/e quatro costelas*”.

Vale ressaltar que a palavra "vacilar" no campo da música popular é sinônimo de traição, na perspectiva machista da narrativa musical descrita. Nessa linha, podemos verificar o samba de autoria de Martinho da Vila e interpretado

em parceria com Almir Guineto, “Mulata Faceira”, de 1978. Novamente, a traição não resistiu ao teste do grande amor, mas o agressor é o único, da seguinte maneira: *“Com ela muito dancei/ Carnavais brinquei/ E dos seus carinhos desfrutei/ Sempre precisava de aconchego/ Me chamava de meu nego/ Fazia tudo para me agradar/ Eu sempre gostei do teu chamego/ E abusei do gosto de amar/ Mas por coisas banais/ A mulata brigava demais (bis)/ Um dia eu vacilei/ Ela também vacilou/Vacilou eu castiguei / Tudo se acabou/ Se acabou sem chegar ao fim/ Camarada Almir Guineto/ Acha essa nega pra mim...”*.

As quatro músicas (“Entre Tapas e Beijos”, “Casal Sem Vergonha”, “Faixa Amarela” e “Mulata Faceira”) previamente selecionadas pelo destaque no ranking das mais tocadas<sup>54</sup>, partem do pressuposto de que violência “é normal”. O problema é que em relacionamentos que levam à violência, o problema tende a piorar. Do ponto de vista do senso comum, essa “violência doméstica” fazem parte do universo privado: “em briga de homem e mulher, ninguém põe a colher”!

Podemos aqui pensar no auge da agressão contra a mulher e do assassinato. As canções populares aqui também atribuem o crime passionai justificad pelo adultério, por exemplo, o que quase prova que o assassinato é uma recompensa pela traição, nesse contexto. A seguir, a música **“Cabocla Tereza”**, um poema de Raul Torres e João Pacífico, de 1936, virou música na interpretação da dupla sertaneja Tônico e Tinoco, em 1994:

**Cabocla Tereza**  
**Tônico e Tinoco (1936 poema gravado música em 1994)**  
**(Raul Torres e João Pacífico)**

*Lá no alto da montanha  
 Numa casinha estranha  
 Toda feita de sapê  
 Parei numa noite à cavalo  
 Pra mór de dois estalos  
 Que ouvi lá dentro bate  
 Apeei com muito jeito  
 Ouvi um gemido perfeito  
 Uma voz cheia de dor:  
 "Vancê, Tereza, descansa  
 Jurei de fazer a vingança  
 Pra morte do meu amor"  
 Pela réstia da janela*

<sup>54</sup> Disponível em: <https://maistocadas.mus.br/> / Acesso: 14/11/2018.

*Por uma luzinha amarela  
De um lampião quase apagando*

*Vi uma cabocla no chão  
E um cabra tinha na mão  
Uma arma alumando  
Virei meu cavalo a galope  
Risquei de espora e chicote  
Sangrei a anca do tar  
Desci a montanha abaixo  
Galopando meu macho  
O seu doutô fui chamar  
Vortamo lá pra montanha  
Naquela casinha estranha*

*Eu e mais seu doutô  
Topemo o cabra assustado  
Que chamou nós prum lado  
E a sua história contou"*

*Há tempo eu fiz um ranchinho  
Pra minha cabocla morá  
Pois era ali nosso ninho  
Bem longe deste lugar.*

*No arto lá da montanha  
Perto da luz do luar  
Vivi um ano feliz  
Sem nunca isso espera*

*E muito tempo passou  
Pensando em ser tão feliz  
Mas a Tereza, doutor,  
Felicidade não quis.*

*O meu sonho nesse oiá  
Paguei caro meu amor  
Pra mór de outro caboclo  
Meu rancho ela abandonou.*

*Senti meu sangue fervê  
Jurei a Tereza matá  
O meu alazão arriei  
E ela eu vô percurá.*

*Agora já me vinguei  
É esse o fim de um amor  
Esta cabocla eu matei  
É a minha história, dotor.*

A música enfatizava a dor do agressor ao invés da dor da vítima, justificando quem matou a cabocla por tal ação movida pela traição. Era a mulher

que não queria amar, ela ia arriscar outro relacionamento, como diz a letra, “Mas a Tereza, doutor,/ Felicidade não quis”.

O mais influente compositor da música sertaneja brasileira, José Fortuna também falou sobre esse tema em "O Ipê e o Prisioneiro", interpretado pela dupla Liu e Léu: *“Meu ipê florido junto à minha cela/ Hoje tem altura de minha janela/ Só uma diferença há entre nós agora/ Aqui dentro as noites não tem mais aurora/ Quanta claridade tem você lá fora / Vejo em seu tronco cipós-parasitas te abraçando forte/ Enquanto te abraça suga sua seiva te levando à morte/ Assim foi comigo ela me abraçava depois me traía/ Por isso a matei e agora só tenho sua companhia”*. Em certo sentido, embora o assassino esteja cumprindo sua pena, a letra da música não expressa arrependimento pelo assassinato, mas apenas o trata como um prisioneiro sem arrependimento.

Embora as estatísticas comprovem aumento envolvendo a violência de gênero no Brasil, observa-se nos exemplos de canções populares aqui citadas (alguns em meados do século XX e alguns no início do século XXI) mostra que existe uma cultura enraizada na geração mais jovem, cujo principal ingrediente é o machismo. Como mostra o estudo do IPEA<sup>55</sup> acima citado, legislação e mecanismos específicos de apoio às mulheres, como o “Departamento de Polícia da Mulher” ou “Casas da Mulher Brasileira”, não são suficientes para reverter essa situação.

A violência contra as mulheres é naturalizada no Brasil, não apenas pelos “tapas e beijos”, mas até mesmo a discreta complacência da sociedade com o crime passional. Se analisássemos outras letras e outros gêneros musicais além do samba e do sertanejo, como as músicas do chamado “funk carioca” teríamos uma miríade de exemplos, do tipo “tapinha não dói”, mas não foi o caso. As letras das narrativas musicais são “documentos e registros” do cenário à época da composição, porém, como pudemos observar na música “Cabocla Tereza”, um poema de 1936 que veio virar canção em 1994, contando uma narrativa considerada machista em tempos de reflexão acerca dessa temática, parece que, de certa forma, houve um “resgate” cíclico. A adiante vamos ampliar a pesquisa considerando o século XXI, as similaridades e os afastamentos entorno da

---

<sup>55</sup> Disponível em: <http://www.compromissoeatitude.org.br/dados-do-ligue-180-revelam-que-a-violencia-contramulheres-acontece-com-frequencia-e-na-frente-dos-filhos/>. Acesso: 02/10/2018.

denúncia quanto as letras consideradas machistas e misóginas e suas possíveis resignações e resposta do protagonismo das cantoras e compositoras.

### **3.5. “Maria da Vila Matilde”: a representação das mulheres descritas nas músicas do século XXI**

"Ah, mas isso é apenas uma música." Quando Lilian Oliveira, publicitária, começou a trabalhar no site Música Machista Popular Brasileira (MMPB)<sup>56</sup> em janeiro de 2018, ela sabia que ouviria essa afirmação com frequência para amenizar certas canções. Depois de colocar a plataforma nas redes, a criadora do projeto Paulistana e três outras publicitárias foram acusadas de fazerem parte do “pacote feminista mi-mi-mi” que constituía a “gestapo virtual”. O quarteto não se assustou: "Afinal, muitas pessoas não veem a música como parte de sua formação pessoal." (AUN, Helena, entrevista para o portal Catraca Livre, em 06/04/2018, atualizado em 05/06/2020).<sup>57</sup>

A resposta online se deve ao compromisso do MMPB em apontar o machismo presentes nas músicas populares brasileiras (da bossa nova ao funk). Ao clicar em "*Shuffle*" (o termo em inglês é usado em aplicativos de streaming para embaralhar músicas), o usuário é direcionado aleatoriamente para uma das cem obras brasileiras que degradam e / ou incitam a violência contra a mulher. Os parágrafos principais da música enfatizam as explicações de "por que as letras são problemáticas" e "serviço de utilidade pública" os usuários ainda são convidados a enviar músicas que envolvam os mesmos tipos de problemas.

Ainda em 2018, a música popular de "Só Surubinha de Leve" funk de MC Diguinho incitando o estupro a mulheres desencadeou a criação de um projeto feminista que já vinha sendo idealizado pelas publicitárias do MMPB. Mas o site não se limita ao funk carioca, pelo contrário, abrange todos os gêneros musicais brasileiros, como, por exemplo, samba e sertanejo, entre outros. “Na época (do lançamento), muitas pessoas demonizaram o funk, como se o machismo fosse exclusivo desse ritmo. Então, para quebrar esse argumento cego e elitista, criamos

---

<sup>56</sup> Disponível em: <http://www.mmpb.com.br/> / Acesso: 24/08/2019.

<sup>57</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/mmpb-site-machismo-musicas/> / Acesso: 12/06/2020.

o site”, disse Lilian. Importante destacar que na plataforma há até canções cantadas por mulheres, como Beth Carvalho e Ludmilla.

A repercussão foi grande, que a música foi banida no YouTube e no Spotify, que o funkeiro lançou uma versão mais light da música, em que substitui trechos como “Taca a pica e abandona na rua” por “Taca e fica, mas não abandona na rua”.

Por décadas as letras das narrativas músicas registraram o cenário e descreveram como as mulheres eram relatadas na época, como por exemplo, as canções recentes do início do século passado, em 1929, um sambista carioca Francisco Alves (1898-1952) cantou na música “Amor de Malandro”, o trecho: “O amor é do malandro/ oh, meu bem, melhor do que ele ninguém/ se ele te bate/ é porque gosta de ti”. Três anos depois, o compositor Noel Rosa (1910-1937) cantou: "Mulher indigesta, merece um tijolo na testa".

Um eufemismo, mas ainda o machismo aparece nas canções românticas, assim como em "Minha Namorada", Vinicius de Moraes (1913-1980) canta para uma amada, ela “tem que me fazer um juramento de só ter um pensamento/ ser só minha até morrer”, assim também como na música "João de Barro", composta pela dupla sertaneja João Carreiro e Capataz, em que o pássaro constrói uma casa sem janelas, impedindo a fuga. Mesmo no requintado "Esse Cara Sou Eu" criado por Roberto Carlos, isso mostra que toda mulher precisa de uma figura masculina. Ou ainda na música “a mulher de verdade” de Ataulfo Alves, onde a mulher não pode ter "a menor vaidade".

A doutoranda e pesquisadora da UFMG Bárbara Caldeira<sup>58</sup> investiga as visões da relação entre a mídia e a violência contra a mulher, argumentando que décadas de estereótipos sobre as mulheres são frutos de gerações continuadas de música machistas. “Desde os primórdios, existe uma representação construída de estereótipo que corresponde àquela mulher valorizada, que arranca suspiros quando passa na rua. Quando as mulheres saem desse grupo, são cantadas de forma pejorativa e objetificadas. Ao universalizar, perde-se o específico do que é

---

<sup>58</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/mmpb-site-machismo-musicas/> / Acesso: 03/11/2019

o ser mulher”, disse Barbara. (AUN, Helena, entrevista para o portal Catraca Livre, em 06/04/2018, atualizado em 05/06/2020).<sup>59</sup>

Além disso, a composição é um espaço de poder na música dominada pelos homens, conforme afirma a pesquisadora Tânia Nello Neiva<sup>60</sup>, doutoranda em Musicologia pela UFPB, destacou que “nesse processo, as mulheres se esquivam porque acabam não tendo chance de ocupar esses espaços”. “Desde a menina, por exemplo, a mulher não é estimulada a ir para uma área de projeção pública. E quando vai para essa carreira, quase sempre é para o piano, que é associado ao ambiente doméstico ou como um dote”, disse Tânia.

O crítico musical e repórter Rodrigo Fauor<sup>61</sup> avaliou o número de compositores até a década de 1970, como registrado em seus livros “Angela Maria: A Eterna Cantora do Brasil (2015), “Dolores Duran: As Noites e as Canções de uma Mulher Fascinante” (2012) e “História Sexual da MPB” (2006). “A geração feminina de compositoras começou a vir com força nos anos 80. Antes disso, eram poucas as mulheres que faziam letras. Tivemos uma meia dúzia de cantoras, como Maysa e Dolores Duran, mas que, ainda assim, cantava em primeira pessoa como se fossem um homem”, disse Fauor.

Antônio Carlos Miguel, crítico musical do portal G1, concorda com Fauor. “A mulher não tinha voz na canção brasileira, mas tivemos exceções, como Chiquinha Gonzaga (1847-1945) que, além de “Ô Abre Alas”, ainda compôs muito. Com outras artistas cantoras e compositoras como Joyce, Rita Lee e Marina Lima o discurso feminino começa a ter mais peso. A mulher já não aguentava mais que outros tivessem direitos sobre os delas”.

Elza Soares é um exemplo vivo de um contexto histórico onde dificilmente as mulheres tinham voz, ela destacou que quem se arriscava a trabalhar com música era mal visto pela sociedade. A cantora, que estreou no espetáculo televisivo “programa de calouros de Ary Barroso em 1953. Elza<sup>62</sup> considera que “A sociedade era ainda mais machista. Até a mulher acreditava nesse discurso, poucos tinham a coragem de gritar contra o machismo. Têm músicas que fizeram

<sup>59</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/mmpb-site-machismo-musicas/> Acesso: 12/06/2020.

<sup>60</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/mmpb-site-machismo-musicas/> Acesso: 03/11/2019

<sup>61</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/mmpb-site-machismo-musicas/> Acesso: 03/11/2019

<sup>62</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/mmpb-site-machismo-musicas/> Acesso: 03/11/2019

parte do meu repertório, (mas) que hoje não canto mais. Na época, eu ainda muito ingênua, não sabia o que estava por trás daquelas mensagens... Hoje, eu acredito que o meu papel enquanto artista é o de questionar o meu tempo e lutar por um mundo melhor que avançou muito pouco”, disse Elza em entrevista à Magazine.

Após o lançamento do premiado “A Mulher do Fim do Mundo” (2015), a compositora lançou “Deus É Mulher”, que também é um tema feminista de combate ao racismo e a LGBTfobia.

Os rappers Mano Brown e Criolo são os autores de pelo menos duas músicas com conteúdo considerados machistas. A primeira música é “Mulheres Vulgares” (1993), que apareceu no álbum “Raio X Brasil”, em que cantava que a mulher “*é derivada de uma sociedade feminista*” “*é uma cretina que se mostra nua como objeto*” “*é uma cretina que se mostra nua como objeto*”. Já no trecho da música “Subirusdoistiuzin”, Criolo afirmou que “*as vadia quer/ mas nunca vão subir*”.

No entanto, ambos os artistas mudaram de posição em relação à música. O vocalista dos Racionais já disse que “Mulheres Vulgares” não fará mais parte do repertório do show, e admitiu machismo presente na letra. Por sua vez, Criolo relançou seu primeiro álbum “Ainda é Tempo” de 2016, no qual reexaminou suas canções alterando frases depreciativas dirigidas a mulheres, negros e gays. Em “Subirusdoistiuzin” foi retirada a palavra “puta”, foi substituída por “vazio”. O rapper admitiu o erro e pediu à líderes feministas que ajudasse a mudar a música.

A funkeira carioca Valesca Popozuda<sup>63</sup> compôs canções que falam sobre a liberdade sexual feminina, como nas músicas “Quero te Dar” e “My Pussy É o Poder”, porém, as descrições narrativas incitam a disputas entre as mulheres. Ela se defendeu ““Beijinho no Ombro” trazia essa imposição, essa ‘briga’. Porém, não era algo que rebaixava nenhuma mulher, não falava de corpo, não falava de beleza, nem colocava nenhuma mulher ou tipo feminino pra baixo”. Em 2017, a convite da marca de xampu, a Funkeira mudou algumas partes da música. Por exemplo, ela substituiu a palavra “inimiga” por “amiga” e falou sobre sororidade, respeito e união. Ela disse: “Achei que tinha total sororidade e resolvi fazer a

---

<sup>63</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/mmpb-site-machismo-musicas/> / Acesso: 03/11/2019

mudança que foi muito bem aceita pelo público” (AUN, Helena, entrevista para o portal *Catraca Livre*, em 06/04/2018, atualizado em 05/06/2020).<sup>64</sup>

“Hoje em dia, não dá mais pra fazer música falando ‘você é o homem que faz e acontece, e eu sou só aquela mulher que fica te esperando’. Hoje em dia, precisamos falar de igual pra igual. É na música é assim também”. Valesca acrescentou (ibid, entrevista para o portal *Catraca Livre*, em 06/04/2018, atualizado em 05/06/2020).<sup>65</sup> .

Para Bárbara, relativizar letras machistas, tendo em vista o período histórico em que foram lançadas, significa “aliviar a barra” dos compositores dessas canções. “O feminismo já existe há muito tempo, e, mesmo se assim não o fosse, a violência contra a mulher não deveria existir. No passado, esses artistas ajudaram a naturalizar a violência contra a mulher em músicas que circulam há muito tempo no Brasil, onde a música é a uma das mais fortes expressões culturais e que é o quinto que mais mata mulheres no mundo”, comenta Bárbara. (ibid, entrevista para o portal *Catraca Livre*, em 06/04/2018, atualizado em 05/06/2020).<sup>66</sup>

Durante décadas de discussões sobre a recorrência do machismo nas narrativas musicais, surgiu uma questão: canções com esse tipo de temática eram aceitáveis porque refletiam o contexto da época, em que a mulher era subjugada à condição de mantenedora do lar? Para Bárbara, (ibid, entrevista para o portal *Catraca Livre*, em 06/04/2018, atualizado em 05/06/2020).<sup>67</sup> “O feminismo já existe há muito tempo, e, mesmo se assim não o fosse, a violência contra a mulher não deveria existir. No passado, esses artistas ajudaram a naturalizar a violência contra a mulher em músicas que circulam há muito tempo no Brasil, onde a música é a uma das mais fortes expressões culturais e que é o quinto que mais mata mulheres no mundo”

A principal mudança em relação ao passado é que hoje as mulheres têm mais espaço para expressar sua voz, conforme opina a artista Bia Nogueira,

---

<sup>64</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/mmpb-site-machismo-musicas/> // Acesso: 12/06/2020.

<sup>65</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/mmpb-site-machismo-musicas/> // Acesso: 12/06/2020.

<sup>66</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/mmpb-site-machismo-musicas/> // Acesso: 12/06/2020.

<sup>67</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/mmpb-site-machismo-musicas/> // Acesso: 12/06/2020.

idealizadora dos projetos Sonora e Mulheres Criando. “Hoje, nós temos voz. Se antes existia um incômodo individual, agora ele se transforma em movimento político e de reivindicação. Temos nos organizado, mesmo que de forma pulverizada e no ambiente virtual. Estamos em um momento de construir juntos um entendimento diferente”, reitera. (ibid, entrevista para o portal Catraca Livre, em 06/04/2018, atualizado em 05/06/2020).<sup>68</sup> Segundo Bia Nogueira, idealizadora dos projetos Sonora e Mulheres Criando<sup>69</sup>, “Hoje, nós temos voz. Se antes existia um incômodo individual, agora ele se transforma em movimento político e de reivindicação. Temos nos organizado, mesmo que de forma pulverizada e no ambiente virtual. Estamos em um momento de construir juntos um entendimento diferente”.

A música sertaneja é uma das principais representações artísticas do Brasil. Ocupa uma grande parte das canções de topo nas paradas musicais e têm uma parte importante da economia. As canções retratam o cotidiano da sociedade e, portanto, retratam o desenvolvimento e a desconstrução de paradigmas conhecidos. Em mais de um século de sobrevivência, em comparação com os artistas homens, a porcentagem de mulheres bem-sucedidas é muito pequena.

Em recente levantamento feito por pesquisadores da Universidade de Brasília e divulgado pelo portal Metrôpoles<sup>70</sup> (COLINA, Isabelle. Entrevista no portal *Rolling Stones Country*, em 21/06/2020) o levantamento mostrou que, mesmo havendo grandes artistas mulheres, as letras sertanejas ainda apresentam indícios de discriminação de gênero além de naturalizar o machismo.

A música "Propaganda" cantada pela dupla Jorge & Mateus é uma das canções mais tocadas em plataformas de streaming em 2018 e 2019. A música conta a história de um homem que via uma mulher como um objeto de posse e a desqualificava por temer que outras pessoas se interessassem por ela.

Na música “Ciumento Eu” da dupla Henrique & Diego com participação de Matheus & Kauan, é uma das faixas que pode causar ataques de pânico a quem

---

<sup>68</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/mmpb-site-machismo-musicas/> / Acesso: 12/06/2020.

<sup>69</sup> Disponível em: <https://institutoeacao.org.br/5-projetos-sociais-para-mulheres/> / Acesso: 01/03/2020.

<sup>70</sup> Disponível em: <https://rollingstonecountry.uol.com.br/noticias/sertanejo/machismo-no-sertanejos-letras-reforcam-violencia-inferioridade-e-ideologia-de-posse-com-mulheres.phtml> / Acesso: 05/07/2020.

a escuta com mais atenção. Além de dizer à mulher para "falar baixinho", o homem é extremamente ciumento, perseguidor e intolerante, segue um trecho: "*Ciúme não/ Excesso de cuidado/ Repara não, se eu não sair do seu lado/ Tem uma câmara no canto do seu quarto/ Um gravador de som dentro do carro/ E não me leve a mal, se eu destravar seu celular com sua digital/ Eu não sei dividir o doce/ Ninguém entende o meu descontrole/ Eu sou assim não é de hoje/ É tudo por amor*", diz a letra que descreve um relacionamento abusivo.

Muitas letras de sertanejas falam do fim dos relacionamentos. A história comum é de sofrimento, recaída e "dor de chifre". O problema é quando uma das partes não aceita o final e persevera mesmo quando ouve "Não". Henrique & Juliano e "Vidinha de Balada" e Marcos & Belutti e "Então Foge" são bons exemplos dessa relação.

O cantor Luan Santana, famoso por pregar o romantismo, também lançou obras com passagens machistas. Em "Motel Paraíso", essa música é uma fusão do álbum anterior do projeto do cantor, "Viva", e conta a história de um homem que descobre uma traição, ao invés de encerrar o relacionamento e continuar a vida, mas incendeia o lugar onde a mulher se encontrou com outro homem. Já na música "Check-in", Luan Santana conta uma história na Bíblia que Deus teria feito Eva, a primeira mulher, da costela de Adão. Para elogiar a esposa, o cantor disse "Quando foi fazer você fez do filé mignon". Comparando a mulher com um pedaço de carne.

Na música "A Mala é Falsa" de Felipe Araújo em parceria com a dupla Henrique & Juliano também encontraremos retratos de violência psicológica na narrativa musical, o homem faz chantagem emocional para conseguir uma relação sexual sem vontade. Ou a mulher faz sexo ou o homem vai embora.

Segundo a pesquisa da pesquisadora Mariah Gama, as sutilezas as letras podem estabelecer relações de poder e hierarquia. Ela disse que "É comum que esses apontamentos sobre as sutilezas do machismo e da misoginia na cultura popular, nas piadas, nas músicas ou nos filmes, sejam interpretados como 'mimimi', desqualificados e ignorados", diz. "Pois têm a capacidade de serem naturalizadas e cristalizadas no imaginário coletivo, produzindo e reproduzindo subjetividades, modos de ser, de agir, de se relacionar e de amar" (COLINA, Isabelle. Entrevista no portal *Rolling Stones Country*, em 21/06/2020).

Por exemplo, na música "Homem de Família" de Gustavo Lima, descreve uma imagem feminina ideal que pode transformar um cachaceiro em um homem responsável. Mesmo com o expressivo aumento do número de mulheres no sertanejo, ainda é possível encontrar traços de machismo nas letras que cantam. Em "Infiel" e "Amante Não Tem Lar", Marília Mendoza reforçou o conceito de competição feminina e a disputa entre "oficiais" e "amantes".

Em "De Quem é a Culpa", Marília Mendonça (conhecida como a Rainha da Sofrência) conta a história de um relacionamento desgastado, em que a mulher aceita "olhares e alguns abraços", para ficar perto do homem e ainda se culpa por ter se apaixonado. Em "Perto de Você", a cantora conta a história de relacionamento em que a mulher sofre uma relação abusiva, que prefere "aguentar os gritos", sendo submissa, a ter que se afastar do homem.

O sertanejo e machismo sempre estiveram ligados. Como na música "Cabocla Tereza" um poema de 1936 que foi gravada e regravaada por vários artistas, incluindo Tonico & Tinoco e Chitãozinho & Xororó, relatando o assassinato da mulher após a decisão dela de encerrar o relacionamento, como podemos contatar em um dos trechos: "Ouvi um gemido perfeito/ Uma voz cheia de dor: 'Vancê, Tereza, descansa'/ Jurei de fazer a vingança/ Pra morte do meu amor"

Em 2019, houve 3.739 assassinatos intencionais no Brasil, dos quais 1.314 foram feminicídios. Em março de 2020<sup>71</sup>, eram mais de 1 milhão de casos relacionados com a Lei Maria da Penha.

Outro ponto importante a se notar é que as músicas sertanejas não representam relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. Existem registros desse gênero há mais de um século, mas foi somente em 2019 que um artista assumidamente gay cantou para a comunidade LGBT. Na conversa com a *Rolling Stone Country*, Gabeu<sup>72</sup> falou sobre o machismo no sertanejo: "O estilo de vida sertanejo preza por aquilo que é tradicional, mesmo que inconscientemente e que a sonoridade seja mais moderna. As coisas ainda são muito heteronormativas. Queria que estivesse ao nosso alcance, mas levará um tempo. Espero que outras

---

<sup>71</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/10/10/uma-mulher-e-morta-a-cada-nove-horas-durante-a-pandemia-no-brasil/> 28/10/2020.

<sup>72</sup> Disponível em: <https://rollingstonecountry.uol.com.br/noticias/sertanejo/machismo-no-sertanejos-letras-reforcaram-violencia-inferioridade-e-ideologia-de-posse-com-mulheres.phtml> / Acesso: 05/07/2020.

peessoas busquem mudar isto, que outros meninos gays surjam, que surja o sapanejo, o travanejo, todos os "nejos" possíveis. Não vemos muitos cantores negros dentro do sertanejo, é tudo muito hétero, masculino e branco. Muitas pessoas não se identificam por estes motivos". Ainda há um longo caminho a percorrer na desconstrução das narrativas machistas no sertanejo. O aumento do número de artistas deve ajudar nesse processo, e o papel do público é não aceitar mais essas narrativas. No entanto, a discriminação de gênero na sociedade ainda é naturalizada. Como veremos a seguir, no fórum do facebook "Arrumando Letras".

## CAPÍTULO 4 - “ARRUMANDO LETRAS”: CIBERFEMINISMO E TECNOFEMINISMO NAS NARRATIVAS MUSICAIS DO SÉCULO XXI

### 4.1. Ciberativismo, movimentos identitários e as novas tecnologias

A Wells (2005), vem analisando as diferenças teóricas e culturais e assimetrias do movimento “Ciberfeminismo”, que tem produzido uma grande influência nos Estados Unidos, Austrália e Europa por meio de diferentes instituições representativas, por exemplo, "Old Boys Network"<sup>73</sup>. Porém devido à falta de debate público entre as relações de gênero e as questões de tecnologia (biotecnologia, cibernética etc.), o ciberfeminismo não atingiu o Brasil com a mesma força de outros países. No entanto, existem esforços de alguns grupos isolados, centros e ONGs que estão trabalhando para permitir que mulheres no país ingressem na rede digital por meio de novas tecnologias de rede (neste caso, a Internet):

No Brasil, com a constatação pelas organizações feministas que trabalhavam justamente com as novas tecnologias e o tema saúde (em assuntos como bioética, reprodução assistida, contracepção, transgênicos e genética) da falta de um amplo debate sobre tais questões, começa no meio dos anos 90, um movimento para publicizar o assunto, cuja importância é absurdamente velada por grande parte da mídia, e conseqüentemente da sociedade. Um exemplo foi o debate intitulado "Sob o signo da bios", promovido pelas ONGs feministas CEMINA e CRIOULA durante o ano de 2004. No entanto, muitas dessas organizações ainda sofrem de uma enorme desvantagem em conhecimento prático e político em relação às novas tecnologias de comunicação e informação. CEMINA, de novo, é outra exceção, trabalhando com mulheres e rádio por todo o país, com foco no interior do estado de Pernambuco com a Rede Cyberella. Outro exemplo é a Rede Mulher de Educação, que desenvolve projetos que usam TIC com mulheres mais velhas. Aspectos sociais, econômicos e políticos da chamada "sociedade da informação" é o foco de outra organização feminista, a Rede DAWN, cujo foco para a Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação (WSIS-World Summit on Information Society) desde 2002 é promover o debate de temas relacionados à cúpula sob a perspectiva de gênero, estimulando a participação da sociedade civil visando permitir que novas direções e sensibilidades, mais igualitárias, sejam incorporadas aos rápidos desenvolvimentos tecnológicos. (WELLS, 2005, p. 26).

---

<sup>73</sup> Disponível em: [http://www.obn.org/inhalt\\_index.html](http://www.obn.org/inhalt_index.html) / Acesso: 23/09/2019.

Atualmente, os centros citados ainda estão ativos (2020) e realizam importantes atividades neste âmbito. O CEMINA<sup>74</sup> (Comunicação, Educação e Informação de Gênero) é uma organização não governamental cujas atividades começaram na década de 1980. É um espaço para mulheres na indústria de radiodifusão, de 1999, para promover a participação de comunicadores de massa de áreas remotas do Brasil:

Apenas 32 milhões dos 180 milhões de brasileiros tem acesso à Internet. Neste contexto de exclusão digital, as mulheres se encontram em situação ainda mais desfavorável: 72% nunca utilizaram um computador, 86% não tiveram contato com a Internet e 30% nem sabem do que se trata. Nas regiões privilegiadas pelo projeto, no Norte e Nordeste do Brasil, a exclusão digital chega a 100% e os municípios escolhidos têm baixo Índice de Desenvolvimento Humano. A prioridade básica do projeto foi promover a inclusão digital articulada à difusão da informação proporcionada pela rádio comunitária, que já tem uma inserção social e um comprometimento com a comunidade local. Desta forma, o processo deixa de ser vertical e passa a ser horizontal, a partir da gestão social que já acontece via rádio. Outra prioridade foi a melhoria da qualidade da informação veiculada nas rádios comunitárias, o que é feito através da capacitação das comunicadoras para o uso das novas tecnologias de comunicação e informação, apoio técnico, bem como pela doação de computadores, softwares e recursos para conexão a banda larga. (MARINS, PROJETO CIBERELAS, portal Cemina, 2004)

Outro projeto que segue o exemplo padrão citado é o Projeto Software Livre Mulheres<sup>75</sup> (2004), uma atividade iniciada por um grupo de mulheres ativas na comunidade de Software Livre que participaram do Projeto Software Livre no Brasil. O site do grupo é um espaço onde as questões são abertas e debatidas na ótica das mulheres, mas não é exclusivo e não faz distinção entre os gêneros, os homens também são convidados a participar. O PSL Mulheres tem como objetivo destacar, apoiar e participar de projetos da comunidade de software livre social e digitalmente inclusivo. Busca também ser um agente da sociedade acessível a usuários de todos os níveis, sejam iniciantes ou experientes na área técnica. O objetivo não é ser um grupo de usuários. Os projetos de software livre para

---

<sup>74</sup> Disponível em: <http://www.cemina.org.br/> / Acesso: 04/11/2019.

<sup>75</sup> Disponível em: <http://mulheres.softwarelivre.org/> / Acesso: 01/08/2020.

mulheres ainda estão ativos como um centro de apoio para a aprendizagem de software e inclusão digital de mulheres.

Os grupos brasileiros têm um enfoque mais abrangente e atuam de forma mais dispersa, “usando uma linguagem inclusiva, rompendo e revelando o discurso da linguagem dominante no texto”. (WELLS, 2005, p. 05) Um exemplo é a lista de e-mails. O G2Grp<sup>76</sup>, coletivo de meninas de diversas partes do país que atuou por meio de blogs, realizou seminários e discutiu temas relacionados à relação entre gênero e tecnologia. O impacto do movimento no final dos anos 1990 em diferentes centros, ONGs e até mulheres jovens é óbvio, e a importância do ativismo nas redes eletrônicas Sexo e o desequilíbrio entre mulheres e profissões técnicas. Como o autor afirmou:

Ao contrário mais do que nunca faz parte da luta do imaginário, e aqui construído (ciber) feminismo contemporâneo brasileiro não deseja produzir uma teoria total, profissional, convencional, de defesa ou amparo, com termos e ações definidoras, mas como Haraway mesmo fala em seu Manifesto, "uma experiência íntima de fronteiras, de suas construções e desconstruções." Muitas das participantes desses grupos que estão pensando as mulheres e a tecnologia, demonstram que sabem usar as temáticas e métodos feministas, como o de verbalizar o prazer, ou mobilizar discussões que são importantes a outros segmentos sociais, e criando ambientes festivos cognitivo-políticos, mesmo que não se considerem feministas. O aprendizado intelectual e experiencial, assim como os projetos que tornam possível a reflexão sob a condição das mulheres e sua potencial autonomia em relação às relações dialógicas com os Outros, alteridade que deve ser reconhecida como legítima e relevante à vida humana, passará aos poucos, junto com o aumento do número de mulheres participantes, a co-habitar cada vez mais as novas redes que se conectam via Internet, que nada mais é do que um espelho filtrado economicamente das esferas sociais correntes. É também um espaço a ser ocupado. (ibid, 2005, p. 08)

A filosofia da educação crítica relacionada a questões técnicas e de gênero é uma questão chave no contexto brasileiro. Diferente da situação de Old Boys Network (1997)<sup>77</sup> ou VNS Matrix (2001)<sup>78</sup>, a educação crítica de países mais ricos é finalmente estabelecida por Haraway (2000) devido a diferentes estratégias e

<sup>76</sup> Disponível em: <http://www.interfaceg2g.org/> / Acesso: 05/11/2019.

<sup>77</sup> Disponível em: [http://www.obn.org/inhalt\\_index.html](http://www.obn.org/inhalt_index.html) / Acesso: 23/09/2019.

<sup>78</sup> Disponível em: <http://br.geocities.com/worgtal/2004/vns.htm> 126 / Acesso: 23/09/2019. Tradução LEMOS, Alexis.

usos das teorias feministas da Internet, além de fatores políticos, econômicos e sociais.

O feminismo online ocorre de forma regionalizada, adaptando-se à época e às questões culturais de cada contexto em que aparece. Ao mesmo tempo, devido ao uso da tecnologia de comunicação em rede como ferramenta, o feminismo em rede permite um novo contato com o sujeito. A chave é que a emergência de políticas para as mulheres tem intensidades, problemas e expressões diferentes, de forma intercessional. No caso da Europa e da Austrália, os ativismos são as formas mais comuns. No caso do Brasil, devido aos problemas e diferenças econômicas, educacionais e culturais do país, outras formas de enfrentamento são necessárias. No entanto, questões femininas sob as perspectivas do pós-humano e do ciberfeminismo também têm surgido no contexto brasileiro de expressão condizente com as perspectivas feministas. A diversidade dos feminismos online permite questionamentos políticos por meio de redes ativistas (como o Brasil), e por meio da atuação de mulheres em diferentes campos técnicos, a expressão e construção de novos símbolos, linguagens e imagens femininas perante a sociedade.

As contradições e multiplicidades sintetiza uma identidade de ciborgue em forma de "fluir entre as fronteiras, entre ferramentas e mitos, conceitos e sistemas. Pensar nas relações sociais históricas e na anatomia". (HARAWAY, 1984, 2000, p. 18)

Em suma, a tríade arte, ativismo e tecnologia é um fenômeno que se torna cada vez mais poderoso em diferentes partes do mundo, especialmente no Brasil. Os projetos sociais são uma característica típica do cenário brasileiro. Em certo sentido, essa forma de expressão é funcionalmente semelhante à atribuição de estética social, simbólica e política e ideias criativas em potencial.

O que é interessante aqui é a ênfase no ativismo para expressar práticas de arte coletiva recentes na música. Os feminismos da Internet introduzem novos modos de participação política na vida cotidiana, transformando mulheres e artistas em agentes ativos e catalisadores de experiência, fundindo arte e vida, utilizando as redes sociais como "megafone" de suas causas, como veremos à diante.

#### ***4.1.1. Ciberfeminismo: revisitado e reconfigurado***

Os feminismos na Internet foi o mais ativo na década de 1990 e no início dos anos 2000. Seu objetivo era questionar a relação entre as mulheres e a tecnologia e a estrutura de gênero da cultura eletrônica da mesma forma que as feministas tentaram questionar a tecnologia eletrônica na década de 1960. Questionando sobre a estrutura de gênero na sociedade e o espaço ocupado pelas mulheres. No caso do feminismo online, o ponto de foi questionar a tecnologia da informação e no mercado de trabalho, ambos controlados pelo patriarcado:

Atualmente, o ciberfeminismo está esclarecendo no que consistem as relações correntes das mulheres com a Information Technology, do mesmo modo que critica as estruturas de gênero na cultura eletrônica. "O ciberfeminismo – escrevem Faith Wilding e Critical Art Ensemble – é uma promessa da nova onda de pensamento e prática pós-feminista. Através do trabalho de numerosas mulheres net-ativas, há agora uma presença ciberfeminista diferente na rede que tem frescor, não tem vergonha, é engenhosa e iconoclasta frente a muitos dos princípios do feminismo clássico". Mas se deve estar alerta. O ciberfeminismo é, sem dúvida, uma esperança na construção de uma nova ordem – questiona gênero e identidades. Para a humanidade, a construção de um ciborgue como propunha Donna Haraway é um dos maiores desafios. A rede é um meio público que tem se caracterizado até agora por ser aberto à pluralidade dos discursos, à multiplicidade. Mas o mundo tecnológico, um mundo não alheio aos outros mundos, padece e sofre as vicissitudes políticas e sociais. Por esta razão, o ciberfeminismo também deve ser um campo aberto para o ativismo e a política. As mulheres, desde a sua incorporação ao trabalho, estão acostumadas ao uso de tecnologias eletrônicas, dada a distribuição de postos de trabalho em relação ao gênero – as mulheres têm desempenhado a maior parte do trabalho de escritório utilizando máquinas de escrever, faxes, e telefones. (MARTÍNEZ-COLLADO e NAVARETTE, 2007, p. 26)

Os meios de comunicação de massa tornaram-se um dos apoiadores das feministas e de outros movimentos sociais na década de 1960, como ferramentas para fortalecer o debate sobre a estrutura de gênero. Porém, há pouca ou nenhuma discussão sobre como o percurso técnico e seu próprio uso podem alterar a subjetividade das mulheres. Por outro lado, os feminismos da Internet são entendidos como uma prática pós-feminista na Internet (pós-feminismo no sentido dos pós-movimentos dos anos 1960 e 1970), que é um campo técnico complexo e também político. Seus métodos (Internet e outras tecnologias de comunicação) são questionados já que quantitativamente as mulheres na tecnologia da informação ainda consta em desigualdade na estrutura de gênero, em um campo

najoritariamente masculinizado. Para feministas online, o campo técnico sempre foi, em princípio, o tradicional campo masculino:

Por isso o território do ciberfeminismo é amplo. Inclui o espaço objetivo do ciberespaço, instituições de design industrial e instituições de educação – territórios nos quais o processo tecnológico é classificado genericamente de uma forma que exclui a mulher do acesso aos pontos de poder da tecnocultura. Sem embargo, o território não termina aqui. O ciberfeminismo é também o esforço de estar cada vez mais consciente do impacto das novas tecnologias na vida das mulheres e da insidiosa classificação genérica da tecnocultura na vida diária. (WILDING, 1997, p. 52)

As pesquisas sobre gênero gradualmente se voltaram para as pesquisas das narrativas para estudar a categoria analítica central nos discursos. Embora a teoria social mais tradicional tenda a tratar a linguagem como uma forma de representação ou ferramenta, ela apenas reflete estruturas mais básicas, como normas, valores e discursos diários, mas esses discursos adquiriram uma nova dimensão ontológica. As ações que constituem a identidade coletiva e as políticas da diferença coexistem apenas em tensão. A produção de subjetividade deve ser uma área de luta constante. Grupos de ciberativistas estão questionando a estrutura de significado institucionalizado por meio de redes eletrônicas para avançar na interpretação da realidade social, para expandir as fronteiras entre os diferentes complexos culturais e aprimorar sua experiência por meio da tecnologia de comunicação.

No contexto do ciberfeminismo, deve-se enfatizar que as redes e as mulheres ainda não têm uma posição unificada, para Haraway (1984), contradições do ciborgue feminina, mas de trinta anos depois, isso ainda é verdade, e as especializações relacionadas à ciência da computação e engenharia ainda são uma vantagem masculina. A ciborgue fala sobre o poder de sobrevivência, a textualização do corpo.

A escrita é preeminentemente, a tecnologia dos ciborgues – superfícies gravadas do final do séc. XX. A política ciborgue é a luta pela linguagem, é a luta contra a comunicação perfeita, contra o código único que quer traduzir todo o significado de forma perfeita – o dogma central falocentrista. É por isso que a política ciborgue insiste no ruído e advoga poluição, tirando o prazer das ilegítimas fusões entre animal e máquina(...) Através do estabelecimento de uma rede de afinidades e da utilização de redes técnicas para experimentar um novo

método narrativo, ou seja, a construção de um novo mito (ibid, 1984, p. 54).

Embora existam inúmeras definições de feminismo online, entendemos como “a prática do feminismo na Internet, cujo propósito é estabelecer uma nova ordem política e estética e eliminar os antigos mitos da sociedade por meio do uso da tecnologia” (HARAWAY, 1998, p. 05). Mais importante ainda, o feminismo da *Internet* parece ser uma proposta para remodelar outros feminismos a partir da perspectiva da nova tecnologia de comunicação.

A redefinição do conceito de humano será apenas um híbrido entre criaturas orgânicas e máquinas. Os robôs também podem ser conectados através da "rede". Portanto, devido à aceleração da circulação da informação, tais robôs podem estar sempre entre as fronteiras e crescer.

Um dos caminhos importantes para se reconstruir a política feminista-socialista é por meio de uma teoria e de uma prática dirigida para as relações sociais da ciência e da tecnologia, incluindo de forma crucial, os sistemas de mito e de significado que estruturam nossas imaginações. O ciborgue é um tipo de eu-pessoal e coletivo pós-moderno, um eu remontado e desmontado. Esse é o eu que as feministas devem ao ciborgue. (HARAWAY, 1984, p. 33).

A declaração também é um alerta. Fazer apelos políticos e estratégicos para evitar cair na opressão voltou a ser uma realidade. Requer participação na construção de um futuro melhor. Esta é uma resposta ao dualismo filosófico e social do pensamento ocidental. Esse dualismo constituiu uma disputa entre materialismo e idealismo.

O sonho feminista sobre uma linguagem comum, como todas as noções sobre uma linguagem que seja perfeitamente verdadeira, sobre a nomeação perfeitamente fiel à experiência, é um sonho totalizante e imperialista. Nesse sentido, em sua ânsia para resolver a contradição também a dialética é uma linguagem do sonho. Talvez possamos aprender, ironicamente, a partir de nossa fusão com animais e máquinas, como não ser o **HOMEM**, essa corporificação do logos ocidental. Do ponto de vista que se tem nessas potentes e interditas fusões, tornadas inevitáveis pelas relações sociais da ciência e da tecnologia, talvez possa haver de fato uma ciência feminista. (HARAWAY, 1998, p. 19)

As diversas redes eletrônicas e modos de interação interpessoal adotados são novas manifestações dos espaços sociais, e as redes sociais são conhecidas por

suas formas anteriores e mais familiares, como clubes, comunidades de cartas, associações, etc. Eles podem ser descritos como espaços virtuais - lugares virtuais criados por agentes públicos. Mas, quais são as objetividades feministas diante das novas tecnologias? Ampliaremos a seguir.

#### ***4.1.2. Objetividades feministas nas novas tecnológicas digitais***

Com base no conceito de neutralidade da ciência e da tecnologia, Haraway (1995) assimilou-o na visão subjetiva de Deus: o poder invisível, o mito da visão absoluta. Essa criação de objetividade científica é absoluta, portanto, está livre de restrições e responsabilidades, e os privilégios do sistema de privilégios tornam o sistema de hierarquia social permanente. Em contrapartida, propõe outra forma de objetivismo feminista, que ela chama de sabedoria local: "Do ponto de vista físico, sempre há figuras complexas, contraditórias e estruturadas", e "sendo imaterial, é de lugar nenhum" (ibid, 1995, p. 61).

Nesse caso, posicionamento significa responsabilidade, política e moralidade também entram como variáveis na construção do conhecimento. Essa visão também mistifica a história como fatos do passado e a considera uma estrutura cheia de jogos de poder. A história é "uma história contada por amantes da cultura ocidental" (ibid, 1995, p. 58) também disse que, neste caso, "conteúdo é forma", segundo nosso entendimento, é o mesmo que dizer que o conteúdo provavelmente subtrairá do conteúdo as visões e posições políticas de quem o escreveu. "Quanto à forma como o sentido e o corpo são construídos, não é negar sentido e corpo, mas viver em sentido e corpo possíveis, o futuro" (ibid, 1995, p. 62), define de forma mais simplificada que a objetividade do feminismo será a colocação e posicionamento do conhecimento, de forma a contextualizar e explicar melhor as relações de poder e pontos de vista estabelecidos, propondo teoria e prática. Por outro lado, essas relações serão traçadas por um novo epistemólogo isento e imparcial que não está mais isolado do mundo, mas inserido, subjetivamente afirmou sua particularidade (RAGO, 1998).

Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo.

Os movimentos internacionais de mulheres têm construído aquilo que se pode chamar de “experiência das mulheres”. Essa experiência é tanto uma ficção quanto um fato do tipo mais crucial, mais político. A libertação depende da construção da consciência da opressão, depende de sua imaginativa apreensão e, portanto, da consciência e da apreensão da possibilidade. O ciborgue é uma matéria de ficção e também de experiência vivida – uma experiência que muda aquilo que conta como experiência feminina no final do século XX. Trata-se de uma luta de vida e morte, mas a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão ótica. (HARAWAY, 2000, p. 16).

Haraway se posiciona publicamente como um robô, e combina o desempenho com a essência da tecnologia, mas não é como se fosse diferente ou especial, mas a realidade da vida moderna implica na estreita ligação entre pessoas e a tecnologia. "Neste caso, estamos falando de uma nova forma subjetiva. Estamos falando seriamente sobre o mundo em constante mudança, que nunca aconteceu antes. Isso não é apenas uma ideia. Este é um novo tipo de Carne" (ibid, 2000, p. 21).

A figura dos ciborgues feministas não só simboliza a libertação das mulheres e outros anti-hegemonistas, mas também a nova subjetividade da simbiose entre humanos e máquinas, a construção social dos papéis de gênero com a construção de um ciborgue, então "com as ferramentas certas, todos nós podemos ser reconstruídos", para que uma pessoa decida o lugar que deseja ocupar "seja lavando louça ou legislando" (ibid, 2000, p. 19). Quando usamos a experiência para desempenhar um papel central nas tecnologias que tentam reduzir a opressão, os conceitos tentam considerar a prática e a possibilidade de usar as máquinas como aliadas para libertar mulheres de forma autônoma.

Para essa pesquisa, acha importante trazer essa ideia de "ciborgues" porque temos que lidar com experiências feministas, que envolvem o uso da tecnologia como forma de valizar as causas das mulheres. Acreditamos que o uso da tecnologia por mulheres e indivíduos anti-hegemônicos é uma força poderosa para o feminismo.

A imagem do ciborgue pode ajudar a expressar dois argumentos cruciais deste ensaio. Em primeiro lugar, a produção de uma teoria universal, totalizante, é um grande equívoco, que deixa de apreender – provavelmente sempre, mas certamente agora – a maior parte da realidade. Em segundo lugar, assumir a responsabilidade pelas relações sociais da ciência e da tecnologia significa recusar uma metafísica anticidência, uma

demonologia da tecnologia e, assim, abraçar a habilidosa tarefa de reconstruir as fronteiras da vida cotidiana, em conexão parcial com os outros, em comunicação com todas as nossas partes. Não se trata apenas da ideia de que a ciência e a tecnologia são possíveis meios de grande satisfação humana, bem como uma matriz de complexas dominações. A imagem do ciborgue pode sugerir uma forma de saída do labirinto dos dualismos por meio dos quais temos explicado nossos corpos e nossos instrumentos para nós mesmas. Trata-se do sonho não de uma linguagem comum, mas de uma poderosa e herética heteroglossia. Trata-se da imaginação de uma feminista falando em línguas [glossolalia] para incutir medo nos circuitos dos supersalvadores da direita. Significa tanto construir quanto destruir máquinas, identidades, categorias, relações, narrativas espaciais. Embora estejam envolvidas, ambas, numa dança em espiral, prefiro ser uma ciborgue a uma deusa. (ibid, 2000, p. 26)

Pensando na linguagem, em grego, “hetero” significa diferente. O termo foi introduzido pelo lingüista russo Mikhail Bakhtin (1934, p. 72). A tradução literal de "raznorechie" em russo significa "expressões diferentes". define balbucio como "falar em outra língua para expressar as intenções do autor, mas de forma distorcida".

Haraway (2000) sugeriu um discurso feminista que incluía fortemente as múltiplas mudanças e defendeu o potencial positivo da ciência e tecnologia para criar novos significados e novas entidades e construir um novo mundo (WACJMAN, 1991).

Tem-se tornado difícil nomear nosso feminismo por um único adjetivo – ou até mesmo insistir na utilização desse nome, sob qualquer circunstância. A consciência da exclusão que é produzida por meio do ato de nomeação é aguda. As identidades parecem contraditórias, parciais e estratégicas. Depois do reconhecimento, arduamente conquistado, de que o gênero, a raça e a classe são social e historicamente constituídos, esses elementos não podem mais formar a base da crença em uma unidade “essencial”. (HARAWAY, 2000, p. 28)

No campo da discussão e atuação política, é fundamental construir pontes que atendam à demanda. Em tantas divisões, buscar uma certa unidade por afinidade não por identidade, e buscar uma aliança para reduzir a opressão, buscando uma linhagem política que possa quebrar a antiga e complexa estrutura

entre gênero, raça e classe Haraway (2000, p. 11) falava sobre a necessidade de “uma linguagem que descolonize nossos pensamentos”.

Segundo hooks (1989), a linguagem também funciona como um lugar de luta, de subversão, na tentativa de não falar com a voz quebrada, mas sim, tomar o protagonismo... Mas o que é uma voz quebrada? Haraway (2000, p. 28) descreveu o termo "voz quebrada" como "Quando você ouve uma voz quebrada, você ainda tem a questão da interrupção". hooks (1989) falou sobre as lutas e dificuldades experimentadas por indivíduos oprimidos para falar e ganhar suas vozes, o que ela chamou de "vozes quebradas". Ela descreveu essa voz como a voz da ação e resistência. A batalha é sempre pela memória, não para comemorar a opressão, por isso ele acha que as afirmações subjetivas nas discussões públicas são tão positivas. Portanto, a marginalidade não só tem um sentido de privação, mas também traz um enorme espaço de possibilidades, um espaço básico, que é o centro da expansão do discurso anti-hegemônico.

hooks (1989) chamou de “interseção” as interrupções na fala das mulheres. Interseção (ou hipótese de interseção) é uma investigação sobre a sobreposição ou interseção da identidade social e sistemas relacionados de opressão, dominação e / ou discriminação. A teoria propõe e tenta explorar como diferentes categorias sociais e culturais como gênero, raça, classe, habilidade, orientação sexual, religião, casta, idade e outros eixos de identidade interagem em níveis diferentes e frequentemente simultâneos. Assim, por exemplo, as mulheres negras estão no "nível mais baixo da hierarquia de identidade " porque a "categoria" mulheres "nega todas as mulheres não brancas; a categoria" negra" nega todos os indivíduos não negros e mulheres negras" (HARAWAY, 2000, p. 13). A opressão sofrida pelas mulheres e mulheres negras é muito diferente, porque as mulheres negras ultrapassaram a capacidade de se tornarem mulheres, ou seja, se tornarem negras.

A única forma de caracterizar a informática da dominação é vê-la como uma intensificação massiva da insegurança e do empobrecimento cultural, com um fracasso generalizado das redes de subsistência para os mais vulneráveis. Uma vez que grande parte desse quadro está conectada com as relações sociais da ciência e da tecnologia, é óbvia a urgência de uma política socialista feminista dirigida para a ciência e a tecnologia. (ibid, 2000, p. 15)

Nesse panorama, Haraway utilizou o conceito de mulheres em circuitos integrados com base em um artigo de Rachel Grossman em 1980, no qual relatava a instabilidade de aproximadamente 250.000 mulheres no sudeste asiático, no trabalho, essas mulheres se dedicam à fabricação de circuitos eletrônicos, que são funções que vão de relógios digitais a computadores. Grossman (1980) relatou sobre diferentes métodos usados para manter a obediência e o controle das mulheres, como concursos de beleza, tratamento dos chefes aos pais de seus funcionários, admiração pelo estilo de vida norte-americano e outras estratégias para ocultar o estilo de vida das mulheres. A realidade da empresa de pagamentos, trabalhando quase sem descanso (com 15 minutos para o almoço, demitindo mulheres que não conseguiam atingir seus objetivos), mulheres relatam perda de visão devido ao uso de microscópios e doenças como conjuntivite e envenenamento por inalação de gases tóxicos de metal. Este trabalho começou com mulheres muito jovens que foram referidas como usando óculos pelos avós de 25 anos devido à perda de visão causado pelo trabalho.

O determinismo tecnológico é um reducionismo, que assume que a tecnologia de uma sociedade promove o desenvolvimento de sua estrutura social e valores culturais e, portanto, ignora o background de poder e a rede de poder relacionados ao ambiente tecnológico. Haraway (2000) apontou que ultrapassamos a era do determinismo tecnológico, e apontou a reorganização mais complexa das relações sociais das mulheres, em que a dicotomia entre as esferas pública e privada, a fábrica e a família, entre o mercado e a família e entre o indivíduo e a política, a distinção não é mais suficiente para descrever o novo relacionamento.

Se foi, alguma vez, possível caracterizar ideologicamente as vidas das mulheres por meio da distinção entre os domínios público e privado, uma distinção que era sugerida por imagens de uma vida operária dividida entre a fábrica e a casa; de uma vida burguesa dividida entre o mercado e a casa; de uma vida de gênero dividida entre os domínios pessoal e político, não é suficiente, agora, nem mesmo mostrar como ambos os termos dessas dicotomias se constroem mutuamente na prática e na teoria. Prefiro a imagem de uma rede ideológica – o que sugere uma profusão de espaços e identidades e a permeabilidade das fronteiras no corpo pessoal e no corpo político. (ibid, 2010, p. 25)

O termo "feminismo técnico" proposto pela autora Judy Wacjman nos parece suficiente para considerar a prática suscitada por esta investigação. É uma perspectiva sociotécnica que acredita que toda tecnologia pode ser fonte de mudanças positivas e / ou negativas na sociedade, e está estudando cada situação. A tecnologia como fonte de poder porque é onipresente em nossa sociedade, e ressalta que é necessário que as mulheres obtenham esse poder para diminuir a relação hierárquica entre os gêneros, pois a ciência e a tecnologia se fundem, têm a capacidade de mesclar diferentes valores. Wacjman (1991) acredita que o feminismo tecnológico é múltiplo e não pode ser caracterizado por uma ou outra experiência.

Porem, o domínio da tecnologia pelos homens está relacionado à construção social de gênero, que preserva o poder e a possibilidade de aprender tecnologias consideradas as mais valiosas para os homens. Wacjman (2006) citou Cynthia Cockburn (p. 22): "A tecnologia é uma ferramenta de poder", e apontou que a sociedade vai mudar definitivamente em termos de novas tecnologias, e levantou a questão de como as relações ocorrerão. Nesse sentido, já que domina a tecnologia de ponta, "significa que ele estará mais envolvido no futuro, e assim terá maior poder para ele" (ibid., P. 24). A questão de sua pesquisa reside no monopólio da tecnologia pelos homens, ou na própria tecnologia patriarcal. Portanto, esta pesquisa amplia o uso da rede social, neste caso, o fórum "Arrumando Letras" no facebook, como a possibilidade de uma nova tecnologia que abranja as mulheres e os sujeitos anti-hegemônicos, que vai além da estratégia de igualdade e equidade, no que se propoe a discussão sobre o emprego da linguagem "narrativas" através das musicas populares brasileiras.

Nesta pesquisa, buscaremos compreender as redes que ajudam a dar maior visibilidade as causas feministas, com recorte sobre como as mulheres são retratadas pela música através dos anos, em análise, a página do facebook "Arrumando Letras" que além das críticas sobre as letras consideradas machistas, também reescreve-la. Vimos que a forma de dominação mudou, mas algumas tendências ainda são válidas, como a manutenção da mulher no campo reprodutivo enquanto o homem ocupa o campo da produção. É urgente redes colaborativas para que as mulheres, de forma interseccional, tenham acesso ao campo do saber para sua autonomia e equidade.

## 4.2. “Arrumando Letras”

Feministas buscam, cada vez mais, as redes sociais (Instagram, Twitter e Facebook) para que as militâncias feministas tenham maior visibilidade com foco na desconstrução estrutural dos valores morais impostos às mulheres. Esses valores, na maioria dos casos, fazem com que as mulheres (cisgêneras, transgêneras, lésbicas, entre outras generalidades, contemplando as diferentes realidades de opressão étnico-raciais) em um estado de submissão, diante da hegemonia imposta pela cultura patriarcal. A burguesia da burguesia é determinada principalmente pelos ideais de brancos conservadores, heterossexuais e de uma classe econômica rica (SOUZA, 2016).

A desconstrução desses valores está em voga nas mídias sociais por meio de postagens, textos, vídeos e / ou imagens em diferentes páginas, comunidades e perfis, e o empoderamento, reflexão e ação das mulheres são os principais objetivos para a busca da igualdade / equidade de gêneros binários ou não-binários.

As reflexões geradas por essas postagens e discussões auxiliam na formação da capacidade crítica de informação, na medida em que estimulam a curiosidade, procuram os temas de discussão e pensamento crítico e reflexivo relacionados à realidade opressora apontada pelos feminismos. A estrutura patriarcal também será analisada para refletir o silenciamento das mulheres e a opressão da construção social que contribuíram para a ausência do protagonismo em diversos campos sociais (arte, política, economia, direito, relações emocionais, etc.) Ao longo da história do Brasil, estivemos em uma posição contrária aos homens com expressiva atuação.

A partir de uma perspectiva cultural, utilizaremos os escritos de Aristóteles (2012) que, ao admitir que toda arte e toda investigação, bem como as ações e escolhas de uma pessoa, miram um bem qualquer, o filósofo mostra que tal bem pode moldar uma estrutura que muitos indivíduos tendem a seguir. Quando ele admite que toda arte e toda pesquisa e nossas ações e escolhas visam a um interesse qualquer, afirma que tal interesse molda uma estrutura que muitas pessoas tendem a seguir.

Outro método acadêmico necessário é a abordagem de Bourdieu (2012) sobre a dominação masculina, o que implica na forma como os homens tratam as

mulheres em uma estrutura hierárquica em suas relações de trabalho, família e relações afetivas. A pesquisa tem como objetivo discutir a dominação masculina e a regra patriarcal em canções populares discutidas e reescritas na página “Arrumando Letras” que apareceu nas redes sociais Facebook, bem como as mulheres vem sendo retratadas nas narrativas musicais dos anos 50, 60, 70, 80, 90 e no século XXI.

Conforme destacou Gasque (2010), Vitorino e Piantola (2009), a importância da informação nas mídias digitais, especialmente nas mídias sociais com as redes sociais online (facebook, instagram, twitter), tem se destacado na ciência da informação e na sociedade da informação, em diversas situações e questões sociais. A competência crítica em informação de informação passa a “funcionar como uma ferramenta essencial na construção e manutenção de uma sociedade livre, verdadeiramente democrática, em que os indivíduos fariam escolhas mais conscientes e seriam capazes de efetivamente determinar o curso de suas vidas” (VITORINO; PIANTOLA, 2009, p. 136).

Um indivíduo presente em uma rede social está sujeito a uma estrutura de distribuição de poder e de dependência presentes na sociedade e que são transportadas para as redes sociais quando online. Os movimentos que são criados nestas redes, organizam e configuram um novo campo de ações e representações visando a intervenção social com foco no conhecimento prático para transformar a realidade vivida (MARTELETO, 2017). Neste caso, a presença digital no Facebook da Página Arrumando Letras busca desconstruir o patriarcado por intermédio da denúncia e reescrita de letras de músicas que perpetuam conceitos machistas em nossa sociedade.

Os indivíduos que existem nas redes sociais estão sujeitos à estrutura de poder e dependências que existem na sociedade e são transmitidos para as redes sociais quando estão online. O movimento criado nessas redes organiza e configura um novo campo de ação e representação voltado para a intervenção social, com foco no conhecimento prático para mudar a realidade da experiência vivida (ibid, 2001). Nesse caso, a presença digital da página do Arrumando Letras no Facebook tenta desconstruir o patriarcado condenando e reescrevendo letras de músicas que dão continuidade aos conceitos machistas em nossa sociedade.

#### ***4.2.1. Questão de ética***

A ética pode ser compreendida a partir dos escritos de Aristóteles (1992), Sanchez Vázquez (2004), Capurro (2001) e González Gómez (2009) como parte dos estudos que são norteadores na filosofia do comportamento humano no que diz respeito à construção de valores morais em diferentes realidades sociais. Desta forma, uma vez que as organizações sociais são baseadas em valores morais de direito, política, profissão, ciência e religião, a ética como um campo de aprendizagem humana se tornará indispensável.

Para refletir sobre a ética, é necessário compreender seus conceitos. Segundo Pizarro (2010, p. 22), “a ética é um ramo da filosofia. Considerada ciência, avalia a conduta humana perante o ser e os seus semelhantes, uma vez que confronta o desempenho humano em relação às normas comportamentais estabelecidas num dado contexto social”.

Embora moralidade ainda se confunda com moralidade, existem alguns aspectos que podem distingui-los. A primeira coisa a distinguir é o poder discriminativo de cada termo. A ética etimológica está relacionada a Ethos, que significa "civilização" em grego, "núcleo cultural de um povo, ou também a busca de humanização a partir de um ideal de sociedade justa” (ZITKOSKI; TROMBETTA, 2011, p. 104).

A palavra moral é derivada de Morus, que é uma palavra latina que significa "costumes" e “que nos remete para um conjunto de valores e costumes relativo a cada povo situado historicamente” (ZITKOSKI; TROMBETTA, 2011, p. 104). Para Tugendhat (1996, apud Pizarro (2010, p. 24), uma forma de definir moralidade é usar as palavras “bom” e / ou “mau”. Porque quando dizemos algo para um propósito específico, bom ou mal, empregamos termos absolutos:

humilhar alguém é mau. Não se entende que é mau para a vítima da humilhação, ou mesmo para a sociedade, e sim a humilhação simplesmente é ruim, o que ainda deve ser esclarecido, ou seja, uma vez que o ato de humilhar é visto como um comportamento social, o mesmo deve ser regulado. E é neste sentido, objetivamente, que se definem o discurso dos juízos morais (PIZARRO, 2010, p. 24).

Em relação à história, de acordo com a pesquisa de Sánchez Vázquez (1975), a ética pode ser dividida em quatro teorias, a saber, a ética grega, a ética cristã medieval, a ética moderna e a ética contemporânea. Na contemporaneidade, existem algumas tendências morais posteriores à doutrina iluminista. Essas

correntes são: a) Ética utilitarista: também conhecida como utilitarismo, é uma doutrina iniciada por Jeremy Bentham. Foi formada no final do século 18 e início do século 19 e “consiste em afirmar que os indivíduos buscam alcançar a felicidade através da razão e da lei” (PIZARRO, 2010, p. 28); b) Ética da Alteridade: construída no século XX, “[...] propôs a ideia de lutar pela sobrevivência com base na satisfação das necessidades básicas, e a submeteu à pressão do existente; lutando pelo econômico e social Ganhar um lugar no campo” (PIVATTO, 2000, p. 80); c) Ética de Finitude: a ética finita foi fundada por Heidegger no século XX. É baseada no princípio da razão suficiente e enraizada na finitude da existência e do pensamento. Esse tipo de corrente moral provavelmente irá minar sistemas morais, como da utilidade (LOPARIC, 2000, apud PIZARRO, 2010, p. 33); d) Ética do Discurso: a ética do discurso foi fundada por Karl-Otto Apel no século XX, e seu fundamento é “a noção da cultura ocidental ser uma cultura da razão, sendo a razão o foco ordenador de todos os discursos” (HERRERO, 2000 apud PIZARRO, 2010, p. 35); e) ética da Responsabilidade: Esta “se fundamenta na idéia de dever e responsabilidade do homem [e da mulher] perante a natureza e as futuras gerações. Atualmente a técnica moderna condiciona o agir humano” (PIZARRO, 2010, p. 39) e f) Ética Profissional e Deontologia: Definida por Mattos (1977, p. 1) como “a ciência normativa que estuda os deveres e direitos dos profissionais”.

Embora faça parte de vários grupos que elaboram e promovem a estrutura social, nem todos conseguem refletir e questionar a ética no seu contexto, pois vivemos uma realidade em que a educação básica pública é precária principal instituição que promove a troca de aprendizado na formação da pessoa), e dessa forma, principalmente por meio da reestruturação do pensamento crítico e da possibilidade de aprofundamento da filosofia.

Na perspectiva da educação superior, é possível ampliar a oportunidade da reflexão sobre o termo “ética”. Sánchez Vázquez (2004) destacou a importância da ética para a formação acadêmica e a relevância dos debates sobre os seguintes temas: natureza da moralidade, responsabilidade moral, ética básica da vida em sociedade, etc. Quando assumimos que a definição de ética é o campo da filosofia que estuda a moralidade, perguntamos: quais são a moral e as responsabilidades das pessoas antes de agirem?

É construído a partir de fantasias românticas? Se não for analisada sob a ótica da deontologia e da ética defendida por Kant (2002), essa visão não é atrativa, mas é rigorosa, formal e razoável. A crítica usa a felicidade e a utilidade como critérios para estabelecer "coisas boas". Se pensarmos que certos valores morais são uma espécie de conceito moral para prevenir o comportamento bárbaro, então essa visão é relevante para esta discussão, porque o comportamento bárbaro pode incluir o comportamento violento, porque a partir da lei e do regulamento, fará com que as pessoas sejam punidas.

Entende-se por violência tudo o que vai contra a natureza do sujeito, e se refere a todas as forças que são exercidas sobre a espontaneidade e liberdade de alguém por meio de coerção, constrangimento, agressão física, tortura e comportamento cruel. Incluem atos que violam o que a sociedade considera justo e infringem direitos apropriados, incluindo abuso moral ou sexual, opressão e / ou intimidação por medo ou terror (CHAUÍ, 1998). Percebe-se que os conceitos de violência e opressão são relativos, sendo facilmente afetados por diferentes interpretações, principalmente pela diferença de tratamento entre os gêneros, e até mesmo se sobrepõem em favor do estado de direito masculino.

Ribeiro (2013) criticou o ideal defendido pela dominação masculina, que faz parte do pressuposto de que do ponto de vista biológico a mulher é inferior ao homem, neste método, devido ao útero e aos ovários. A existência de mulheres será inferior. Com base nessa crença, muitos grupos sociais nos convenceram de que, do ponto de vista moral, político e intelectual, também temos baixa autoestima. Culturalmente, existe uma estrutura hierárquica que se baseia no valor da estrutura dominante na sociedade em que vivemos e contribui para a desvalorização moral das mulheres de forma violenta (senão física).

Com base no exposto, deve-se ressaltar que os valores morais, bons e morais que regem a comunidade nem sempre incluem e promovem a igualdade entre gênero, raça, etnia e classe social. Por meio das expressões culturais da música, arte e literatura, educação familiar, educação escolar e a pesquisa e aplicação da interação social entre diferentes grupos ao longo da vida têm contribuído e / ou contribuído de certa forma, isso continua a determinar o comportamento.

#### ***4.2.2. Questão da competência crítica da informação***

O Conselho de Curadores da ACRL<sup>79</sup> (*Association of College & Research Libraries*) encerrou os Padrões de Competência de Informações de Educação Superior que foram originalmente aprovados em 2000 na Reunião Anual da ALA de 2016 em Orlando, Flórida, em 25 de junho de 2016. A definição atual da ACRL de alfabetização informacional é:

A competência em informação é um conjunto de habilidades que requerem dos indivíduos que “reconheçam quando as informações são necessárias e tenham a capacidade de localizar, avaliar e usar efetivamente as informações necessárias”. Competência em informação, é também, cada vez mais importante no ambiente contemporâneo de rápidas mudanças tecnológicas e de proliferação dos recursos de informação (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2000, p. 2, tradução nossa)

A dimensão chave da capacidade de informação é o amálgama, que pode ser usado simplesmente por meios técnicos ou meios de poder (formal ou informalmente fornecidos por meios técnicos ou meios de poder) e o que é estritamente compreendido e usado por pessoas competentes que são essenciais para a informação distinguir. A capacidade de informação chave se tornará uma ferramenta para aprimorar as habilidades e liberar as pessoas. Nessa perspectiva, a capacidade crítica da informação é essencial para que o cidadão contemporâneo processe a quantidade de informação que recebe todos os dias e avalie criticamente a informação que o cerca.

Segundo Freire (1967), o domínio humano tem a conotação de multiplicidade, transcendência, criticidade, resultado e tempo. É diverso porque se relaciona com os outros e com o mundo de uma forma diversa e adaptativa. Uma vez que a “captação que faz dos dados objetivos de sua realidade, como dos laços que prendem um dado a outro, ou um fato a outro”, e por isso, “reflexiva e não reflexa, como seria na esfera dos contatos” (ibid, 1967, p. 40). Desta forma, as interações que ocorrem nas postagens da página “Arrumando Letras”<sup>80</sup> levam em consideração o diálogo e as dimensões críticas, e colabora estreitamente com a construção de capacidades críticas de informação e o uso da dimensão “Eu” no mundo.

#### **4.2.3. Questão da desconstrução**

<sup>79</sup> Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/> / Acesso: 05/10/2020.

<sup>80</sup> Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/paginaarrumandolettras/> / Acesso? 07/03/2019.

Por meio do patriarcado, entendemos “o poder que o homem exerce por meio dos papéis sexuais” (SOUZA, 2016, p. 476). Ao relacionar o patriarcado e a perspectiva da dominação de gênero no contexto do capitalismo, podemos observar que a estrutura de governo que vivemos atualmente tem vieses sócio-históricos: por um lado, trata-se da dominação patriarcal que surgiu no processo de industrialização capitalista, e por outro lado, essa dominação a partir de um ponto de vista religioso.

De acordo com a visão de dominação social e econômica patriarcal provocada pela industrialização (contexto europeu), as mulheres são excluídas da economia dominante (trabalho masculino) e absorvidas pelas atividades dos homens, tornando-as economicamente dependentes de seus cônjuges. Porém, a demanda por lucro e o estímulo ao consumo preconizados pelas ideias capitalistas mudaram a lógica do capital (valor adicionado), segundo a qual a produção de riqueza passa a ser a meta de todas as pessoas que vivem neste sistema. Nessa situação, mulheres passam a ocupar espaço de trabalho, mas mesmo nas mesmas condições e funções que os homens, passam a receber salários menores.

Com o avanço da tecnologia (no quadro temporal e espacial da Europa do século XIX), a educação da população tornou-se cada vez mais necessária. Então, por serem vistas como especialistas no cuidado dos filhos, as mulheres passaram a assumir novas funções laborais, que incluíam atividades educativas, sem elogios morais (ibid, 2013).

No final do século XIX e no início do século XX, as lutas das mulheres por direitos mudaram. As mulheres como ocupantes do mercado de trabalho exigiam o exercício da cidadania, especialmente o direito ao voto inspirado no movimento pelo direito ao voto que começou em Londres. Espalhou-se em países europeus e atingiu o Brasil na segunda década do século XX (KARAWEJCZYK, 2013). Apesar das manifestações, a representatividade da ocupação desses lugares ainda não é bem aceita, pois, a estrutura moral patriarcal exige igualdade de direitos, o que silencia muitas mulheres e proíbe outras mulheres de ingressarem no movimento por causa da beligerância. As moléculas já foram ridicularizadas pela mídia em diversas ocasiões por serem consideradas "masculinas", temperamentais, e os homens não têm vaidade e supérfluo (PIZA, 1994).

Costa (2013) destacou que, para lutar contra a estrutura moral dominante do patriarcado, as discussões feministas brasileiras estão prioritariamente na

ocupação e promoção das mulheres nas artes visuais, música, literatura e política. Ressaltamos enfaticamente que esse tipo de mudança não ocorreu em todo o território nacional, nem se conforma com todas as classes sociais. Além disso, essas mudanças têm significados diferentes para todos os gêneros e diversidade étnica. Essas lutas se estenderam principalmente a diferentes grupos sociais nos últimos trinta anos, e sua popularização se deu por meio do desenvolvimento da tecnologia da informação, especialmente a popularização da Internet.

É fácil ver a partir da visão religiosa do Cristianismo que a forma delineada de outra visão do governo patriarcal. Na Bíblia, Deus representa o homem. Em vários registros ao longo do tempo, as mulheres não são apenas inferiores aos homens, mas também são responsáveis pela ideia do pecado original. A Igreja, então, reforçou essa lógica de governo e afirmou o princípio do respeito à vida, mas, como os gêneros diferentes dos heterossexuais sempre são regidos pelo patriarcado relacionado ao patriarcado, não promoviam a igualdade no discurso entre gêneros (ROSADO-NUNES, 2006).

Considerando a trajetória, a confirmação e perpetuação da estrutura patriarcal dominante na estrutura social, podemos entender como essa estrutura afeta o estilo de vida das mulheres: cisgêneras, transgêneras, lésbicas e demais gêneros; deve-se também destacar as diferenças e às experiências do ponto de vista étnico, respeitar os locais de fala de cada grupo, e não esquecer ou silenciar esses grupos na discussão.

A influência do regime patriarcal, ainda hoje, tem grande responsabilidade no assédio às mulheres, pois atua na cultura, no consumo, na representação política, nas escolhas de carreira, nas relações afetivas, em certas religiões, no exercício dos direitos civis (especialmente sob a proteção da lei), Vivemos uma realidade onde, apesar das mudanças e do crescimento das militantes, eles ainda ferem, matam e expõem muitas mulheres à violência ao longo de suas vidas.

#### ***4.2.4. Questão da resignificação***

Para cumprir os objetivos desta pesquisa, mostraremos o domínio patriarcal na música popular brasileira, que molda o imaginário de como as pessoas se conectam e, muitas vezes, nega a igualdade de direitos nas relações sociais. Muitas canções expressam claramente violência, silêncio, pedofilia, relacionamentos abusivos e até estupro. Esse tipo de brutalidade às vezes é

romantizado, ou mesmo moralmente entendido como naturalizado, é criticado e suscita debate, compartilhamento e aceitação, como por exemplo, nas postagens da página “Arrumando Letras”.

As redes sociais online ou mídias sociais contêm oportunidades de interação por meio do diálogo e / ou outras formas de comunicação em diferentes ambientes e grupos sociais. Marteleto (2010) destacou que as redes sociais online permitem que as pessoas entendam a sociedade de uma nova forma, pois vão além dos princípios tradicionais de discutir essas interações e consideram apenas os papéis previamente estabelecidos nas respectivas funções das pessoas.

As interações em várias redes sociais online também podem ocorrer por meio das mídias sociais. Essas, “podem ser conceituadas como espaços de colaboração, de compartilhamento de informações, de construção coletiva de conhecimento, por meio de interações pela internet” (DOTTA, 2011, p. 610). Atualmente, um dos espaços interativos mais populares são as redes sociais Facebook. Neste espaço, você pode interagir com diferentes grupos através de uma rede de amigos ou através de páginas e grupos de discussão sobre determinados interesses.

A popularidade da mídia social Facebook tornou um dos maiores espaços de produção e compartilhamento de informações. O compartilhamento de informações é entendido como o ato de disseminar determinado conteúdo a partir de interesses pessoais em diferentes contextos sociais (CORRÊA; ROZADOS, 2016). Dessa perspectiva, o conteúdo compartilhado por pessoas na linha do tempo (incluindo pensamentos pessoais, notícias, vídeos, artigos e outras formas de expressão) reflete a postura política, cultural e moral de um determinado indivíduo ou grupo.

A opção por pesquisar o fórum “Arrumando Letras” se deu pela visualização da crítica de uma música, considerada machista, e sua ressignificação, sendo rescrita. A música foi a “Vidinha de balada” impondo a vontade de um homem à escolha de uma mulher, ratificando a lógica do patriarcado na dominação do relacionamento. Essa relação é muitas vezes romantizada em muitas canções brasileiras, muitas vezes em covers. As canções analisadas nesta página são populares em diferentes classes sociais, o que desmistifica que essa violência simbólica (BOURDIEU, 2001) ocorre apenas nas classes menos favorecidas.

Importante frisar que a página foi criada por uma advogada do Paraná (Camila Queiroz) para mostrar o quanto o machismo estrutural existe em várias canções populares. Apenas quatro dias após a criação da página (24 de março de 2017), o compartilhamento de conteúdo se espalhou rapidamente, atraindo mais de 100.000 seguidores. Atualmente (em Junho / 2020), já passaram mais de 250.000 pessoas desde então (VINHAL, 2017).

As postagens são dinâmicas, através de fotos tiradas expondo as letras das músicas e os trechos que mostram atitudes abusivas dos homens em relação às mulheres, sendo então reescritas, como uma forma de “correção”, por exemplo, a música “Maria Chiquinha” ganhou popularidade entre as sonoridades da famosa dupla sertaneja infantil.

Figura 14. Letra da música “Maria Chiquinha”. / Analisada no fórum “Arrumando Letras”

**Maria Chiquinha**  
Sandy & Junior  
Compositor: Geysa Bôscoli/ Guilherme Figueiredo

Que cocê foi fazer no mato, Maria Chiquinha?  
Que cocê foi fazer no mato?  
Eu precisava cortar lenha, Genaro, meu bem  
Eu precisava cortar lenha  
Quem é que tava lá com você, Maria Chiquinha?  
Quem é que tava lá com você?  
Era filha de Sinhã dona, Genaro, meu bem  
Era filha de Sinhã dona  
Eu nunca vi mulher de bigode, Maria Chiquinha  
Eu nunca vi mulher de bigode.

(...)

~~Os passarinhos comeram tudo, Genaro, meu bem  
Os passarinhos comeram tudo  
Então eu vou te cortar a cabeça, Maria Chiquinha  
Então eu vou te cortar a cabeça  
Que cocê vai fazer com o resto, Genaro, meu bem?  
Que cocê vai fazer com o resto?  
O resto? Pode deixar que eu aproveito~~

mas ta bom, Maria. Está claro que você está omitindo a verdade e que está me traindo. Na real, nem precisava desse tanto de pergunta, era só a gente ter sentado pra conversar direito. No entanto, como nem vc nem eu estamos felizes nesse relacionamento, melhor a gente terminar mesmo, né? tudo de bom pra ti até um dia :\*

Fonte: disponível em: <https://pt-br.facebook.com/paginaarrumandolettras/> // Acesso: 18/10/2017.

A maioria das postagens menciona gêneros de música sertaneja. No entanto, também encontraremos letras de funk, pagode, samba, axé, rock internacional e nacional e outros gêneros musicais na página. Todas as postagens são acompanhadas de textos que visam o combate ao regime patriarcal, e oferecem uma grande oportunidade de discussão e desconstrução desses valores, além de ajudar a alcançar capacidades de informação crítica. Essas postagens

encorajam a sororidade entre as mulheres e em seu texto pedem apoio solidário e empatia. O slogan “aqui o preconceito não tem licença poética” chama a atenção para a luta pela igualdade de gêneros.

Figura 15. Capa do no fórum “Arrumando Letras” no facebook



Disponível em: <https://facebook.com/paginaarrumandolettras>. Acesso em: 18/10/2017.

Nos últimos meses, a postagem também incluiu letras sobre o empoderamento das mulheres, o que mostra que, ao contrário do patriarcado, existem lutas e movimentos de desconstrução na cultura musical, como as letras populares Maria de Vila Matilde na voz de Elza Soares. Essas publicações são lançadas todos os sábados sob o título "Letras para amar".

Figura 16 – Letra para amar – Música “Maria de Vila Matilde” – Elza Soares – Página “Arrumando Letras”

**Maria da Vila Matilde**  
Elza Soares

+ Cadê meu celular?  
 ✓ Eu vou ligar pro 190  
 ✓ Vou entregar teu nome  
 ✗ E explicar meu endereço  
 ✓ Aqui você não entra mais  
 Eu digo que não te conheço  
 E joga água fervendo  
 Se você se aventurar

Eu solto o cachorro  
 E, apontando pra você  
 Eu grito: péguix guix guix guix  
 Eu quero ver  
 Você pular, você correr  
 Na frente dos vizinhos  
 Cé vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Cadê meu celular?  
 Eu vou ligar pro 190  
 Vou entregar teu nome  
 E explicar meu endereço  
 Aqui você não entra mais  
 Eu digo que não te conheço  
 E joga água fervendo  
 Se você se aventurar

E quando o samango chegar  
 Eu mostro o roxo no meu braço  
 Entrego teu baralho  
 Teu bloco de pule  
 Teu dado chumbado  
 Ponho água no bule  
 Passo e ofereço um cafezim  
 Cé vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Mão, chela de dedo  
 Dedo, chelo de unha suja  
 E pra cima de mim? Pra cima de moi? Jamais, manê!

Cé vai se arrepender de levantar a mão pra mim

**TE AMAMOS, ELZA**

Disponível em: <https://facebook.com/paginaarrumandolettras>. Acesso em: 18/10/2017

Essa mudança, bem como a popularidade de outras páginas nas redes sociais do Facebook projetadas para refletir e combater o patriarcado, são importantes para promover o ativismo e o empoderamento das mulheres, bem como refletir sobre os aspectos culturais que as oprimem. A influência das militantes está longe de atender às exigências das demandas, pois o acesso à rede social Facebook ainda não é uma realidade no acesso para todas as realidades sociais.

Com base nisso, pesquisadores e profissionais da informação aprofundaram sua compreensão da ética intercultural, que se baseia na compreensão das mudanças nos valores morais em diferentes ambientes sociais (CAPURRO, 2001). Essa abordagem deve ser cautelosa, pois a cultura do empoderamento pode ser um longo caminho a ser percorrido de forma mais enérgica no combate ao regime patriarcal devido às diferentes relações de poder, mas a proposta não se destina apenas a orientar e promover a reflexão, visa a autonomia. Para atender a esse tipo de pensamento, adotamos o conceito de competência crítica da informação como uma saída possível, pois prioriza o entendimento centrado na interação entre pessoas e sujeitos, e não apenas baseado na busca mecânica, acesso e uso da informação (BEZERRA, 2015).

Analisamos as postagens na Página Arrumando Letras de 1º de julho de 2017 a 12 de outubro de 2017. Foram publicadas 19 postagens, 11 das quais relacionadas a letras de músicas reescritas como masculinidade, incluindo desculpas por estupro, assédio sexual, insultos a mulheres, relações sexuais abusivas, 5 postagens na categoria "Letras para amar" e 3 postagens na página que divulgam promoção na página.

Quando analisamos as interações (comentários, reações e compartilhamentos) nas publicações, observamos que "Arrumando Letras" atraiu a atenção do público sobre machismo, cultura do estupro e assédio, além de relações forçadas com mulheres. Além disso, ciúme e violência. A interação reflete o fato de que o público que antes via a música como uma forma de arte agora pode refletir as informações transmitidas por meio dessas canções.

O que queremos observar aqui é que embora a letra da música não seja totalmente responsável por esses fatos, ela ajuda a manter a violência e o assédio contra as mulheres. Como já dissemos, estamos em um país de patriarcado que consolida e ainda permite certos aspectos para tornar as mulheres subservientes

aos homens, sem qualquer poder de decisão e sem dizer não sobre seus corpos. Não deixando de considerar todas as questões históricas à época da composição de cada música, que as tornam um “registro” do patriarcado vigente à época, de forma contemporânea.

Paulo Freire (1967) acreditava que a aprendizagem do diálogo se conformava à natureza da sociedade humana ao conectar-se com os outros e com o mundo. Portanto, essa natureza é replicada em mídias sociais como o Facebook. Isso tem sido sugerido em vários tipos de comentários em postagens na página “Arrumando Letras”.

Através da análise das críticas em torno das músicas, é possível verificar que esse tipo de diálogo é benéfico para a competência crítica da informação para: a) promover o diálogo entre pessoas com diferentes visões, ideologias, experiências e opiniões; b) despertar as pessoas para a música como um “registro” do patriarcado e crítica ao status das mulheres na sociedade e c) despertar a curiosidade das pessoas por mais informações.

As discussões nas redes sociais podem dar uma grande contribuição aos recursos de informação crítica. Esta visão é interessante para pensarmos em como despertar o gosto pela informação e colaborar com a formação da competência crítica da informação para a inclusão social e para colaborar com uma sociedade mais democrática, equilibrada, justa e consciente.

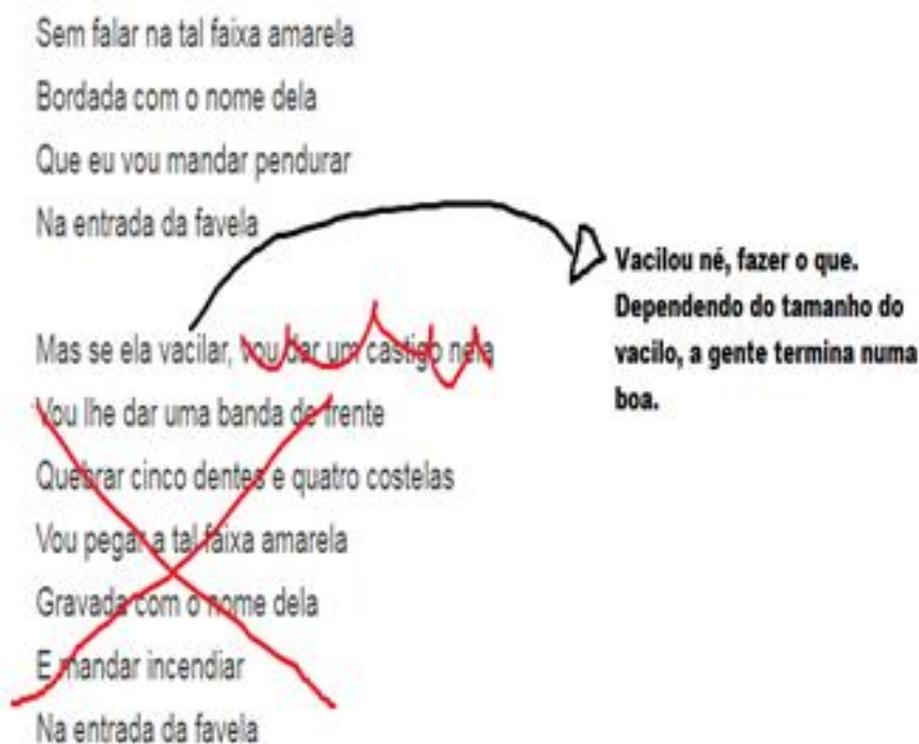
Sobre as questões das militâncias femininas que se ampliam, vale a pena destacar as feministas utilizam as redes sociais, como lugar de fala e expressão, com função de “dispositivo” possível de desconstrução e ressignificação. Para compreender como as letras das músicas com caráter de misoginia e lógica patriarcal são ressignificadas, através do fórum “Arrumando letras”<sup>81</sup> no facebook (com 252.361 seguidores, que “arruma” letras de canções machistas e viralizou na web) destaco dois momentos que historicamente demonstram como as mulheres foram sendo posicionadas na sociedade contemporânea, através das letras de músicas que mais tiveram visibilidade no fórum em referência: “Faixa

---

<sup>81</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/paginaarrumandolettras/> Acesso em: 25/08/17

Amarela”<sup>82</sup>, de Zeca Pagodinho (1998) e “Tua Cantiga”<sup>83</sup>, do Chico Buarque (2017).

Figura 17 – Resignificação da letra da música “Faixa Amarela” – Zeca Pagodinho - Página “Arrumando Letras”



Disponível em: <https://facebook.com/paginaarrumandolettras>. Acesso em: 27/03/2017

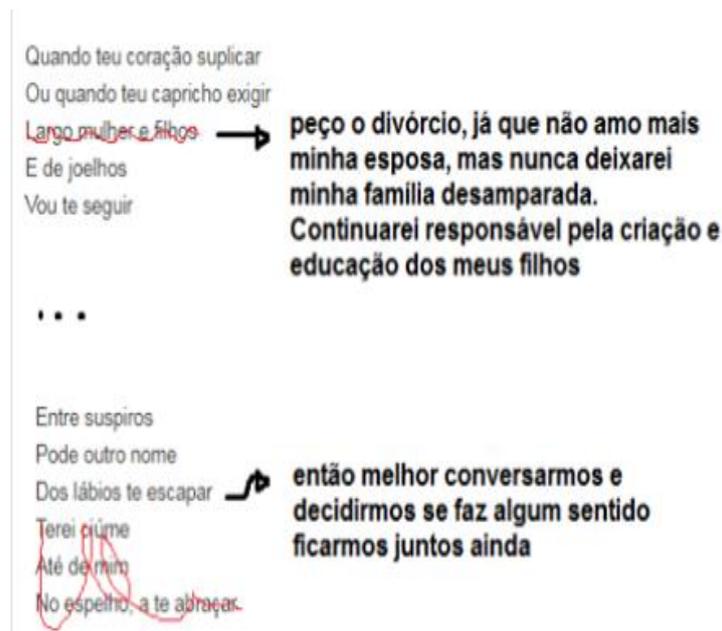
Figura 18 – Resignificação da letra da música “Tua cantiga”, do Chico Buarque - Página “Arrumando Letras”

<sup>82</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/paginaarrumandolettras/photos/a.1861907747367363.1073741828.1861886860702785/1863451327213005/?type=3&theater>. /Acesso: 25/08/17

<sup>83</sup> Disponível em:

[https://www.facebook.com/paginaarrumandolettras/?hc\\_ref=ARRbYqynuCzU7E7kabFvITZradHWwhWJ6Kg-5KEpEtxfHMTgb1x0zjBnRZ2XbcgHeGs&fref=nf](https://www.facebook.com/paginaarrumandolettras/?hc_ref=ARRbYqynuCzU7E7kabFvITZradHWwhWJ6Kg-5KEpEtxfHMTgb1x0zjBnRZ2XbcgHeGs&fref=nf). / Acesso em: 15/04/18



Disponível em: <https://facebook.com/paginaarrumandolettras>. Acesso em: 14/08/2017

O que aproxima o fato dessas letras serem ressignificadas no fórum foi o fato de, segundo a análise dos comentários e da administradora Camila Queiroz Pedro<sup>84</sup>, as letras são consideradas misóginas e dentro da lógica do patriarcado. Como a Camila Queiroz é advogada, uma possível crítica é levantada sobre a possibilidade de um olhar “jurídico” sobre a obra de arte, o que confere a alternativa de desconsiderar a “licença poética” e reescrever, configurando uma experiência de troca e de personalização, um certo pertencimento. O fórum faz o diagnóstico da polémica, como uma tendência de consumo “consciente” e representatividade entorno de identidades possíveis.

Talvez o que afasta as duas músicas analisadas em epígrafe, seja exatamente fatores que passaram a ser observados e levados em consideração, como um certo pacote ideológico, composto por performance, história pessoal, trajetória social, política e cultural, é como se o comportamento do consumidor tivesse sofrido alguma mudança, que deseja consumir o artista como um reconhecimento de si, música como “sintoma” (FREUD, (1925) 1996) aparece como expressão de um conflito psíquico, como mensagem do inconsciente e como satisfação pulsional, sendo instável, estando sempre em mudança.

<sup>84</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/paranaense-arruma-letras-machistas-de-musicas-em-pagina-no-facebook.ghtml> / Acesso em: 13/09/2017.

O compositor Chico Buarque, ainda que seja muito sensível e poeta, traz em sua nova música “Tua Cantiga” a polêmica das letras na MPB. Mas ele pertence à classe social letrada, sem implicação financeira, econômica e social, em contraponto aos compositores da periferia, que retratam a realidade adversa que os cercam. É como que se fosse conferido ao Chico Buarque um certo “afastamento” na lógica do processo criativo, não cabendo crítica a música do “namoradinho do brasil”, em contraponto do sambista Zeca Pagodinho, é considerado compositor de roda de partido alto, pratica onde a pessoa tem um mote, um repente e tem refrão que se repete para que as demais pessoas possam entrar na roda com suas contribuições, uma verdadeira costura de improviso, e, geralmente, ou, pelo imaginário popular, com a presença de consumo alcoólico.

Diante da polêmica no que cerne as composições mencionadas, Chico Buarque veio em público, a esclarecer sobre a narrativa cantada, no que firma, se afastar por completo de qualquer mensagem pejorativa, salvo pelo “afastamento através da licença poética”, Já Zeca Pagodinho, se recusa a interpretar a música “Faixa amarela” ou prefere fazer adaptações na obra. Ao levar tal pensamento para análise, se a maneira com que a música passou a ser consumida, como um sintoma do contemporâneo, estamos vendendo o que somos?

Diante da possibilidade de ressignificar as letras no fórum, a partir de qual lugar a música passou a propor sentidos mediante as novas tecnologias, como o facebook?

Do mesmo jeito que as redes sociais vêm se expandindo como difusor da música também, a mulher encontra essa “brecha” onde, através da opinião das letras musicais, falar que acha de como ela é retratada, ela questiona, reclama, denuncia, discorda. E esse “lugar” possibilita a mulher um espaço para ser “ouvida”, lhe deu voz, onde a mulher tem o poder de desconstrução da obra, mesmo que seja de um compositor com a importância do Chico Buarque; contudo, torna-se importante investigar o fenômeno facebook, onde existe a facilidade de se conectar com 300, 500 “amigos”, algo que seria irreal para uma convivência cotidiana com qualidade, considerando os relacionamentos líquidos e dissolventes (BAUMAN, 2000).

“A declaração Universal dos Direitos Humanos, especificamente, no Artigo 19, garante que toda pessoa tem direito a liberdade de opinião e expressão, incluindo a liberdade de procurar informações”.<sup>85</sup>

A cultura de mídia também é o lugar onde se travam batalhas pelo controle da sociedade. Feministas e antifeministas, liberais e conservadores, radicais e defensores do status quo, todos lutam pelo poder cultural não só nos meios noticiosos e informativos, mas também no domínio do entretenimento. Dialética comunicação e cultura: toda cultura serve de mediadora da comunicação e é por essa mediada, sendo, portanto comunicacional por natureza. No entanto, a ‘comunicação’, por sua vez, é mediada pela cultura, é um modo pelo qual a cultura é disseminada, realizada e efetivada. (KELLNER, 2001, p. 11).

As comunidades digitais e as mídias interativas deslizam entre lugares, desterritorializando e abrindo novos espaços na esfera pública para práticas de liberdade de expressão (LÉVY, 2003) e através da globalização, o capitalismo enxergou demanda nos movimentos feministas e vêm utilizando múltiplos componentes culturais, que funcionam como um dispositivo capaz de fertilizar o capitalismo de uma forma mais ágil e voraz, que se caracteriza pela superprodução e consumo, no qual vigoram os serviços e os fluxos de finanças globais, um conjunto multilinear. O facebook é uma organização social que funciona como um “dispositivo”.

#### 4.2.5. As Novas “Amélias”

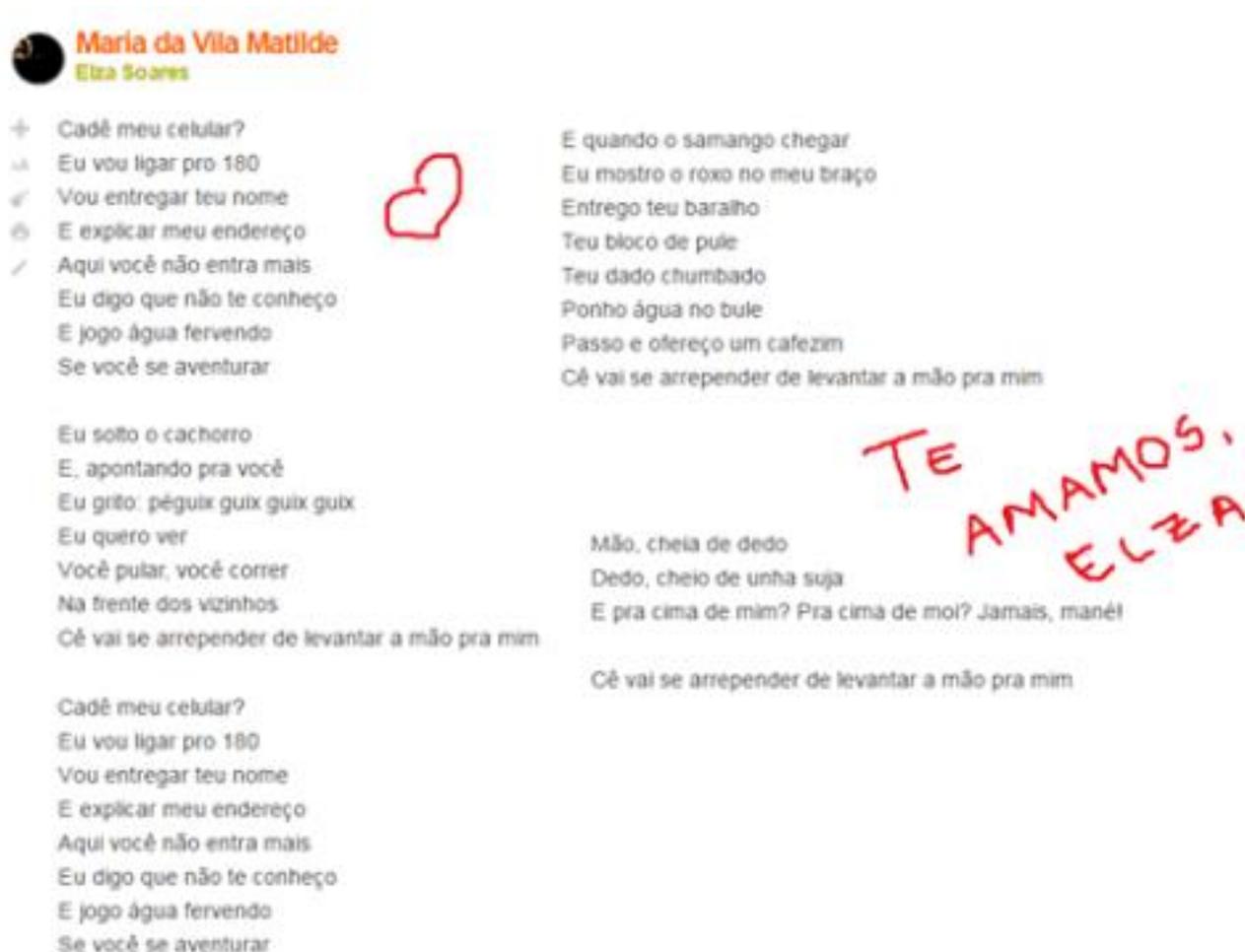
As lutas feministas ganham ainda mais força com mulheres cantando músicas de composições de empoderamento, que reforçam as causas feministas e contra a naturalização da lógica do patriarcado e da misoginia. As mulheres que fazem parte do cenário musical vêm requerer equidade entre gêneros, na busca pela liberdade contra os estereótipos demonstrados pela MPB. Unindo vozes em diversos gêneros musicais, como rap, pop, funk, sertanejo, heavy metal, entre outros, elas vêm contribuindo para a luta diária. Quebrando o tabu do “sofrer

---

<sup>85</sup> BRÁS, Renata; SCHNEIDER, Marco. Liberdade de expressão, liberdade de imprensa e lutas de classes. Rio de Janeiro: INTERCOM. 2015.

calada”, elas denunciam a violência doméstica. A cantora Elza Soares<sup>86</sup>, que foi casada com o jogador de futebol Garrincha, na década de 60, ele em final de carreira, alcoólatra e violento, agrediu diversas vezes a Elza, que, inclusive, o que culminou em danos físicos e psicológicos. Em 2015, por, supostamente, ter aproveitado de sua experiência dolorosa do passado, a cantora lançou a música “Maria da Vila Matilde”, onde buscou denunciar a violência doméstica:

Figura 19 – Letra da música “Maria da Vila Matilde”, de Elza Soares (2015)  
- Página “Arrumando Letras”



**Maria da Vila Matilde**  
Elza Soares

+ Cadê meu celular?  
 - Eu vou ligar pro 180  
 ✓ Vou entregar teu nome  
 - E explicar meu endereço  
 ✓ Aqui você não entra mais  
 Eu digo que não te conheço  
 E joga água fervendo  
 Se você se aventurar

E quando o samango chegar  
 Eu mostro o roxo no meu braço  
 Entrego teu baralho  
 Teu bloco de puê  
 Teu dado chumbado  
 Ponho água no bule  
 Passo e ofereço um cafezim  
 Cê vai se arrepende de levantar a mão pra mim

Eu solto o cachorro  
 E, apontando pra você  
 Eu grito: péguix guix guix guix  
 Eu quero ver  
 Você pular, você correr  
 Na frente dos vizinhos  
 Cê vai se arrepende de levantar a mão pra mim

Mão, cheia de dedo  
 Dedo, cheio de unha suja  
 E pra cima de mim? Pra cima de mo? Jamais, mané!

Cê vai se arrepende de levantar a mão pra mim

Cadê meu celular?  
 Eu vou ligar pro 180  
 Vou entregar teu nome  
 E explicar meu endereço  
 Aqui você não entra mais  
 Eu digo que não te conheço  
 E joga água fervendo  
 Se você se aventurar

**TE AMAMOS, ELZA**

Disponível em: <https://facebook.com/paginaarrumandolettras>. Acesso em: 27/05/2017

<sup>86</sup> Disponível em: <https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/elza-soares-voce-precisa-conhecer-a-historia-dessa-guerreira/> Acesso: 10/05/18.

Figura 20 – Letra da música “1° de julho”, por Cássia Eller (1994 - Página “Arrumando Letras”

**1° de Julho**  
Cássia Eller 

Não basta o compromisso  
Vale mais o coração  
Já que não me entendes, não me julgues  
Não me tentes  
O que sabes fazer agora  
Veio tudo de nossas horas  
Eu não minto, eu não sou assim  
Ninguém sabia e ninguém viu  
Que eu estava a teu lado então  
Sou fera, sou bicho, sou anjo e sou mulher  
Sou minha mãe e minha filha,  
Minha irmã, minha menina  
Mas sou minha, só minha e não de quem quiser  
Sou Deus, tua deusa, meu amor  
Alguma coisa aconteceu  
Do ventre nasce um novo coração

Disponível em: <https://facebook.com/paginaarrumandolettras>. Acesso em: 08/13/18

Figura 21 – Letra da música “Quem Sabe Sou Eu”, Iza (2016) - Página “Arrumando Letras”

 **Quem Sabe Sou Eu**  
IZA 

+ Tá reclamando da minha roupa  
A Tá reclamando do meu beijo   
✓ Cheio de água na boca  
☹ Tá morrendo de desejo  
/ Eu sei que o meu corpo te incomoda  
Sinto muito, o azar é seu  
 Abre o olho, eu tô na moda  
E quem manda em mim sou eu  
Eu, eu

Disponível em: <https://facebook.com/paginaarrumandolettras>. Acesso em: 21/01/2018

Figura 22 – Desconstrução da letra da música “Ai! Que saudade da Amélia!”, de Mário Lago e Ataulfo Alves (1942) e Ressignificação através da música “Desconstruindo Amélia”, de Pitty (2009)

 **Desconstruindo Amélia**  
Pitty

+ Já é tarde, tudo está certo  
 AA Cada coisa posta em seu lugar  
 ✎ Filho dorme, ela arruma o uniforme  
 🗑️ Tudo pronto pra quando despertar  
 ✎

O ensejo a fez tão prendada  
 Ela foi educada pra cuidar e servir  
 De costume, esquecia-se dela  
 Sempre a última a sair

Disfarça e segue em frente  
 Todo dia até cansar (Uhu!)  
 E eis que de repente ela resolve então mudar  
 Vira a mesa, assume o jogo  
 Faz questão de se cuidar (Uhu!)  
 Nem serva, nem objeto  
 Já não quer ser o outro   
 Hoje ela é um também

A despeito de tanto mestrado  
 Ganha menos que o namorado  
 E não entende porque  
 Tem talento de equilibrista  
 Ela é muita, se você quer saber

Hoje aos 30 é melhor que aos 18  
 Nem Balzac poderia prever  
 Depois do lar, do trabalho e dos filhos  
 Ainda vai pra niqht ferver

Disponível em: <https://facebook.com/paginaarrumandolettras>. Acesso em: 13/05/2017

#### ***4.2.6. Nova ordem de consumo: resignificação, ideologia e experiência de troca***

Talvez haja uma apropriação comercial das referências políticas, culturais e revolucionárias associadas ao mercado musical, categorizado e impulsionado pelo capitalismo que se apropria do pacote ideológico para lançar uma série de

produtos visando estimular o consumo e o lucro. Existe, a partir daí uma marcação nova no consumo na linha de grandes personalidades já mortas, como por exemplo, o rei do Rock (Elvis Presley) e o rei do Pop (Michael Jackson) ou personalidades vivas, e um não sobrepõe ao outro. O mundo globalizante ganha mais uma ruína (HUYSSSEN, 2014) com uma nova ordem de consumo, como costuma acontecer com memoriais, a padronização depois de um grande evento traumático: a morte e sua cristalização, imortalizando, ou, até mesmo, uma nova polêmica; E com isso, surge um campo de disputa pela apropriação da “marca” entre familiares, amigos, mídia e direitos autorais de grandes empresas. No caso da MPB, não é diferente.

A consolidação da música popular como forma principal de comercialização de discos colaborou para a sedimentação da música enquanto um bem de consumo, ou seja, um produto. Trata-se de uma forma artística produzida e divulgada por determinados agentes e consumida sob certas condições através de um sistema de trocas compensatórias em favor desses produtores. Um produto, portanto, criado para ser consumido (TROTТА, 2005, p. 47).<sup>87</sup>

E para percorrer um caminho de ressignificação, faz-se necessário compreender o processo de significação. A ideia de construção de um “símbolo”, o qual os gregos antigos chamavam de “mito” as narrativas sobre fatos da realidade e fenômenos da natureza, que não eram compreendidos. Os mitos se utilizam de muita simbologia, personagens sobrenaturais, deuses e heróis, que são misturados a fatos reais, características humanas e pessoas que realmente existiram, na tentativa de explicar os temas desconhecidos ou fora da “rotina”, algo da ordem do extraordinário. Os mitos são constituídos de caráter simbólico ou explicativo, para ilustrar a origem do humano por meio de personagens sobrenaturais, explicando a realidade através de suas histórias (NIESTZCHE, 2005).

Com a mediação do mercado fonográfico, artistas passa a ser ritualizada como um “mito”; E um mito diz respeito a acontecimentos passados: ‘antes da criação do mundo’, ou ‘durante os primeiros tempos’. Mas o valor intrínseco atribuído ao mito provém de que estes acontecimentos, que decorrem supostamente em um momento do tempo, formam também uma estrutura

---

<sup>87</sup> Disponível em:

<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3459/2525/> Acesso em: 29/06/2018.

permanente. Esta se relaciona simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro (LÉVI-STRAUSS, 1990). Com um olhar antropológico, na medida em que o mundo do “eu” se via obrigado, frente ao “outro”, a pensar a diferença, formou-se um conjunto de ideias, sendo que o primeiro procurava explicar a diferença entre os dois e ficou conhecida como “Evolucionismo”. Uma das explicações que se dava era a de que o outro era diferente devido ao grau de evolução, um outro grupo dizia que o evolucionismo social era o motivo da diferença do “eu” e do “outro”. Contudo, o resultado foi a permanência do etnocentrismo (ROCHA, 2006), visão de mundo característica de quem considera o seu grupo étnico, nação ou nacionalidade socialmente mais importante do que os demais. O mito tem função de proporcionar, de certa forma, uma experiência estética na alma do observador, uma vez que o mito, através símbolos, proporciona uma narrativa vivenciada, captada pelas mensagens subjetivas. Todas as narrativas, conscientes ou não, surgem de antigos padrões do mito e todas as histórias podem ser traduzidas e dissecadas na Jornada da “heroína” ou do “Herói”. (CAMPBELL, 2014).

Como narrativa “mito” pode ser entendido também como uma fala, um modo de dizer as coisas (BARTHES, 1987) com distorções, uma espécie de versão despolitizada e com suspensão do senso crítico, conferindo a expressão através de fantasias e sentimentos no social, e se aproxima do que Marx (1992) chamou de “ideologia”. A alma, segundo o sociólogo francês Morin (1989), é “precisamente o lugar da simbiose da qual o imaginário e o real se confundem e se alimentam um do outro; o amor, fenômeno da alma que mistura de maneira mais íntima nossas projeções-identificações imaginárias e nossa vida real, ganha mais importância”. Segundo o pensador francês, não era somente o ofício do ídolo que interessava aos seus fãs: o seu universo particular, a sua intimidade, seus amores. A vida privada destas celebridades e pública e a vida pública é publicitária, são inatingíveis e inacessíveis, vive num mundo de glamour e sonho, sua existência é heroica o que transforma estas divas em modelos ideais de conduta e validade, assim, para consumo.

A arte, a religião e a língua carregam “estruturas estruturantes”, ou seja, muitos símbolos para o ritual de contemplação como “modo de operar”, através de uma maneira de agir, programar e executar (BOURDIEU, 2001) seguindo sempre os mesmos padrões nos processos, assim procede o mercado, com a

enxurrada de novos itens colecionáveis, ressaltando a grande importância do “inédito” quando a ruína artística da morte se instaura e transforma o humano em um memorial, ou, quando uma polêmica se instaura na “marca” do artista. Ao retomar o percurso de trajetória do/a artista, o efeito da narração é deslocado de forma a globalizar uma única identidade sobre o/a artista; E a lógica da globalização se apropria da identidade centrada como que sem contestação, e esse movimento/deslocamento emerge das culturas híbridas (entre a tradição e a tradução) como um dos diversos tipos de identidades destes tempos de modernidade tardia (HALL, 2006), Estando o/a artista em uma ruína midiática; embalada pela atemporalidade de um certo materialismo histórico, que faz do passado uma experiência única e que ganha um valor de exposição (BENJAMIM, 2013), não dependendo das paradas de sucesso para estar em evidência: a morte e/ou a polêmica eternizou nas prateleiras.

O esforço que a sociedade faz para tentar ressignificar objetos com normas e identidades fragmentadas em ícones se respaldam na busca de um pertencimento, de uma identidade e, o consumo realiza a mágica, se apropriando da mensagem na troca subjetiva entre o objeto e sujeito. O objeto é mediador e carrega a magia entre o mundo interior e exterior, através da sua eficácia simbólica de Lévi-Strauss, conforme mencionou a Professora Doutora Cláudia Pereira, na aula da matéria Leituras Representações Midiáticas II, na PUC-Rio, no dia 11/04/2018.

Nessa mesma linha, o sociólogo francês Bourdieu (2001), propõe o desenvolvimento de um conceito que ele chamou de habitus e o habitué como forma pré-reflexiva de o corpo introjetar padrões socioculturais. Bourdieu resalta que tais padrões são incorporados através da memória, explicando por meio da ideia de mimesis, que corresponderia a face física da operação mental.

Douglas e Isherwood (2009) chamam a atenção para as dimensões culturais e simbólicas do consumo e para a diversidade de motivações e interesses que perpetuam o ato de consumir ao mesmo tempo em que gera uma escala de valores, noção de pertencimento a determinado grupo social e busca de status (DEBORD, 1997), numa crítica ao sistema capitalista de produção, define o espetáculo como uma sociedade de consumo organizada em torno da produção e do consumo de imagens, mercadorias e produtos em decorrência de um

esvaziamento político. Os produtos adquiridos pelo consumidor geram uma relação de proximidade, estabelecendo um vínculo, uma relação de afeto.

Nas redes sociais torna-se mais perceptível constatar que as velhas identidades estão em declínio, surgindo novas fragmentações que constituem formações múltiplas, híbridos, bricolagem<sup>88</sup>, reconfigurações multifacetadas, na busca por brechas hegemônicas e sensação de individualidade (GROSSBERG, L.; WARTELLA E.; WHITNEY, D. 1998). Emerge de forma mais latente questões de ordem / desordem psicologia entre os jovens na busca de si entender e de pertencer, e o deslocamento amplo de mudanças (HALL, 2013) como guerras, avanços tecnológicos, questões sociais, políticas e econômicas, fortalecendo uma crise nas identidades estabelecidas e formatadas.

Passamos a refletir e a questionar alguns conceitos e palavras, como gênero, hibridismo, lugar, localidade, feminismo, arte como legitimadores das identidades, já que são constituídas de diferenças, compreendendo uma alternativa das relações do moderno e da identidade que sugere que o moderno transforma todas as relações de identidade em relações de diferença. Assim, o moderno não constitui identidades por diferença, mas diferença de identidades na busca do consumo.

Acredito que o consumo seja o sistema de valores central na vida cotidiana, e, portanto, investigar seus significados é como abrir uma janela com vista panorâmica para dimensões essenciais do imaginário da cultura contemporânea. É necessário estudar suas representações e práticas para entender o que está em jogo na ordem cultural e é sistematicamente atualizada nas nossas experiências de compras, shoppings, marcas, grifes, modas. Estudar o consumo é, também, uma forma de refletir sobre a cultura de massa impregnada (no limite, sustentada) por situações de consumo como, rotineiramente, nos filmes, novelas, programas de auditório, shows, coluna social, cadernos jornalísticos, matérias de revistas e, sobretudo, na publicidade. (ROCHA, 2006, 48).

As mídias podem ter se apropriado das transformações sociais, políticas, culturais para se manter produtivas, através da abertura de mercado para determinados públicos. Os estereótipos afetam as vidas dos sujeitos (que se sentem pressionados a se encaixar em um); E o desejo de pertencer a um grupo de reivindicação, aliado aos efeitos da tecnologia, faz surgir uma nova ordem de

---

<sup>88</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u647098.shtml>.

Acesso em: 03/05/18.

consumo (como por exemplo, serviços e produtos feitos por mulheres para mulheres), que se apropria das representações, as estereotipando, se aproveitando dos movimentos feministas, raciais e das minorias, torna campo de disputa pela melhor metáfora, embalado pela força da publicidade.

Por outro lado, o “familiar” nem sempre é conhecido, mesmo nas grandes metrópoles, pode acontecer um estranhamento causado pelas discontinuidades existentes, intrínseca na convivência entre as sociedades hierarquizadas e complexas, mapeadas e organizadas pelas camadas sociais e os sujeitos estereotipados (VELHO, 1987).

Conforme os movimentos sociais passam a questionar alguns conceitos como gênero, agênero, hibridismo, etnia, pertencimento, feminismo, entre outros, a lógica do consumo não fica alheia, pelo contrário, estuda uma forma de apropriação, para legitimar as mais diversas culturas, em produtos e serviços a serem consumidos.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A iniciativa do fórum “Arrumando Letras” convida a analisar cada palavra dita nas narrativas expressas nas letras da MPB, logo, chama atenção a presença da lógica do patriarcado e da misoginia. É possível que as letras venham colocando a mulher em um determinado lugar na sociedade, politicamente e culturalmente, ao de submissão, entre outros muitos estereótipos. O cotidiano força um automatismo de repetição de discurso, porém, é importante uma mudança no modo de pensar sobre a língua e sobre como a usamos necessariamente, como uma fundamental ferramenta para alterar o modo como sabemos o que sabemos, ressignificando a língua como uma espécie de rebelião através das palavras para ocupar e marcar o lugar da mulher, tomar a posse da língua como um dos locais de resistência (hooks, 2013). Possivelmente, as narrativas musicais são “registros” do cenário à época de sua criação, parece contemporâneo.

Conforme os movimentos sociais passam a questionar alguns conceitos como gênero, agênero, hibridismo, etnia, pertencimento, feminismo, entre outros, a lógica do consumo não fica alheia, pelo contrário, estuda uma forma de apropriação, para legitimar as mais diversas culturas, em produtos e serviços a serem consumidos. Com relação os questionamentos sobre as letras musicais, a midiaticização encontra um viés comercial para comercializar o “pacote ideológico”, institui uma nova ordem de consumo. Um possível “memória” resgatada e ressignificada pelo protagonismo dos feminismos, onde encontra nas redes sociais um “lugar” para vocalizar suas causas.

Um possível entendimento do deslocamento experiência de pertencimento-ideológico, para aqueles que buscam um pertencimento, seja pela questão da identidade descritiva, seja pela ideologia intrínseca e pela experiência da relação entre objeto e sujeito, nesse caso, a música, possivelmente devido a fatores que passaram a ser observados e levados em consideração, como um certo pacote ideológico, composto por performance, história pessoal, trajetória social, política e cultural, é como se o comportamento do consumidor tivesse sofrido alguma mudança, que deseja consumir o artista como um reconhecimento de si, música como “sintoma” do contemporâneo.

Talvez as relativizações sobre tais questões, compareçam por ser uma reflexão de ordem social; caminho necessário para entender os motivos que vêm reprimindo as mulheres. Com a emergência das redes sociais, as músicas produzidas pela uma indústria cultural ganharam uma profusão muito maior, fazendo com que o próprio meio de debates de opiniões diversas, como por exemplo, o facebook, seja um dos lugares em que elas, através de fóruns, tornam cada vez mais forte o poder do questionamento e, assim, elas passam a se apropriar das narrativas, através da constante análise das obras na MPB. O fenômeno, pontapé inicial, responsável pelo surgimento da análise crítica dessas narrativas cantadas, se deve, talvez, às novas práticas sociais e aos domínios do saber, ou até mesmo às tecnologias mais modernas (CRARY, 2012), onde o tecnofeminismo e o ciberfeminismo encontra uma ferramenta de ativismo.

Ao analisar o movimento da MPB, é possível obter subsídios para que se possa mapear como as narrativas procuram reforçar o papel e os lugares sócio-político e econômico que as mulheres devem ocupar, pelo olhar da lógica do patriarcado. Um possível entendimento é que a composição autoral das obras fonográficas é reflexo do momento de sua elaboração; que é descritiva quanto ao cenário no momento da criação. Ao passar do tempo, o cenário sócio-político-cultural, ressignifica a leitura da obra em sua reprodução em outro tempo, dando um novo sentido para a narrativa.

Sendo assim, através das redes sociais – campo de disputa pela melhor metáfora -, a subjetividade empregada nas letras da MPB pode ser desconstruída com a instauração da vocalização das militâncias feministas.

O fórum Arrumando Letras possibilita a ressignificação das letras das músicas, mas não está desprovido também, de uma velha ideologia a qual, de certa forma, censura e cala a “licença poética”, por não considerar outras possibilidades, senão a “politicamente correta”.

A partir dos resultados e discussões apresentados acima, verificamos que atendemos aos objetivos originalmente propostos nessa pesquisa. Quanto a objetivos específicos, introduzimos contribuições bibliográficas sobre teorias éticas e conceituais. Por meio de postagens na página “Arrumando Letras”, discutimos o patriarcado e a dominação masculina das mulheres na música popular. Analisamos os tipos de postagens na página e publicações com maior

visibilidade, bem como interações e discursos públicos, na perspectiva das principais capacidades da informação, e refletimos a maneira como a informação.

Refletiu e discutiu a influência do capitalismo e dos conceitos religiosos sobre a lógica do patriarcado e como essas influências contribuíram e contribuíram para as diferenças de gênero. Além de utilizar a página do “Arrumando Letras” no Facebook como um importante espaço para promover um debate entre gêneros e cultura patriarcal, também exploramos os conceitos de redes sociais online e mídias sociais. Ressaltamos que não se busca a sobreposição de um gênero em detrimento de outro, e sim, a equidade.

Portanto, esperamos que o domínio do patriarcado seja cada vez mais destruído, os danos às vidas das mulheres e os danos sofridos como outras funções sejam cada vez mais eliminados, não só no campo das artes, como a música, mas também em outros campos como na política, educação e outros contextos socioeconômicos e culturais.

## 6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ALAMBERT, Zuleika. *A mulher: uma trajetória épica (Esboço histórico – da antiguidade aos nossos dias)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado S.A. IMESP, 1997.
- ANDRADE, Mario de. *Pequena história da música*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- ANTUNES, E. *De caipira a universitário: a história do sucesso da música sertaneja*. São Paulo: Matrix, 2012.
- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense. 1981.
- ARISTÓTELES. *Obras Completas*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- BASSANEZI, Carla. *Mulheres nos Anos Dourados*. In: PRIORE, Mary del (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p.607 – 639.
- BASTOS, Rafael Menezes. *A origem do samba como invenção do Brasil: Sobre “feito de oração” de Vadico e Noel Rosa (Por que as canções tem letra)*. Revista Brasileira de Ciências Sociais n.31 ano XXI, p. 156-177, São Paulo, SP, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1979].
- \_\_\_\_\_. *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária; O discurso no romance*. In: \_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5. ed. São Paulo, UNESP; Hucitec, 2002, p. 13-210.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Editora Difel, 1987.
- BRAGA, Adriana. *Sociabilidade no Livro de Visitas: uma dimensão comunicacional da feminidade contemporânea*. In: Braga, A. (org.). *CMC, Identidades e gênero: teoria e método*. Covilhã/Portugal: Universidade da Beira Interior, 2005, p. 25-55.
- \_\_\_\_\_. *Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais. Desigualdade & Diversidade* – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, nº 9, ago/dez, 2011, pp. 95-104
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. MILLIET, S. (tradução). Rio de Janeiro: Ed: Nova Fronteira, 1980.
- \_\_\_\_\_. *O Segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: Editora L&PM, 2013.
- BEZERRA, A. *Vigilância e filtragem de conteúdo nas redes digitais: desafios para a competência crítica em informação*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. Anais... João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2015. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/2825/4.%20VIGILANCIA%20E%20FILTRAGEM%20DE%20CONTEUDO%20NAS%20REDES%20DIGITAIS.pdf?sequence=1> / Acesso em: 08 jan. 2017.

- BÍBLIA. *Bíblia sagrada*. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980. Edição Ecumênica
- BOBBIO, Norberto. *O futuro da democracia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.
- BORJA, Jordi. *Movimientos sociales urbanos*. Buenos Aires: Ed. SIAP. 1975. (Tradução / leitura - própria)
- BOURDIEU, P. *Violência simbólica e lutas políticas*. Meditações Pascalianas, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense. 2004.
- \_\_\_\_\_. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O senso prático*. Tradução Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BRINGEL, B. *Ativismo transnacional: o estudo dos movimentos sociais e as novas geográficas pós-colonial*. Estudos de Sociologia. Recife, v. 16, p. 185-215, 2011.
- BOTTMAN, D. (tradução). Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1988.
- BUARQUE, Cristovan. *O que é apartação social*. São Paulo: Brasiliense. 1992.
- BUELOW, George. *Rhetoric and Music*. In: SADIE, Stanley; TYRRELL, John. The New Grove Dictionary of Music and Musicians. New York: Oxford University Press Published, INC, 2001 vol. 21, pp.260 - 275. (Tradução / leitura - própria)
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Editora Palas Athena, 2014. 13Disponível em: <https://canaltech.com.br/musica/Michael-Jackson-volta-aos-palcos-em-forma-de-holograma/> Acesso em 23/04/2018
- CANDE, Roland de. *História universal da música*. Vol 1, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.
- CANO, Rubén López. *Música y Retórica en el Barroco*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2000. (Tradução / leitura - própria)
- CAPURRO, R. Desafíos teóricos y prácticos de la ética intercultural de la información. In: FLORIDI, L. Ethics in the Infosphere. The Philosophers' Magazine, v. 6, p. 18-19, 2001. Disponível em: [https://lti.pro.br/uploads/posts\\_files/148/5174bcdc63b1722a7b0a923f3f8fe63f.pdf](https://lti.pro.br/uploads/posts_files/148/5174bcdc63b1722a7b0a923f3f8fe63f.pdf). / Acesso em: 08 jan. 2017.
- CARAN, G. M.; BIOLCHINI, J. C. A. *Suporte social informacional mediado por grupos no facebook: um estudo de caso*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., João Pessoa, 26 a 30 de outubro de 2015. Anais. João Pessoa, 2015. Disponível em: [http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII\\_ENANCIB/ENANCIB/paper/view/60/1214](http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII_ENANCIB/ENANCIB/paper/view/60/1214) / Acesso: 12/05/2019.
- CARDOSO, F. H. *O modelo político brasileiro*. São Paulo: Difusão Europeia do livro. 1972.
- \_\_\_\_\_. *Cultura e participação na cidade de São Paulo*. Cadernos Cebrap, No. 9. São Paulo: CEBRAP. 1972.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001, 5ª edição.
- \_\_\_\_\_. *Movimientos sociales urbanos*. Madri: Siglo XXI. 1974.

\_\_\_\_\_. *A era da informação: economia, sociedade e cultura - poder da identidade*. 2a ed., São Paulo, Paz e Terra, Vol. 2. 2000.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. *A imagem pública do músico e da música na antiguidade clássica: desprezo ou admiração?* Revista História. São Paulo, v. 26, n. 1, 2007.

CHABAUD-RYCHTER, D. *Espace et temps du travail domestique*. Paris: La Librairie des méridiens–Klincksieck,. (Réponses sociologiques). 1985.

CHAUÍ, M. *Ética e violência*. In: COLÓQUIO INTERLOCUÇÕES COM MARILENA CHAUI. Londrina/São Paulo, 1998.

COSTA, A. A. A. *O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política*. Revista Gênero, v.5, n. 2, p. 1-20, 2013.

CHORTASZKO, Diane Saggiorato; MOREIRA, Rosemeri. *Mulher e família nos anos dourados: os anúncios publicitários da Revista Grande Hotel (1958 – 1961)*. 9º Encontro Nacional de História da Mídia. Ouro Preto, Minas Gerais, 2013.

CORREA, M. de V.; ROZADOS, H. B. F. *Comportamento informacional em comunidades virtuais: um estudo netnográfico do grupo de interesses seer/ojs in brazil do facebook*. Biblionline, v. 12, n. 3, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/lenovo/Downloads/43133-Texto%20do%20Artigo-169127-1-10-20170509.pdf> / Acesso em: 24 Jun. 2017.

COULANGES, F. de. *A Cidade Antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma*. São Paulo: Hemus, 1996.

CRARY, Jonathan. *Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

CRENSHAW, Kimberle. *A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero*. 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf> Acesso: 19/04/2019.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. S.Paulo: Boitempo, 2016 [1981] / Acesso: 21/01/2020.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Tradução Estela dos Santos Abreu. – Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34 e Nova Fronteira, 1990.

DELPHY, Christine. *L'ennemi principal. 1. Économie politique du patriarcat*, Paris, Syllepse, “Nouvelles questions féministes”, 293p. [Reedição de artigos publicados desde 1970]. 1998. (Tradução / leitura - própria)

DE MELO, José Marques. *MacBride, a NOMIC e a participação latino-americana na concepção de teses sobre a democratização da comunicação*. In: LOGOS 28: Globalização e comunicação internacional. Ano 15, 1º semestre 2008, p. 42-59. Disponível em: [http://www.logos.uerj.br/PDFS/28/03\\_josemarques.pdf](http://www.logos.uerj.br/PDFS/28/03_josemarques.pdf) / Acesso: 07/03/2018.

DOTTA, S. *Uso de uma mídia social como ambiente virtual de aprendizagem*. Brazilian Symposium on Computers in Education, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <https://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/1623/1388>. Acesso em: 10 jun. 2017.

DOURADO, H. A. *Dicionário de Termos de Expressão da Música*. São Paulo: Ed.34, 2004.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

- DUNEZAT, Xavier. *Et action collective. Luttés dans la lutte: mouvements de chômeurs et chômeuses de 1997/1998 en Bretagne et rapports sociaux de sexe*. Versailles: UVSQ, 2004. (Tradução / leitura - própria)
- ELIAS, N. "An interview in Amsterdam" In: GOUDSBLOM, J. & MENNEL, S. The Norbert Elias reader. Oxford, Blackwell Publishers. 1998. (Tradução / leitura - própria)
- ESPINOSA, B. *Tratado Político*. São Paulo: Editora W.F.H. Martins Fontes, 2009.
- FARIA, F. A. ; MATOS, M. I. S. *Melodia e Sintonia em Lupicínio Rodrigues: o feminino, o masculino e suas relações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- FERNANDES, A. *Da Necessidade de Experiências Musicais*. In: PESAVENTO, S. J et.al (org). Sensibilidades e Sociabilidades perspectivas de pesquisa. Goiânia, Ed. UCG-2008.
- FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FICHTE, Johann. *Definições para uso didático*. In: Fernandes, F. (org.). Comunidade e sociedade. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1973, p.153-5
- FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, D. *De la réclusion au cloisonnement: travail domestique et salariat*. In: DEFALVARD, H.; GUIENNE, V. Le Partage du travail: bilan et perspectives. Paris: Desclée de Brouwer, p.157-168. 1998. (Tradução / leitura - própria)
- FORACCHI, Marialice M. *Participação social dos excluídos*. São Paulo: Ed. Hucitec. 1982.
- FREIRE, P. *Educação Como Prática da Liberdade*. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1967.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família patriarcal no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1933.
- FREUD, Sigmund. *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Livro 2. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Inibições, sintomas e ansiedade*. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 20, pp.81-171). Rio de Janeiro: Imago (1996). (Trabalho original publicado em 1926[1925])
- GASQUE, K. C. G. D. *Arcabouço conceitual do letramento informacional*. Ciência da Informação, Brasília, DF, (39) 3, 83-92, 2010.
- GIACOMINI, Sonia. *A conversão da mulher em mãe: uma leitura do 'a mãe de família'*. 1985. pp 71-98. Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/620> Acesso em:09/04/2019
- GIDDENS, A. *A transformação da intimidade*. Araraquara, UNESP. 1992.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUILBERT, Madeleine. *Les fonctions des femmes dans l'industrie*, Paris/La Haye, Mouton. 1966. (Tradução / leitura - própria)
- GUILLAUMIN, Colette. *L'idéologie raciste. Genèse et langage actuel. Monographie*, 1972. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/ierii\\_1764-8319\\_1972\\_mon\\_2\\_1](https://www.persee.fr/doc/ierii_1764-8319_1972_mon_2_1) / Acesso em: 20/01/2020. (Tradução / leitura - própria)
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GOHN, Maria da Glória. *Classes populares, periferia e movimentos sociais urbanos: o movimento das sociedades amigos de bairros em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Universidade de São Paulo. São Paulo. 1979.

\_\_\_\_\_. *Teoria dos movimentos sociais paradigmas clássicos e contemporâneos*. Editora Loyola: São Paulo, 1997

\_\_\_\_\_. *Movimentos sociais no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 4ª ed., São Paulo, Loyola, 383 p. INTERVOZES. 2007.

\_\_\_\_\_. *Movimentos sociais na era global (Orgs.) BRINGEL, B.M. São Paulo: Vozes, 2012*.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. *Desafios contemporâneos da ciência da informação: as questões éticas da informação*. Anais do X Enancib, João Pessoa, 2009. Disponível em: <https://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/1623/1388> . Acesso em 14 de jun, 2017.

GOMES, José Roberto de Paiva. *Sapho simposiasta do imaginário social grego e a recepção do mito no séc. XIX*. Revista Hélade – Volume 1, número 1, 2015.

GROSSBERG, L. WARTELLA, E. & WHITNEY, D. *Representing identities*. In: *MediaMarking*. Londres, Sage Publications, 1998. (Tradução / leitura - própria)

GROSSMAN, Rachel. 'Woman's place in the integrated circuit' in *Radical America*. v. 14, n.1, pp. 29-50. 1980. (Tradução / leitura - própria)

GUIMARÃES, Solange Alves. *A mulher e o fim do casamento entre 1924 e 1950*. Anais do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade. Poções, Bahia, 2012.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

\_\_\_\_\_. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HARAWAY, Donna. *Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. in cadernos pagu (5) 1995: pp. 07-41. 1995. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em agosto de 2015.

\_\_\_\_\_. *Manifesto Ciborgue – Ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX*. in *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano* (org.) Tomaz Tadeu. Autêntica. Belo Horizonte. 2000.

\_\_\_\_\_. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. in *Cadernos Pagu* (22): pp. 201-246. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf>. Acesso em março de 2014. 2004.

\_\_\_\_\_. *Modest Witness@Second Millenium. FemaleMan Meets OncoMouse: Feminism and Technoscience*, New York, Routledge.(1998). (Tradução / leitura - própria)

HARDING, Sandra. *Standpoint Theory as a Site of Political, Philosophic, and Scientific Debate in The Feminist Standpoint Theory Reader, Intellectual and Political Controversies*, pp. 1-15. Routledge. 2004. (Tradução / leitura - própria)

HAKIM, C. *Key issues in women's work: female heterogeneity and the polarisation of women's employment*. London, Atlantic Highlands: Athlone, 1996. (Tradução / leitura - própria)

HEILBORN, Maria Luiza. “*Construção de si, gênero e sexualidade*”, in: HEILBORN, Maria Luiza. (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 40-59.

HELLER, A. *Para mudar a vida*. São Paulo: Brasiliense. 1981.

HÉRITIER, Françoise. *Masculin / Féminin*. In: *Epistemologia e sociedade*, CRUZ, Antonio Oliveira. Lisboa: Odile Jacob, 1991.

HILL, Collins. *Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment*. Londres: Harper, 1990. (Tradução / leitura - própria)

HIRATA, Helena et al. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. *Paradigmas sociológicos revistos à luz da categoria de gênero. Que renovação aporta a epistemologia do trabalho*, in Revista Novos Cadernos NAEA vol. 11, nº1, 2009 (datada de jun 2008), p.39-50. site <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn>

\_\_\_\_\_. *Les paradigmes sociologiques à l'épreuve des catégories de sexe: quel renouvellement de l'épistémologie du travail?* In: DURAND J. P.; LINHART, D. *Les Ressorts de la mobilisation au travail*. Paris: Octarès, p.263-272. 2005. (Tradução / leitura - própria)

\_\_\_\_\_. *Novas configurações da divisão sexual do trabalho*. *Revista Pesquisa*, V. 37, Nº 132, P. 595-609, set/dez. 2007. Disponível em: <http://scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132>. Acesso em 23/03/2019.

HOBBSAWN, E. *A era dos extremos*. São Paulo, Cia. das Letras. 1996

hooks, bell. *Feminist theory: from margin to center*. Boston: South end Press, 1981. (Tradução / leitura - própria)

\_\_\_\_\_. *Keywords: gender, technology, free spectrum, situated knowledge, common good 'Choosing the Margin as a Space of Radical Openness'*. in *Yearnings: Race, Gender and Cultural Politics*. South End Press. 1989. Disponível em: <https://sachafrey.files.wordpress.com/2009/11/choosing-the-margin-as-a-space-of-radicalopenness-ss-3301.pdf>. Acessado em junho de 2016. (Tradução / leitura - própria)

\_\_\_\_\_. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HORROCKS, Christopher. *Marshall McLuhan and virtuality*. Cambridge: Icon Books, 2001. (Tradução / leitura - própria)

HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2014.

KANT, I. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes e outros escritos*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

KARAWAJCZYK, M. *As suffragettes e a luta pelo voto feminino*. História, 2013. Disponível em . Acesso em 12 de jun, 2017.

KELLNER, Douglas. *A Cultura da Mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: Edusc, 2001.

KERGOAT, Danièle. *Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais*. 2010. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002010000100005](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000100005) / Acesso em 23/03/2019

\_\_\_\_\_. “*Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo*”, In: HIRATA, helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle. (org.). Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 67-75.

\_\_\_\_\_. *La Division du travail entre les sexes*. In: KERGOAT, J. et al. (dir.). Le monde du travail. Paris: La Decouverte, 1998. p.319-327. (Coll. Synos). (Tradução / leitura - própria)

KELLERHALS, Jean. *Ambiguïtés normatives de l'échange conjugal: le problème de la norme d'équité*. Revue Suisse de Sociologie, 1981, vol. 7, n° 3. (Tradução / leitura - própria)

KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e vadiagem: a origem doo trabalho livre no Brasil*. São Paulo: Brasiliense. 1987.

IANNI, Otávio. *A formação do Estado populista na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1975.

ISAMBERT-JAMATI, Viviane. *La répartition par sexe*. In G. Friedman & P. Naville (Eds.). *Traité de sociologie du travail - vol. II*, Paris: Armand Colin. 1962. (Tradução / leitura - própria)

JESUS, J. G. *Psicologia social e movimentos sociais: uma revisão contextualizada*. Psicologia e Saber Social, vol. 1 n° 2, p. 163-186, 2012.

JUTEAU, Danielle. “*De la fragmenta - tion à l'unité: vers l'articulation des rapports sociaux*”. In: L'ethnicité et ses frontières. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 1999.) (Tradução / leitura - própria)

LAUFER, Jacqueline. *Conciliation vie familiale/vie professionnelle*. In: INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DES ÉTUDES ÉCONOMIQUES. *Les femmes*. Paris: Service des Droits des Femmes/Isee. p.163-165. (Coll.: Contours et caractères) 1995. (Tradução / leitura - própria)

LESSA, Fábio de Souza. *O feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

LEMOS, Marina Gazire. *Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas*. Dissertacao Mestrado, 2009. Disponível: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/5260/1/Marina%20Gazire%20Lemos.pdf>. / Acesso: 23/07/2020.

LÉVY, Pierre. *Pela Ciberdemocracia*. In; MORAIS, D. (org) Por uma outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude; ERIBON, Didier. *De perto e de longe*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990  
MARX, Karl. Para a crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1992.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1970.

LONGUINO, Helen E. e LENNON, Kathleen. ‘*Feminist Epistemology as a Local Epistemology*’ in *Proceedings of the Aristotelian Society, Supplementary Volumes* Vol. 71 (1997), pp. 19-35+37-54. Wiley. EUA.. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/4106954>. Acesso xxx. 1997. (Tradução / leitura - própria)

LORDE, Audre. *Age, race, class and sex: women redefining difference*, Amherst: Amherst College, 1980. (Tradução / leitura - própria)

LUCAS, Monica. *Retórica e estética na música no século XVIII*. Revista Art. Cultura. V.9, n.14. Uberlândia, 2007.

MACHADO, A.A.; *Revista Brasileira de História, Brasil, Brasis*, p.204. São Paulo, v. 20, n. 39, 2000.

MACHADO, J. A. S. *Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais*, Sociologias. Porto Alegre, ano 9, nº 18, p. 248-285, jul/dez, 2007

MARTELETO, R. *Análise de redes sociais - aplicação nos estudos de transferência da informação*. Ciência da Informação, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, 2001. Disponível em: . Acesso em: 10 Out. 2017.

MARTELETO, R. M.; TOMAÉL, M. I. *A metodologia de Análise de Redes Sociais (ARS)*. In: VALENTIM, M. L. P. V. (Org.). Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação. São Paulo: Polis, 2005.

MARTELETO, R. *Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em ciência da informação*. Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, v. 3, n. 1, p. 27-46, 2010.

MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena. *As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho*. (orgs.), Tradução Clevi Rapkiewicz, Editora Senac, São Paulo 2003.

MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1992.

\_\_\_\_\_. *O capital: crítica da economia política: Livro I: O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.

MATHIEU, Nicole-Claude. *Critiques épistémologiques de la problématique des sexes dans le discours ethno-anthropologique*. In: L' anatomie politique. Catégorisations et idéologies du sexe, Paris, Côte femmes <<Recherches>>, Paris, Lisbonne: UNESCO, 1991. (Tradução / leitura - própria)

MATTOS, M. A. R. P. B. de. *Ética profissional do bibliotecário*. [s.n.]: Campinas, 1977.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *O samba da falsa mulher alegre*. Revista de História, 2017.

MATOS, M. I. S. *Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1997.

MacBRIDE, S. 1987. *Un solo mundo, voces múltiples*. México, Fondo de Cultura Económica, Coleção Popular. Acessado em: 27/01/2018, disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0004/000400/040066sb.pdf> . (Tradução / leitura - própria)

MELLUCI, A. *Challenging Codes: collective action in the information age*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1996. (Tradução / leitura - própria)

\_\_\_\_\_. *Objetivo para os movimentos sociais*. Revista Lua Nova, no. 17. São Paulo: CEDEC. 1989.

\_\_\_\_\_. *Normads of the Present: Social Movements and Individual Needs in Contemporary Society*. Filadélfia: Temple, Un. Press. 1989. (Tradução / leitura - própria)

MENEZES, Andrea. *Aplausos para ela*. UBC. Publicação União Brasileira de Compositores, 2017. Acesso pelo site: <http://www.ubc.org.br/publicacoes/noticias/8523>

MEYER, Michel. A retórica. *Revisão técnica Lineide Salvador Mosca*; tradução Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

MENNESSON, Christine. *Etre une femme dans le monde des hommes: socialisation sportive et construction du genre*. Paris: L'Harmattan, 2005. (Tradução / leitura - própria)

MICHEL, Andrée. *A condition de la française d'aujourd'hui*. Front Cover. Geneviève Texier. Gonthier, - Women - 243 pages. 1964. (Tradução / leitura - própria)

- MOISÉS, José A. *Protesto urbano*. São Paulo, Fac. de Fil. Ciências e Letras, Universidade de São Paulo (Tese Doutorado). 1978.
- MORIN, Edgar. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. Tradução: Luciano Trigo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A indústria Cultural. Cultura de Massa no Século 20*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- MOSCA, Lineide do Lago Salvador. *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 2004.
- NABAIS, João Maria. *A história esquecida da mulher na música*. Suplemento das Artes e Letras do Jornal O Primeiro. Janeiro de 2008.
- NAIME, Carol. *Seis brasileiras que canta contra o machismo*. In site G1. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/musica/2016/g1-lista-6-brasileiras-que-cantam-contra-o-machismo/2016>. / Acesso: 23/04/2016.
- NAPOLITANO, M. *O conceito de 'MPB' nos anos 60*. IN: História: questões & debates. Ano 16-nº31, julho/dezembro 1999. Curitiba: Editora UFPR, 1999.
- NETO, L. Maysa. *Só numa multidão de amores*. São Paulo: Ed. Globo, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. São Paulo: Zahar: 2005.
- NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. 2.ed. São Paulo: Papirus, 1987.
- OFFE, Claus. *Partidos políticos y nuevos movimientos sociales*. Madri: Ed. Sistema. 1988. (Tradução / leitura - própria)
- OLIVEIRA, R. M. F. S. et al. *O uso da rede social como prática de informação: um estudo no grupo 'mulher, me ajuda aqui' do facebook*. Folha de Rostto, v. 3, 2017.
- OLIVEIRA, Francisco de. *A economia brasileira; crítica à razão dualista*. São Paulo: Estudos Cebrap no.2. 1972.
- PATEMAN, Carole. *The sexual contract*. Stanford, Califórnia: Stanford university press, 1988. (Tradução / leitura - própria)
- PEYRE, Evelyne; WIELS, Joelle; FONTON, Michèle. *Sexe biologique et sexe social*. In: Sexeetgenre.De Iahierarchieentrelessexes.Paris:Editions du CNRS, p. 27-50. 1991. (Tradução / leitura - própria)
- PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA L. *Tratado da Argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- PERROT, M; *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. São Paulo: Contexto. 1988.
- \_\_\_\_\_. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto. 2007
- PERUZZO, C.M.K. 2005. *Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania*. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, 2(3):18-41
- PLATÃO. *A República*. Trad. Carlos Alberto Nunes. 3º Ed. Belem: EDUFPA, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Diálogos: Timeu, Critias, o Segundo Alcibíades, Hípias Menor*. Belém: UPPA. GEU, 1986.

PINSKY, Carla Bassanezi. *A era dos modelos rígidos*. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 469 – 512.

POSTMAN, Neil. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo: Nobel, 1994.

PRIORE, Mari del. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

PROENÇA, D.F. *A Linguagem Literária*. São Paulo: editora Ática, 1992.

PIVATTO, P. S. *Ética da alteridade*. In: OLIVEIRA, M. A. de (Org.). *Correntes fundamentais da ética contemporânea*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

PIZA, E. *Identidade feminina e problemas de ensino-aprendizagem em “A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem”*. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 11, 1994.

PIZARRO, D. C. *Ética profissional do bibliotecário atuante no segmento empresarial em Santa Catarina*. Florianópolis. 2010. 213 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2010.

RAGO, Margaret. *Epistemologia feminista, gênero e história*. In: PEDRO, Joana M.; GROSSI, Miriam P. (Orgs.). *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1998. p. 21-42.

REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RIBEIRO, Lucio; SANCHES, Pedro. *Mulheres ficam marginalizadas*. Folha de São Paulo on-line. Acessado em 20/01/2017.

RIBEIRO, D. *Para além da biologia: Beauvoir e a refutação do sexismo biológico*. Sapere Aude-Revista de Filosofia, v. 4, n. 7, p. 506-509, 2013. Disponível em Acesso em: 12 de jun, 2017.

ROCHA, Everardo. *Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens...* [et. al.], (orgs). Rio de Janeiro: PUC-Rio: Mauad, 2006.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RODRIGUES, E. C. R. *Músicas sertanejas: Um diálogo entre raízes e ideologias*. Signo, v. 33, v. 54; p. 141-192, 2008. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/524>. Acesso em: 05 ago. 2019

RODRIGUES, C. *Coreografias do feminismo*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.

ROSADO-NUNES, M. J. *Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara*. Revista Estudos Feministas, v. 14, n. 1, p. 294-304, 2006.

SÁNCHEZ-VÁZQUEZ, A. *Ética*. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

\_\_\_\_\_. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. *Sempre Bela*. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p.105 – 125.

SANTOS, P. W. Q.; ALBUQUERQUE, J. P. S. *Redes sociais online como espaços de memória: uma visão a partir da página “Recife de antigamente”*. Biblionline, v. 13, n. 3, 2017.

SANTOS NETO, J. O. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. *Bibliotecas universitárias das instituições estaduais de ensino superior paranaenses e a mediação da informação no facebook*. Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação, v. 15, n. 2, 2017.

SCHUTZ, Alfred. *Collected papers*. Haia: M. Nijhoff, 1962. (Tradução / leitura - própria)

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade - ISSN 0100-3143 (impresso) e 2175-6236 (online) v. 15, n. 2, jul/dez. 1990. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667> Acesso: 08/03/2019

SETTON, Maria da Graça Jacintho. *A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea*. Revista Brasileira de Educação. Maio/jun/jul/ago 2002, n. 20, ANPED Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, p. 60-70.

SORJ, B. *Reconciling work and family: issues and policies in Brazil*. Geneva: International Labour Office, 2004. (Conditions of Work and Employment Series, 8) (Tradução / leitura - própria)

SHERER-WARREN, I. *Movimentos sociais: um ensaio de interpretação sociológica*. 3ª Ed. Florianópolis: UFSC, 1989.

SILVA, R. C. et al. *A competência em informação e o comportamento informacional dos usuários de bibliotecas híbridas: um estudo comparativo no Brasil e na Escócia*. Informação & Informação, v. 23, n. 1, 2018. Disponível em: . Acesso em: 16 Maio 2018.

SILVA, M. A. *Músicas que violentam a mulher: Representações Machistas nas letras de forró estilizado*. In: XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades, 2016. Anais [...]. Disponível em: [http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO\\_EV053\\_MD1\\_S\\_A3\\_ID1749\\_09052016230400.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053_MD1_S_A3_ID1749_09052016230400.pdf). Acesso em: 05 ago. 2019

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. *Conflict*. (Translation by Kurt H. Wolff). Nova York: The Free Press, pp. 13 a 17, (1964). (Tradução / leitura - própria)

SINGER, P. *Libertação animal*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1975

SODRÉ, Muniz. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUZA, T. M. dos S. *Patriarcado e capitalismo: uma relação simbiótica*. Temporalis, v.15, n. 30, p. 475-494, 2016.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Tradução do original em inglês: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Ed UFMG, Belo Horizonte. 2010.

STAVENHAGEN, R. "Decolonizing applied social sciences". *Human Organization*, vol. 1. 30, n A, p. 333-357, 1971. (Tradução / leitura - própria)

TABET, Paola. *La construction sociale de l'égalié des sexes: des outils et des corps*, Paris, L' Harmattan "Bibliothèque du féminisme", 1998. (Tradução / leitura - própria)

TATIT, Luiz. *Semiótica da canção: melodia e letra*. São Paulo: Escuta, 1994.

TROCH, Lieve. *Mística feminina na Idade Média: Historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais*, 2013.

TUGENDHAT, E. *Lições sobre ética*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1987.

VILLARTA-NEDER, M. A. *Introdução à Análise do Discurso*. 2016.

VINHAL, G. *Página no Facebook 'arruma' letras machistas de canções e viraliza na web*. Diário de Pernambuco, 2017.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. *Competência informacional – bases históricas e conceituais: construindo significados*. Ciência da Informação, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p. 130-141, 2009.

WAJCMAN, Judy. *Feminism confronts technology*. Oxford: SAGE, 1991. (Tradução / leitura - própria)

WAISELFISZ, J. J. *Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil*, 2015. (Flacso/OPAS-OMS/ONU Mulheres/SPM, 2015)..

WELLS, Tatiana. *O Ciberfeminismo nunca chegou à América Latina*. 2005. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys7/cyber/tatiana.htm#quinz> / Acesso: 24/08/2020.

WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1978.

WINKLER, I. *O uso das novas tecnologias por redes de mobilização cívica no Brasil: reflexões sobre possibilidades e riscos à luz da Teoria Crítica da Tecnologia*. Anais do III EnEO. Florianópolis, 2010.

WOOLF, Virginia. *Um teto para todos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1929] 2004.

TROTTA Felipe. *Música e mercado: a força das classificações*. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3459/2525> / Acesso em: 29/06/2018.

TILLY, C. *Movimentos sociais como política*, 2010. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/94145/mod\\_resource/content/1/Mov.%20Sociais%20com%20pol%C3%ADtica%20-%20Tilly.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/94145/mod_resource/content/1/Mov.%20Sociais%20com%20pol%C3%ADtica%20-%20Tilly.pdf)  
Acesso: 13/02/2019

ZAMBONI. Marcio. *Marcadores sociais*. pp 13-18, 2014. Disponível em: [https://assets-dossies-ipg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/2/2018/02/ZAMBONI\\_MarcadoresSociais.pdf](https://assets-dossies-ipg-v2.nyc3.digitaloceanspaces.com/sites/2/2018/02/ZAMBONI_MarcadoresSociais.pdf). Acesso em: 17/05/2019.

ZANOLLI, Bruna. *Espectros feministas: contribuições para pensar o espectro radiofônico*. Dissertação de mestrado. UFRJ. Disponível em: [file:///C:/Users/inpao\\_admin/Downloads/disserta\\_bzanolli\\_2017.pdf](file:///C:/Users/inpao_admin/Downloads/disserta_bzanolli_2017.pdf). Acesso: xxx 2017.

ZITKOSKI, J. J.; TROMBETTA, S. *Ética e direitos humanos: um olhar da Filosofia sobre os desafios da educação contemporânea*. In: HAMMES, L. J.; SELAU, B. (Orgs.) Educação, como estás? Debates na trama de temas emergentes. Lajeado: UNIVATES, 2011.

## Links

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). *Information literacy competency standards for higher education*. Site da ACRL – Association of College & Research Libraries. Chicago, 2010. Disponível em: <http://www.ala.org/>. Acesso em: 30/08/2020. (Tradução / leitura - própria)

PROJETO PELA VIDDA RJ

Disponível em: <http://www.pelavidda.org.br/site/index.php/quem-somos/> Acesso: 18/01/2020

#### LEI LEHMANN

Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109566/lei-lehmann-lei-6766-79/> Acesso: 02/11/2019.

#### GRUPO CULTURAL AFROREGGAE

Disponível em: <https://www.afroreggae.org/> / Acesso: 19/05/2019.

#### CENTRAL ÚNICA DAS FAVELAS (CUFA)

Disponível em: <https://www.cufa.org.br/> / Acesso: 19/05/2019.

#### MOVIMENTOS DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TETO (MST)

Disponível em: <https://mst.org.br/quem-somos/> / Acesso: 29/09/2019.

#### MOVIMENTO NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS (MNDH)

Disponível em: <https://mndhbrasil.org/> / Acesso: 29/09/2019.

#### MOVIMENTO DAS MULHERES BRASILEIRAS (AMB)

Disponível em: <https://www.facebook.com/amb.feminista/> / Acesso: 29/09/2019.

#### MOVIMENTO NACIONAL PELO DIREITO À MORADIA. (MDM)

Disponível em: <https://www.mdm.org.br/> / Acesso: 29/09/2019.

#### FÓRUM SOCIAL MUNDIAL (FSM)

Disponível em: [www.forumsocialmundial.org.br](http://www.forumsocialmundial.org.br) (Fórum Social Mundial, 2007) / Acesso: 03/11/2019.

#### NOVA ORDEM MUNDIAL DE INFORMÁTICA E COMUNICAÇÃO (NOMIC)

Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Nova\\_Ordem\\_Mundial\\_da\\_Informa%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_Comunica%C3%A7%C3%A3o#:~:text=Nas%20d%C3%A9cadas%20seguintes%2C%20a%20Unesco,da%20informa%C3%A7%C3%A3o%20e%20inclus%C3%A3o%20digital.](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_Ordem_Mundial_da_Informa%C3%A7%C3%A3o_e_Comunica%C3%A7%C3%A3o#:~:text=Nas%20d%C3%A9cadas%20seguintes%2C%20a%20Unesco,da%20informa%C3%A7%C3%A3o%20e%20inclus%C3%A3o%20digital.) / Acesso: 05/10/2020.

#### UNIÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (UNESCO)

Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil> / Acesso: 03/08/2019.

#### PEC DAS DOMÉSTICAS

Disponível em: <https://www.domesticalegal.com.br/pec-das-domesticas-5-anos-de-uma-conquista/> Acesso: 03/02/2019.

#### MOVIMENTO MAIO 1968

Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/maio-1968.htm> / Acesso: 24/08/2020.

#### STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY (Tradução própria)

Disponível em: <https://plato.stanford.edu/> / Acesso: 27/06/2019. (Tradução / leitura - própria)

#### SENSO ESCOLAR

Disponível em: [http://inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-amplia-consulta-aos-dados-do-censo-escolar-2005/21206](http://inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-amplia-consulta-aos-dados-do-censo-escolar-2005/21206) / Acesso: 07/12/2019.

#### LEI MARIA DA PENHA

Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/172637956/artigo-10a-da-lei-n-11340-de-07-de-agosto-de-2006> / Acesso: 14/03/2020.

#### AGENDA 2030 - MONTEVIDEU

Disponível em: [http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2017/12/estrategia\\_montevideu\\_pt.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2017/12/estrategia_montevideu_pt.pdf) / Acesso: 22/12/2019

#### MADALLENA CASULLANA

Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Maddalena\\_Casulana](https://en.wikipedia.org/wiki/Maddalena_Casulana) / Acesso: 08/01/2020.

#### AS MAIS TOCADAS

Disponível em: <https://maistocadas.mus.br/musicas-mais-tocadas/> / Acesso: 23/11/2018

#### MÚSICA MACHISTA POPULAR BRASILEIRA (MMPB)

Disponível em: <http://www.mmpb.com.br/> / Acesso: 24/08/2019.

#### MMPB – ENTREVISTA CATRACA LIVRE

(AUN, Helena, entrevista para o portal Catraca Livre, em 06/04/2018, atualizado em 05/06/2020)  
Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/mmpb-site-machismo-musicas/> / Acesso: 12/06/2020.

#### UNIAO BRASILEIRA DE COMPOSITORES (UBC),

Disponível em: <http://www.ubc.org.br/> / Acesso: 03/09/2019.

RICK BONADIO em entrevista para o site UBC; In: MENEZES, 2017 – acesso ao site <http://www.ubc.org.br/publicacoes/noticias/8523>

OLD BOYS NETWORK. FAQ: *Frequently asked questions* 1997. Disponível em: [http://www.obn.org/inhalt\\_index.html](http://www.obn.org/inhalt_index.html) / Acesso: 18/04/2020. (Tradução / leitura - própria)

CEMINA- Comunicação, educação e informação em gênero. Disponível em: <http://www.cemina.org.br/> / Acesso: 04/11/2019.

RELATÓRIO DO PROJETO CIBERELAS. 2004. Disponível em: [http://www.cemina.org.br/PDF/Estrategia\\_projeto\\_cyberela.pdf](http://www.cemina.org.br/PDF/Estrategia_projeto_cyberela.pdf)

PROJETO SOFTWARE LIVRE MULHERES: Disponível em: <http://mulheres.softwarelivre.org/> / Acesso: 01/08/2020.

VNS MATRIX. *Cyberfeminist manifesto for the 21 st* . 1991. Tradução LEMOS, Alexis. Disponível em: <http://br.geocities.com/worgtal/2004/vns.htm> 126 / Acesso: 04/11/2019. (Tradução / leitura - própria)

#### ARRUMANDO LETRAS

Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/paginaarrumandolettras/> / Acesso? 07/03/2019.

G2G: *espaço-tempo-vestimenta para repensar gênero e tecnologia*. Disponível em: <http://www.interfaceg2g.org/> / Acesso: 05/11/2019.

### Músicas:

#### Introdução

**Ai que saudades da Amélia** (1942) - (Mário Lago e Ataulfo Alves): Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WgOAurDa\\_ko](https://www.youtube.com/watch?v=WgOAurDa_ko)

**Paródia “Aí, que saudade da Amélia” (2017)** – Gaby Amarantos: Disponível em: <https://www.facebook.com/Blueland-238670123342844/videos/gaby-amarantos-liberta-am%C3%A9lia-na-par%C3%B3dia-da-m%C3%Asica-que-saudade-da-am%C3%A9lia/248091145734075/>

**Um tapinha dói** (2000) – (MC Naldinho e Dênis DJ) Disponível em: <https://www.letras.mus.br/furacao-2000/15575/>

**Eu vi essa mina crescer** (2017)- (MC Denny) Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-denny/eu-vi-essa-mina-crescer/>

### Capítulo 3

#### (50's/60's)

**Emília (1941)** - (Haroldo Lobo e Wilson Batista) - Disponível em: <https://m.letras.mus.br/haroldo-lobo/691754/>

**Ai que saudades da Amélia (1942)** - (Mário Lago e Ataulfo Alves) Disponível em: <https://m.letras.mus.br/mario-lago/377002/>

**Laura (anos 50)** - (João de Barro e Alcyr Pires Vermelho) Disponível em: <https://m.letras.mus.br/vicente-celestino-musicas/laura/>

**Conceição (anos 50)** - (Jair Amorim e Dunga) Disponível em: <https://m.letras.mus.br/cauby-peixoto/44983/>

**A flor que tu me deste (1959)** - Darcy Silva - (Marcus Borges) – Disponível em:

**Por causa de você (1957)** - Dolores Duran Silva - (Dolores Duran e Tom Jobim) – Disponível em: <https://m.letras.mus.br/dolores-duran/396863/>

#### (70's)

**Você não passa de uma mulher (1975)** - Martinho da Vila (Interprete e compositor) Disponível em: <https://m.letras.mus.br/martinho-da-vila/47333/>

**Gol anulado - João Bosco (1976)** - (Joao Bosco e Aldir Blanc) Disponível em: <https://m.letras.mus.br/joao-bosco/151904/>

**Fulano, Beltrano e Sicrano (1979)** - (Fátima Guedes) Disponível em: <https://m.letras.mus.br/fatima-guedes/1410868/>

#### (80's)

**Sexo frágil (1981)** - (Erasmus Carlos) Disponível em: <https://m.letras.mus.br/erasmo-carlos/67612/>

**Panela Velha (1982)** - (Sérgio Reis) Disponível em: <https://m.letras.mus.br/sergio-reis/103195/>

**Vá com Deus (1987)** - (Roberta Miranda) - (Maria Albuquerque Miranda) Disponível em: <https://m.letras.mus.br/roberta-miranda/167980/>

#### (90's)

**Faixa Amarela - Zeca Pagodinho (1997)** - (Zeca Pagodinho, Jessé Pai, Luiz Carlos e Beto Gago) Disponível em: <https://m.letras.mus.br/zeca-pagodinho/78480/>

**Cabocla Tereza - Tonico e Tinoco (1936 poema gravado música em 1994)** - (Raul Torres e João Pacífico) Disponível em: <https://m.letras.mus.br/tonico-e-tinoco/89201/>

### Comparativas

**Boiadeiro de Palavra:** Disponível em: <http://letras.mus.br/tiao-carreiro-epardinho/720758/>

**Casal Sem Vergonha (1986)** (Zeca Pagodinho) Disponível em: <http://letras.mus.br/zeca-pagodinho/311662/>

**Entre Tapas e Beijos: (1989)** (Nilton Lamas) Disponível em: <http://letras.mus.br/leonardo/131606/>

**Mulata Faceira. (1979)** (João Nogueira e Paulo César Pinheiro) Disponível em: <http://letras.mus.br/martinho-da-vila/261840/>

**Na Subida do Morro: (1959) (Moreira da Silva)** Disponível em: <http://letras.mus.br/moreira-da-silva/202343/>

**O Ipê e o Prisioneiro.** (José Fortuna) Disponível em: <http://letras.mus.br/liu-e-leo/1244399/>

### *Subcapítulo 3.5*

(Séc. XXI)

**Só Surubinha de leve – Mc Diguinho – 2018** Disponível em: <https://m.cifraclub.com.br/mc-diguinho/so-surubinha-de-leve/letra/>

**Mulheres Vulgares – 1993 – Mano Brown e Criolo** Disponível em: <https://m.letras.mus.br/racionais-mcs/63442/>

**Subirusdoistiozin 2014 – Criolo** Disponível em: <https://m.letras.mus.br/criolo/1821832/>

**Quero te dar / My Pussy é o Poder.** (Valeska Popozuda) 2010 Disponível em: <https://m.letras.mus.br/gaiola-das-popozudas/1666564/>

**Propaganda – Jorge e Mateus – 2018.** Disponível em: <https://m.letras.mus.br/jorge-mateus/propaganda/>

**Ciumento Eu - 2017– Henrique & Diego** com participação de Matheus & Kauan Disponível em: <https://m.letras.mus.br/henrique-diego/ciumento-eu/>

**Vidinha de Balada - 2017– Henrique & Juliano** Disponível em: <https://m.letras.mus.br/henrique-e-juliano/vidinha-de-balada/>

**Então Foge - 2015– Marcos & Belutti:** Disponível em: <https://m.letras.mus.br/marcos-belutti/entao-foge/>

**Motel Paraiso – 2007 - Bruno Caliman** Disponível em: <https://m.letras.mus.br/marcelo-marrone/1058591/>

**Check-in – 2017 - Luan Santana** Disponível em: <https://m.letras.mus.br/luan-santana/check-in/>

**A Mala é falsa - 2017 – Felipe Araujo & Juliano** Disponível em: <https://m.letras.mus.br/felipe-araujo/a-mala-e-falsa-amor/>

**Homem de Família- 2016 – Gustavo Lima** Disponível em: <https://m.letras.mus.br/gustavo-lima/homem-de-familia/>

**Infidel / Amante não tem Lar / De quem é a culpa? / Perto de você - 2017** (Marília Mendonça) – Disponível em: <https://m.letras.mus.br/marilia-mendonca/amante-nao-tem-lar/>

## 7- ANEXOS

Figura 1. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

Descritivo: No tópico Cargos gerenciais, o percentual desses cargos ocupados por homens estava contabilizado em 62,2%, enquanto as mulheres ocupavam 37,8%. Com a alteração no indicador, os valores passaram a 60,9% e 39,1%, respectivamente.

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Figura 2. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

Descritivo: Tempo gasto em afazeres domésticos

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Figura 3. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

Descritivo: Trabalho em tempo parcial

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Figura 4. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

Descritivo: Renda habitacional x Proporções de pessoas que possuem celular, por região e sexo.

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Figura 5. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

Descritivo: Pessoas com ensino superior e frequência escolar

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Figura 6. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

Descritivo: Taxa de frequência escolar no ensino médio

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Figura 7. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

Descritivo: Formação superior

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Figura 8. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

Descritivo: Taxa de mortalidade

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Figura 9. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

Descritivo: Tratamento à saúde da gestante

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Figura 10. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

Descritivo: Mulheres parlamentares

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Figura 11. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

Descritivo: Participação das mulheres em cargos ministeriais

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Figura 12. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

Descritivo: Cargos gerenciais

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Figura 13. Estatísticas de Gênero: indicadores das mulheres no Brasil – IBGE – 2016 – Atualizado em 08/06/2018

Descritivo: Taxa de fecundidade

Fonte: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero.html>

Figura 14. Letra da música “Maria Chiquinha”. / Analisada no fórum “Arrumando Letras”

Fonte: disponível em: <https://pt-br.facebook.com/paginaarrumandoletas/> / Acesso: 18/10/2017.

Figura 15. Capa do no fórum “Arrumando Letras” no facebook

Disponível em: <https://facebook.com/paginaarrumandoletas>. Acesso em: 18/10/2017.

Figura 16 – Letra para amar – Música “Maria de Vila Matilde” – Elza Soares – Página “Arrumando Letras”

Disponível em: <https://facebook.com/paginaarrumandoletas>. Acesso em: 18/10/2017

Figura 17 – Ressignificação da letra da música “Faixa Amarela” – Zeca Pagodinho - Página “Arrumando Letras”

Disponível em: <https://facebook.com/paginaarrumandoletas>. Acesso em: 27/03/2017

Figura 18 – Ressignificação da letra da música “Tua cantiga”, do Chico Buarque - Página “Arrumando Letras”

Disponível em: <https://facebook.com/paginaarrumandoletas>. Acesso em: 14/08/2017

Figura 19 – Letra da música “Maria da Vila Matilde”, de Elza Soares (2015) - Página “Arrumando Letras”

Disponível em: <https://facebook.com/paginaarrumandoletas>. Acesso em: 27/05/2017

Figura 20 – Letra da música “1° de julho”, por Cássia Eller (1994 - Página “Arrumando Letras”

Disponível em: <https://facebook.com/paginaarrumandoletas>. Acesso em: 08/13/18

Figura 21 – Letra da música “Quem Sabe Sou Eu”, Iza (2016) - Página “Arrumando Letras”

Disponível em: <https://facebook.com/paginaarrumandoletas>. Acesso em: 21/01/2018

Figura 22 – Desconstrução da letra da música “Ai! Que saudade da Amélia!”, de Mário Lago e Ataulfo Alves (1942) e Resignificação através da música “Desconstruindo Amélia”, de Pitty (2009)

Disponível em: <https://facebook.com/paginaarrumandoletas>. Acesso em: 13/05/2017